UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

PRÁTICAS TERAPÊUTICAS JESUÍTICAS NO IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS: MEDICAMENTOS E BOTICAS NO SÉCULO XVIII

(versão corrigida)

AUTOR: Patrícia Albano Maia
ORIENTADOR: Prof.ª Drª Maria Amélia Mascarenhas Dantes

SÃO PAULO – 2012

PATRÍCIA ALBANO MAIA

PRÁTICAS TERAPÊUTICAS JESUÍTICAS NO IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS: MEDICAMENTOS E BOTICAS NO SÉCULO XVIII

(versão corrigida, o original deste trabalho encontra-se disponível no CAPH.)

Tese apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Doutor em História, sob a orientação da Prof.ª. Drª. Maria Amélia Mascarenhas Dantes.

São Paulo - 2012

Para Gabriel,

que deu novo sentido à minha vida.

Agradecimento

Muitas pessoas participaram do caminho que resultou na escrita deste trabalho. Gostaria de agradecer nominalmente a cada uma, mas como sei que isso seria impossível opto por deixar aqui minha gratidão a todas.

Agradeço Maria Amélia Mascarenhas Dantes que aceitou prontamente orientar minha pesquisa. Deixando-me sempre com muita liberdade no percurso que escolhi percorrer. Suas intervenções sempre foram muito assertivas, contribuindo para que eu não me afastasse dos meus objetivos. Foi um privilégio e uma enorme satisfação tê-la como orientadora.

Agradeço aos professores Henrique Carneiro e Thomás Haddad pelas preciosíssimas contribuições que fizeram no exame de qualificação, na medida do possível, tentei incorporá-las. Agradeço a profª. Heloisa Barbuy seu curso guiou-me pelo universo do colecionismo no mundo moderno.

Agradeço também à Universidade de Santo Amaro por me conceder um período de afastamento de minhas atividades como professora, sem o qual o término deste não teria acontecido. Meu muito obrigado aos meus colegas de trabalho, principalmente os professores do curso de História da UNISA.

Por fim gostaria de agradecer aos meus amigos e familiares que me apoiaram sempre de modo incondicional todo o período de realização desta pesquisa. A Leonardo Gonçalves e Vera Theodozio, um agradecimento especial pela ajuda, sugestões e discussões que muito contribuíram para o resultado final deste trabalho. Aos meus pais que me ensinaram o gosto pela pesquisa e pela busca do conhecimento. Por último agradeço a Gabriel, que soube pacientemente esperar eu terminar a redação deste trabalho. Agora, meu filho, poderemos andar de bicicleta, montar o Lego e jogar Wii.

Sumário

Indice das ilustrações 7

Resumo 9

Abstract 10

Introdução 11

Capítulo 1 – O Contexto Médico e Científico no Século XVIII 24

1.1. O Contexto médico e terapêutico 24

1.1.1. Concepções médicas: da Antiguidade à Idade Moderna 25

1.1.2. A Medicina Ocidental do século XIV ao XVIII 28

1.2 O contexto científico: o colecionismo 38

Capítulo 2 - Coleções jesuíticas de práticas de cura 45

2.1 – Árvore da Vida (1720) 45

2.2. Collecção de várias receitas (1766) 59

Capítulo 3 – Terapêutica jesuítica no império colonial português. 68

3.1 Práticas terapêuticas médicas 68

3.1.1 Flebotomia 74

3.2 Práticas terapêuticas mágicas 76

Capítulo 4 – Boticas Jesuíticas 89

4.1. Asboticas e o ofício de boticário no Império Português 89

4.2. – As boticas jesuíticas no Império colonial português 96

4.3- Boticas: espaços de sistematização e circulação de conhecimento 108

4.4 – Boticas: espaços geradores de lucro 111

Considerações finais 120

Fontes e Bibliografia 127

Fontes Manuscritas 127

Fontes Impressas 128

Obras de Referência 130

Livros e Artigos 130

ANEXOS 140

Anexo 1 141

Anexo 1 142

Anexos 2, 3, 4 e 5 223

Anexo 2- Pesos e medidas na *Collecção de Varias receitas* 224

Anexo 3 Memoria muito útil de varias noticias e advertências. 226

Anexo 4 – Regras geraes mais uzuaes. 229

Anexo 5 – Remedios que podem ser substituídos por similares. 232

Indice das ilustrações

Figura 1 - Teoria dos Humores. Fonte: José Pedro Sousa DIAS. *A Farmácia e a História*. Op. Cit. 26

Figura 2- Frontispício da *Árvore da Vida* de Affonso da Costa. Acervo Wellcome Institute for 47

Figura 3 Indice dos ramos e folhas dessa Primeira Parte do Tronco Primeiro da Arvore da Vida e do que nelles e nellas se contem. Wellcome Institute for the history of Medicine, Londres. 53

Figura 4 Árvore do conhecimento, página de rosto de *Arbor scientiae* de R. Lúlio (1515, reed. 1635) 55

Figura 5 Collecção de várias receitas… p. 6 e 7. Imagem retirada da cópia digitalizada do documento. Acervo ARSI. 60

Figura 6 Collecção de várias receitas p. 573. Imagem retirada da cópia digitalizada do documento. Acervo ARSI. 62

Figura 7 Collecção de varias receitas…p. 1. Imagem retirada da cópia digitalizada do documento. Acervo ARSI. 66

Figura 9- Medicamentos químicos e hipocrático-galênicos. Gráfico elaborado com dados retirados da *Collecção de varias receitas.*… 69

Figura 10 Medicamentos simples – Reinos da natureza. Fonte : Collecção de varias receitas. 72

Figura 11 – Medicamentos compostos por reinos da natureza. Fonte: *Collecção de varias receitas.*… 73

Figura 8 - Sistema venoso humano. Fonte: *Collecção de varias receitas.* 75

Figura 12 Classificação das artes, segundo o *Portugal Médico* de Brás de Abreu. Fonte: José Pedro Sousa DIAS. *Droguistas, Boticários e Segredistas*, p.179 91

Figura 13 Planta do Colégio da Bahia em 1760. Fonte: Serafim Leite, História da Companhia de Jesus, v. VII. CD com imagens da 1ª edição.in: história da Companhia de Jesus. São Paulo: Loyola, 2004. 97

Figura 14 Medicamentos químicos e drogas metálicas adquiridas pela botica de Santo Antão (1749-1750). Fonte: José Pedro Sousa Dias. *Droguista, Boticários e Segredistas*: ciência e sociedade na produção de medicamentos na Lisboa de Setecentos p. 139. 103

Figura 15 – Custo de alguns medicamentos que estão na Collecção de várias receitas. 112

Palavras-chave

Terapeutica – Jesuítas – Botica - Império Português – século XVIII

Resumo

Neste trabalho dedicamo-nos a classificar e analisar as práticas de cura utilizadas pelos jesuítas no império português durante o século XVIII. Nosso objeto de estudo foram as receitas de medicamento aviadas nas boticas dos colégios da Companhia de Jesus, procuramos traçar as linhas teoricas da medicina que influenciaram a terapeutica jesuítica para tentar entender de que modo os inacianos inseriam-se no contexto científico-cultural da época. As receitas de medicamentos circularam tanto dentro do ambito dos colégios como fora deles. Algumas destas eram secretas e adquiriram considerável prestígio junto à população pelo pronto restabelecimento da saúde. Nossas hipóteses de pesquisa são 1) os jesuítas valeram-se de práticas terapêuticas de diversas origens, 2) a Companhia de Jesus era um instituição que conhecia e aplicava as novas concepções de medicamentos; 3) as boticas dos colegios jesuíticos produziram remédios que seguiam tanto a tradição hipocratica-galência quanto os ensinamentos da Iatroquímica e da iatromecanica; 4) as boticas jesuíticas foram responsáveis pela geração de renda para os colégios.

Keywords
Therapeutic – Jesuits – Pharmacy – Portuguese Empire – XVIII century

Abstract

In this paper, the healing practices used by Jesuits in the Portuguese empire during the XVIII century are classified and analyzed. For the study, medical prescriptions filled at pharmacies at Society of Jesus schools were used in an attempt to delineate theoretical medical lines that influenced Jesuit therapy in order to understand how the Ignations fit into the scientific and cultural context of the time. Medical prescriptions circulated both inside and outside of the environs of the schools. Some of them were secret and gained considerable prestige among the population due to how quickly health was restored. The research hypotheses contained herein are: 1) that Jesuits used therapeutic practices of various origins; 2) the Society of Jesus was an institution that had knowledge of and used newly created medications; 3) the pharmacies in the Jesuit schools produced medications that followed the Hippocratic-Galenic tradition as well as the teachings of iatrochemistry and iatromechanics; 4) Jesuit pharmacies were responsible for generating income for the schools.

Introdução

Durante a época moderna houve grande crescimento de trocas de mercadorias entre todos os continentes. Este comércio propiciou a circulação de produtos e colocou em contato regiões geográficas muito distantes. Este aspecto econômico é já bem estudado pela historiografia.[1]

Além desse contato surgido por meio das trocas comerciais houve também o encontro de culturas, que se deu entre a cultura europeia e aquelas dos povos que seriam colonizados pelos europeus. Nos últimos 30, 40 anos vários foram os trabalhos de história voltados para este aspecto, pesquisas que se dedicaram a estudar o contato entre a cultura do colonizador e do colonizado buscando entender o significado desse encontro cultural.

O objetivo deste trabalho é classificar e analisar as práticas terapêuticas, de caráter científico-cultural que se instituíram entre os jesuítas e as várias sociedades que compuseram o império colonial português. Nossa fonte principal são duas coleções de receitas médicas organizadas por jesuítas no século XVIII.[2] Para entenderemos tais práxis fez-se necessário buscarmos informações sobre: o papel ocupado pela Companhia de Jesus no processo de colonização do império Português; e o contexto científico-cultural de produção dos documentos analisados, tanto no que tange às teorias médicas quanto às formas de preservação destes conhecimentos.

A historiografia brasileira, apenas a partir dos últimos anos do século XX, passou a realizar pesquisas sobre o império colonial português. De longa data havia por aqui estudos

---

[1]Cf .E. WALLERSTEIN. *O sistema mundial moderno*. Porto: Afrontamento, s/d. v. 2;A.J. R. RUSSELL-WOOD, *Um mundo em movimento* – os portugueses na África, Ásia e América (1415-1808). Lisboa: Difel,1998.

[2] Affonso da COSTA. *Árvore da vida dilatada em vistosos e salutíferos ramos ornados de muitas, aprasíveis e saudáveis folhas em que se deixam ver muitos e singulares remédios assim simples como compostos que a Arte, a experiencia, a industria ea curiosidade descubrio para curar com facilidade quase todas as doençase queixas a que o corpo humano esta sogeito principalmente em terras destituídas de Médicos e Boticas.*Goa (c. 1720). Devo este documento a Drª. Márcia Moisés Ribeiro que gentimente mo cedeu. Ela encontrou-o no Wellcome Institute for History of Medicine, quando estava pesquisando para sua dissertação de mestrdo, que foi publicada com o título: *A ciências dos trópicos*: a arte médica no Brasil do século XVIII. Até onde sei a pesquisa dela foi pioneira, aqui no Brasil, a trabalhar com este documento no âmbito da história sócio-cultural. A partir daqui nos referiremos a este documento apenas como *Árvore da Vida.* O segundo e principal documento de nossa pesquisa de organização anomina é: *Collecção de varias receitas e segredos particulares das pinciais boticas da nossa companhia de Portugal, da Índia, de Macau, e do Brazil compostas, e experimentadas pelos melhores médicos e boticarios mais célebres que tem havido nesss partes. Aumentada com alguns índices e noticias muito curiozas e necessárias para a boa direção e acerto contra as enfermidades.* Roma, 1766. Tomamos conhecimento da existencia deste manuscrito pela obra de Serafim LEITE. *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760).* Lisboa: Brotéria, 1953. Até onde sabemos este nunca foi objeto de estudo de historiadores. As pesquisas que conhecemos com este documento são as de Ana Maria AMARO na área de Antropologia, sendo que foram estudadas apenas as receitas do Colégio de Macau. Apartir deste momento nos referiremos a este manucrito apenas com *Collecção de varias receitas.*

que visavam entender a dominação metropolitana na América portuguesa, todavia foram raros os trabalhos que buscaram inserir o estudo da dinâmica do processo colonial brasileiro nas relações deste com as demais regiões do império português. Os trabalhos pioneiros nesse sentido foram os que buscaram entender a dinâmica do tráfico negreiro. [3]

Quanto aos estudos sobre os jesuítas, estes existem em boa quantidade para todo o império. Em *Capítulos de História colonial*, publicado em 1907, Capistrano de Abreu fez reflexões muito esclarecedoras sobre o momento da expulsão dos jesuítas da América Portuguesa, chamando a atenção para o papel de destaque da Ordem no trato com o indígena. Capistrano de Abreu enfatizou que, apesar da importância da Companhia de Jesus nos domínios lusitanos, estudos sobre a atuação dos jesuítas eram poucos, fato que dificultava uma percepção mais precisa sobre a façanha da Ordem no Brasil Colonial. Ele destacou a presença jesuítica nesta parte do império colonial português durante 210 anos: "*(...) sua influência deve ter sido considerável. Deve ter sido, porque no actual estado de nossos conhecimentos é impossível determina-la com precisão.*" [4]

Desde a época de Capistrano de Abreu até hoje, muito já se escreveu sobre os jesuítas na América Portuguesa, contudo muito ainda precisa ser pesquisado e escrito para que se tenha um mais perfeito entendimento da atuação desta Ordem nas regiões coloniais lusitanas.

Há uma quantidade razoável de obras que enaltecem os primeiros padres jesuítas que chegaram às possessões portuguesas ou aqueles que tiveram influência na história do império ultramarino lusitano, textos marcados pelo estilo biográfico que não permitem compreender a influência exata da Companhia de Jesus. Há também os livros que pertencem à corrente do antijesuitismo, difundida na Europa a partir do final do século XVIII. Os assuntos privilegiados desta corrente, que desencadeou debates, eram as decorrências da presença jesuítica, que se difundira pelo mundo a partir do século XVI, modificando e construindo uma modernidade que poderia ser questionada. O antijesuitismo cresceu na Europa, promovendo discussões e instigando novas pesquisas dos documentos, com a finalidade da compreensão de qual teria sido o papel desempenhado pelos loiolanos na educação, vida política, econômica, social e religiosa das regiões onde estiveram presentes.

---

[3] Para esse tema consultar, por exemplo, o livro de Luiz Felipe de ALENCASTRO. *O trato dos viventes*: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

[4] Capistrano de ABREU. *Capítulos de História Colonial* (1500-1800). Sociedade Capistrano de Abreu, 1928. p. 242.

Levando em consideração tais elementos e sabendo das especificidades do período colonial brasileiro, Capistrano de Abreu enfatizou que: "U*ma história dos jesuítas é obra urgente; emquanto não a possuirmos será presunçoso quem quiser escrever a do Brasil*".[5]

Trinta anos se passaram desde a publicação de *Capítulos da História Colonial* de Capistrano de Abreu e a edição da obra de Serafim Leite *História da Companhia de Jesus no Brasil*.[6] É uma obra em onze volumes, na qual o autor descreve a presença dos jesuítas na América Portuguesa, reunindo importantes documentos que até então estavam dispersos em arquivos europeus e brasileiros. O trabalho do autor permitiu um maior entendimento da relação entre os poderes religioso e temporal na estruturação da colônia brasileira, destacando o espírito empreendedor dos jesuítas. Ressaltou como a ocupação desta área foi acompanhada e impulsionada por atos dos padres da Companhia de Jesus, que ao realizarem a catequese dos indígenas, ajudaram na colonização portuguesa, contribuindo para cultura e educação na sociedade colonial. Esta obra pouco espaço dedicou, porém, às questões culturais e científicas dos jesuítas, principalmente as práticas terapêuticas, aspecto que pretendemos levantar com esta pesquisa.

A presença e as atividades temporais jesuíticas na América Portuguesa, mesmo sendo estudadas e discutidas por vários especialistas, ainda são temas pouco conhecidos e polêmicos, principalmente as que evidenciam as práticas econômicas e científico-culturais. Há uma grande lacuna sobre as atuações jesuíticas no que diz respeito à cultura e ciência no império ultramarino português, provocada pelo pequeno interesse que o tema teve na historiografia, devido especialmente à dificuldade de se obter informações, pois se encontram espalhadas em vários arquivos, sobretudo, europeus.

Para o caso da América Portuguesa, os cronistas da Companhia de Jesus que escreveram sobre sua atuação atenuaram os aspectos econômicos e culturais, centrando seu foco essencialmente nas atuações catequética, educacional e no conflito entre os jesuítas e os colonos pelo uso da mão-de-obra indígena.

Após o início da expansão ultramarina, a Igreja católica participou ativamente da colonização, nomeadamente por meio de suas Ordens. Estas estiveram presentes em todo o império luso, principalmente a dos jesuítas, criada no bojo da Reforma Católica, da expansão marítima e da colonização de novas terras e, por isso, voltada sobretudo para a

---

[5] Capistrano de ABREU, op. cit. p. 242.
[6] Serafim LEITE. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. (1º edição 1938-1949). São Paulo: Loyola, 2004. 4v

educação formal e para a catequese, a conversão de pagãos e infiéis, estando presente da América ao Japão.

Alguns autores centralizaram suas pesquisas no ato catequético destacando os benefícios da educação jesuítica, colocaram na atuação dos inacianos o poder da lucidez na análise dos fatos, como fez Francisco Rodrigues:

> *"Pode bem um jesuíta, se lhe não escasseiam as qualidades de historiador escrever a história da sua Companhia; antes é forçoso confessar que está ele mais apto para esse efeito do que os estranhos, porque melhor conhece a sua Ordem e seu espírito particular e sabe mais exatamente avaliar as ações que ela pratica."* [7]

Não podemos negar a importância dos jesuítas nessa área, contudo essas investigações não fizeram relação com outras atividades realizadas pelos jesuítas no império colonial português, reduzindo ou ocultando as práticas que não fossem catequese e educação. O que deixa uma dúvida: até que ponto a Companhia de Jesus e os historiadores a ela pertencentes não nos obrigaram a uma leitura de suas práticas e ações a partir de um olhar parcial?

O padre Serafim Leite, em sua vasta obra, foi um dos pesquisadores que melhor conseguiu resgatar a presença e a transformação dos inacianos na América Portuguesa, destacando o papel exercido por estes na educação, na descrição etnográfica, nas artes, no pensamento filosófico, teológico e de certo modo no desenvolvimento científico. Buscou registrar o nascimento e o desenvolvimento da Ordem, recolheu dados e informações de diversas fontes documentais, destacando o papel modelador que a Companhia de Jesus exerceu na construção da colônia. O mérito das obras do padre Serafim Leite está em recolher e sistematizar importantes documentos que informam sobre o funcionamento da Ordem e sobre seus membros, facilitando novas pesquisas que, com um olhar crítico, conseguiram obter uma visão um pouco mais global da Ordem na América Portuguesa.

Como já dissemos anteriormente, os estudos sobre os jesuítas têm sua atenção

---

[7] Francisco RODRIGUES. *A Companhia de Jesus em Portugal e nas missões*: esboço histórico- superiores-colégios (1540-1934).Porto: s/e. 1935. v. II, p. XII.

voltada, quase que exclusivamente, para a ação pedagógica e a catequização que os membros da Ordem realizaram nas várias partes do império colonial português, com a finalidade de destacar os prejuízos ou benefícios que causaram às sociedades coloniais. O papel que os jesuítas tiveram na formação das colônias portuguesas foi de grande importância. Porém, suas atuações catequética e pedagógica fizeram sombra sobre as demais atividades desenvolvidas pela Companhia de Jesus e geraram a maioria dos trabalhos que pretenderam analisar o impacto da doutrina cristã no trato com as populações locais dentro do império ultramarino português.

Dentre autores que pesquisaram sobre esse tema podemos citar José Paiva, que tratou da conversão dos gentios, discorrendo sobre os costumes indígenas, os quais sofreram modificações causadas pelos religiosos, e sobre a ação colonizadora do homem europeu do século XVI, cujo perfil misturava: *"o escatológico, do presente; o espiritual, do temporal; o religioso, do econômico; a fé do império"*. [8] O autor chama a atenção para o fato de a catequese ter sido uma ferramenta que impôs os usos e costumes europeus, dos quais os inacianos foram o instrumento de ajustamento cultural. [9]

Outra autora que merece ser lembrada é Maria Fátima de Melo Toledo, [10]que estudou a questão da conversão e analisou a catequese dos índios na América portuguesa nos primórdios da colonização e as formas de persuasão assumidas pelos missionários para obter a conversão do gentio. Por sua vez, as interpretações de Luiz Felipe Baeta Neves e Ronald Raminelli[11] abriram novos horizontes à compreensão do impacto cultural dos encontros do Novo Mundo. Para estes autores, o importante era localizar uma matriz cultural originária e fundante do processo colonizador, sem uma preocupação com o cotidiano da interação entre jesuítas e nativos.

Outros dois trabalhos, mais recentes, sobre os jesuítas no Brasil, nos quais se trata da catequese, são os de Maria da Glória Porto Kok e o de José Eisenberg, [12] que mostram

---

[8] José PAIVA. *Colonização e Catequese*. São Paulo: Cortez, 1982, p. 99.
[9] Ibidem, p. 100-103.
[10] Maria Fátima de Melo TOLEDO. *O sonho da Quimera* – uma análise do Diálogo sobre a conversão do gentio do Pe. Manuel da Nóbrega. São Paulo. Dissertação de mestrado apresentada ao departamento de História da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 2000.
[11] Luiz Felipe Baêta NEVES. *O combate dos soldados Cristo na terra dos papagaios* – colonialismo e repressão cultural. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1978. Ronald RAMINELLI. *Imagens da colonização:* a representação do índio de Caminha a Vieira. São Paulo/Rio de Janeiro: Edusp/Zahar, 1996.
[12] Maria da Glória Porto KOK. *O sertão itinerante:* expedições da capitania de São Paulo no século XVIII. São Paulo. Tese de doutorado apresentada ao departamento de história da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. José EISENBERG. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno:* encontros culturais, aventura teórica. Belo horizonte: UFMG, 2000.

as missões jesuíticas na América portuguesa como a base do desenvolvimento do pensamento político-jesuítico do início da era moderna. Outros autores se debruçaram sobre os problemas da colonização e das atividades jesuíticas, principalmente na região das missões guaraníticas na região sul da América Portuguesa, dentre eles destacamos: Ruggiero Romano, [13] Clóvis Lugon, [14] Regina Maria Gadelha, [15] Lucia Galvez, [16] e Maxime Haubert.[17] Especialmente sobre as reduções jesuítico-guaranis podemos destacar os trabalhos de Maria Cristina B Martins[18] e Eliane Cristina D. Fleck[19] que discutiram a questão cultural do ponto de vista das resistências. Refletindo a partir do espaço geográfico das missões, desde a sua formação até a expulsão dos jesuítas, todos os autores citados acima analisaram as estruturas socioeconômicas das missões. As pesquisas contemplaram temas como o mundo tupi-guarani e a evangelização, o problema da mão-de-obra e a organização do trabalho, o comércio regional e as relações de produção, bem como o problema da disputa da região pelas coroas portuguesa e espanhola. Esses estudos devem ser vistos como investigações de casos específicos, não devendo ser tomados como referencial para o entendimento das demais unidades jesuíticas, especialmente as localizadas nos domínios coloniais portugueses. As obras forneceram um farto material para uma melhor compreensão do papel dos jesuítas como agentes colonizadores, contudo não respondem às perguntas sobre a função temporal da Companhia de Jesus, principalmente no que tange à temática científico-cultural.

Ainda que haja uma vasta literatura sobre as cartas jesuíticas do século XVI, são poucos os autores que se interessaram pela questão dos encontros culturais, ou seja, que analisaram as culturas sem hierarquizá-las, mostrando que cada uma tinha contribuições a dar para a outra. De Simão de Vasconcelos a Serafim Leite, [20] encontramos relatos detalhados do cotidiano das missões, sem empreenderem uma análise crítica da matriz

---

[13] Ruggiero ROMANO. *Mecanismos da conquista colonial*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
[14] Clóvis LOGON. *A República "comunista" cristã dos Guaranis (1610-1768).* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
[15] Regina Maria GADELHA. *As missões do Itaim.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
[16] Lucia GALVEZ. *Guaranies y jesuítas de la tierra sin mal al paraíso.* Buenos Aires: Sulamerica, 1995.
[17] Máxime HAUBERT. *Índios e jesuítas no tempo das missões.* São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
[18] Maria Cristina Bohn MARTINS. *A festa guarani nas reduções*: perdas, permanências e recriação. Porto Alegre. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.
[19] Eliane Cristina D. FLECK. *Sentir, adoecer e morrer* – sensibilidade e devoção no discurso missionário jesuítico do século XVIII. Porto Alegre. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999,
[20] Simão de VASCONCELOS. *Chronica da Companhia de Jesus do estado do Brasil*. Rio de Janeiro: A.J. Fernando Lopes, 1865, e Serafim LEITE. *História da Companhia de Jesus no Brasil.* Op. cit.

cultural que surgiu dos encontros do Novo Mundo.

O livro de Paulo de Assunção,[21] percebeu os jesuítas como intermediários entre o mundo europeu e os índios americanos e teve sua preocupação maior voltada para a questão da natureza. Dentro desse enfoque de leitura, o autor notou o encontro e a sobreposição de dois universos culturais distintos, um europeu e outro americano, em diferentes processos culturais. Os dois possuíam formas de se relacionar com o meio natural, próprias e díspares, que estavam refletidas em suas culturas. Para Assunção, a união entre ambos, no caso brasileiro, se deu em grande parte por meio de uma ordem religiosa recém-fundada, a Companhia de Jesus, a qual, a partir do catolicismo, sistematizou a ordenação do mundo, alimentou e justificou a estrutura do plano terreno em função do plano divino. Elemento de ligação da ordem com o caos reuniu heranças, inseriu o novo no velho e vice-versa.

Posteriormente, Paulo de Assunção,[22] analisou as práticas temporais dos jesuítas, deixando de lado a questão da catequese e da educação e focalizando na maneira como os padres da Companhia de Jesus administraram suas fazendas. O autor mostrou que os religiosos adaptaram-se ao contexto colonial, tomando para si atividades e práticas de negócios com a finalidade de darem apoio material ao desenvolvimento dos colégios e residências, apontando que além das atividades espirituais era imprescindível saber administrar o sistema produtivo da Companhia de Jesus.

A respeito das práticas de cura utilizadas pelos jesuítas no período colonial brasileiro há a obra de Lopes Rodrigues,[23] que exalta não só os feitos de Anchieta, mas também seu caráter. O autor forneceu uma série de informações sobre como Anchieta fazia para curar os males corporais dos indígenas, mas tratou do assunto de uma maneira hagiográfica e descritiva, não apresentando nenhuma análise sobre as práticas médicas do jesuíta.

Mais um autor que dedicou parte de sua pesquisa à medicina e aos serviços de saúde[24] na América Portuguesa foi Serafim Leite [25] que, como já dissemos anteriormente,

---

[21] Paulo DE ASSUNÇÃO. *A Terra dos Brasis*: a natureza da América Portuguesa vista pelos primeiros jesuítas (1549 – 1596).São Paulo: Annablume, 2001.
[22] Paulo de ASSUNÇÃO. *Negócios jesuíticos:* a administração dos bens divinos. São Paulo: Edusp, 2004.
[23] Lopes RODRIGUES. *Anchieta e a medicina*. Belo Horizonte: Apollo, s.d.
[24] A expressão serviços de saúde foi adotada aqui por ser esta utilizada por Serafim Leite em vários de seus textos. Porém, deve-se deixar claro que na época estudada não havia um sistema de saúde público, tal qualse conhece hoje.

fez um trabalho essencial de recolhimento de documentação sem, contudo, fazer uma análise: limitou-se a apresentá-la não discutindo a influência dos jesuítas nas práticas de cura tanto dos indígenas quanto dos colonos.

Para o caso da China, existe o trabalho de Ana Maria Amaro,[26] que é bem fundamentado e mostrou como os jesuítas se apropriaram do saber médico chinês incorporando-o às práticas de cura realizadas no Colégio de São Paulo de Macau. A autora não procura analisar, contudo, se esse saber chinês circulou pelos outros colégios que os jesuítas possuíam espalhados pelo império colonial português.

Nesta pesquisa, por meio da analise das práticas terapêuticas utilizadas pelos jesuítas pretendemos demonstrar que eles funcionaram, na empresa colonial portuguesa, como intermediários entre as populações nativas e os metropolitanos. Não iremos nos ater à circulação de plantas, de uso medicinal ou não: sobre esse aspecto existem estudos que fizeram um levantamento exaustivo sobre o transplante e a aclimatação de vegetais entre as diversas regiões do mundo conhecido até então.[27]

Com esta pesquisa buscamos entender a dinâmica colonial por meio da manifestação de práticas culturais e de suas representações. Para isso filiamo-nos aos estudos da nova história cultural. O posicionamento metodológico sugerido pela nova historia cultural é o de apreender o real por meio de suas práticas e representações.[28] Em outras palavras atingir-se-ia o real através de suas representações, sistemas de ideias e imagens, que despertariam práticas e que constituíram um imaginário social, sendo que este imaginário seria sempre representação e não existiria sem interpretação.[29]

---

[25] Serafim LEITE. Os jesuítas no Brasil e a Medicina. *Revista PetrusNonus*. Lisboa, separata v. 1, p. 5 – 16, 1936. E Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil (1549-1760). *Brotéria*, Lisboa, separata v. IV, fasc. 4. abr. 1936.

[26] Ana Maria AMARO. Influência da farmacopéia chinesa no receituário das boticas da Companhia de Jesus. *Revista de Cultura*, Macau, v.30, p. 53-68, 1997.

[27] Para essa temática ver, por exemplo, Luis Fernand de ALMEIDA. Aclimatação de plantas do oriente no Brasil durante os séculos XVII e XVIII. *Paginas dispersas* – estudos de história moderna de Portugal. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra, 1995; Alfred CROSBY. *Imperialismo ecológico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.Alfred CROSBY. *The columbian exchange*: biological and cultural consequences of 1492. Connecticut: Greenwood, s.d.. Abílio FERNANDES. *A universidade de Coimbra e o estudo da flora e da vegetação dos países africanos de língua oficial portuguesa*. Coimbra: Publicações da Universidade de Coimbra, 1993. Isabel de Castro HENRIQUES e Alfredo MARGARIDO. *Plantas e conhecimento do mundo nos séculos XV e XVI*. Lisboa: Alfa, 1989. José Roberto do Amaral LAPA. O problema das drogas orientais. *Economia colonial*. São Paulo: Perspectiva, 1973, p. 111-140. Robert LENOBLE. *A história da idéia de natureza*. Lisboa: Edições 70, 2002. Pedro CALAFATE. *A idéia de natureza no século XVII em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994

[28] Roger CHARTIER. *A historial cultural entre práticas e representações* Lisboa: Difel,1988.

[29] Eliane Cristina D. FLECK. *Sentir, adoecer e morrer* – sensibilidade e devoção no discurso missionário jesuítico do século XVIII. op.cit.,p. 169.

Segundo Chartier não existe estrutura ou prática que não tenha sido produzida por representações contraditórias e em disputa, adaptando e reelaborando de modo diferente os símbolos. As práticas são criadas por usos, significações e apropriações diferenciadas dos símbolos culturalmente disponíveis, Sendo assim, as representações são diversamente apreendidas, transformadas e compreendidas.[30] No âmbito deste trabalho ao analisarmos as práticas terapêuticas aplicadas pelos jesuítas no âmbito do império colonial português durante o século XVIII, aproveitaremos as pesquisas de Chartier que trataram de cultura e representação. Para este historiador, o objetivo da historia cultural é: "*identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler"*.[31] O mesmo autor ainda afirma que para se atingir o objetivo da história cultural será necessário um trabalho que conceba diversos caminhos. O primeiro destes dirá respeito "*… às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real*". [32] As ideias sobre representação deste autor ajudar-nos-ão a entender as práticas terapêuticas jesuíticas no campo da medicina ocidental nos setecentos.

O termo intermediário foi pelo menos duas vezes utilizado sem que nós o tenhamos definido isto será então feito agora: consideramos intermediários culturais as pessoas que edificavam seu pensamento por meio da miscigenação de influências tanto dos elementos populares quanto dos eruditos.[33]

Vejamos agora como o tema da terapêutica e da arte de curar vem aparecendo na historiografia. Os estudos sobre história da Farmácia, Medicina e as artes de curar durante o setecentos existem em boa quantidade. Desde a primeira metade do século XX encontramos vários trabalhos sobre a história dessas duas ciências, dentre eles podemos destacar os de Américo Pires de Lima,[34] são estudos que quase não apresentarem problematizações a respeito de seus objetos, contudo propiciaram aos que vieram depois deles iniciar um debate mais sistemático sobre o tema. Não podemos nos esquecer de que

---

[30] Roger CHARTIER. *Op. cit.*
[31]Ibidem, p. 16-17.
[32]Ibidem p. 17.
[33]Construo essa definição apartir da leitura de:Mikhail BAKTHIN. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987. Carlo GINZBURG. *O queijo e os Vermes*: cotidiano e as ideias de um moleiro persguido pela Inquisição. Plinio José Freire GOMES. *Um herege vai ao Paraíso:* cosmologia de um ex-colono condenado pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
[34]Américo Pires de LIMA. As boticas do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira.*Separata dos Anais da Faculdade de Farmácia do Porto*. V. IX. Porto, 1949.

essas pesquisas foram produzidas para eventos acadêmicos da área de farmácia, portanto não se valeram dos métodos e procedimentos utilizados pelos historiadores. Os trabalhos de Lima podem ser considerados de História da Ciência, mas antes desta passar pelas mudanças metodológicas mais recentes.

Depois de Américo Pires Lima vieram as pesquisas de Luís de Pina,[35] que analisou o que se compreendia por saberes curativo e medicina em Portugal. A seguir há os estudos de Lycurgo Santos Filho[36], Lourival Ribeiro[37] e Serafim Leite[38] que investigaram a medicina exercida na América Portuguesa buscando relacioná-la à medicina praticada em Portugal. Apesar dos três autores apresentarem riquíssimo levantamento documental sobre médicos, livros de medicina, práticas de cura de índios e africanos, eles afirmaram que a metrópole portuguesa e, principalmente, a colônia brasileira achavam-se em grande atraso na área médica se comparadas com os grandes centros culturais e científicos da Europa. Essa afirmação do atraso científico português no século XVIII marcou muitas gerações de historiadores, contudo desde os últimos anos do século XX essa posição começou a ser descontruída.

Contribuíram para isso trabalhos sobre as artes de curar no universo luso-colonial que problematizaram e focaram a questão das práticas médicas e curativas, enquanto os estudos anteriores voltavam-se mais para as teorias da medicina. Desta nova safra de pesquisas podemos destacar, em Portugal, por exemplo, os estudos sobre a farmácia de João Rui Pita[39] e José Pedro Souza Dias[40]. Rui Pita em seu livro analisou o desenrolar da prática médica e farmacêutica em Portugal, mostrando que do século XVII até meados do século seguinte essas práticas eram uma miscelânea de saberes greco-romanos, medievais, renascentistas e do século XVII. Ele chamou esse período da história de medicina de Barroco Médico, assegurando que as mesmas características também se davam em várias outras regiões da Europa.

---

[35]Luís de PINA. História da História de Medicina em Portugal.*Separata da Revista Imprensa Médica*, fev. 1956, v. XX.
[36]Lycurgo SANTOS FILHO. *História da Medicna no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1947. 2 v. Consultei aobra *História Geral da Medicina Brasileira*.São Pulo: HUCITEC/EDUSP, 1977. 2 v. que é a versão reformulada da primeira.
[37]Lourival RIBEIRO. *Medicina no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1971.
[38]Serafim LEITE. *História da Companhia de Jesus*. São Paulo: Loyola, 2004. 4 v.
[39]João Rui PITA. *História da Farmácia*. Coimbra: Minerva, 1998.
[40]José Pedro Souza DIAS. *A Farmácia e a História*: uma introdução à história da farmácia, da farmacologia e da terapêutica. 2005. Disponíve em: http://www.ff.ul.pt/paginas/jpsdias/histsocfarm/Farmacia-e-Historia.pdf. Acessado em abr. 2011.

José Pedro Souza Dias[41] fez pesquisas meticulosas a respeito da prática farmacêutica e da produção de medicamentos em Portugal dos setecentos, focando na performance dos boticários. Para ele estes últimos foram importantes agentes sociais que desempenharam papel significativo na área terapêutica, mas que apesar dessa função importante no universo médico-farmacêutico português foram objeto de poucas pesquisas. Este autor lança luz sobre esses profissionais, mostrando o lugar que estes ocuparam na sociedade portuguesa, indicando o modo como realizaram seu ofício, mostrando ainda as relações sociais que construíram. Devemos também destacar a pesquisa que Dias fez a respeito do que era entendido por medicamento no período do Barroco Médico, após analisar livros de farmácia, anúncios de medicamentos, receituários e outras fontes, chegou à conclusão de que não havia na época uma única concepção do que era medicamento. Para ele entorno desse termo ocorria um amálgama de culturas. Mostrou ainda que isso não foi uma singularidade de Portugal.

Para o caso dos boticários na América Portuguesa existe o trabalho de Vera Beltrão Marques.[42] Com um olhar muito parecido com o de José Pedro Souza Dias, a autora examinou a atuação desses profissionais na colônia brasileira, mostrando que havia heterogeneidade tanto na forma de atuação do ofício quanto de conhecimento técnico-científico entre os pares. Marques observou que muitos boticários na América Portuguesa incorporaram aos seus conhecimentos saberes das populações indígenas e africanas, com isso promoveram a circulação desses saberes na Europa por meio da venda de ingredientes americanos, medicamentos e livros de receitas.

Anterior ao trabalho de Marques e também analisando o tema dos medicamentos há os estudos de Henrique Carneiro.[43] Em suas obras este autor analisou e discutiu o processo de regramento da utilização das drogas na época moderna. Ele mostrou que desde a expansão ultramarina houve um aumento na procura por drogas (curativas, afrodisíacas, alucinógenas). Carneiro em suas pesquisas examinou as especificidades da farmácia portuguesa no século XVIII, buscando relacioná-la com a prática farmacêutica de outros países europeus.

---

[41]Idem. *Dorguistas, Boticários e Seredistas*: ciência e sociedade na produção de medicamentos na Lisboa de setecentos. Lisboa: fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia. 2007.
[42]Vera Beltrão MARQUES. *Natureza em Boiões*: medicinas e boticários no Brasil Setecentista. Campinas: UNICAMP, 1999.
[43]Henrique CARNEIRO. *Filtros, mezinhas e triacas*:as drogas no mundo moderno. São Paulo: Xamã, 1994. E *Amores e sonhos da flora*: afrodisíacos e alucinogenos na botânica e na farmácia. São Paulo: Xamã 2002.

Sobre a medicina na América Portuguesa temos também o trabalho de Márcia Moisés Ribeiro[44] que analisou as particularidades da farmácia e medicina colonial brasileira, mostrando o convívio destas práticas com crenças mágico-religiosas. A autora demonstra que no universo colonial brasileiro conviviam de maneira bastante conflituosa médicos que seguiam a doutrina médica medieval e médicos que utilizavam as novidades dos séculos XVII e XVIII. Apesar da autora se filiar à linha de pesquisadores que acreditavam que Portugal vivia um atraso científico em relação a outras nações europeias, ela apresenta de modo muito claro a tensão que havia entre a tradicional doutrina médica escolástica e as novidades científicas do século das Luzes.

Pensando nos estudos e temas até aqui apresentados, nossa pesquisa buscará classificar e analisar as práticas terapêuticas aplicadas pelos jesuítas no império colonial português até meados do século XVIII. Nosso interesse específico está nas duas coleções de receitas médicas citadas anteriormente: *Árvore da Vida* e a *Collecção de varias receitas…*, organizadas por dois membros da Companhia de Jesus.

A partir das premissas conceituais e historiográficas que foram apresentadas, este trabalho tem como primeiro capítulo "O contexto médico e científico do século XVIII" está divido em duas partes. A primeira: "O contexto médico e terapêutico" nela apresentaremos o estado d´arte da medicina e da farmácia na Europa. Na segunda parte "O contexto científico: o colecionismo" apresentaremos a práxis do colecionismo como sendo parte do contexto científico.

No segundo capítulo, "Coleções jesuíticas de práticas de cura", apresentaremos detalhadamente os dois manuscritos citados anteriormente. *Árvore da Vida* de 1720 e *Collecção de varias receitas* de 1766. O objetivo deste capítulo é descrever os documentos que são pouco conhecidos.

No terceiro capítulo, "Terapêutica jesuítica no Império Colonial Português", classificaremos e analisaremos as práticas de cura presentes na *Collecção de varias receitas.* No último capítulo, "Boticas jesuíticas", descreveremos como eram estas boticas, apontaremos quais utensílios estavam presentes nelas no momento da expulsão da Ordem dos domínios portugueses, em seguida analisaremos as atividades realizadas nesse espaço dedicado ao atendimento à saúde; por fim buscaremos mostrar que as boticas ocuparam um

[44]Márcia Moisés RIBEIRO. *A Ciência dos trópicos*: a arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: HUCITEC, 1997.

lugar privilegiado tanto nos colégios quanto na Ordem. O foco deste trabalho está nas práticas terapêuticas, contudo entendemos que estas são importantes dentro do processo de atendimento à saúde realizado pelos jesuítas. Os medicamentos produzidos foram fruto não só da concepção de medicina adotada pelos irmãos boticários quanto produto da visão de medicina adotada na época.

Para finalizar ressaltamos que o atendimento aos doentes realizados pelos membros da Companhia de Jesus não pode ser compreendido sem a ideia de que este fazia parte da caridade cristã. Dentre os irmãos que se dedicavam a cuidar dos doentes encontramos alguns que além de administrarem medicamentos também os criavam, caso, por exemplo, do irmão Francisco da Silva que serviu nas boticas dos Colégios de São Paulo de Piratininga e no Colégio de Olinda.

Capítulo 1 – O Contexto Médico e Científico no Século XVIII

1.1. O Contexto médico e terapêutico

A busca pela cura de doenças é anterior ao nascimento da Medicina. Os homens desde sempre buscaram meios de aliviar a dor e restabelecer a saúde. Segundo Kiple[45] por pelo menos quatro ou cinco milhões de anos os seres humanos foram caçadores/colhedores e viviam em pequenos grupos espaços de 50 a 100 pessoas que se deslocavam constantemente. Ainda para ele a baixa densidade demográfica desses grupos dificultava a existencia de doenças contagiosas. Como eram nomâdes, não permaneciam em um mesmo local tempo suficiente para contaminar e poluir, por exemplo, as fontes de água com dejetos humanos, o que poderia levar à transmissão de enfermidades, em virtude do acúmulo de lixo que atrairiam insetos transmissores destas. Ainda segundo o mesmo autor como esses grupos não criavam animais domésticos não tinham contato com as moléstias destes. Kiple não diz que os grupamentos nomades estavam isentos de doenças, mas indica que foram menos expostos que os grupos que se sedentarizaram e passaram a conviver em um grupamento maior de indivíduos.[46] Segundo ele, esse surgimento de novas doenças fez com que os homens observassem a natureza e buscassem nela remédios para suas enfermidades.

Assim, se aceitarmos como corretas as afirmações de Kiple, percebemos que a busca pelo restabelecimento da saúde é anterior ao nascimento da Medicina.[47] De modo geral, as Histórias da Medicina foram escritas baseadas na crença de que a Medicina é a decorrência do acúmulo progressivo de conhecimentos durante séculos e que aqueles de dominavam esse conhecimento eram os doutores, profissionais que deveriam ser consultados quando a doença se instalava. A automedicação ou a consulta a pessoas que não fossem portadores de diploma, com o tempo, passaram a ser condenadas. Do século XV ao XVIII conforme o ensino da Medicina crescia nas Universidades cresciam também

---

[45] Kenneth F. KIPLE. História da Doença. In: Roy POTER (org.). *The Cambridge História da Medicina*. Rio de Janeiro: Revinter. 2006. p. 11-46.
[46] Ibidem. p. 12- 15.
[47] O mesmo é aformado por Philippe ARIÈS. Attitudes devant la vie et devant la mort du XVIIe ao XIXe siècle. *Enssais du mémoire* (1943-1983). Paris: Seuil, 1993. p. 299-307.

as tenttivas dos governos de regulamentarem o acesso às profissões voltadas ao atendimento à saúde. [48] Este foi um longo processo, que tentaremos caracterizar brevemente.

1.1.1. Concepções médicas: da Antiguidade à Idade Moderna

Alguns historiadores da medicina iniciam seus discursos a partir do mito de Hipócrates, sendo assim consideram que um dos marcos da Medicina Grega foi a escrita do *Corpus Hippocraticus*, um conjunto de 60 tratados atribuídos a Hipócrates.[49] Segundo os estudiosos, na Grécia houve busca por uma explicação a respeito do corpo humano e a manutenção da saúde que se afastava de explicações sobrenaturais e se baseava em estudos sobre os fenômenos naturais. [50]

Provavelmente a contribuição mais importante da medicina hipocrática tenha sido a formulação da teoria dos humores, a qual pode ser resumida da seguinte maneira: no corpo humano haveria quatro humores, sangue, fleuma ou pituíta, bilis amarela e bilis negra que estariam ligados aos quatro elementos da natureza, terra, água, ar e fogo. E que teriam como caracteríticas, secura, calor, frio e umidade. A combinação dos humores com os elementos da natureza e suas caracterícas formaria os temperamentos, que também seriam quatro, sanguíneo, fleumático ou pituitoso, bilioso e melancôlico. [51] A figura abaixo ajuda-nos a perceber o funcionamento da teoria dos humores.

---

[48] Vivian NUTTON. Ascensão da Medicina. In: Roy POTER (org). op. cit. p. 48-72.
[49] Sabemos hoje que o *Corpus Hippocraticus* foi escrito por várias pessoas que tinham por objetivo divulgar uma série de ensinamentos que foram atirbuídos a Hipócrates, e que faziam parte do conhecimento da época.
[50] José Pedro Sousa DIAS. *A Farmácia e a História.* Uma introdução à História da Farmácia, da Farmacologia e da Terapêutica. 2005. Disponível em http://wwwff.ul.pt./paginas/jpsdias/histsocfarm/Farmacia-e-Historia.pdf. Acesso em abr. 2012.
[51] Roy PORTER. *Das tripas coração*: uma breve história da medicina. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 41-45.

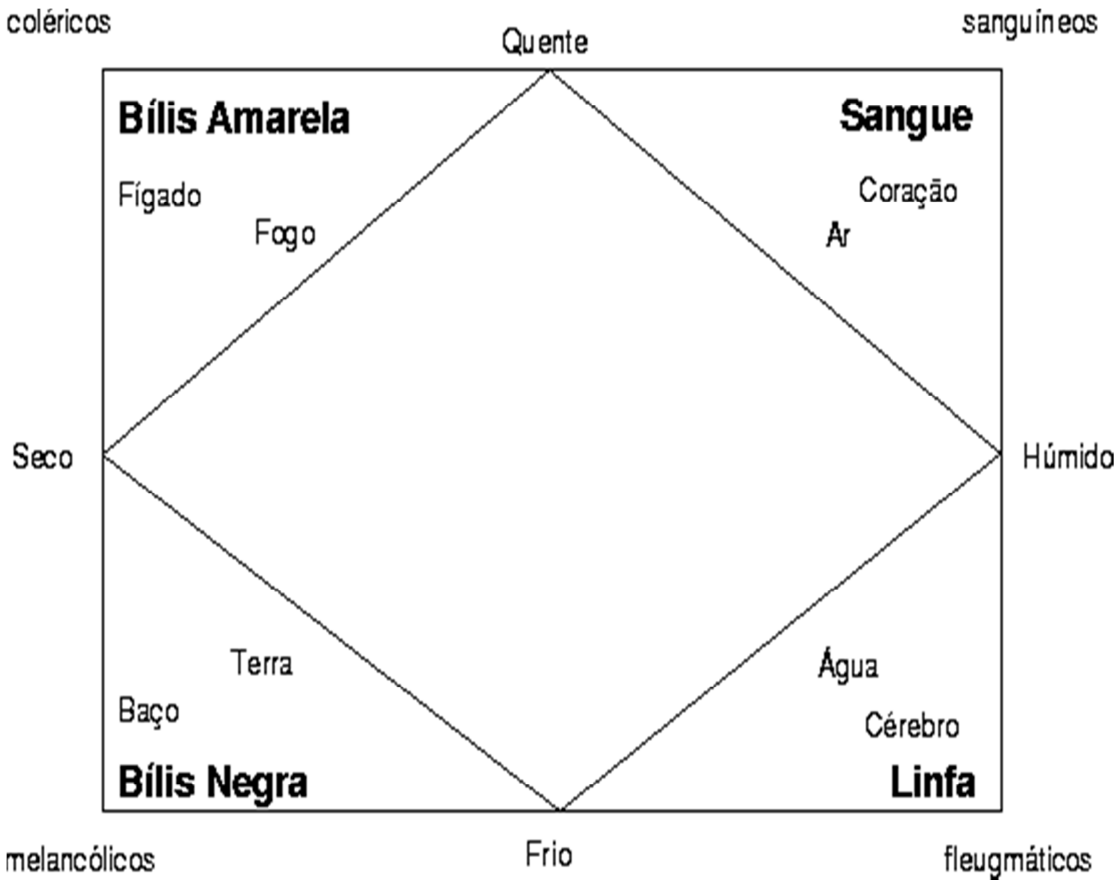


Figura 1 - Teoria dos Humores. Fonte: José Pedro Sousa DIAS. *A Farmácia e a História*. p. 14

A teoria hipocrática considerava que a principal causa para o surgimento de doenças era o desequilibrio dos humores. Sugeria como prática terapêutica a expulsão dos humores em excesso valendo-se de medicamentos retirados da natureza, a maioria de origem vegetal. Essa teoria advogava que existiam quatro vias para a retirada dos humores do interior dos organismos: a boca, o nariz, o reto e as vias urinárias. Utilizava também sangria e purgantes, entendidos como procedimentos purificadores do corpo humano. Fundamentava essa concepção no princípio da *contraria contraris*. [52] A sangria foi uma das práticas usada para expulsar os humores dos corpos mais utilizados na medicina ocidental até fins do século XVIII. Sua utilização era tamanha tendo sido aplicada a tantos males que Moliere fez uma sátira dessa terapêutica na peça o *Doente Imaginário*.

A medicina romana foi fortemente influenciada pela grega, os ensinamentos hipocráticos foram a base para a terpêutica romana. Entre os nomes de maior destaque na medicina romana temos Galeno, considerado pela historiografia, o segundo nome mais importante na medicina da antiguidade, depois de Hipócrates. As teorias de Galeno

[52] João Rui PITA. *História da Farmácia*. Coimbra: Minerva, 1998, p. 48.

marcaram presença na medicina europeia até o século XVIII. Este criou um sistema anatômico e fisiológioco pautado na teoria dos humores. Para seus estudos de anatomia fez experimentações com o corpo de animais que, segundo Pita, foram a principal fonte de conhecimento até o renascimento cultural da época moderna. [53]

Segundo Leonardo Gonçalves,[54] as teorias médicas de Galeno estabeleciam a divisão do corpo humano em partes simples e partes compostas. Os componentes simples eram todos aqueles constituídos por matéria de natureza muito próxima, formadas todas elas por terra, água, ar e fogo, tendo como características calor, secura, frio e umidade passando tais propriedades para as suas diferentes partes do corpo (a carne, as veias, os ossos, as cartilagens, etc.). Sendo assim Galeno chegou à conclusão de que a água, fria e úmida, estava relacionada à pituíta; o ar, úmido e quente, estava articulado ao sangue; a terra, seca e fria, estava relacionada com a bílis negra ou o atrabílis; o fogo, quente e seco, estava conectado a bílis amarela[55]. As partes compostas eram resultado da união de diversos componentes simples (os dedos, as mãos, os pés, etc.) [56]. Segundo Galeno, o que mantinha a saúde era o equilíbrio dos humores e das partes a eles relacionadas no organismo.

Novamente segundo Gonçalves, [57] o equilíbrio entre os humores do corpo humano não acontecia como Galeno gostaria, porque em cada organismo um humor se destacaria sobre os demais. Para resolver esta problemática, Galeno recomendava especial atenção ao tratamento das doenças que, segundo ele era tão importante quanto a sua prevenção. Desse modo, para Galeno, uma das maneiras mais eficientes de se manter a saúde era ser moderado e atento a tudo, especialmente ao uso dos chamados "seis não naturais" que, segundo Lindemann seriam: o ar, o dormir e acordar, a alimentação e a bebida, o descanso e o exercício, a excreção e a retenção, e as paixões e emoções[58].

Ainda para Gonçalves,[59] do ponto de vista farmacêutico, o galenismo modificou a patologia humoral em uma teoria sistemática e racional, onde os remédios eram classificados pelo seu gosto, origem, espessura, cor, etc. Gonçalves afirma que, Galeno

---

[53] João Rui PITA. Op. Cit. p. 60.
[54] Leonardo GONÇALVES. *A Farmacopeia Tubalense de 1735 e a construção de um modelo para a farmácia portuguesa* setencentista. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012. p. 20.
[55] Ver Figura 1.
[56] João Rui PITA. op. cit.. p. 61.
[57] Leonardo GONÇALVES. Op. Cit. p.21.
[58] Mary LINDEMANN.. *Medicina e Sociedade no Início da Europa Moderna* – Novas abordagens da história europeia. Lisboa: Replicação, Lda. 2002. p. 10.
[59] Leonardo GONÇALVEs, op. Cit. p. 21-22.

considerava que estes medicamentos tinham características opostas às causas das doenças, ou seja, ao humor que se pretendia combater, tendo criado critérios fisiopatológicos para classificar as drogas curativas em três grandes grupos. O primeiro eram os simples, aqueles que possuíam uma das quatro qualidades da natureza (seco, úmido, frio e quente); o segundo eram os compostos, aqueles que possuíam mais de uma das quatro qualidades naturais; e o terceiro eram medicamentos que atuavam segundo um efeito especifico (purgantes, vomitórios, etc.). [60] Ainda segundo Leonardo Gonçalves, a aplicação e doses desses medicamentos deveriam seguir critérios como idade do paciente, personalidade, raça, clima, etc. As teorias e conceitos de Galeno foram, ao longo dos tempos, sofrendo transformações e adendos, mas a sua base, tal como foi aqui apresentada, foi repassada e praticada até fins do século XVIII.

1.1.2. A Medicina Ocidental do século XIV ao XVIII

Segundo historiadores da medicina as teorias e práticas do Corpus Hipocrático e de Galeno influenciaram a medicina europeia até o século XVIII. Claro que algumas transformações foram sendo aplicadas à teoria dos humores do corpus hipocrático, mas na essência a medicina praticada no século XVIII ainda era a mesma da Antiguidade. Ressaltamos que os ensinamentos da Antiguidade foram see modificando ao longo do tempo, a Teoria dos humores aplicada no século XVIII era diferente da Antiguidade.

O Renascimento Cultural da época moderna foi um período de grandes modificações na cultura e sociedade europeia. Segundo Peter Burke, este momento da história pode ser entendido como o “momento do novo” [61] graças às novas descobertas científicas, correntes artísticas e arquitetônicas, mudanças políticas, formas outras de organização econômica e novas doutrinas religiosas. Porém, como o próprio Burke escreve, é preciso perceber que o Renascimento nos países ocidentais não foi um fato histórico ou um momento de exclusivo de avanço cultural, ele se configurou mais como um movimento que interagiu e conviveu com outras culturas e movimentos que lhe foram contemporâneos[62]. Segundo este autor, dentre suas principais características estão: o repúdio as tradições recentes em nome das mais antigas; um espírito cultural mais secular

[60] Leonardo GONÇALVES. Op. Cit, p. 22.
[61] Peter BURKE. *O Renascimento Italiano*: cultura e sociedade na Itália. São Paulo: Nova Alexandria, 1999. p. 25.
[62] *Ibidem*. p. 19.

do que o da Idade Média; um individualismo cultural, o cruzamento entre as disciplinas e saberes e uma tendência para uma maior autonomia dos artistas e estudiosos[63].

Podemos ver nesse momento uma nova compreensão do mundo natural, influenciada pelas traduções e comentários de antigas obras latinas há séculos perdidas, mas redescobertas nesse período[64]. Para Gonçalves[65], no que tange aos estudos sobre a natureza, os portugueses participaram ativamente. No século XV, foi constante o número de informações sobre a Ásia que chegou à Casa da Índia em Lisboa[66]. Além disso, assistimos ao nascimento de um novo senso crítico desenvolvido pelos humanistas. Apesar de no período inicial do movimento a linha entre o novo e o velho, dependendo das circunstâncias, fosse tênue, o Renascimento trouxe mudanças significativas para a cultura europeia.

Este ambiente de modificações e transformações também chegou o campo medicinal e farmacêutico. Segundo Maximiano Lemos, a Renascença se afirma na História da Medicina durante o século XVI com o mesmo espírito que englobou outras áreas do saber[67]. Segundo Gonçalves, a tomada de Constantinopla em 1453, pelos turcos, revelou ao Ocidente várias obras originais da medicina e farmácia do período clássico e árabe (Plinio, Celso, Galeno, corpus hipocrático, Avicena, etc.), além de ter trazido muitos conhecedores da prática fármaco-medicinal para as principais cidades europeias. A invenção da imprensa, em meados do século XV, ampliou em muito o contingente de traduções impressas de obras medicinais greco-romanas e árabes por toda a Europa.[68] Neste período é possível observar o desenvolvimento dos estudos sobre anatomia com André Vesálio (1514-1564) e outros de seus contemporâneos. Seus escritos se baseiam em observações feitas por ele mesmo e por alguns estudiosos do seu tempo, que não negaram o galenismo, apenas se imbuíram de um espírito experimentalista que procurou corrigir algumas das afirmativas de Galeno[69].

Para Gonçalves, foi em meio a toda esta conjuntura de transformações, revisões e novidades que foi formulada, no Ocidente, uma primeira corrente médica disposta se opor

---

[63] *Ibidem*. p. 26-35.
[64] Henrique CARNEIRO. *Amores e sonhos da flora:* afrodisíacos e alucinógenos na botânica e na farmácia. São Paulo: Xamã, 2002. p. 24.
[65] Leonardo GONÇALVES. Op. cit. p. 29
[66] Peter BURKE. *Uma História Social do Conhecimento*: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 41.
[67] Maximiano LEMOS. *História da medicina em Portugal*. Doutrinas e instituições. Lisboa: Manuel Gomes, 1889, 2 Vols. p. 182.
[68] Leonardo GONÇALVE. Op. cit, p. 30
[69] Mary LINDEMANN. op. cit. p. 71-72.

à teoria dos humores. Tratava-se de uma nova tendência curativa, desenvolvida pelo médico Paracelso. Theophrastus Philippus Aureolus Bombastus Von Hohenheim nasceu em Einsiedeln (atual Suíça) no ano de 1493.[70] Em 1529, num protesto contra as concepções medicinais e farmacêuticas da época, mudou o seu nome para Paracelso – acima de Celso. Desde muito cedo, estudou medicina, botânica, filosofia natural, mineralogia, metalurgia e misticismo, tendo realizado mais tarde o curso universitário de medicina.[71] Em pouco tempo, ficou conhecido como médico, filósofo, doutrinador social, alquimista, agitador de multidões e suposto amigo de necromantes e bruxas.

Vivendo uma vida cheia de disputas e discussões com as autoridades da sua profissão, devido aos estudos que realizava, Paracelso desenvolveu uma maneira diferente de compreender o corpo humano. Segundo Paula Basso, ao refutar a teoria dos humores como chave mestra para explicar o corpo e manutenção da sua saúde, Paracelso passou a defender que o organismo era formado por três substâncias primárias: a combustibilidade ou o princípio do enxofre; a liquidez e volatilidade ou o princípio do mercúrio; a estabilidade e a solidez ou o princípio do sal.[72] A partir desta explicação, o corpo humano passou a ser considerado um laboratório, com vários processos químicos, onde a doença representava o desequilíbrio desses processos e, portanto, deveria ser combatida quimicamente. Segundo Basso, para Paracelso, a doença era uma anomalia natural, uma manifestação química, um agente externo que atacava os indivíduos causando-lhes diversos males[73]. Por este motivo, a doença deveria ser combatida com remédios específicos e igualmente distintos, ou seja, eles deveriam ser produzidos a partir dos princípios ativos das substancias naturais.

Para Leonardo Gonçalves, o uso desta arte da alquimia era, nas teorias de Paracelso, essencial, pois a retirada do princípio ativo de uma substância da natureza só poderia acontecer através da química.[74] Esta prática na tradição alquímica, principalmente no caso dos metais, era percebida como uma ajuda à natureza no seu constante processo

---

[70] Leonardo GONÇALVES, op. cit, p. 30
[71] José Pedro Souza DIAS. *A Farmácia e a História*. Uma introdução à História da Farmácia, da Farmacologia e da Terapêutica. Lisboa: 2005. p. 41. Disponível em: http://www.ff.ul.pt/paginas/jpsdias/histsocfarm/Farmacia-e-Historia.pdf. Acesso em: abr. de 2012.
[72] Paula BASSO. *A Farmácia e o Medicamento*: uma história concisa. Lisboa: Correios de Portugal, 2004. p. 79.
[72] *Ibidem*. p. 91.
[73] Mary LINDEMANN. Op. cit. p. 11.
[74] Leonardo GONÇALVES, op. cit. p. 31.

natural de aperfeiçoamento[75]. Tendo por base esta proposição, Paracelso elaborou técnicas de destilação, nas quais buscava extrair a qualidade essencial da substância, o "espírito" ou a sua "quintessência", normalmente com o uso do fogo, tipo como elemento purificador. Por meio de estudos e práticas que seguiam estas premissas, ácidos e minerais fortes foram descobertos, e progressos de ordem metalúrgica propiciaram a expansão do contingente de medicamentos minerais na farmácia ocidental[76].

Segundo Leonardo Gonçalves, "os estudos que Paracelso realizou e propôs em relação ao corpo humano, bem como os medicamentos necessários para o restabelecimento da saúde, contribuíram para o desenvolvimento de um novo entendimento entre o Homem e o universo". Ainda para o mesmo autor, segundo os escritos paracelsianos, a máquina humana comporta dentro de si todos os elementos do cosmo. Ou seja, o ser humano seria um microcosmo, pois ele possuiria em seu corpo pequenas porções de tudo que existe no macrocosmo. Por esta razão, Paracelso propunha que o médico fosse um grande estudioso da natureza e tudo que a cerca (macrocosmo), pois somente assim este profissional conseguiria restabelecer o equilíbrio do corpo humano – microcosmo – trazendo de volta a saúde da vida. Desta forma, ficava posto para os profissionais da medicina que estes deveriam estudar o "livro da natureza", repleto de revelações divinas, ou seja, deveriam ser conhecedores de medicina e farmácia.[77]

A teoria do micro e macrocosmo encontrou eco no desenvolvimento da prática fármaco-medicinal ocidental, tornando-se uma das bases conceituais para os praticantes da produção de medicamentos. Os estudiosos deste campo do saber fortaleceram, através desta teoria, a concepção galênica de que tudo na natureza poderia ser utilizado como medicamento, substâncias consideradas estranhas pelo paciente.[78]

Mas esta não foi a única teoria a fundamentar a produção e utilização de medicamentos durante o século XVI. Segundo Gonçalves,[79] "a ideia partilhada pela farmácia e medicina ocidental de que o universo estaria representado nas várias partes do corpo mesclava-se com outra base médico-conceitual, a saber: a teoria das assinaturas". Por teoria das assinaturas entende-se a concepção de que "cada produto natural mantém

---

[75] Flavio Coelho EDLER.. *Boticas e Pharmacias*: uma historia ilustrada da pharmacia no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006. p. 37.
[76] Paula BASSO,. *Op. Cit.*, nota 47, p. 79.
[76] *Ibidem*. p. 93.
[77] Leonardo GONÇALVES, op. cit. p. 31-32.
[78] Ibidem, p. 32.
[79] Ibidem p. 32.

uma relação com o corpo humano em função de sua forma, cor, do local onde nasce ou da maneira como se comporta" [80]. Keith Thomas, ao estudar esta teoria e os poderes curativos dos simples vegetais, afirmou que esta doutrina baseava-se na "a crença de que toda planta tinha um uso humano e que sua cor, forma e textura seriam destinadas a dar alguma indicação externa desse uso" [81]. Ou seja, segundo esta doutrina, a relação entre a máquina corpórea humana e a natureza iria além da representatividade de uma sobre a outra. Todo produto corresponderia a uma parte do corpo humano, carregando em si a assinatura/simpatia para a cura de doenças que o atingissem.

Para Jean Luiz Neves Abreu, "o conhecimento por meio de correspondências e analogias constituiu-se, de certa forma, a base do conhecimento no período anterior ao século XVIII" [82]. Segundo Gonçalves, apesar de ser inicialmente utilizada pela farmácia química, a teoria das assinaturas também passou a ser compartilhada por outros estudiosos da arte curativa.[83] As teorias do macro e microcosmo e também das assinaturas encontraram grande aceitação no ocidente europeu. Segundo o mesmo autor, a título de exemplo, foram editados vários livros medicinais portugueses que se baseavam nestes conceitos em meados do século XVIII, apesar de algumas críticas a partes destas ideias terem sido feitas pela Igreja.[84]

Segundo Gonçalves, durante todo o século XVII e meados do XVIII, o mundo europeu viveu diversos avanços e modificações na arte medicinal e na produção e utilização de medicamentos.[85] Neste período, vemos a gradativa mudança do pensamento erudito sobre o homem, o universo e a natureza. Academias científicas foram criadas por toda a Europa, o experimentalismo e o racionalismo cresceram como colunas do trabalho científico, vindo assim a aprimorar o trabalho dos profissionais da arte curativa[86]. Neste quesito, um dos pontos fortes foi a formulação de novas teorias e concepções médico-farmacêutica que, em alguns casos, fizeram oposição ao galenismo, e, em outros, criaram um novo percurso que tentava misturar os saberes antigos e as novidades científicas.

---

[80] Henrique CARNEIRO. *Amores e sonhos da flora:* afrodisíacos e alucinógenos na botânica e na farmácia. São Paulo: Xamã, 2002. p. 44.
[81] Keith THOMAS. *A Religião e o declínio da magia.* São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 100.
[82]. Jean Luiz Neves ABREU. *O Corpo, a doença e a saúde*: O saber médico luso-brasileiro no século XVIII. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da UFMG, 2006. p. 79.
[83] Leonardo GONÇALVES, op. cit. p. 32.
[84] Jean Luiz Neves ABREU, op. cit, 79-80
[85] Leonardo GONÇALVES, op. cit. p. 36.
[86] DIAS, José Pedro Souza. *A Farmácia e a História*: Uma introdução à História da Farmácia, da Farmacologia e da Terapêutica. Lisboa: 2005, p. 50. Disponível em: http://www.ff.ul.pt/paginas/jpsdias/histsocfarm/Farmacia-e-Historia.pdf. Acesso: abr.de 2012.

Segundo Dias, criada por Van Helmont (1577-1644), mas desenvolvida pelo holandês Franz de Le Boe (Sylvius) e pelo inglês Thomas Willis, a iatroquímica foi o primeiro sistema a romper abertamente com o galenismo[87]. Fundamentada numa visão química dos processos terapêuticos, fisiológicos e patológicos, esse novo sistema inspirou-se na teoria de Paracelso e seus seguidores, mas se distanciou da metodologia filosófica destes. É importante lembrar que Paracelso, apesar de ter realizado grandes mudanças no entendimento do que era farmácia e medicina, era um homem do seu tempo. Mesmo tendo entrado em choque com o galenismo, ele não negou em nenhum momento a existência dos quatro elementos (terra, ar, água e fogo), e dos humores no corpo humano, apenas lhes atribuiu um papel secundário. Apesar disso, Paracelso inovou a prática farmacêutica ao introduzir ideias como a utilização de medicamentos químicos nos tratamentos de diversas doenças, uma nova imagem do que é uma doença, a experimentação como método de aprendizado de processos curativos e medicamentos, uma nova relação entre medicina e religião, etc. Suas obras abriram o caminho para a expansão da arte curativa, apesar das críticas e perseguições que seus escritos sofreriam por parte da Santa Inquisição.

Segundo Lindemann, a iatroquímica teve como linhas mestras o cartesianismo, o atomismo e o indutivismo de Francis Bacon, e se aproveitou das recentes descobertas no campo medicinal (anatomia humana, circulação do sangue, digestão como um processo químico, doenças que eram causadas por processos químicos e não por desequilíbrio humoral, etc.), para se fundamentar como uma teoria que concebesse o corpo como uma destilaria ou máquina química, um organismo que funcionava através de processos químicos[88]. Ter saúde era resultado desse equilíbrio químico do organismo. Por exemplo, verificavam-se quando a alcalinidade e a acidez estavam na quantidade e qualidades exatas, pois a doença seria causada pelo excesso de uma ou de outra, e o equilíbrio era conseguido através de medicamentos químicos, de natureza oposta.

Enquanto a iatroquímica analisava o corpo através dos processos químicos, a iatromecânica o interpretava por meio das leis físicas e mecânicas da natureza[89]. Os fundadores desse sistema foram Descartes (1598-1650), Santorio (1561-1636) e Giovanni Borelli (1608-1679). Nesta teoria, o conceito de humores do galenismo foi substituído pelo

---

[87] DIAS, José Pedro Souza. *A Farmácia e a História*: Uma introdução à História da Farmácia, da Farmacologia e da Terapêutica. Lisboa: 2005, p. 50. Disponível em: http://www.ff.ul.pt/paginas/jpsdias/histsocfarm/Farmacia-e-Historia.pdf. Acesso: abr. 2012.
[88] Mary LINDEMANN. Op. cit. p. 12.
[89] Flavio Coelho EDLER. op. Cit. p. 38.

conceito de fibra, considerada como elemento fundamental do organismo. O homem passou a ser visto como uma máquina física e mecânica que seguiria regras precisas. Em sua obra *De statica medicina* (1614), Santorio, a partir do prisma iatromecânico, determinou a importância da transpiração e relacionou o peso dos alimentos ingeridos com o peso das fezes e da urina. Foi ele também o primeiro a utilizar o termômetro na medicina[90]. A iatromecânica alcançou tantos adeptos que durante o século XVIII era fortemente comentada na Inglaterra.

Segundo Paula Basso, outro grande contributo conceitual da medicina e farmácia foram os estudos de Thomas Sydenham (1624-1689), médico inglês que introduziu o conceito moderno de espécie morbosa e contribuiu fortemente para a separação entre doenças agudas e doenças crônicas. Seus escritos estabeleciam que todo médico deveria saber identificar e classificar as doenças da mesma forma como naturalistas faziam na classificação das plantas. Para tanto, considerava a observação dos doentes fundamental, assim como anotação dos sintomas específicos e gerais de cada enfermidade, a relação desses sintomas com o meio ambiente e as estações do ano, etc.[91]. No campo terapêutico, Sydenham recomendava aos pacientes exercícios físicos e dieta adequada, sangrias em algumas doenças agudas, medicamentos de origem essencialmente vegetal, mas também mineral como o ferro, o antimônio e o mercúrio, além de diversos diuréticos e purgantes. Durante todo o final do século XVII, até início do século XIX, Sydenham foi amplamente citado nos livros de medicina e farmácia do Ocidente.

Médico holandês, cujas concepções influenciaram muito as ciências médico-farmacêuticas ao longo do século XVIII, Hermann Boerhaave (1668-1738) abriu novos horizontes para a medicina e a farmácia de seu tempo. Segundo Paula Basso ele foi defensor da articulação entre os conceitos galênicos, o sistema iatromecânico, e ainda algumas vertentes das doutrinas iatroquímica, bem como alguns aspectos da teoria de Sydenham[92]. Professor da Universidade de Leiden, Boerhaave foi grande pesquisador da química e da botânica. Centenas de pessoas o procuravam para ter aulas com ele, inclusive o médico português António Ribeiro Sanches, que tentou introduzir os conceitos deste

---

[90] Paula BASSO. op. cit.. p. 126.
[91] *Ibidem*. p. 126-127.
[92] Paula BASSO. Op. cit.p. 128-129.

holandês na medicina portuguesa[93]. Tendo uma posição fortemente alicerçada no empirismo e no método indutivo de estudo, apesar da influência da iatromecânica, Boerhaave foi uma das grandes mentes do desenvolvimento dos conhecimentos medicinais e farmacêuticos no século XVIII.

Além das inovadoras teorias que mencionamos anteriormente, devemos destacar aqui o animismo ou vitalismo, que alcançou vários adeptos durante o século XVIII[94]. Idealizado por George Stahl (1659-1734), químico e professor de medicina, o animismo dava uma ênfase nas patologias psíquicas, defendendo que os fenômenos da vida seriam irredutíveis às leis da física[95]. Influenciada pela química, esta teoria analisava a distinção entre matéria e espírito, vivo e inerte. Stahl ainda defendeu que a base da saúde e da doença era o *animus*, a alma, que mantinha o ritmo do corpo. Quando o ritmo era perturbado, o corpo teria carência de tônus, ou de tonicidade, e a função da medicação seria restaurar essa tonicidade[96].

Ainda segundo Paula Basso, para além dos casos que até aqui citamos, outros importantes avanços no campo da farmácia se deveram aos trabalhos de três farmacêuticos químicos, que transformaram a farmácia numa ciência, deixando de ser meramente uma arte técnica. O primeiro deles foi Nicolas Lémery (1645-1715), professor de química que contribuiu decisivamente para a divulgação da farmácia, e teve suas obras traduzidas para diversas línguas. Foi também considerado o fundador da moderna fitoquímica (química das plantas). O segundo foi Étienne-François Geoffroy (1672-1731), também farmacêutico e químico. Sua obra *Tractatus* de matéria médica, publicada em 1741, foi considerada a primeira a se debruçar sobre a farmacognosia – a identificação e descrição das substâncias terapêuticas – de um modo sistemático. O terceiro autor foi Antoine Baumé (1728-1804), com sua obra *Éléments de pharmacie théorique et pratique* (1762), que teve igualmente grande sucesso, como o comprovam as suas oito edições, abordando a química farmacêutica com a descrição de seus instrumentos e procedimentos[97].

Até aqui buscamos apresentar qual era a situação da medicina e da farmácia na Europa, até o século XVIII. Tentamos mostrar que apesar de modificações surgidas ao

---

[93] José Pedro Souza DIAS. *A Farmácia e a História*: Uma introdução à História da Farmácia, da Farmacologia e da Terapêutica. Lisboa: 2005. p. 53. Disponível em: http://www.ff.ul.pt/paginas/jpsdias/histsocfarm/Farmacia-e-Historia.pdf. Acesso em:abr. de 2012.
[94] Luís de PINA. *Medicina e Médicos na História da Filosofia em Portugal*. Atas do I Congresso Nacional de Filosofia: Revista Portuguesa de Filosofia. Braga. 1956. Tomo XI-II. P. 39.
[95] Flavio Coelho EDLER. Op. cit. p. 39.
[96] Paula BASSO. *Op. Cit.*, nota 72, p. 128.
[97] Paula BASSO. Op. cit. p. 132.

longo da história as práticas médicas e terapêuticas desde a Antiguidade até o século XVIII permaneceram baseadas nos mesmos princípios. Talvez a única exceção nesse longo período tenha ocorrido nos séculos XVII e XVIII quando encontramos teorias medicas que questionaram as teorias hipocráticas e galênicas, mas não conseguiram suplantar as teorias da antiguidade. Fato que só será atingido no século XIX.

Para finalizar esta parte achamos importante destacar outra grande novidade que o período renascentista trouxe para a medicina e farmácia ocidental que foi a descoberta de novas drogas curativas vindas do Oriente e do Novo Mundo. A expansão marítima portuguesa mostrou para a Europa um mundo diferente e novo, exuberante e culturalmente muito rico. Explorando oceanos e mares que há pouco tempo atrás propiciavam grande medo, os portugueses revelaram aos europeus que o mundo era um lugar distinto e bem maior do que eles imaginavam. Os motivos que levaram a tal proeza foram uma mescla de fatores econômicos, religiosos, políticos e estratégicos, que incluíam o sentimento cruzadista contra os muçulmanos, a busca pelo ouro da Guiné, a busca pelo Reino do Preste João e a procura pelas especiarias orientais[98].

As especiarias que os portugueses trouxeram do Oriente para a Europa apresentaram ao homem europeu novos sabores e cheiros, mostraram também a essa cultura ocidental uma nova farmácia, modificando assim a farmácia ocidental. Dentre os produtos trazidos estavam: pimenta, canela, âmbar, cravo, incenso, mirra, ruibarbo, tamarindo, gengibre, maná, etc.[99]. Russel-Wood afirma que do século XV ao século XVII, os portugueses espalharam esses produtos por diversas regiões do mundo, tornando-os disponíveis em grandes quantidades num mercado que só crescia em demanda[100]. Grande parte destas especiarias eram produtos que compunham a alimentação oriental e acabaram caindo no gosto dos europeus. Mas, muitas destes produtos também possuíam uso farmacêutico e/ou alucinógeno, o que os tornou cada vez mais procuradas pelos europeus[101].

A descoberta destes produtos e a crescente troca comercial entre Oriente e a Europa foram obra do pioneirismo português na expansão marítima e as relações diplomáticas estabelecidas pelos portugueses com os territórios asiáticos. Seja pela conquista ou pela

---

[98] Charles R. BOXER. *O Império colonial português*. 1415/1825. Lisboa: Edições 70, 1981. p. 41.
[99] RUSSEL-WOOD, A. J.R. *Um Mundo em Movimento*. Os portugueses na Ásia, África e América (1415-1808). Lisboa: Difel, 1992. p. 195-198.
[100]Ibidem . p. 238.
[101] Henrique CARNEIRO,. *Filtros, mezinhas e triacas:* as drogas no mundo moderno. São Paulo: Xamã, 1994. p. 52.

formação de acordos entre os Reinos, os portugueses se estabeleceram no Oriente e enriqueceram a farmácia ocidental com as especiarias e seus usos medicamentosos. Neste processo foi importantíssima a atuação de várias pessoas, sendo as mais conhecidas Tomé Pires e Garcia da Orta.

Mas a expansão ultramarina portuguesa não se moveu apenas para o Oriente em buscas pelo novo. A América que foi descoberta nesse período, e em pouquíssimo tempo chamou a atenção dos europeus para as drogas curativas que produzia. Ainda no século XVI, os colonizadores portugueses e espanhóis mandaram naturalistas e outros estudiosos do mundo natural para estudar e classificar a fauna e flora americana. Apesar do Oriente durante um longo período ter sido o centro das atenções do comércio de especiarias e de produtos curativos, a América Portuguesa e a América espanhola também se tiveram sua importância. Devemos destacar dessas regiões a produção da ipecacuanha brasileira e a quina peruana. Marcia Moisés Ribeiro afirma que durante os séculos XVI e XVII essas duas drogas foram levadas às arrobas para a Europa[102]. Muitas outras ervas e plantas curativas americanas também foram incluídas na farmácia portuguesa, a saber: cajá, caju, copaíba, jenipapo, jaborandi, coca, tabaco, jalapa, canafístula, etc.[103].

Esse processo de descoberta e estudo de novas plantas curativas e de novas terapêuticas não contou apenas com a atuação de médicos, naturalistas e boticários. Uma das maiores forças na busca pelo conhecimento das práticas culturais do Novo Mundo, principalmente na arte de curar, foram as ordens religiosas católicas, especialmente os jesuítas. Entre os séculos XVI e XIX, este grupo religioso atuou na assimilação dos saberes medicinais e farmacêuticos da América, descobrindo e/ou criando diversas medicamentos que obtiveram grande circulação no comércio europeu.[104]

Vimos até aqui o contexto médico e terapêutico no século XVIII, no próximo item estudaremos o papel da prática do colecionismo na organização e classificação do conhecimento europeu na mesma época.

---

[102] Márcia Moisés RIBEIRO. *A ciência dos Trópicos:* a arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 9.
[103] Vera Beltrão MARQUES. op. Cit. p. 58-59.
[104] José Pedro Souza DIAS.. *Droguistas, Boticários e Segredistas.* Ciência e Sociedade na Produção de Medicamentos na Lisboa de Setecentos. Lisboa: FCG / FCT, 2007. p. 274-275.

1.2 O contexto científico: o colecionismo

No item anterior apresentamos uma visão da história da medicina e das práticas de cura na Europa ocidental. Segundo Roy Porter [105]depois que o homem deixou de ser nômade ele mesmo passou a ser colonizado por agentes patogênicos que passou a compartilhar com os animais que domesticou.

> *"Nos tempos do Neolítico, o gado contribuiu com a tuberculose, a varíola e outros vírus para o reservatório patogênico humano. Os porcos e patos transmitiram suas gripes, enquanto os cavalos trouxeram os rinovírus, inclusive o resfriado comum".* [106]

Com isso houve a necessidade do homem conhecer melhor a natureza que o cercava e nela buscar elementos que o ajudassem a restabelecer a sua saúde. Esse processo de seleção do que poderia ou não ser usado como medicamento pode ser entendido como um dos primeiros procedimentos de formação de uma coleção, a coleção botica da natureza.

Poucas atividades humanas têm a sua duração e prática disseminada como os atos de curar e colecionar. Atendo-nos à dimensão ordenadora, o colecionismo sobressai-se como um dos fundamentos culturais de maior amplitude e enraizamento na história da humanidade. Coletar e selecionar, ou seja, colecionar remonta à pré-história como demonstraram os trabalhos do paleoantrolópogo Richard Leakey. Para este pesquisador os agrupamentos primitivos aprimoraram suas capacidades cognitivas, culturais e tecnológicas coletando rochas nas margens dos lagos e rios ou nos sopés de vulcões e planícies aluviais do Grande Vale em Rifte na África.[107] As condições de sobrevivência destes grupos primitivos foram crescendo à medida que recolhiam e selecionavam materiais apropriados para cada um dos utensílios que necessitavam e fabricavam.

Os atos de coletar e selecionar estão arraigados no processo cognitivo humano não só no que tange ao reconhecimento dos diversos elementos que existem no mundo, por

---

[105] Roy PORTER. *Das tripas coração*: uma breve história da medicina. Rio de Janeiro: Record, 2004 p. 17
[106] Ibidem , p. 19.
[107] Ver, por exemplo, R. LEAKEY e R. LEWIN. *Origins reconsidered; in search of what make us human*. Nova York: Dobleaday, 1992; ver também Idem. *Origens*. 2.ed. São Paulo/Brasília: Melhoramentos/Editora da Universidade de Brasília, 1981.

exemplo, matérias-primas e bens materiais, ou seja, pedras, facas, armas de fogo, moedas, plantas medicinais, etc., mas também para a compreensão deste. Nesse sentido, o homem igualmente agrupou os modos de entendimento e as cosmogonias que criava na forma de mitos. Lévi-Strauss [108] diz que o mito é uma coleção de restos de fatos e fragmentos de narrativas presentes na historicidade de um grupo, portanto os esclarecimentos que vão restando na memória de um grupo vão sendo incorporados ao mito, como uma colagem, ou para utilizar a mesma expressão de Lévi-Strauss uma bricolagem, formando coleções. Longe de ser uma forma primitiva de pensamento, Lévi-Strauss avisa que isso compõe o substrato da própria ciência. Quer dizer, para esse autor, a ciência moderna não poderia aparecer repentinamente nos séculos XVI e XVII, já repleta de modelos revolucionários. Foi preciso, primeiro, um longo trajeto de coleta, seleção e tentativas de explicar e compreender o mundo que existiram anteriormente ao nascimento dessa ciência moderna remetendo à própria origem do que chamamos de humano.

Como vimos tudo é passível de ser colecionável desde lascas de rochas até os elementos constitutivos de uma explicação mitológica. Krzystof Pomian afirma que qualquer coisa pode ser colecionada contanto que seja retirada da sua função cotidiana. Esse autor define coleção como:

> *"qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporariamente ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público."* [109]

Esse conceito de coleção formulado por Pomian tem um caráter descritivo e material. Por ele somos levados a concluir que os objetos que se tornaram peças de coleção perderam seus valores de uso e ao mesmo tempo adquiriram um valor simbólico. Concomitantemente os valores econômicos deles também se modificaram, já que os objetos que passaram a integrar uma coleção perderam seu valor de uso, o valor econômico

---

[108] C. LÉVI-STRAUSS. *O pensamento selvagem*. 3. ed. Campinas: Papirus, 2002.
[109] Krzystof. POMIAN. Colecção. In:*Enciclopédia Einaudi* v. 1 Memória-História.Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p. 53.

ligado a essa atividade foi perdido juntamente, passando a ter um valor econômico atribuído mais por raridade da peça, beleza, ou fatores históricos como: a quem pertenceu? Quando foi usado? Muitas peças adquiriram o status de preciosas mais por essas questões que acabamos de enumerar do que por suas funções primitivas propriamente ditas.

Como já foi dito a necessidade de colecionar já estava presente nas atividades do homem primitivo. Com o passar do tempo a coleção de artefatos úteis à sobrevivência foi expandida aos objetos de uso religioso e, pouco a pouco aos evocativos, uma vez que os atos humanos não são desprovidos de significado, são regulamentados, são repetidos, são aperfeiçoados e são revestidos de simbolismo que pode ser transferido a elementos palpáveis. [110]

Segundo Pomian, depois dos objetos de uso religioso os homens a partir do século XV passaram também a colecionar objetos culturais como obras de arte e objetos científicos.

Devemos lembrar que em seu trabalho Pomian está falando das coleções de antiguidades. Estas se difundiram pela Europa a partir de meados do século XIV, sendo que no século XVI encontravam-se presentes em ambientes muito distintos, desde o palácio papal até a casa dos grandes comerciantes, passando pelos palácios dos governantes. Para este autor, foi quando as civilizações grega e romana passaram a representar um modelo idealizado de vida civil e de cultura é que os resíduos destas civilizações (estátuas, moedas, edifícios, pinturas, etc.) passaram a servir de objetos de admiração e se transformaram em elementos de coleção. Não parece concebível a guarda e o culto de objetos que provenham de uma civilização cuja cultura seja considerada inexpressiva, sem importância ou ímpia. Até então, uma coluna coríntia ou um obelisco antigo não passavam de elementos estruturais que poderiam acelerar ou baratear uma edificação. Uma moeda de Adriano valia mais por seu valor de troca que por seu caráter cimélio, testemunho de uma cultura desaparecida. [111]

Segundo Kury e Camenietsky, esse sentido de uso dos objetos antigos está ligado ao fato deles terem constituído durante muito tempo restos de um mundo desaparecido e pagão, de uma época de impiedade, de ignorância da Verdade Revelada, ou de crença em outra verdade que se recusava ao enquadramento na nova ordem cristã. Em resumo, o

---

[110] Para a questão da utilidade e significado dos objetos colecionáveis ver Krzystof POMIAN, op. cit. p 51-86.

[111] Lorelay Brilhante KURY e Carlos Ziller CAMENIZKI. Ordem e natureza: coleções e cultura científica na Europa Moderna. *Anais do Museu histórico nacional*, Rio de Janeiro, v. 29, p. 57 – 85, 1997, p. 68.

colecionismo de antiguidades estava estreitamente dependente da valorização da Antiguidade como modelo na cultura europeia. Os homens da Idade Média falavam e escreviam em latim sem cultuar uma presumida excelência da civilização latina e este foi também um dos fundamentos da crítica dos humanistas contra o "latim bárbaro" das escolas medievais.[112] É nesse momento de valorização da Antiguidade que textos clássicos de medicina foram resgatados em sua versão original e estudados com o objetivo de se conhecer a sua essência sem a "contaminação" do latim vulgar da Idade Média.

Ainda segundo Pomian, enquanto se dava o crescimento da prática do colecionismo descrita acima, também crescia o número de colecionadores de arte contemporânea e o de objetos exóticos vindos de regiões distantes da Europa. Não se deve esquecer que estamos falando da época dos grandes descobrimentos que não só aproximou regiões geograficamente distantes colocando à disposição as mercadorias, mas também culturas, fazendo circular toda uma produção intelectual.[113] É o momento da multiplicação dos gabinetes de curiosidades, nestes os objetos vindos de regiões distantes e pouco conhecidas ganhavam destaque, podemos supor que também as plantas, animais e minerais com uso medicinal vindos de regiões remotas recebiam significativa atenção. Não só por seu caráter exótico, mas também por suas utilidades.

O ato de colecionar esteve na maioria das vezes preso à noção de posse. Ter objetos passou a ser visto como demonstração de poder. Desse modo a coleção foi deixando seu lado utilitarista, trazendo à tona seu lado simbólico, expressando tanto um poder político, quanto econômico ou cultural. Para que o seu poder fosse reconhecido, o colecionador deveria exibir sua coleção a seus pares ou a estudiosos que se ocupassem com a sociedade da qual os objetos da coleção fizessem parte, se essa coleção fosse de artefatos artificiais. Ou se fossem constituídas por elementos da natureza que estes também estivessem ligados às investigações do pesquisador.

Para Pomian, a relação existente entre o dono da coleção e o homem culto que a estudava era semelhante ao relacionamento que havia entre o artista e o mecenas durante o Renascimento.[114] Não no sentido de que o colecionador pagasse pela pesquisa em sua coleção, mas no senso de poder. Vejamos porque: 1) a coleção só era aberta a um determinado pesquisador se seu proprietário consentisse; 2) a qualquer momento a

---

[112] Lorelay Brilhante KURY e Carlos Ziller CAMENIZKI, op. cit. p. 69.
[113] Krzystof. POMIAN. *Collectioneurs, amateurs et curieux*: Paris-Venise – XVIe – XVIIIe siècle. Paris: Gallimard, 1987, p. 35.
[114] Krzystof. POMIAN. Coleção, op. cit. p. 78.

pesquisa poderia ser interrompida por vontade do colecionador. De certa maneira o estudioso dava visibilidade à coleção, mostrando que ela tinha valor histórico, científico, artístico, ou seja, que ela não era apenas uma idiossincrasia de seu proprietário, ou um acúmulo de quinquilharias. Havia uma relação de interdependência entre o colecionador e o especialista que se dedicava ao estudo da coleção. O primeiro necessitava do segundo para tornar pública a importância de seu acervo, exibindo também seu poder e o segundo precisava do primeiro para promover suas pesquisas.

Como vimos, para Pomian, as coleções que, para os membros do meio intelectual e artístico, eram instrumento de trabalho e símbolos de pertença social, eram para os detentores do poder insígnias de sua superioridade e também instrumentos que lhes permitiam exercer uma dominação neste meio.[115]

Além de Pomian, há outros autores que se dedicam a pesquisar o colecionismo na Europa do século XVI ao XIX[116] para estes são considerados uma coleção todo e qualquer ajuntamento que tenha algum tipo de organização e esteja preocupado com a preservação seja do objeto propriamente dito seja da memória de uma sociedade.

Esses outros autores que estudam o colecionismo mostraram que a partir do século XVIII começou a haver uma especialização das coleções e com isso teve início o desaparecimento dos gabinetes de curiosidade, uma vez que eles abrigavam qualquer tipo de objeto. Em seu lugar começaram a ser criados os museus especializados. Museus de artes, de vestuário, de armas, de ciência. É dessa mesma época a proliferação de Jardins zoológicos (coleção de animais) e Jardins botânicos (coleções de plantas). Raquel Henriques da Silva diz que para Brigola:

> *"ao longo do século XVIII, no tempo iluminista em que o pensamento científico se constituía (e também a História, a História da Arte e a Estética), os gabinetes de curiosidade, privados e*

[115] K.rzystof POMIAN. Coleção, op. cit. p.79.

[116] Sobre o colecionismo europeu na época moderna e início da contemporânea além do clássico de Krzysztof POMIAN. *Collectioneurs, amateurs et curieux*, op. cit.. ver por exemplo: Lorelay Brilhante KURY e Carlos Ziller CAMENIZKI, op.cit. Oliver IMPEY e Arthur MACGREGOR (ed.). *The origins of museums*: the cabinet of curiosities in sixteenth and seventeenth century Europe. Oxford: Clarendon, 1986. J. Miguel MORÁN e Fernando CHECA. *El coleccionismo em España*: de la cámera de maravillas a la galería de pinturas. Madri: Catedra, 2001. Uma bibliografia bem completa sobre o colecionismo na época moderna pode ser encontrada em Giuseppe OLMI. "Théatres du monde, les collections européennes des XVIe et XVIIe siècles." In: R. SCHAER (org.). *Tous les savoirs du monde*: encyclopédie et bibliothèques, de Sumer au XXIe siècle. Paris: Bibliothéque nationale de France/Flammarion, 1996.

> *acumulados, vão cedendo lugar a instituições de sentido público que, com ambições didácticas, iniciam o estudo e inventariação das diversas coleções (…)".* [117]

Também Debora Meijers [118] a partir de final do século XVIII a moda dos gabinetes de curiosidades que contagiara a Europa nos séculos anteriores arrefeceu diante do progresso da especialização disciplinar, tanto nas ciências quanto nas Artes. É dentro dessa concepção de especialização dos ramos do conhecimento que devemos entender coleções de receitas que são o objeto de estudo deste trabalho.

Segundo Kury e Camenietsky, a separação das coleções por área de conhecimento sofreu forte influência do iluminismo, que tinha como uma de suas dimensões constitutivas a busca da utilidade, principalmente na ciência. [119] Já para Brigola de acordo com os valores renascentistas a maioria das coleções misturavam áreas de conhecimento, mas no iluminismo começaram a se especializar em uma única área de conhecimento.

Para Ana Luísa Janeira, a partir da Idade Moderna a atividade de colecionar renovou-se, adquiriu novos significados nas artes e nas ciências. Significados esses que ultrapassaram a justificação de classificação e modos de pensar e agir, para ganhar amplos públicos e, com isso, também o estatuto cultural e o poder. Segundo esta autora, abandonando o paradigma do ouvir/ler, de caráter medieval, o conhecimento moderno passou a valorizar o olhar/experimentar. E, nessa época, foram as ciências médicas e farmacêuticas que mais contribuíram para o novo modelo de leitura do universo. Buscando dar ao conjunto de indícios, ou sintomas, uma explicação lógica que levasse à identificação de uma doença, as artes de curar consagraram um novo padrão fundamentado no observar/experimentar. [120] Nesse momento a teoria dos humores começou a ser criticada de modo mais sistemático.

Segundo Janeira, este novo paradigma observar/experimentar/comparar exigiu a criação de novos instrumentos que viessem auxiliares os sentidos na decodificação de problemas. Para que o novo instrumental melhorasse a operacionalidade dos sentidos era

---

[117] Raquel Henriques da SILVA. Prefácio. In :José Carlos BRIGOLA *Coleções, Gabinetes e Museus em Portugal no século XVIII.* Lisboa : fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia. 2003, p. 6.

[118] Debora MEIJERS. "Le mussèe du XVIIIe siècle: l'apogée et le chant du cygne de l'encyclopédie." In; R. SCHAER (org.), op. cit.

[119] Lorelay Brilhante KURY e Carlos Ziller CAMENIZKI, op. cit. p 66.

[120] Ana Luísa JANEIRA. A configuração epistemológica do colecionismo moderno (séculos XV-XVIII). *Episteme*, Porto Alegre, n. 20, p. 25-36, jan./jun. 2005.

necessário que ele estivesse à mão de quem fosse utilizá-lo, permanecendo em uma bancada ou mesa de trabalho e não mais pendurado na parede ou trancado dentro de uma vitrine. Esse deslocamento espacial correspondia a um deslocamento epistemológico, com ele os gabinetes de curiosidade iam pouco a pouco desaparecendo e em seu lugar surgiam os gabinetes de história natural, as bibliotecas, as boticas, sendo cada um desses espaços responsável pela formação de coleções específicas e pelo estudo de um determinado ramo do conhecimento. [121]

Ainda para esta autora, estes espaços correspondiam não só a uma visão-do-mundo, a serviço do modo como a elite o reconstruía dentro das paredes de seus palácios ou instituições, como aquilo que entendia ser a matriz maior do conhecimento.

Vimos até aqui o contexto no qual surgiram as duas coleções de práticas de cura que serão descritas no próximo capítulo.

[121] Ana Luisa JANEIRA. A configuração epistemológica do colecionismo moderno (séculos XV-XVIII),op. cit. Ana Luiza JANEIRA. Gabinetes, boticas e bibliotecas. *Episteme*, Porto Alegre, n. 20, suplemento especial, p. 11-17, jan-jun. 2005.

Capítulo 2 - Coleções jesuíticas de práticas de cura

No capítulo anterior tratamos do contexto médico e científico no século XVIII, abordamos a prática do colecionismo como sendo uma atitude científica, um modo de organizar o conhecimento. Neste nosso objetivo é descrever e fazer o percurso histórico[122] das duas coleções de receitas médicas organizadas por jesuítas no século XVIII. Do nosso ponto de vista estas foram elaboradas com o intuito em comum, de preservarem fórmulas de medicamentos produzidos nas boticas da Companhia de Jesus, que, segundo os organizadores corriam o risco de desaparecem. Iniciaremos com a coleção *Árvore da Vida*, em seguida trataremos da *Collecção de várias receitas*…,

2.1 – Árvore da Vida (1720)

O primeiro manuscrito encontra-se depositado no *Wellcome Institute for the History of Medicine* e pertence à coleção *Western manuscripts*. Em 1930, Sir Henry Wellcome aumentou sua coleção sobre história da medicina com a compra deste documento na casa de leilão Sotheby. Com sua morte em 1936 a coleção passou a integrar a biblioteca do laboratório farmacêutico, que leva seu nome, fundado no final do século XIX. *A Wellcome Historical Medical Library*, que acabou acolhendo a coleção *Western manuscripts*, tem como objetivos: 1) fomentar pesquisas sobre a história da medicina; 2) promover a preservação da coleção iniciada por Sir Henry Wellcome; e 3) cuidar da ampliação desta. A biblioteca só passou a ser aberta ao público depois de 1949. A Western manuscripts contém por volta de oito mil documentos sobre o tema da história da medicina anterior ao século XX, escritos em 25 idiomas. [123]

---

[122] Utilizamos aqui o termo histórico com o mesmo sentido empregado por Vânia Carneiro de CARVALHO e Solange Ferraz de LIMA. Cultura material e coleção em um museu de história. In: Betânia Gonçalves FIGUEIREDO e Diana Gonçalves VIDAL (orgs.). *Museus*: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna. Belo Horizonte/Brasília: Argvmentum/Cnpq, 2005, p. 85, qual seja, levantar informações sobre o caminho percorrido pelo conjunto documental antes de sua integração ao acervo de uma instituição de guarda.

[123] Para ter um conhecimento mais aprofundado da história do Wellcome Institute for the History of Medicine ver: H. J. M. SYMONS. *The Wellcome Institute*: a short history. Londres: The Wellcome Trust, 1993.

Este corpus documental sobre o qual nos debruçamos foi organizado pelo padre Affonso da Costa da Companhia de Jesus da província de Goa, ficou pronto por volta do ano de 1720. Intitula-se *Árvore da vida dilatada em vistosos e salutíferos ramos ornados de muitas, aprasíveis e saudáveis folhas em que se deixam ver muitos e singulares remédios assim simples como compostos que a Arte, a experiência, a industria e a curiosidade descubrio para curar com facilidade quase todas as doenças, e queixas, a que o corpo humano esta sogeito principalmente em terras destituídas de Médicos e Boticas.*

A obra foi concedida dividida em duas partes, mas infelizmente possuímos apenas a primeira destas, porque faz parte do acervo do *Wellcome Institute.* Dá segunda parte não temos notícia de onde ela possa estar depositada, se quer sabemos se ainda existe. Sabemos de sua existência porque na primeira parte Affonso da Costa fez referência a ela: 1) no "*Ao Muito alto Poderoso e senhor D. João 5"; 2*) na "Advertencia necessaria" 3) no "*Indice Geral"*, no final da parte1, onde podemos conhecer quais doenças foram apresentadas na segunda parte e sua localização na obra.

A primeira parte da obra é um documento manuscrito, com 390 fólios não numerados. Este documento encontra-se em muito bom estado de conservação. A transcrição das receitas foi feita sempre pelo mesmo copista e quase não há rasuras. A transcrição deste exemplar que pesquisamos, em cópia digitalizada feita a partir de microfilme do original manuscrito. Provavelmente este manuscrito era considerado obra finalizada pelo organizador, pois em várias passagens encontramos a indicação da localização de outros medicamentos que poderiam servir para o tratamento da doença que estava sendo apresentada, por exemplo, no ramo 1 folha 9 que trata dos amargores da boca e seus remédios lê-se: "*quando não aproveite os remédios athe aqui escriptos, podem usar do que adiante apontarei para a cura da cólera, que não serão poucos no Ramo 3 desta primeira parte, folha 36"*.[124]

Affonso da Costa formou sua obra por meio de uma imagem alegórica. Organizando-a como se esta fosse uma árvore com dois troncos, estando em suas folhas as receitas dos medicamentos. Estas foram reunidas em ramos, cada ramo representa uma letra do alfabeto português. A primeira parte da obra é formada por cinco ramos representando as letras de "A" até "E". Na segunda parte estão os ramos das letras de "F" a "X".

[124] Affonso da COSTA (org.) tronco 1, parte 1, ramo 1, folha 9. *Árvore da vida...*

Figura 2- Frontispício da *Árvore da Vida* de Affonso da Costa. Acervo Wellcome Institute for History of Medicine, Londres.

A primeira parte da obra começa com o "*Indice dos Ramos e Folhas dessa Primeira Parte do Tronco Primeiro da Árvore da Vida, e do que nelles e nelas se contem.*" A seguir vem a "*Ao Muito Alto e Poderoso Senhor D. João 5. Rey de Portugal e dos*

Algarves", na sequencia aparece o "*Antiloquio ao Leitor*"; em seguida aparecem três advertências, a "*Advertencia 1 acerca dos pezos e medidas*"; a "*Advertencia 2 acerca de alguns remedios que as vezes se receitao ingenere, sem se especificarem de que julguei preciso fazer as seguintes declarações*"; e por último a "*Advertencia 3 acerca de outras couzas de que se fala nos Ramos e folhas dessa Arvore da Vida*".

Vejamos a seguir alguns exemplos de informações de cada uma das Advertências.

> *"Advertencia 1 - acerca dos pezos e medidas*
> *Como nessa obra se mandao tomar as quantidades por pezos e medidas vulgares e não vulgares de que muitos sem duvida não terão noticias para que por falta dessa não deixem de usar dos remedios, julguei necessário logo no principio fazer as seguintes declarações.*
> …
> *19. quando se manda tomar a quantidade de huma chavena por essa se entendem duas onças ou duas e meya".*[125]

> *"Advertencia 2 – acerca de alguns remedios que se receitao in genere sem se especificarem de que juguei preciso fazer as seguintes declarações*
> …
> *Quando se manda tomar tanto de sementes quentes mayores por essas se entendem as de cominhos, herva doce, alfazema e de funcho. "*[126]

> *"Advertencia 3 – Acerca de outras couzas de que se fala nos Ramos e Folhas desta Árvore da Vida*
> …
> *o vinagre scillitico, ou squillitico faz se da maneira seguinte. Tomem bastante cebollas albarrany, quando tiverem as folhas quase secas, tirem lhes as cascas de fora que não servem e das de dentro e do meyo se enfiem em boa quantidade por huma linha grossa, com huma agulha de pão*

[125] Affonso da COSTA (org.). Advertencia 1. *Árvore da vida…*
[126] Affonso da COSTA (org.) Advertencia 2. *Árvore da Vida…*

> *metendo entre casca e casca hum pedaço de papel para que huns não se toquem aos outros e assim enfiados se ponhão ao sol athe que se sequem; e tanto que estiverem secos delles se tomeo pezo de huma libra, e cortandose em miúdos pedacinhos com huma faca de marfim ou de pão se metão em um frasco de vidro e selhe lancem em cima oito libras de bom vinagre do reino branco e se traga ao sol quarenta dias, os quais passados se coe e guarde para uso".*[127]

Logo após as Advertencias são apresentados os ramos com suas respectivas folhas onde encontramos as descrições das doenças e as receitas dos medicamentos. Depois da derradeira receita do ramo 5 desponta a "*Advertencia Necessaria*", finalizando a primeira parte da obra, aí podemos ler o objetivo que moveu Affonso da Costa a organizar a coletânea de receitas,

> *"Para que em huma so Arvore se achassem remédios para todas as doenças, o meu particular empenho foi buscar sementes medicinais e todas as quatro partes do mundo, de cuja virtude unidas em hum so corpo a custa do trabalho, desvelo e rego de suores de mais de trinta anos sahisse essa Arvore da Vida (…). Se difunde para todo o universo, possa conservarse sempre vistoza, sempre florente e sempre profícua, para utilidade de todos os vassalos de D. Magestade em todo o Reyno e suas conquistas, ou aomenos nesse Oriente tao destituído de Medicos, de Boticas e de remédios, motivo único que me moveo a tomar sobre mim o trabalho de crear, e cultivar com tanto desvelo essa nova*

[127] Affonso da COSTA (org.). Advertencia 3. *Árvore da vida* ....

> *Arvore que so a D. Magestde deve ser oferecida, porque so D. Magestade merece que lhe seja consagrada".*[128]

Ainda no mesmo item também tomamos conhecimento sobre as ressalvas que o autor fez sobre si próprio, um religioso, dedicar-se à matéria medica. Justificou-se dizendo que quando havia falta de médicos os membros da Igreja Católica ficavam dispensados do impedimento criado pela religião para fazer esse atendimento.

Voltemos à apresentação dos ramos. A primeira parte da obra formada pelos cinco ramos, correspondendo da letra "A" até a letra "E", onde as letras de "A" a "E" correspondem à primeira letra dos nomes das doenças. Esta possui ao todo são 211 folhas, cada uma apresenta vários remédios para tratar uma doença ou o sintoma de uma doença. Vejamos quantas folhas há em cada um dos ramos: Ramo 1 "*Dos males e seos remedios que se contem debaixo da letra A",* 55 folha; Ramo2 "*Dos males e seos remedios que se contem debaixo da letra* B", 33 folhas; Ramo 3 "*Dos males e seos remedios que se contem debaixo da letra C",* 73 folhas; Ramos 4 *"Dos male e seos remedios que se contem debaixo da letra D",* 22 folhas; Ramo 5 "*Dos males e seos remedios que se contem debaixo da letra E",* 28 folhas. Os ramos não possuem o mesmo número de folhas. Cada folha apresenta vários medicamentos, não ocorrendo tampouco aí um número igual para cada uma.

Quanto à apresentação das folhas, ou seja, dos males e seus respectivos remédios, temos na grande maioria a exposição da doença descrevendo seus sintomas e, em alguns casos, seus aspectos físicos (textura, odor, cor, tamanho, etc.), terminada a sua descrição passa-se as apresentação das receitas dos medicamentos. Para cada uma há a indicação dos ingredientes, modo de preparo e posologia, porém não ocorre uma única maneira de apresentação das fórmulas. Quanto à indicação de pesos e medidas não é sempre que o autor utiliza o padrão da libra medicinal; em várias receitas encontram-se medidas vulgares, como uma mão, um pouco, etc., em outras não ocorre a indicação de medida. Veja-se, por exemplo:

> *"Dos Cavallos e seos remédios*

[128] Affonso da COSTA (org.) Ao Muito Alto e Poderoso Senhor D. Joao 5… *Arvore da vida…*

> *... Tomem* ***huma onça*** *de verdete,* ***três libras*** *de agoa commum...* ***hum pouco*** *de Mercúrio precipitado, ou doce."*[129]
>
> *" Das Almorreimas e seos remédios*
>
> *(...) t****omem capuchos ou casulos*** *de algodão verde, ainda fechados e facão delles cozimento... Tome azeite de Portugal* ***meyo quartilho****, de flor de sabugueiro* ***duas ou três mãos cheas****, dos gomos de sabugueiro tenros* ***huma mão chea****, da herva sempreviva mayor* ***huma mão chea****, de herva sempreviva menor* ***huma mão chea****, de manteiga fresca* ***oito onças,*** *cozer tudo em agoa. "*[130]

Na primeira e terceira receitas ocorreu uma mistura nos padrões de medida. Para alguns ingredientes houve rigor com os pesos e medidas - "uma libra", "oito onças" -, já para outros as medidas não foram precisas – "um pouco", "duas ou três mãos cheias". Na segunda não temos a indicação de quantos casulos devem ser usados, nem em quanto de água devem ser cozidos.

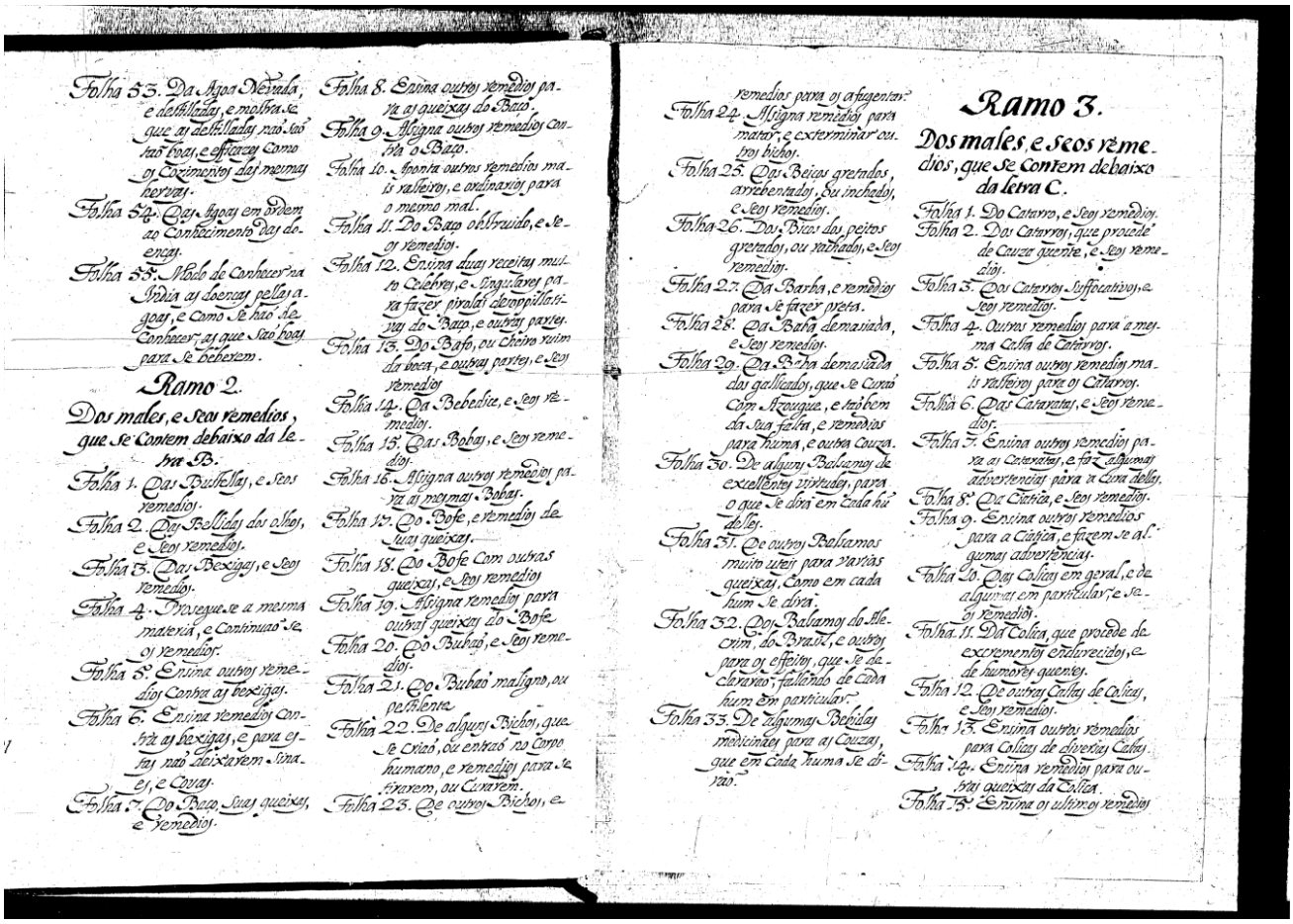
Além dos medicamentos indicados para cada doença há também a prescrição de outras práticas de cura. Vejamos o que foi indicado para o tratamento de almorreimas: [131] "*quem tiver Almorreimas e quizer sarar dellas, traga no dedo meminho hum anel do dente de Abada por outro nome unicorne*".[132] Podemos notar que a obra propunha a cura de doenças por meio de remédios e de amuletos. Como na obra aparecem esses dois tipos de

---

[129] Affonso da COSTA. (org.). tronco 1, parte 1, ramo 3, folha 45. (grifo nosso). *Árvore da vida...*
[130] Affonso da COSTA. (org.) Tronco 1, parte 1, ramo 1, folha 1. (grifos nossos). *Árvore da vida ....*
[131] Segundo Bluteau "Almorreimas: Tumores nas extremidades das veas que estaõ ao redor do cesso, cheas de sangue melancolico, as exteriores apparecem da parte de fora & são as cabeças que nascem da vea Cava, as internas são ramos da vea Porta, & se terminaõ no fim do intestino reto, pella parte interior. Hemorrhoides". Raphael Bluteau. Vocabulário português e latino. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1724. P. 275.
[132] Affonso da COSTA (org.). Tronco 1. parte 1, ramo 1, folha 1. *Arvore da vida ....*

práticas de cura, somos levados crer que o autor considerava válido o uso das duas formas terapêuticas, sua preocupação era tratar do doente.

Passemos agora à organização da obra, uma questão que merece ser discutida é o uso de diferentes classificações na obra: a alfabética, na primeira parte e a temática, na segunda.



Folha 33. Da Agoa Destilada, e destilladas, e mostra se que as destilladas não são tão boas, e efficazes como os Cozimentos das mesmas hervas.
Folha 34. Das Agoas em ordem ao Conhecimento das doenças.
Folha 35. Modo de Conhecer na India as doenças pelas agoas, e Como se hão de Conhecer as que são boas para se beberem.

Ramo 2.
Dos males, e seos remedios, que se contem debaixo da letra B.

Folha 1. Das Bullellas, e seos remedios.
Folha 2. Das Bellidas dos olhos, e seos remedios.
Folha 3. Das Bexigas, e seos remedios.
Folha 4. Prosegue se a mesma materia, e Continuão se os remedios.
Folha 5. Ensina outros remedios Contra as bexigas.
Folha 6. Ensina remedios Contra as bexigas, e para os fazer não deixarem sinaes, e Covas.
Folha 7. Do Baço, Suas queixas, e remedios.
Folha 8. Ensina outros remedios para as queixas do Baço.
Folha 9. Assigna outros remedios Contra o Baço.
Folha 10. Aponta outros remedios mais valliosos, e ordinarios para o mesmo mal.
Folha 11. Do Baço obstruido, e seos remedios.
Folha 12. Ensina duas receitas muito Celebres, e Singulares para fazer piralis desoppilativas do Baço, e outras partes.
Folha 13. Do Bafo, ou Cheiro ruim da boca, e outras partes, e seos remedios
Folha 14. Da Bebedice, e seos remedios.
Folha 15. Das Bobas, e seos remedios.
Folha 16. Assigna outros remedios para as mesmas Bobas.
Folha 17. Do Bofe, e remedios de suas queixas.
Folha 18. Do Bofe Com outras queixas, e seos remedios
Folha 19. Assigna remedios para outras queixas do Bofe
Folha 20. Do Buhaõ, e seos remedios.
Folha 21. Do Buhaõ maligno, ou pestilente.
Folha 22. De alguns Bichos, que se criaõ, ou entraõ no Corpo humano, e remedios para se tirarem, ou Curarem.
Folha 23. De outros Bichos, e remedios para os afugentar.
Folha 24. Assigna remedios para matar, e exterminar outros bichos.
Folha 25. Das Beicas gretados, arrebentados, ou inchados, e seos remedios.
Folha 26. Dos Bicos dos peitos gretados, ou rachados, e seos remedios.
Folha 27. Da Barba, e remedios para se fazer preta.
Folha 28. Da Baba demasiada, e seos remedios.
Folha 29. Da Barba demasiada dos gallicados, que se Corta Com Arroquie, e tambem da sua falta, e remedios para huma, e outra Cauza.
Folha 30. De alguns Balsamos de excellentes virtudes, para o que se dirá em Cada hũ delles.
Folha 31. De outros Balsamos muito uteis para varias queixas, Como em cada hum se dirá.
Folha 32. Dos Balsamos do Mecrim, do Brasil, e outros para os effeitos, que se declararão, fallando de Cada hum em particular.
Folha 33. De algumas Bebidas medicinaes para as Cauzas, que em Cada huma se dirão.

Ramo 3.
Dos males, e seos remedios, que se contem debaixo da letra C.

Folha 1. Do Catarro, e seos remedios.
Folha 2. Dos Catarros, que procedẽ de Cauza quente, e seos remedios.
Folha 3. Dos Catarros Suffocativos, e seos remedios.
Folha 4. Outros remedios para a mesma Cassa de Catarros.
Folha 5. Ensina outros remedios mais valiosos para os Catarros.
Folha 6. Das Catarratas, e seos remedios.
Folha 7. Ensina outros remedios para as Catarratas, e faz algumas advertencias para a Cura delles.
Folha 8. Da Ciatica, e seos remedios.
Folha 9. Ensina outros remedios para a Ciatica, e fazem se algumas advertencias.
Folha 10. Das Colicas em geral, e de algumas em particular, e seos remedios.
Folha 11. Da Colica, que procede de excrementos endurecidos, e de humores quentes.
Folha 12. De outras Cassas de Colicas, e seos remedios.
Folha 13. Ensina outros remedios para Colicas de diversas Cassas.
Folha 14. Ensina remedios para outras queixas da Colica.
Folha 15. Ensina os ultimos remedios

Figura 3 Indice dos ramos e folhas dessa Primeira Parte do Tronco Primeiro da Arvore da Vida e do que nelles e nellas se contem. Wellcome Institute for the history of Medicine, Londres.

Como já dissemos antes os ramos da *Árvore da Vida* foram organizados alfabeticamente, porém as folhas não seguem essa ordem. Repare-se na Figura 3 no Ramo 2 na folha 3 temos *Das Bexigas e seos remedios*; na folha 7 encontramos *Do Baço suas queixas e remedios*; na folha 14 lemos *Da Bebedice e seos remedios*.

O índice, assim como a primeira parte da obra foi organizado segundo a ordem alfabética por nome de doença e por ele ficamos sabendo que não há entradas para as letras: “j, k, w, y” e “z”. As doenças e alguns medicamentos que começam ou com a letra “u” e com a “v” encontram-se registrados juntos. No texto “*Advertencia Necessaria*”,

Affonso da Costa escreveu que na parte primeira fez referência a remédios e doenças presentes na segunda parte, ressalvou que estes não estavam a ordem da primeira, ou seja, em ordem alfabética. Ainda segundo o autor, o leitor só deveria recorrer ao *"Indice Geral"* para saber se na segunda parte estavam citadas as doenças que buscava, pois os lugares indicados não tinham mais utilidade por causa da nova ordem que ele passou a utilizar. Ao final da transcrição das receitas da primeira parte, na *"Advertencia necessaria"* podemos ler:

> *"Nesta parte me remeto algumas vezes a segunda deste primeyro Tronco; porque ainda me não tinha determinado a transcrevelo pella forma que agora tem. Como porém o transcrevi com nova ordem e acrescentamentos, ja as remessas a elle não podem servir".* [133]

Interessante notar que Affonso da Costa optou pela sistematização da obra pela ordem alfabética depois de ter copiado, senão todas pelo menos grande parte das receitas que compõem a obra. Acreditamos que tal modificação ocorreu porque a constituição do conhecimento pela ordem alfabética nesse momento ainda disputava espaço com a estruturação tradicional do conhecimento, ou seja, a temática. Peter Burke[134] coloca que a ordem alfabética surgira no século XI, em uma enciclopédia bizantina conhecida como *Suida*. Afirma que durante o século XIII o cistercianos utilizaram índices com esta organização. Relata ainda que no século XVI, Erasmo ordenou sua coleção de provérbios os *Adagias* seguindo este mesmo princípio e que, nesse mesmo século a biblioteca da abadia de Saint-Victor, em Paris, catalogara seu acervo alfabeticamente. Escreve que o *Índex* católico dos livros proibidos utilizava esta mesma ordem.

Alguns museus também se valeram da ordem alfabética segundo Burke: *"a coleção reunida pela família Farnese em sua grande casa em Caprarola era guardada em gavetas ordenadas de A a N"*.[135] O mesmo autor segue dando outros exemplos de obras e instituições que adotaram o sistema alfabético, afirmando que a utilização da ordem

---

[133] Affonso da COSTA (org.) *Árvore da vida* .... Advertencia necessaria.
[134] Peter BURKE.*Uma história social do conhecimento*: de Gutenberg a Diderot. p. 165-167.
[135] Ibidem. p.165.

alfabética foi ganhando mais adeptos durante o século XVII, contudo seu emprego era ainda bastante incomum em fins do século, a ponto de levar autores e organizadores de obras a justificarem o uso desta forma de organização do conhecimento.[136]

Para Burke, a utilização da ordem alfabética substituiu a organização do conhecimento por assunto com morosidade. Sem falar em casos de uma obra ter uma primeira edição preparada por ordem alfabética e uma publicação posterior organizada por assunto como foi o caso da já citada obra de Erasmo que em 1500 foi publicada em ordem alfabética e em 1596 teve sua reedição organizada por tópicos.

No século XVIII, no Discours préliminaire de l´encyclopédie D´Alembert disse que havia fundamentalmente dois modelos para se arranjar as informações em uma enciclopédia: 1) o conceito enciclopédico, ou seja, a organização temática, a clássica árvore do conhecimento; 2) a regra do dicionário, ou seja, a ordem alfabética dos temas.

Figura 4 Árvore do conhecimento, página de rosto de *Arbor scientiae* **de R. Lúlio (1515 reed. 1635).**

Acreditamos que a mudança que houve na organização da *Árvore da Vida* tenha sido provocada pela disputa entre os dois paradigmas de organização do conhecimento o

[136] Ibidem p. 166.

por assunto e o alfabético. Affonso da Costa provavelmente estava dividido entre estes dois modelos, assim, ele organizou sua obra a princípio seguindo o preceito da sistematização por assunto, depois mudou para a ordem alfabética utilizada na copia da primeira parte. Se compararmos as figuras 1 e 2 veremos a semelhança que há entre as duas, na primeira que está na *Árvore da vida* houve uma tentativa de representar não só a concepção da obra dividida em dois troncos quanto uma investida para mostrar que as informações contidas na obra relacionavam-se entre si apesar da organização alfabética. A ordem alfabética permite que o leitor atinja o objetivo de sua consulta de um modo mais rápido, mas compartimentado, ou seja, ele perde a visão de conjunto do que pesquisou com relação ao tema no qual seu objeto de investigação está inserido. Mais adiante voltaremos a tratar deste aspecto da divisão da informação.

Voltemos à apresentação da *Árvore da vida….* Affonso da Costa disse que gastou mais ou menos 32 anos para terminar esse livro: "(...) Por minha conta só tem corrido o recopilar remédios para os males que outros conhecerem, e nisso tenho gastado trinta e dois, ou mais anos (...)".[137]⋯. O tempo utilizado para a produção da obra foimuito longo levando-nos a pensar que o organizador da coleção tinha outras obrigações na província da Goa além de se dedicar à elaboração desta obra. Não pudemos apurar quais as obrigações deste padre na província. Sabemos apenas que ele tinha a preocupação de preservar e fazer circular práticas de cura e as receitas aviadas na botica do colégio de Goa.

Affonso da Costa afirma no "*Antiloquio ao Leitor*" que escreveu outros livros que tratavam das questões morais e de evangelização. Em 1716 publicou *Método de bem viver: itinerário christiano*. Aliás, o padre afirma nessa mesma parte da obra que ele teria deixado de lado estas obras que poderiam lhe render algum crédito para fazer o recolhimento de práticas terapêuticas por julgar que esta coleção seria de grande ajuda nas regiões onde não havia ou havia poucos médicos e boticários: "*A esse trabalho me moveo somente a charidade, vendo nas Missoens e fora dellas em terras de infiéis, e de catholicos padecer a tantos sem se saberem remédios com que se lhes podessem acudir*".[138] O organizador da obra pretendia que esta circulasse e ajudasse no restabelecimento da saúde de pessoas que viviam nas diversas regiões do Império português.

Ainda no "*Antiloquio ao leitor*" Affonso da Costa informou que os remédios foram copiados de diversas obras, tanto de exemplares impressos quanto manuscritos e que as

[137] Affonso da COSTA (org.). Antiloquio ao Leitor. *Árvore da vida* ....
[138] Affonso da COSTA (org.) Antiloquio ao Leitor. *Árvore da vida* ....

receitas de medicamentos nela colocadas eram aprovadas em diversos reinos, terras e regiões de todas as quatro partes do mundo. Ou seja, ele copiou tanto receitas conhecidas da medicina europeia quanto de outras regiões. Em comum estas receitas tinham o prestígio das populações que as consumiam. Por exemplo, encontra-se na coletânea a receita da Agoa Cordial, apesar de não haver referência da fonte de onde foi retirada, comparamos a fórmula presente na obra de Curvo Semedo [139] com a existente na *Árvore de vida*... e constatamos que é a mesma fórmula.

As obras de Curvo Semedo eram conhecidas dos europeus. Segundo Serafim Leite havia um exemplar de três obras desse famoso médico na biblioteca da Casa da Vigia, no Pará, conforme se pode ver na relação dos bens confiscados da Companhia de Jesus em 1760.[140] Ainda segundo Leite, se havia essas obras na Casa da Vigia era provável que também houvesse nas bibliotecas dos demais Colégios e Boticas, pois a biblioteca da Vigia tinha menor importância.[141] Somos levados a concordar com essa afirmação de Serafim Leite, pois, como foi dito acima, as receitas de Água Cordial encontradas nas duas obras são idênticas. Logo inferimos que Affonso da Costa teve acesso à obra de Curvo Semedo em Goa, não só porque ele avisa que muitas das receitas foram copiadas de livros conhecidos, mas também porque seria pouco provável que ele soubesse de cor esta fórmula com todos os ingredientes e as suas respectivas medidas.

Como já dissemos coleção está organizada por nome de doença segundo a ordem alfabética, facilitando assim a consulta. Para cada enfermidade há várias medicações. O doente ou quem quer que fosse tratá-lo deveria analisar os sintomas apresentados descobrindo desse modo o mal que aquele corpo estava acometido. Depois deveria consultar a obra e escolheria qual o medicamento mais apropriado para aquele caso, administrando-o conforme as recomendações contidas na receita.

Para finalizar a apresentação da *Árvore da Vida…* devemos ressaltar que está obra até onde sabemos não foi impressa apesar deste ser o desejo de seu organizador. No "Antiloquio ao Leitor", Affonso da Costa afirma que em sua opinião esta coleção seria de grande ajuda no tratamento das doenças corporais, por isso ele pedia a sua publicação. O livro foi escrito em português e por esse motivo o organizador achava que se ele fosse impresso poderia circular por todas as regiões onde esse idioma fosse utilizado. Além da

---

[139] Curvo SEMEDO. *Polyanthea medicinal*. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galran, 1727, p. 844.
[140] Serafim LEITE. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. op. cit., t. IV, p. 160. As obras de Curvo Semedo constantes no catálogo da Livraria da Casa da Vigia eram: *Observações, Atalaia e Polyanthea.*
[141] Serafim LEITE. *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil* (1549-1760). Lisboa: Brotéria, 1953, p. 93.

impressão de sua obra, ele sugeria também que a traduzisse para outros idiomas, visto que não haveria pessoa alfabetizada que não a quisesse comprar para dela se servir. Sendo assim traria lucro à pessoa que se dispusesse a custear sua impressão:

> *"Prouver a Deos que houvesse algum curioso, que movido do zelo e charidade tomasse a sua conta traduzir essa obra na lingoa dos Mouros e Gentios dessa Ásia; porque sem duvida seria grande a utilidade que disso se seguiria e se chegasse a ampar-se nos mesmos idiomas em que se vertesse, seria incomparavel o lucro porque não haveria Mouro, nem gentio que soubesse ler que não quizesse comprar por todo o preço, e me persuado por muitos e bons fundamentos que ainda entre Catholicos, Europeus e Asiáticos desse Estado escassamente achara caza que não compre essa obra depois de impressa. E athe em Europa e América aonde se pratica o idioma português, cuido eu que os curiosos principalmente em terras destituídas de Médicos, Cirurgioens e Boticarios a quererão ter consigo (...)".* [142]

[142] Affonso da COSTA (org.). Antiloquio ao leitor. *Árvore da vida...*

2.2. Collecção de várias receitas (1766)

A segunda coleção pesquisada encontra-se depositada no Arquivo Geral da Companhia de Jesus, em Roma, no fundo Opera Nostrorum. O documento que estudaremos é um manuscrito de 688 páginas numeradas, intitulado: *Collecção de varias receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa companhia de Portugal, da Índia, de Macau, e do Brazil compostas, e experimentadas pelos melhores médicos, e boticarios mais celebres que tem havido nessas partes. Aumentada com alguns índices, e noticias muito curiozas, e necessárias para a boa direção, e acerto contra as enfermidades.* Tem como local de imprensa Roma e viria a público no ano de 1766, possuindo todas as licenças necessárias para a sua publicação, todavia esta não ocorreu. Assim como a outra obra também está organizada por ordem alfabética, porém nela a entrada se dá de acordo com o nome do medicamento. É dedicada ao Coração Santíssimo de Jesus. Até o momento ainda não é conhecido o nome do organizador da coleção, segundo Serafim Leite este teria sido alguém da assistência de Portugal e passara pelas diversas missões ultramarinas, inclusive o Brasil [143] Concordamos que o autor ou organizador da coleção teria sido alguém que pertencia à assistência de Portugal, não só porque o texto está escrito em português, mas principalmente porque não cita boticas de fora do Império colonial português. Com exceção de duas receitas que são indicadas como sendo do colégio romano.

No entanto, não concordamos com a afirmação de Serafim Leite [144] que o autor ou organizador da coleção de receitas tenha passado pelas várias boticas dos colégios jesuíticos pertencentes ao Império lusitano. Não há nada na obra que indique tal fato. Porém partindo da informação de que as cartas circulavam pela Ordem somos levados a crer que quem organizou a coleção tomou conhecimento do valor das receitas aviadas nas boticas jesuíticas das colônias portuguesas por meio destas. [145] Sabemos, por exemplo, que

---

[143] Serafim LEITE, *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil* (1549-1760), op. cit, p. 87. Serafim. Leite não diz como chegou a tal conclusão

[144] Serafim LEITE, *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil* (1549-1760). Lisboa/ Rio de Janeiro: Brotéria/Livros de Portugal, 1953. p. 87

[145] Fernando TORRES-LONDOÑO. Escrevendo cartas. Jesuítas, escrita e missão no século XVII. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Humanitas, v. 22, n. 43, p. 11-32, 2002. José Carlos Sebe Bom MEIHY. *A PRESENÇA NO Brasil da Companhia de Jesus – 1549- 1649.* São Paulo. Tese de doutorado apresentada ao departamento de história da Universidade de São Paulo, 1975.

Anchieta escreveu várias cartas a seu superior descrevendo receitas de medicamentos que ele havia aprendido com os índios que estava catequizando na América Portuguesa.[146]

Do ponto de vista da apresentação e organização das receitas, esta segunda coleção é mais sistematizada do que a *Árvore da vida...*, pois obedece sempre à mesma configuração qual seja: nome do remédio, nome do Colégio a cuja botica pertencia (quando constava) e ou de seu autor quando era conhecido; discriminação dos ingredientes com suas respectivas medidas, tendo por base a libra medicinal de 12 onças.[147] Depois se encontra o modo de preparo, seguindo cada passo, em seguida a indicação dos males para que serve o medicamento e por fim a posologia.

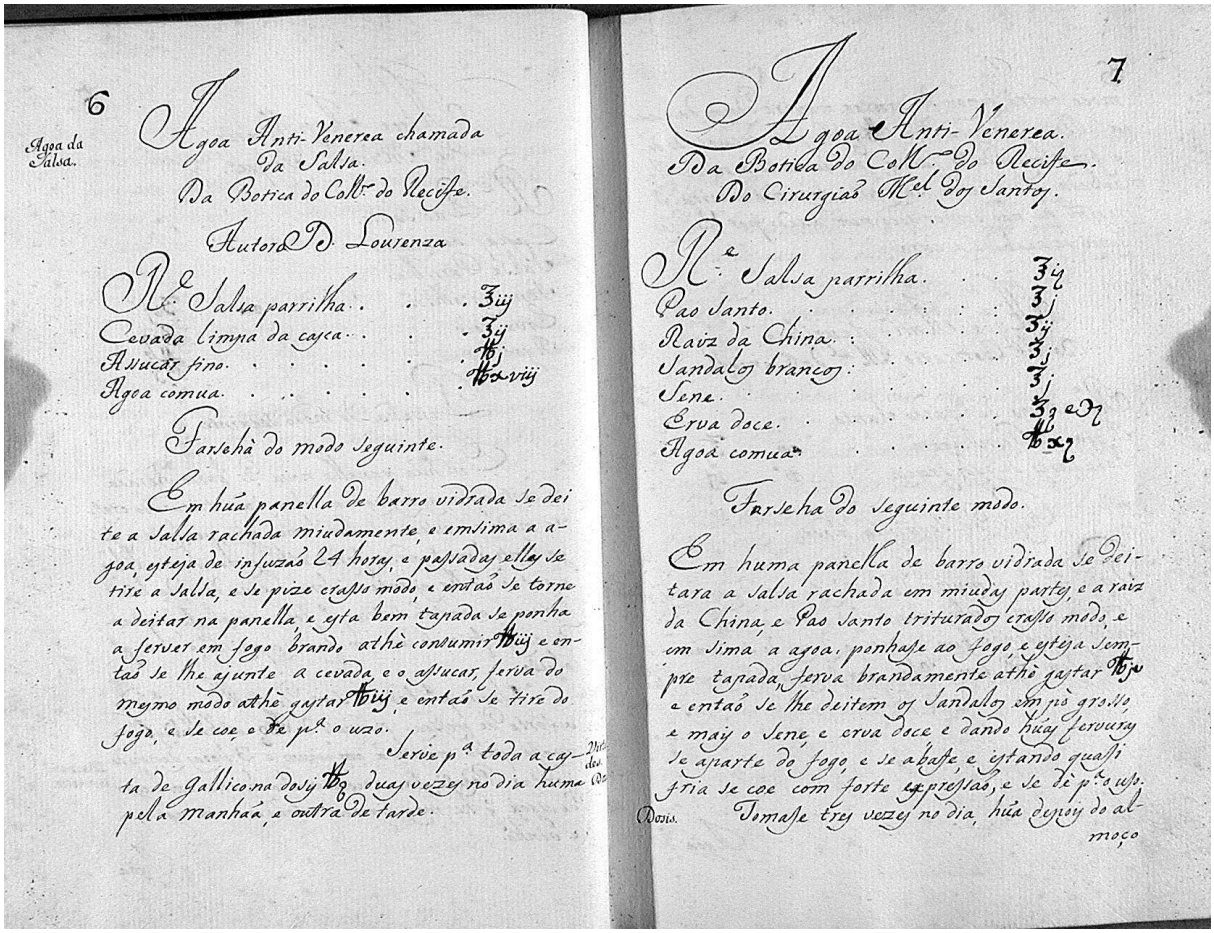


Figura 5 Collecção de várias receitas… p. 6 e 7. Imagem retirada da cópia digitalizada do documento. Acervo ARSI.

[146] Ver Serafim LEITE. Os jesuítas no Brasil e a Medicina. *Separata da Revista Petrus Nonius*. Lisboa, 1936.
[147] *"A libra comum ou civil, por outro nome arratel, q. he vulgarmente se uza em todo este Reino e suas conquistas conta de 16 onças pela qual compram e vendem não só todos os tratos mercantis mas taobem os pharmaceuticos aos simples e ainda os mesmos compostos, mas quando he para manipulação de algum composto sempre e sem nenhma duvida a libra medicial hade ser de doze onças a quem chamamos Libra Medicinal"*. Descrição dos Pezos e Medidas.*Collecção de varia receitas…* p. 551.

Em alguns casos há a indicação do regime alimentar que deveria ser obedecido ao se prescrever o remédio. Por exemplo:

> *"Agoa Anti-Venerea.*
> *Da Botica do Col. do Recife.*
> *Do Cirurgião Mel. dos Santos.*
> …
> *O regime he não comer doce nem azedo por 15*
> *dias depois de acabada a cura".*[148]

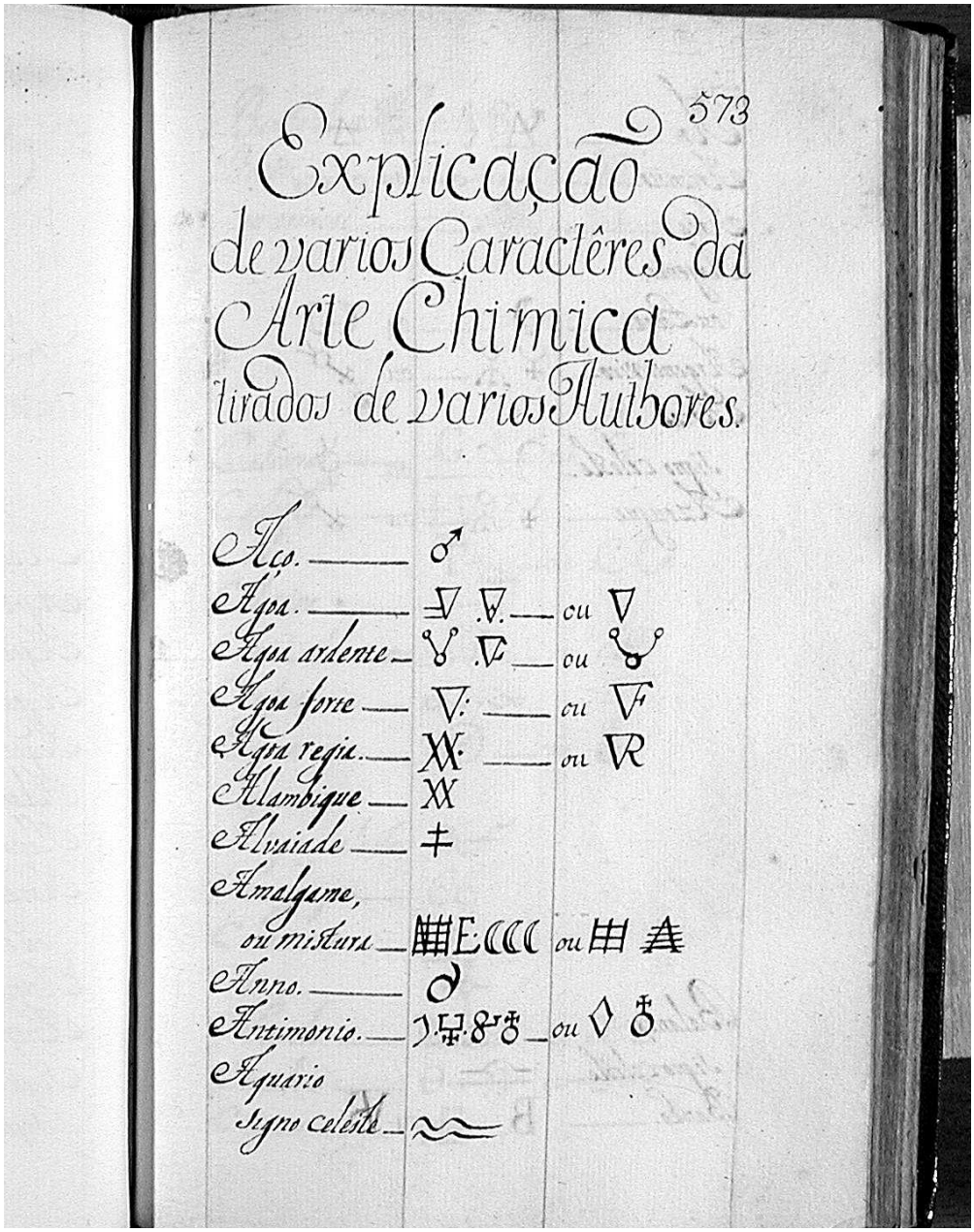
Esta coleção, assim como a anteriormente vista, possui receitas de médicos e boticários famosos, [149] cujas fórmulas eram aviadas em todas as boticas e medicamentos secretos privativos das boticas dos Colégios jesuíticos como é o caso da famosa Triaga brasílica, criação de um boticário do Colégio da Bahia. Utilizada para a cura de várias doenças, e conhecida pela rapidez com que agia, sua fórmula era mantida a sete chaves pelo boticário do colégio baiano.

Constam na *Collecção de varias receitas...* quinze fórmulas de Curvo Semedo retiradas de suas obras *Polianteia* e da *Atalaia da Vida,* citadas com as respectivas páginas (Agoa Cordial, Agoa Cordial Bosoartica, Agoa Antiasmica, Agoa Anti hidrópica, Agoa Antipleuristica ,Agoa contra-vermes, Cataplasma contra Esquinomia, Olio exprexo de Bolotas, Talhadas para sangue pella boca, Trocisco de estancar sangue, Vinho dioretico, Xarope de Espinheiro), cinco de Jacó de Castro Sarmento (Limonea, Panacea Mercurial. Pillulas Anti-asmaticas, Pilolas desobstruentes, Tintura para sangue pela boca), duas de Carlos Mussitano (Balsamo Catholico, Agoa Perlarum); e uma dos seguintes autores: , João Schorderio(Tintura odontálgica)e Manuel dos Santos (Vinho febrefugo). Junto com estas encontramos outras das boticas dos colégios situados nos domínios do Império português: do colégio de Macau temos 27 remédios; de Évora, seis; de Lisboa, nove, sendo seis do colégio de Santo Antão e três de São Roque; de Goa, duas. Da América Portuguesa encontramos 62 medicamentos, sendo: 38 do Colégio da Bahia; sete do Recife; dois do Rio de Janeiro. Sem a indicação da botica, mas com o nome de jesuítas pertencentes a esta região temos: do irmão boticário André da Costa, dois; do irmão boticário Manuel Dinis, dois; do irmão boticário Francisco da Silva, onze. Há, ainda, receita do Colégio de Roma.

---

[148] *Collecção de varias receitas…* p.7-8
[149] Ver figura 6. Receita de Curvo com a indicação da obra de onde a receita foi copiada.

Segundo nosso levantamento há 260 receitas nesta coleção; com indicação de botica ou boticário existem 131, as outras 129 não trazem indicados nem o nome de seu inventor nem da botica que possuía o seu segredo. A *Collecção de varias receitas...* também possui índice dos medicamentos ao final do volume, descrição de pesos e medidas, [150] lista com símbolos químicos, uma ilustração do corpo humano ensinando a técnica da flebotomia.


573

Explicação de varios Caractêres da Arte Chimica tirados de varios Autores.

Aço. ——— ♂
Agua. ——— ▽ ▽. — ou ▽
Agua ardente — ♈ ▽ — ou ♈
Agua forte — ▽: ——— ou ▽F
Agua regia. — XX: ——— ou ℞
Alambique — XX
Alvaiade — ‡
Amalgame, ou mistura — ⊞E:CCC ou ⊞ ⊞
Anno. ——— ♁
Antimonio. — ♃ ⊞ ♂ ♁ — ou ◊ ♁
Aquario Signo celeste — ♒

Figura 6 Collecção de várias receitas p. 573. Imagem retirada da cópia digitalizada do documento. Acervo ARSI.

[150] Ver anexo 2

Acreditamos que a presença desta *Explicação de vários caracteres da Arte Chimica* indica que os jesuítas estavam a par das práticas realizadas pelos químicos e não eram refratários a esses conhecimentos.

Há também como na coleção anteriormente vista uma lista explicando o que é ou como se faz determinado medicamento que consta nos ingredientes de algumas fórmulas.[151] Estes medicamentos constam como ingredientes de várias receitas ao invés de colocar o seu modo de preparo em cada receita onde aparece seu uso, o organizador optou por colocar na receita apenas o nome do medicamento ou do produto. Em uma lista a parte ensina como se produz tal medicamento ou o que é um determinado ingrediente, como é o caso da *água lactis* que é o soro do leite destilado ou a *casca peruviana, casca americana* que é a quina. [152] Encontramos ainda ao final da obra antes do índice um rol contendo informações importantes para a manipulação das receitas.[153] Em algumas fórmulas encontramos entre os ingredientes a indicação de um determinado remédio sem lhe atribuir um nome específico, por exemplo, purgante. Quem produzia a receita podia colocar qualquer purgante, assim, no final do volume há uma lista citando quais produtos eram considerados purgantes, quais alterantes etc. [154]

Para alguns remédios havia a indicação da dose sugerida no "*Index em que pela ordem alfabética se mostrao as dosis dos mais comuns remédios que se aplicam no uso interno tanto simples como compostos*"[155], por exemplo, bálsamo apoplético pode-se consumir de um escrópulo até cinco escrópulos diários.[156]

Para algumas receitas de medicamento o organizador deixa um comentário a respeito da sua eficácia, por exemplo, "*Pozes contra asma optimo, tintura odontologica para dor de dente optima*".[157] Tais observações levam-nos a crer que a maior parte das pessoas que consumiram esses remédios tiveram os incômodos atenuados. Essa informação da eficácia do medicamento circulou de algum modo, fazendo com que o

---

[151] Ver anexo 3
[152] *Collecão de varias receitas* ... . Memória muito útil de varias noticias e advertências. p. 507. e 509 respectivamente.
[153] Ver anexo 4
[154] Para conhecer a lista ver anexo 5.
[155] *Collecção de varias receitas* ..., Index em que pela ordem alfabética se mostrao as dosis dos mais comuns remédios que se aplicam no uso interno tanto simples como compostos. p. 589.
[156] Ibidem p. 589. "o escropolo he terça parte de huã oitava, tem vinte e quatro grãos" Ibidem p. 553.
[157] As indicações dos medicamentos estão respectivamente nas páginas 306 e 430 da *Collecção de varias receitas* ....

remédio passasse a ser considerado ótimo. O que mostra que, muitas das receitas constantes na obra foram experimentadas e mostraram-se eficientes no tratamento de doenças. No próprio título da obra encontramos tal fato declarado – "(...*) Compostas e experimentadas pelos médicos e boticários mais celebres que tem havido nessas partes (...)"*. As receitas foram testadas por médicos e boticários, não por pessoas sem conhecimento da arte da cura, esta informação no título da obra busca dar credibilidade às fórmulas que ali estão descritas.

Há ainda uma *Memória muito útil de varias noticias e advertências,*[158]onde o organizador dá dicas ao seu leitor para que ele seja bem sucedido na elaboração das receitas. Por exemplo[159]·, *azougue se dezfaz bem em cal viva, e com saliva;* [160] *leite coalha muito com sumo de limão ou vinagre;* [161] *pozes jesuíticos he a quina*[162]. Parece-nos que essas informações são para auxiliarem pessoas não muito experientes na arte de aviar medicamentos. Provavelmente nem todas as boticas de colégios possuíam irmãos boticários que tenham passado algum tempo junto de um boticário mais experiente.

O organizador selecionou, organizou por ordem alfabética e copiou as receitas consideradas dignas de serem preservadas e difundidas. Ao finalizar as cópias de receitas de cada letra do alfabeto existem algumas páginas em branco, isto nos faz crer que novas receitas seriam incorporadas à obra.

Quanto à apresentação gráfica da obra a cada letra que começa há uma letra capitular muito elaborada, por exemplo, na "A" vemos o desenho de uma ave, na "B" uma borboleta e assim por diante.

---

[158] *Collecção de varias receitas*… p. 507- 519.
[159] Ver anexo 3.
[160]*Collecção de varias receitas…* , p. 508.
[161] Ibidem p. 513
[162] Ibidem 515

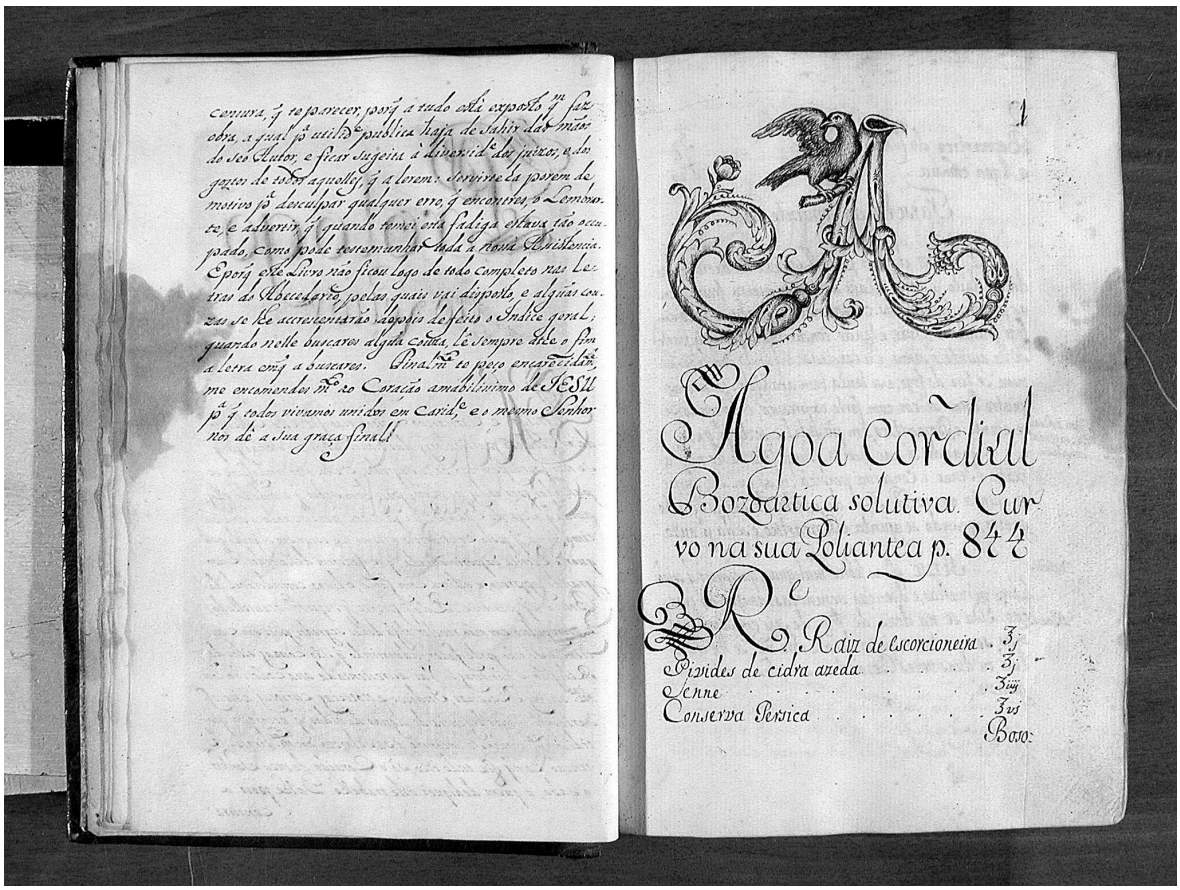

Agoa Cordial
Bozoartica solutiva. Cur-
vo na sua Poliantea p. 844
℞
Raiz de escorcioneira
Pipides de cidra azeda
Cenne
Conserva Persica

Figura 7 Collecção de varias receitas… p. 1. Imagem retirada da cópia digitalizada do documento. Acervo ARSI.

Deixemos um pouco a questão da descrição da obra e passemos a ver os objetivos da obra. No prólogo ao leitor encontramos expressos os motivos que levaram à sua organização:

> *"Amigo e caritativo Leitor, não fiz esta collecção de Receitas particulares das nossas Boticas, senão p^{a}. q. se não perdessem tão bons segredos, e estes não andassem espalhados por todas as mãos; pois bem sabes q revelados estes, ainda q seja de tua Botica p^{a}. outra, perdem toda a sua estimação: o q. pelo contrario o mesmo he estar em segredo qualquer Receita experimentada, que fazem della todos tam grande appreço e estima*

> *com fama, e lucro considerável da Botica a q. pertence".*[163]

Como podemos notar o primeiro objetivo declarado pelo organizador da *Collecção de varias receitas...* foi a preservação das fórmulas médicas que eram mantidas em sigilo. Havia um segundo objetivo que pretendia que os medicamentos secretos permanecessem assim, de forma que a botica que os produzisse não tivesse nenhum prejuízo pelo fato de seu segredo ter sido revelado para outros boticários. Assim, o autor receava que se outros droguistas começassem a produzir o medicamento sigiloso de uma determinada botica, o valor deste cairia, provocando perda de renda para a botica criadora.

A data da obra é 1766, ou seja, posterior à expulsão dos jesuítas dos domínios portugueses. O objetivo de preservar o conhecimento das receitas secretas como tal, pode estar ligado a isso. Enquanto a Ordem estava ativa nessas regiões, as fórmulas produzidas pelos jesuítas estavam garantidas quer como conhecimento quer como segredo. Porém com a expulsão isso deixava de ser tão certo, havendo o risco de desaparecerem ou de tornarem-se muito conhecidas perdendo desse modo seu valor, seja porque o conhecimento produzido pelas boticas jesuítas havia desaparecido, seja porque havia se tornado conhecido demais. Como o próprio organizador afirma, ele fez a coleção dos medicamentos de segredos para que esses não andassem por todas as mãos, ele provavelmente estava pensando em deixar o conhecimento dessas receitas apenas para os boticários jesuítas.

Partindo dessa premissa podemos cogitar que a coleção foi feita para circular apenas no âmbito interno da Companhia de Jesus, ou seja, ela seria uma coleção privada estando disponível, a princípio, apenas aos membros da Ordem. Preservando desse modo os medicamentos de segredo criados e produzidos nas boticas jesuíticas.

Vimos como as coleções de receitas foram organizadas. No próximo capítulo analisaremos as práticas de cura que foram selecionadas pelo organizador da *Collecção de várias receitas….*

---

[163] *Collecção de varias receitas* ... Prólogo ao Leitor.

Capítulo 3 – Terapêutica jesuítica no império colonial português.

Nos capítulos anteriores tratamos do estado d´arte da medicina e da farmácia no século XVIII, depois refletimos um pouco sobre a prática do colecionismo na Europa moderna, contextualizando o ambiente em que surgiram as coleções estudas. A seguir fizemos a apresentação das duas coleções. Agora analisaremos as práticas de cura que foram citadas na *Colecção de varias receitas…* A coleção *Árvore da vida…* servirá de contraponto às nossas observações sobre o outro documento. Fizemos a opção de estudar mais detidademente a *Collecção de varias receitas…* porque esta coleção está completa e contempla receitas de medicamentos das principais boticas do império português. Dividimos o capítulo e dois ítens, um "Práticas terapêuticas médicas" o outro "Práticas terapêuticas mágicas.

3.1 Práticas terapêuticas médicas

Na *Collecção de varias receitas* existe um total de 249 medicamentos simples, compostos e químicos. No anexo 1 deste trabalho podemos consultar uma tabela que contem informações importantes para a classificação desses medicamentos.

Antes de nos debruçarmos sobre a tabela, lembremos que, como visto no capítulo 1 "O contexto médico e científico no século XVIII", medicamentos simples eram os elaborados a partir de ingredientes de um único reino da natureza, e medicamentos compostos eram os aviados com matérias-primas de dois ou mais reinos. Vejamos, agora, o que eram considerados, então, medicamentos químicos. Estes não usavam a planta ou animal in natura para sua confecção, nestes o princípio ativo da planta ou animal era isolado e a partir desse produto elaboravam o remédio. A destilação e a calcinação eram a técnicas mais empregadas para esse fabrico.

Há na *Collecção de várias receitas…* encontramos 75 medicamentos químicos produzidos nas boticas dos colégios.

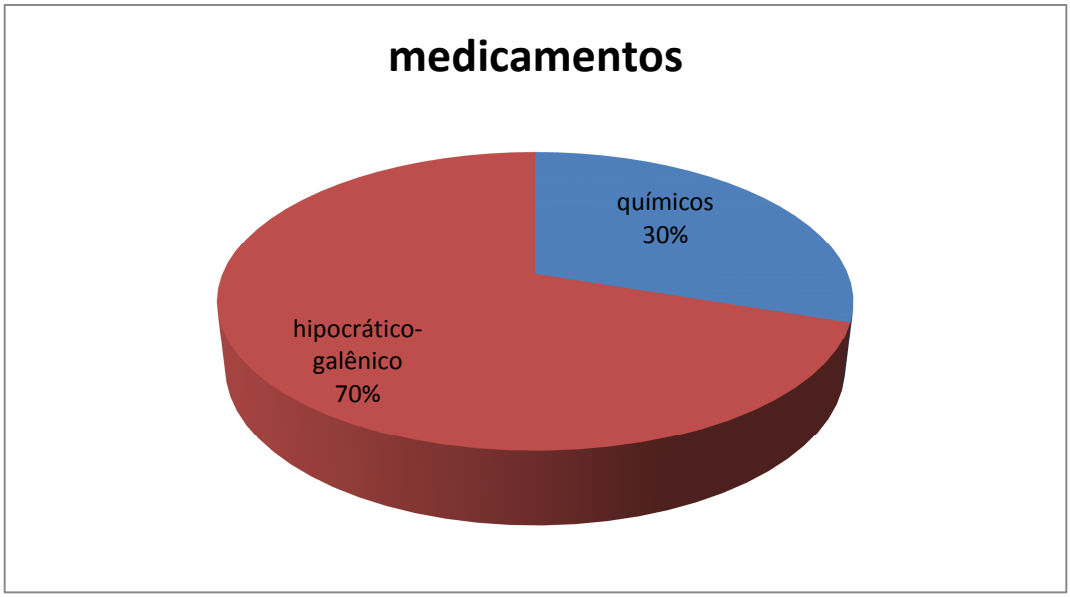


Figura 8- **Medicamentos químicos e hipocrático-galênicos. Gráfico elaborado com dados retirados da *Collecção de varias receitas…***

Assim, os medicamentos químicos correspondem a 30% das receitas existentes no documento analisado. Parece-nos uma quantidade significativa se levarmos em conta a complexidade para se aviar um medicamento químico na época. Veremos no próximo capítulo que a maioria das boticas de Lisboa preferia comprar aos medicamentos químicos a produzi-los, isso porque para a elaboração desses medicamentos necessitava-se de equipamentos mais caros e de espaços maiores para acomodar todos os utensílios que eram necessários.

Os medicamentos químicos aviados nas boticas dos colégios eram: Agoa Anti-Asmática, Agoa Benedeta, Agoa de canela, Agoa Contra-vermes, Agoa de Cordova, Agoa de Milicia Composta, Agoa Otalmica, Agoa Prodigiosa, Agoa Theriacal, Balsamo de fezes de ouro, Balsamo para Empingens, Bezoatico do Curvo Calcinação de Cobre, Confeição anti-scorbutica, Conserva de Ameixas Purgativas, Cozimento de anti-scorbutico, Cozimento Anti-scotubito para quem tem febre, Emplastro de Enxofar, Emplastro para Hernia carnosa, Emplastro Magistral Pardo, Emplastro Negro Composto, Emplastro Sigillado, Emplastro vulnerário magistral, Emulsão Optima, Ethiope mineral com fogo, Leite Virginal, Linimento para empingens e sarna, Linimento para empingens, Manteiga de Chumbo, Manteiga de Chumbo do Colégio de Macao, Massa para tomar o fluxo de sangue das hemorragias, Mercúrio Alikalissatus, Mercúrio Doce Lavado, Mercúrio Sublimado Doce, Olio de Apparicio, Olio de Canella, Olio de ouro, Panacea Mercurial, Pillulas

Angelicas, Pillulas Douradas, Pillulas Hemeticas, Pillulas de Rezina de Batata, Pillulas de Rezina de Salapa, Quintilio Optimo, Póz anti-pleuriticos, Pozes contra-asma, Poz contra lombriga, Poz contra febres malignas e outras, Poz Cornachinos, Poz Magistraes solutivos, Rezina de Batata, Solimão, Tartaro Emético, Tintura Adstringente, Tintura de Alambre, Tintura Coral, Tintura para sangue pela boca, Tizana Laxativa Manapliacensis, Triaga Brasílica Reformada, Trocisco S. de Fiorabanto de Curvo, Trocisco S. de Fiorabanto da botica do Colegio de Macao, Unguento para Almorhoides, Unguento de Azougue, Unguento Celeste, Unguento para Comichoes, Unguento contra-sarnas, Unguento para empingens, Unguento para feridas, chagas, queimaduras e quebraduras, Unguento de Fezes de Ouro, Unguento Regadio Magistral, Unguento Optimo para camosidades do membro, Unguento Sigillado, Unguento para Tinha de outra sorte, Vinho emético Solutivo, Vinho emético e Xarope emético.

Os medicamentos químicos eram, então, novidade, assim, segundo José Pedro Sousa Dias, a grande novidade da farmácia portuguesa no final do século XVII e início do século XVIII foram a divulgação e a utilização dos medicamentos químicos muito alardeados por João Curvo Semedo.[164] Ainda para o mesmo autor, a aplicação da química na farmácia lusitana iniciou-se com a utilização do antimônio, em um medicamento de segredo aviado por D. João de Castelo Branco, nobre português que conquistou fama ao produzir medicamentos químicos, dentre eles os *Pós de Quintílio* também conhecidos como *Pós de D. João.*[165] Na *Collecção de varias receitas*… pudemos identificar pelo menos um medicamento químico aviado e criado por D. João de Castelo Branco o *Emplastro Magistral pardo* [166] Há uma outra receita, *Quintílio*, [167] que não pudemos verificar se é a receita do Pó de D. João ou outra.

Ainda segundo Dias, além de Curvo outro divulgador dos medicamentos químicos em Portugal foi Jacob de Castro Sarmento. A importância destes autores na química farmacêutica portuguesa foi tão grande que se tornaram referência para a maior parte das

---

[164] José Pedro Sousa DIAS. *Droguistas, Boticários e Segredistas*: Ciência e Sociedade na Produção de Medicamentos na Lisboa de Setecentos. Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2007. p. 45-55.
[165] Idem. *Uma introdução à História da Farmácia da Farmacologia e da Terapêutica*. Lisboa, 2005. p.57. Disponível em: http://www.ff.ul.pt./paginas/jpsdias/histsocfarm/Farmacia-e-Histpria.pdf. Acessado em abr. 2012.
[166] *Collecção de varias receitas*… p. 124.
[167] Ibidem p. 345.

farmacopeias editadas em Portugal no século XVIII.[168] Veremos no próximo capítulo que havia livros de Curvo Semedo no rol do sequestro de bens dos jesuítas no momento da expulsão desta dos domínios portugueses. Acreditamos que a presença de livros de medicina e farmácia que indicam medicamentos químicos e os próprios remédios químicos aviados nas boticas dos colégios jogam por terra a ideia de que os jesuítas foram os responsáveis pelo atraso cultural e científico de Portugal no século XVIII. Ao contrário parece-nos que estes estavam acompanhando a vanguarda do pensamento científico da época, pelo menos na área da farmácia. Assim, quanto ao uso de medicamentos químicos, José Pedro Sousa Dias afirma que ainda no século XVIII havia resistências de médicos portugueses ao seu uso e, como vimos os jesuítas não tinham essa resistência.[169]

Acabamos de ver que as boticas jesuíticas aviavam medicamentos químicos, mas apesar destes, nessas boticas continuava-se a produzir remédios hipocráticos-galênicos como podemos verificar no gráfico acima. Veremos a seguir como estava dividida a produção entre os simples e os compostos. Observaremos também qual a proporção de cada um dos três reinos da natureza na composição dos medicamentos hipocráticos-galênicos.

---

[168] José Pedro Sousa DIAS. *Droguistas, Boticários e Segredistas*: Ciência e Sociedade na Produção de Medicamentos na Lisboa de Setecentos. Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2007, p. 65-71.

[169] Idem. *Uma introdução à História da Farmácia da Farmacologia e da Terapêutica*. Lisboa, 2005. p.57-58 . Disponível em: http://www.ff.ul.pt./paginas/jpsdias/histsocfarm/Farmacia-e-Histpria.pdf. Acessado em abr. 2012

Dentre os medicamentos simples aviados nas boticas jesuíticas temos: 44 medicamentos vegetais, 25 medicamentos minerais e 7 medicamentos animais. Ao todo temos 76 medicamentos simples. Como podemos perceber destes a maioria é de origem vegetal.

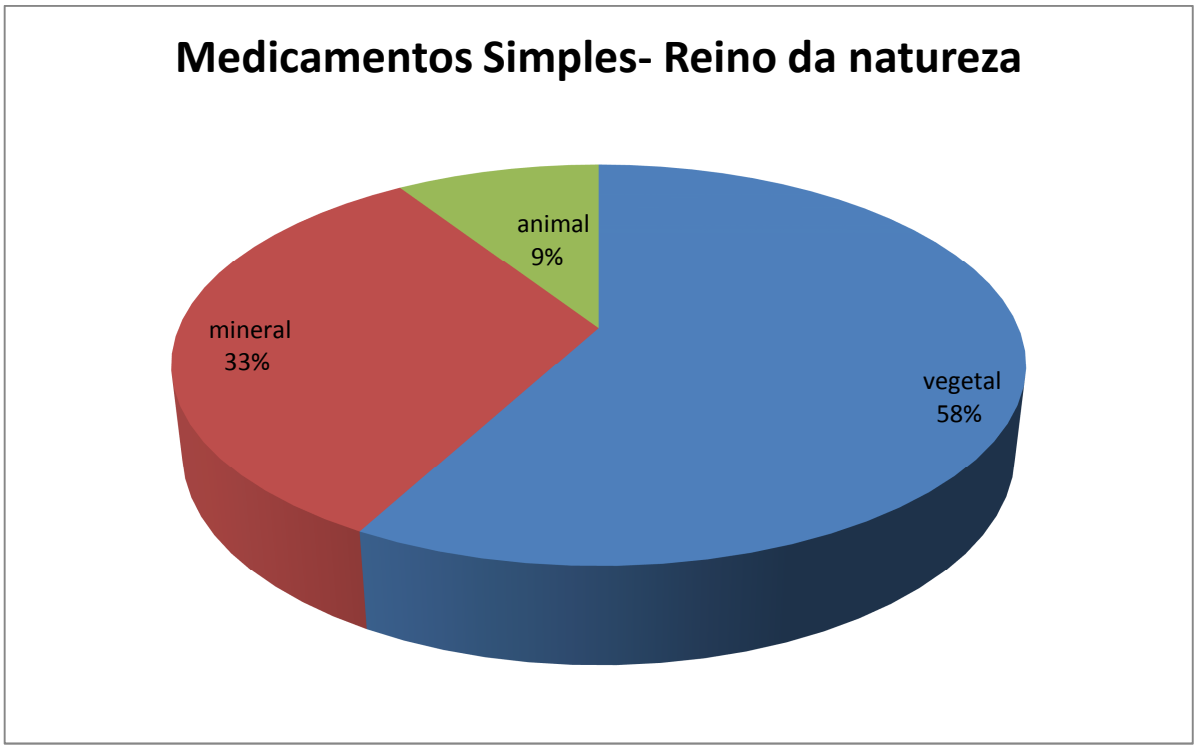


Figura 9 Medicamentos simples – Reinos da natureza. Fonte: Collecção de varias receitas.

Quanto aos medicamentos compostos, 19 medicamentos são elaborados com ingredientes dos reinos animal/mineral/vegetal; 30 medicamentos são formados por ingredientes dos reinos mineral/vegetal; 46 medicamentos compostos por produtos oriundos dos reinos animal/vegetal; 7 medicamentos constituídos por ingredientes dos reinos animal/mineral. Ao todo temos 102 medicamentos compostos.

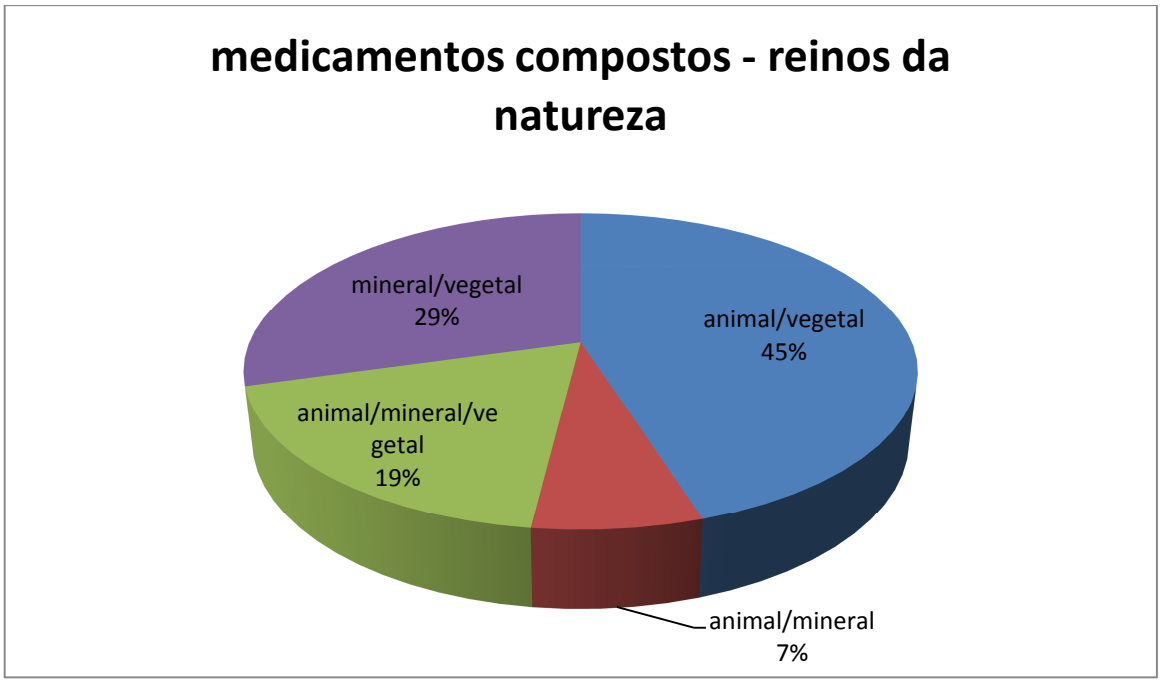


Figura 10 – Medicamentos compostos por reinos da natureza. Fonte: *Collecção de varias receitas….*

Dentre os medicamentos analisados temos os de tradição hipocrática-galênica e os Químicos. Esta coleção assim como as boticas do império português caracteriza-se resultante da prática da polifarmácia. João Rui Pita afirma que, no século XVII, não só as farmácias portuguesas são polifarmácias, mas a maioria das boticas europeias. [170] Eram farmácias que misturavam a elaboração de remédios da tradição hipocrática-galênica com medicamentos da iatroquímica. Como podemos notar os jesuítas produziram em suas boticas o mesmo tipo de medicamentos elaborados em farmácias laicas de varias regiões europeias.

[170] João Rui PITA. *História da Farmácia*. Coimbra:Minerva, 1998, p. 155

3.1.1 Flebotomia

No capítulo 1 dissemos que a prática da sangria proposta por Hipócrates para purificar os corpos que estavam com desequilibrio de humores foi uma terapêutica muito utilizada na Europa até o século XVIII.

Os jesuítas, também a realizaram em larga escala segundo Serafim Leite.[171] Por norma da Igreja Católica, os membros desta estavam proibídos de realizarem intervenções cirurgicas e sangrias, pois estas poderiam levar à morte do paciente. A um clérigo não era permitido que cometesse tal ato mesmo que este tivesse ocorrido involuntariamete. Os missionários da Companhia de Jesus requereram, em 1576, junto ao Papa Gregório XIII uma dispensa especial para que pudessem práticar cirurgias e sangrias quando estas fossem necessárias e não houvesse outra pessoa para fazê-las. [172] Conseguiram a dispensa. Na *Collecção de varias receitas…* há uma ilustração colorida do sistema venoso do corpo humano que ensina em que locais a insição deveria ser feita e em que sentido ela deveria acontecer conforme podemos verificar na figura a seguir.

[171] Serafim LEITE. Os jesuítas no Brasil e a Medicina. *Separata da Revista Petrus Nonius*. Lisboa, 1936. P.7
[172] Ibidem, p.8

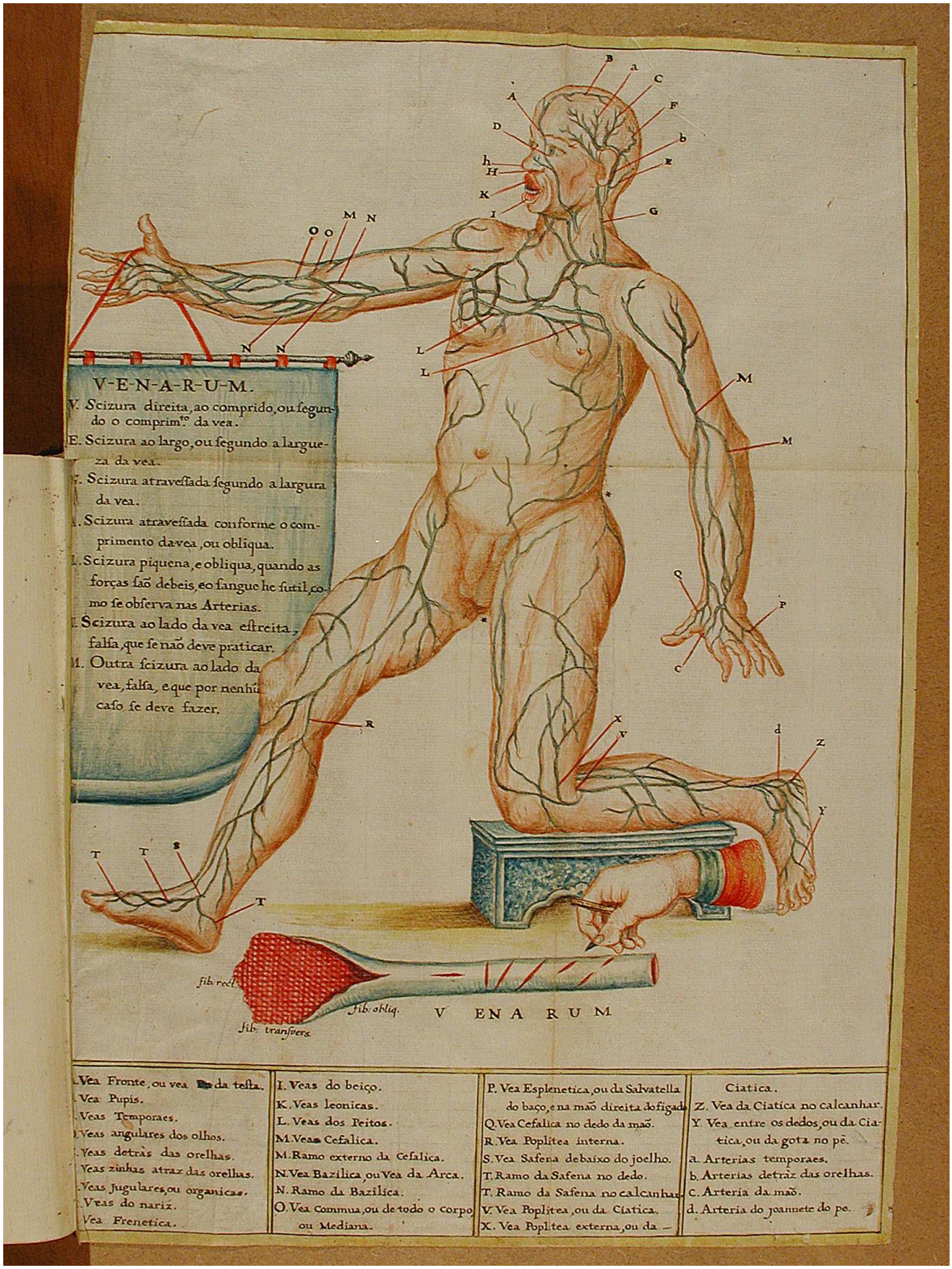


Figura 11 - Sistema venoso humano. Fonte: ***Collecção de varias receitas.***

Os jesuítas que praticaram a flebotomia foram movidos pela necessidade e urgência dos casos. Segundo Serafim Leite, procuravam atender todos que os procuravam em busca de tratamento para os males de que eram acometidos. [173]

Acreditamos que a presença dessa imagem na coleção indica que ela foi bastante praticada nas várias regiões coloniais portuguesas, e que os jesuítas procuravam difundir conhecimentos acumulados a membros da Ordem que necessitassem fazer atendimento à saúde. Esta figura poderia ajudar os irmãos que cuidavam dos doentes a realizarem a sangria.

3.2 Práticas terapêuticas mágicas

Toda civilização, toda época, tem a sua dose de razão e de não razão. Se existe uma área de conhecimento em que isso pode ser mais facilmente percebível é na área das práticas de cura, onde sempre existiram duas terapêuticas bastante diferentes e muito utilizadas: a prática de cura do médico e a do universo mágico e/ou religioso.

Na bibliografia, existem registros de que, em várias situações essas práticas não se mostraram excludentes, podendo em alguns casos ser realizadas pelo mesmo indivíduo. Como aparece em uma carta datada de 670 a. C. endereçada ao rei assírio Asaraddon, escrita pelo médico Urad-Nanâ onde podemos ver esses dois tipos de práticas de cura sendo sugeridos:

> *"Boa saúde! Excelente saúde ao Rei, meu Senhor! E que os deuses da saúde, Ninurta e Gula, Vos concedam o bem-estar do coração e do corpo! Vossa Majestade pergunta-me insistentemente o motivo pelo qual ainda não fiz o diagnóstico da doença que Vos faz sofrer e por qual motivo ainda não preparei os remédios para a cura. (...) Mas, neste momento, para que tomeis*

[173] Ibidem, p. 9

> *conhecimento por escrito, envio-vos esta carta. E, sendo da vontade de Vossa Majestade, poder-se-á recorrer [para confirmação] a Asríspice. O Rei deverá utilizar a seguinte loção: depois da sua utilização, a febre que Vos aflige desaparecerá. Já Vos preparei duas ou três vezes este remédio, à base de óleo. O Rei reconhece-lo-á, sem dúvida. Se assim o desejares, poderá só ser aplicado no dia seguinte. Deverá fazer desaparecer o mal. Por outro lado, quando a dita loção for entregue ao Rei, a aplicação poderá ser feita à porta fechada [?]. O Rei deverá então transpirar, motivo pelo qual, numa embalagem à parte, envio juntamente os seguintes amuletos. O Rei guarda-los-á presos ao pescoço. Envio também um unguento com o qual o Rei poderá friccionar-se, em caso de crise (...).”* [..]

Por este pequeno excerto da carta podemos perceber que o médico demorou a mandar ao rei uma solução para curar do mal que o acometia. Porém ao fazê-lo estava tão certo de que prescrevia o medicamento correto, que até sugeria ao rei uma consulta ao oráculo caso tivesse dúvida sobre se a loção enviada seria mesmo o medicamento correto para o pronto restabelecimento de sua saúde. Foi o próprio médico que preparou e enviou a loção ao rei, provavelmente porque a fórmula seria sigilosa. Esta deveria ser utilizada a partir do momento de sua recepção, mas se o rei preferisse poderia começar no dia seguinte. Esperava–se que o medicamento agisse prontamente fazendo com que a febre cedesse. Enviava também um unguento que deveria ser usado caso o rei tivesse alguma crise. Além destes dois remédios, que fazem parte do conhecimento médico, expediu um amuleto que deveria ser colocado no pescoço do rei. Como podemos notar, o médico utilizava-se em suas práticas curas de duas formas distintas de terapia: a mágica e a médica.

Pelas coleções de receitas podemos ver que os jesuítas no império ultramarino português também se valeram desses dois sistemas de cura. Para o tratamento da esquinência, [174] Affonso da Costa sugere os seguintes tratamentos:

> *"Tomem uma romã doce, pize se com casca e tudo, tirem lhe o çumo espremendo e coando. A este juntem lhe a sexta parte de mel. Ferva athe ficar grosso e então se tire do fogo e se guarde. Com isso se va untando o tumor na garganta.*
>
> *(...)*
>
> *Pendurem os enfermos ao pescoço huma cabeça de víbora de tal sorte que toque a carne. Não só serve para aliviar do mal presente mas taobem para preservar do mal futuro."*[175]

Neste caso temos a indicação da fórmula de um medicamento e da posse de um amuleto. No caso da fórmula esta foi concebida segundo uma concepção médica. A sugestão do amuleto está baseada no princípio mágico. Este amuleto não só curaria o mal presente como evitaria que ele voltasse a incomodar.

Por que, no século XVIII, pessoas dotadas de um pensamento científico prescreviam também práticas de cura mágicas?

Vimos pelos dois documentos citados logo acima que essa mistura de práticas esteve presente dede a Antiguidade até o século XVIII. Sabemos pela bibliografia que em todas as culturas desenvolveu-se desde muito cedo o combate ao mal físico com os meios disponíveis, seja por meio da ciência médica seja através de práticas mágicas. Nos casos examinados acima, as duas buscas de cura não foram excludentes, acreditamos que em muitos outros casos também foi recomendado que o doente fizesse uso dos dois sistemas de práticas de cura.

---

[174] Segundo o próprio Affonso da Costa, esquinência ou garrotilho era um tumor que dava na garganta impedindo de engolir e dificultando a respiração. O doente tinha espasmos na laringe. Esse tumor seria formado pela deposição de várias membranas. *Árvore da vida*... folha 7, tronco 1, parte 1, ramo 5.

[175] Affonso da COSTA. (org.). *Árvore da vida*… Folha 8, tronco1, parte 1, ramo 5.

Para sociedades da Antiguidade parece-nos mais fácil aceitar a presença do universo mágico, mas para o século XVIII o século das Luzes que pregava a laicização é mais difícil acolher a crença no universo mágico. Segundo Keith Thomas, ainda no século XVIII, é comum encontrarmos muitas indicações de processos de cura que nos parecem sobrenaturais, porém, para ele estas nada eram mais do que reminiscências de velhos sistemas teóricos que atribuíam determinadas qualidades às substâncias naturais. [176]

É difícil precisar se o padre Affonso da Costa na sua *Árvore da vida....* ao indicar um amuleto para a proteção de um determinado mal ou ao copiar receitas que tivessem como ingredientes, fezes, pedras preciosas, animais ou pedaços destes, soubesse da simbologia desses elementos ou se baseava-se apenas no que tinha lido sobre a sua eficácia.

> *"Coza em huma panella velha sinco ou seis rans em azeite de Portugal athe que as rans se desfação: e coado este oleo se applique as almorreimas, quando for necessário"* [177]
>
> *"Tomem esterco de asno preto, seque se muito bem ao Sol e feito em pó se frijão em azeite comum e estendidos sobre hum pano quente quanto se possa sofrer os ponhão sobre o lugar da dor e se for necessario se repita segunda vez da mesma sorte."*[178]
>
> *"Tomem raspas de corno de veado duas dracmas, hum quartilho de agoa commum, tres onças de açúcar, tres onças de agoa rosada, huma onça de çumo de romans azedas e uma dracma de sandalo citrino em pó. Na agoa lancem de infusão as raspas de corno de veado e*

---

[176] Keith THOMAS. *Religião e declínio da magia*. São Paulo: Companhia da Letras, 1991, p.165. Henrique CARNEIRO. *Filtros mezinhas e triacas*: as drogas no mundo moderno. São Paulo: Xamã, 1994 e Márcia Moisés RIBEIRO. *A ciência dos trópicos*: a arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: Hucitec, 1997, partilham a mesma idéia que Thomas.

[177] Affonso da COSTA (org.). *Árvore da vida...* . Folha 1, tronco 1 , parte 1, ramo 1.

[178] Affonso da COSTA (org.). *Árvore da vida...* . Folha 15, tronco1, parte 1, ramo 3. Tratamento indicado para cólica.

> *assim esteja por seis horas, depois ferva em fogo lento athe que a agoa diminua dois terços. Coe se e ajunte se lhe o resto das drogas e torne a ferver tudo meyo quarto de hora, depois deixe esfriar ou em vazo de vidro ou em louça vidrada. Dessa geleia se de ao doente de tempo em tempo huma colher."* [179]

Analisando as duas receitas podemos perceber que a aplicação dos remédios deve ser feita quente. A partir de nossos conhecimentos atuais, somos tentados a concluir que, como o calor tem efeito vasodilatador, isso provocaria o aumento da circulação no local da aplicação, aliviando a dor. Os medicamentos são indicados para almorreima e cólica o uso tópico de algo quente poderia ajudar a diminuir a dor. Não seria nem a rã nem o esterco de asno preto que proporcionariam uma melhora no caso do uso dessas fórmulas, mas o calor. Contudo nas receitas há a indicação precisa de que são necessários esses ingredientes, rãs e asnos pretos eram portadores de uma simbologia relacionada à cura. Para a terceira fórmula, o que será que ajudava a por fim aos cursos? Seja como for, uma vez que estes eram indicados, faz-se necessário buscar compreender os mecanismos que levaram à sua utilização. Segundo Ribeiro, quando o pesquisador estuda curas mágicas não pode se esquecer de que até fins da idade moderna, as pessoas fundamentavam-se em sistemas explicativos que pressupunham correspondências entre as partes do universo. Logo, muitas ações que nos parecem sem sentido ou mágicas, nada mais são do que componentes de um universo organizado por analogias. [180]

Na coleção de receitas de Affonso da Costa, ingredientes como: cabelos, ossos, sapos, lagartixas, bode preto, galinha preta, asno preto e outros são largamente empregados nas fórmulas médicas:

> *"esfregue se o lugar das almorreimas brandamente com um pedaço de pano com que se lavou algum defunto*

---

[179] Affonso da COSTA (org.). *Árvore da vida*... .Folha 17, tronco 1, parte 1, ramo 3. Fórmula indicada para cursos diarreicos.
[180] Márcia Moisés RIBEIRO, op. cit. p. 78.

> *Tomem uma lagartixa viva e a metao em huma panela nova e lhe lancem em cima huma galheta de azeite doce e a deixem torrar, depois lhe acrescentem cera para se fazer unguento e com ele se unte as almorreimas."*[181]
> *"Tomem uma caveira de gente das que estiverem enterradas e se ainda tiver alguns cabelos será melhor. Faça se em duas metades, huma das quais se fará em poz sutis que se darão de huma vez a beber ao enfermo em vinho branco ou agoa ardente. A segunda se fará taobem em poz, que se amassarão com o mesmo vinho ou agoa ardente, com estes se barrara a parte entupida, sem ar."* [182]

Esses ingredientes simbolizavam o universo demoníaco e foram amplamente utilizados pela medicina, sendo difundidos tanto em tratados médicos como em coleções de receitas como a *Árvore da vida*... . Esta prática lança por terra a possibilidade de se diferenciar claramente o campo das práticas médicas e o das mágicas.

Affonso da Costa não utilizava apenas de ingredientes que lembravam poções de bruxas, valia-se também de técnicas de adivinhação. Para saber o sexo de uma criança antes do nascimento, o jesuíta fazia a seguinte indicação:

> *"ponham sobre a cabeça da mulher um pouco de aipo sem que ela o perceba: e se depois disso a primeira pessoa por que ela chamar for varão, é sinal que concebeu varão se chamou por fêmea, concebeu fêmea."* [183]

---

[181] Affonso da COSTA. *Árvore da vida*... .Folha 4, tronco 1, parte 1, ramo1
[182] Medicamento sugerido para a cura de males respiratórios. Na Índia estes recebiam o nome de Ar. Affonso da COSTA (org.). *Árvore da vida*... Folha 13, tronco 1, parte1, ramo 1.
[183] Affonso da COSTA (org.). *Árvore da vida*... . Folha 16, tronco 1, parte 1, ramo 2.

Com o mesmo propósito indicava outra adivinhação:

> *"lancem um pouco de leite da mulher prenha sobre um espelho de aço aos raios do sol, e se depois de uma hora virem que se une como uma pérola, indica ter concebido varão, se o leite ficar espalhado e for correndo, concebeu fêmea."*[184]

Costa utilizava-se da arte da adivinhação e empregava em medicamentos ou em outras práticas de cura partes de cadáveres, sapos, lagartixas, animais peçonhentos, etc. aproximando a medicina das práticas oriundas de tradições populares. [185]

Além de ingredientes que faziam parte do universo demoníaco Affonso da Costa relatou o uso de outras técnicas, como veremos a seguir.

Aceitava-se, na época, que as doenças poderiam ser transferidas de um corpo para outro, não sob a forma de contágio, mas sim de seu deslocamento entre dois corpos. As extremidades corporais como anus, genitálias e as solas dos pés simbolizavam aberturas mágicas do corpo pelas quais os males eram eliminados.[186]

O autor da coleção de receitas *A Árvore da vida…*, acreditava nessas janelas corporais como lugares facilitadores para a eliminação de um mal. Para combater a varíola recomendava:

> *"se aplicarão na sola do pé com os peitos para as mesmas solas pombos vivos amarrando-os levemente para que não morram logo. E melhor que tudo será pegando os pombos com as mãos e aplicar o seu sesso[anus]ao sesso de enfermo como muitas vezes tenho visto; porque assim atrai mais depressa a malignidade do mal a si, e morre, e morrendo um apllique-se logo outro, e assim se continue, até que um escape vivo e então*

---

[184] Affonso da COSTA (org.). *Árvore da vida*... . Folha 16, tronco 1, parte 1, ramo 2.
[185] Laura de Mello e SOUZA. *O diabo e a Terra de Santa Cruz.* São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p.166, diz que no caso da América Portuguesa essas práticas populares seriam exercidas principalmente por negros, mestiços e curandeiros.
[186] Márcia Moisés RIBEIRO, op. cit. p.84.

> *se entenderá que já a malignidade toda está no fim (...).”*[187]

Para nós pode parecer que, então, recorriam às práticas mágicas quando não havia mais prática tradicional de cura. No entanto, José Pedro Sousa Dias relatou em seu livro, um exemplo narrado por Curvo Semedo, que contraria essa nossa afirmação.

> *“Sangrado vinte vezes, purgado duas, sujeito a várias ajudas picantes, a incontáveis ventosas, ligaduras, esfregações, pombos nos pés, cáusticos nas pernas, e muitos outros remédios, nesse aperto me (Curvo) chamaram os parentes pedindo-me quisesse aplicar-lhe algum remédio Químico, visto que todos os Galénicos estavam feitos, sem alívio”.*[188]

Por este caso podemos notar que o último recurso era a aplicação de um medicamento químico e não de práticas mágicas como supúnhamos.

Até aqui vimos a utilização de práticas de cura que se valeram de elementos animais e vegetais, mas dentre as práticas tidas por nós como mágicas ocorreu também o uso de pedras preciosas. Vejamos como estas foram incorporadas ao receituário médico.

O uso de pedras preciosas e outras substâncias minerais como remédios pertencem à tradição medieval, que durante o período moderno, permaneceu fazendo parte do saber médico português. As pedras preciosas além de ingrediente de fármacos também foram utilizadas como amuletos. Na *Árvore de vida* encontramos: *“(...) o topázio é bom remédio para as almorreimas, posto em hum anel e trazido no dedo*.” [189] Outro escritor da época moderna que sugeriu o uso de pedras preciosas como amuleto foi o autor do *Diálogo das grandezas do Brasil*, segundo ele a esmeralda trazida junto ao corpo tinha a capacidade de

---

[187] Affonso da COSTA (org.). *Árvore da vida*...Folha 4,. tronco 1, parte 1 ramo 2.
[188] José Pedro Sousa DIAS. *Droguistas, Boticários e Segrdistas*: Ciência e Sociedde a Pordução de Medicamentos na Lisboa Setecentista. Lisboa: fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia. 2007, p. 50-51.
[189] Affondo da COSTA (org.). *Árvore da vida*... Folha 4, tronco 1, parte 1, ramo 1.

afastar atos sensuais, se por um acaso quem a trouxesse cometesse uma atitude sensual, esta se quebraria.[190]

Além de serem usadas como amuletos as pedras preciosas também foram utilizadas com ingredientes de medicamentos. Vejamos a seguir o exemplo de um medicamento que teve grande prestígio no império colonial português durante a época moderna: A Pedra Cordial de Goa ou Pedra de Gaspar António, boticário do colégio de São Paulo de Goa. Sua fórmula consta na *Collecção de varias receitas...* .[191] E, no anexo 1 pode-se ver seus ingredientes. Este medicamento teve tanta aceitação que o boticário do Colégio de Macau resolveu desenvolver sua própria fórmula. [192] Existe no mesmo manuscrito outra receita da Pedra de Gaspar António com o adendo de reformada, que também era produzida na botica do Colégio de Goa. [193]As três receitas preparavam-se da mesma maneira, com vários simples idênticos de origem mineral, triturados. No anexo 1 é possível conferir os ingredientes das três pedras cordiais.

Pelos elementos que são usados na elaboração das três pedras, chegamos à conclusão que estes segredos deveriam operar não só pelos possíveis méritos dos seus componentes, mas, sobretudo pela sua fama e pela credibilidade da botica que o produzia: No caso a do Colégio de Goa, famosa pela qualidade de seus remédios.

Podemos notar que o uso das pedras preciosas e semipreciosas deveu-se sobretudo a seu valor simbólico e mágico e não tanto pelos elementos que compõem os cristais. Os homens dos séculos XVII e XVIII acreditavam que o valor medicinal dessas pedras estava ligado ao antigo simbolismo atribuído às pedras preciosas e ao seu caráter mágico.

É provável que o uso de pérolas em medicamentos deva-se também ao seu papel simbólico. Estas, durante muito tempo, foram um dos símbolos da força aquática, e não surpreende que tenham sido adotadas posteriormente como tônico geral e afrodisíaco e ao mesmo tempo usadas no combate à loucura e à melancolia, doenças consideradas de influência lunar e por isso sensíveis a um emblema da água.

Segundo Mircea Eliade, na China a pérola era tida como um antídoto contra todos os venenos, ao que tudo indica havia uma relação mítica pérola-serpente, pois a pérola era vista como uma porção da saliva da serpente e/ou do dragão e como tal era tida como um

---

[190] Apud. Henrique CARNEIRO. *Filtros mezinhas e triacas*: as drogas no mundo moderno. São Paulo: Xamã, 1994, p 88-89..
[191] *Collecção de varias receitas*….p. 262
[192] Ibidem, p. 266.
[193] Ibidem, p.265.

talismã capaz de satisfazer os desejos de quem o encontrasse. Em muitas regiões considerava-se que, nas cabeças das serpentes ou nas goelas dos dragões, existiam as mais diversas pedras preciosas; entre elas a pérola.[194]

Voltando à *pedra cordial* seu uso no século XVIII, nos sugere que era entendida como um remédio polivalente. Parte dos ingredientes deste medicamento poderiam ter algum efeito sobre uma ou outra doença, porém quanto às pedras preciosas, a partir dos referenciais médicos atuais, somos levados a acreditar que não eram nada além de placebos, pois a utilização destas para curar qualquer moléstia seria inócua. Somos levados a entender a participação das pedras preciosas em composições médicas, apenas por sua ação simbólica.

No entanto, segundo a mentalidade seiscentista, mas com traços ainda presentes nos setecentos, os metais, as plantas, os animais e as pedras haviam sido criados para atender às necessidades do homem. Dentre as funções exercidas pela natureza a serviço do homem estava a de fornecer os elementos que combateriam os venenos e a pestilência.[195]

Como já dissemos, o uso de pedras preciosas e outros elementos minerais como remédios vêm da tradição medieval.[196] As pedras compunham o grande quadro inter-relacionado de uma natureza em que cada coisa é um signo de outra, todas voltadas para a vida humana em função da qual existe seu simbolismo curativo. Para Henrique Carneiro esse simbolismo curativo que muitas vezes soa ao homem do século XXI como sobrenatural, não deve ser entendido como tal, pois durante as idades média e moderna ele era natural.[197]

Se for certo que no Ocidente medieval o grande reservatório de símbolos era a natureza, dentre os minerais, as pedras preciosas eram as mais estimadas pelo seu valor simbólico recordando os mitos da riqueza. Acreditava-se que as pedras amarelas e verdes curavam a icterícia e as doenças do fígado, as pedras vermelhas teriam efeito sobre as hemorragias, fluxos sanguíneos e febres ardentes. O pensamento analógico dominava a escolha da pedra para combater um determinado mal. Este conhecimento, tido como ocidental, passou para o Oriente, como podemos constatar pela fórmula das Pedras

---

[194] Mircea ELIADE. *Images et symboles*: essais sur le symbolisme magico-religieux. Paris: Gallimard, 1952, p. 190.
[195] Henrique CARNEIRO, op.cit. p. 84-85.
[196] Hoje em dia alguns minerais estão voltando a ser empregados na medicina, principalmente, na medicina estética, na área da cosmética, por exemplo, os peelings feitos com cristais como a turmalina. Do nosso ponto de vista esses cristais funcionam como agentes físicos para esfoliar a pele, eles poderiam ser substituídos por qualquer outro elemento que não seja solúvel na base do produto como óleo, água, alcool, etc.
[197] Henrique CARNEIRO, op. cit. p. 87.

Cordeais. Estas foram compostas com elementos oriundos principalmente das regiões asiáticas, mas tendo uma forte influência ocidental na concepção de um medicamento polivalente, utilizando-se de um pensamento médico analógico. Como as pedras tiveram grande prestígio não só na Europa, mas também no Oriente podemos deduzir que as populações orientais passaram a compartilhar com as ocidentais as mesmas analogias relativas às práticas de cura. Neste caso os jesuítas são os responsáveis por essa assimilação, afinal a produção e difusão das pedras davam-se a partir de seus colégios de Goa e Macau.[198]

Vejamos agora, como aparecem nas coleções de receitas, os medicamentos de segredo.

No século XVIII, a utilização de medicamentos de segredo que tinham em sua constituição elementos mágicos não foi exclusiva de camadas populares ou de extratos da população que fossem mais desprovidos de bens materiais. Augusto da Silva Carvalho[199] conta que D. João V valeu-se de um remédio de segredo na tentativa de superar a impotência de que era vítima, o ginseng, considerado no Extremo-Oriente um potente afrodisíaco.

O sucesso das fórmulas de segredo esteve diretamente ligado ao universo cultural da Europa da época moderna que, como vimos, comportava a convivência do universo mágico/ científico. Muitos desses segredos mágicos revestiam-se de um caráter científico-racional quando médicos os incorporavam em seus tratados destacando sua eficácia. Entre esses se pode citar João Curvo Semedo e suas obras *Polyanthea medicinal* e *Atalaia da vida.*

Já nos referimos anteriormente que no Prólogo ao Leitor da *Collecção de varias receitas...* o autor fazia uma advertência aos leitores para que não divulgassem os segredos existentes na sua obra sob pena destes perderem a "estimação". Acreditamos que o autor fazia esse pedido para que o medicamento não perdesse o seu valor econômico. Outra interpretação que se pode dar para essa perda de estimação é que se o segredo fosse revelado quebraria o seu encanto. Ora, não é de se estranhar tal preocupação do autor, pois encantamentos, sortilégios, benzeduras, esconjuros e outras coisas semelhantes faziam parte do quadro mental do homem europeu dos setecentos.

---

[198] Para saber mais sobre a utilização e o simbolismo das pedras preciosas ver: Mircea ELIADE, op. cit.; Henrique CARNEIRO, op. cit; eMárcia Moisés RIBEIRO, op. cit.

[199] Augusto da Silva CARVALHO. *Mezinhas e remédios de segredo*. Lisboa: Oficina da Associação Nacional de Tipografia, 1928, p. 91.

Pensando nos jesuítas dessa época, percebemos que eles estavam investidos no papel de importantes idealizadores de medicamentos de segredo, combinando aspectos religiosos e mágicos, em uma nova/velha relação. Quando padres ungiam com óleo bento invocando o poder dos santos especialistas em curar determinadas doenças, não estavam fazendo nada mais do que invocar poderes ocultos. O livro setecentista *Botica preciosa e tesouro precioso da Lapa,* [200] escrito pelo clérigo paulista Ângelo Sequeira, exemplifica esta prática de recorrer aos poderes dos santos. Cada santo tinha uma área de especialidade para realizar a sua cura, assim Santo Amaro era invocado para os achaques das pernas e braços, Santa Ana contra a esterilidade, São Bento contra as mordeduras de aranhas e outros insetos venenosos, São Brás contra os males da garganta, Santa Apolônia contra as dores de dente.

Quando se rezava para um santo pedindo auxílio para curar um determinado mal estava-se circulando pelo universo mágico-curativo, assim como quando se atribuía à safira a virtude de fortificar o coração. Nos dois casos era necessário que quem estivesse lançando mão de tal prática de cura realmente confiasse que ela poderia curá-lo.

Segundo Ribeiro, na América Portuguesa, a escassez de recursos curativos e o medo da morte estimularam o desenvolvimento de um receituário, cujos componentes estavam sempre disponíveis, seja por meio de remédios aviados em boticas, seja por meio de remédios mágicos.[201] Se não se tivesse uma safira poder-se-ia pedir ao santo responsável por curar os males do coração que lhe socorresse.

Como se tentou demonstrar, certos processos curativos, destituídos de sentido nos dias atuais, não eram apenas regidos pelas crenças supersticiosas, eles nada mais eram do que reminiscências de velhos sistemas teóricos que atribuíam determinadas qualidades às substâncias naturais.

Finalizando, mais uma palavra a respeito das práticas mágicas de cura presentes nos dois documentos estudados. Na *Collecção de várias receitas*… não encontramos a indicação de uso de amuletos para promover a cura como existem na *Árvore da vida*. Na *Collecção de varia receitas*… há receitas de medicamentos que utilizam entre seus ingredientes, uma grande variedade de substâncias, como: urina, na *Agoa Arterial, Agoa*

---

[200] Ângelo SEQUEIRA. *A botica preciosa, e tesouro precioso da Lapa. Em que como em botica, e tesouro se acham todos os remédios para o corpo, e para a alma, e para a vida, E uma receita das vocações dos santos para remédio de todas as enfermidades, e vários remédios, e milagres de Nosso Senhora da Lapa, e muitas novenas, devoções, e avisos importantes para os pais de famílias ensinarem a doutrina cristà a seus filhos e criados.*Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues, 1754. Devo a indicação desta obra a Mary Del Priore.

[201] Márcia Moisés RIBEIRO, op. cit, p.70.

Otalmica, Emplastro vulneraio Magistral;[202] receitas com animais ou parte de animais: Balsamo contra Parlezia (minhoca, cão, gato todos sãos), *Cataplasma contra esquinência* (Alba canis, miolo de gato, ninho de andorinha), *Pedras de Colera de Pio* (ossos de elefante ou de veado ou de boi), *Emplastro Atrahente* (sebo de bode), *Poz antineofriticos* (sangue de bode), *Poz anti-pleuriticos* (sangue de bode e dente de javali).[203]

Acreditamos que o fato da *Collecção de* varias *receitas.…* pertencer à segunda metade do século XVIII fez com que ela tivesse menos elementos mágicos do que a *Árvore da Vida*…, que é do primeiro quartel do mesmo século. Talvez com o passar dos anos no século XVIII, as ideias iluministas foram se difundido e isso fez com que os elementos mágicos também fossem diminuindo nas práticas terapêuticas.

Neste capítulo analisamos as práticas terapêuticas que estão presentes nas duas coleções de receitas, buscamos apresenta-las quantos a aspectos médicos e mágicos. No próximo capítulo veremos como eram as boticas jesuíticas e o papel que estas desempenhavam na geração de conhecimentos e de renda para os colégios.

---

[202] *Collecção de varias receitas*… respectivamente às páginas 11, 36, 140.
[203] Ibidem, respectivamente às páginas 54, 84, 260, 114,323, 323.

Capítulo 4 – Boticas Jesuíticas

No capítulo anterior vimos algumas terapêuticas utilizadas pelos jesuítas nos receituários organizados por membros da Companhia de Jesus, buscamos compará-las entre si e relacioná-las com a prática cultural da época.

No nosso entender a preocupação dos inacianos com o cuidado dos moribundos é central no modo como estes processavam suas atividades missionárias, não só como caridade cristã, mas também ajudando a Coroa a fazer sua expansão territorial nas regiões coloniais. Vários trabalhos mostraram que os jesuítas valeram-se do atendimento à saúde para se aproximarem das populações que queriam trazer para o seio da Santa Madre Igreja.[204]

Partindo desta interpretação, destacaremos aqui o papel exercido pelas boticas jesuíticas no atendimento à saúde, buscando mostrar que esse espaço não teve importância apenas na assistência aos doentes, mas também nos próprios colégios por contribuir na geração de renda para estes. Antes, porém trataremos da regulamentação do ofício de boticário e das boticas.

4.1. As boticas e o ofício de boticário no Império Português

No primeiro capítulo analisamos o estado d´arte da medicina na Europa ocidental no século XVIII. Contudo não tratamos das regulamentações das atividades ligadas ao atendimento à saúde em Portugal e seus domínios. Faremos isto neste item de modo resumido, atendo-nos basicamente às normatizações ligadas às boticas/boticários, cirurgiões e médicos.

Restabelecer a saúde de um doente administrando e criando medicamentos foram durante muitos anos atividades de uma mesma pessoa. Não existia separação entre médicos

[204]Dentre muitos cito uns poucos: Eliane Deckmann FLECK. Sobre o martítio e curas: medicina e edificações nas reduções jesuíticas guaranis (século XVII). Paulo José Carvalho da SILVA. Medicina do corpo e da ama: os males corporais e o exercício da palavra em escritos da antiga Companhia de Jesus. Heloísa Meireles GESTEIRA. A cura do corpo e a conversão da alma – conhecimento da natureza e conquista da América, nos séculos XVI e XVII. Marina MASSINI. A medicina da alma no pensamento jesuítico e sua influência na cultura luso-brasileira dos séculos XVI e XVII. Daniela Buono CALAINHO. Jesuítas e medicina no Brasil colonial. José EISENBERG. *As missões jesuíticas e o pensamento politico moderno:* encontros culturais, aventuras teóricas.

e boticários. Segundo Vera Regina Beltrão Marques[205] foi apenas no século VIII que a arte de curar começou a ser dividida, não permanecendo mais nas mãos dos médicos a obtenção de remédios que pudessem aplacar os males dos doentes.

Para esta autora, esse processo de separação foi iniciado pelos árabes e durou até por volta do século XIII, quando ainda eram muito próximas as relações econômicas entre médicos e boticários. A partir do século XVI consideravam-se definidas as duas áreas de atuação. Para José Pedro Sousa Dias esta separação possibilitou ao médico livrar-se do trabalho manual de aviar medicamentos.

> *"A divisão do trabalho entre físicos e boticários, representada pelo aparecimento destes últimos, não é um fenômeno isolado na economia medieval. Referindo-se ao progresso técnico produtivo entre os séculos XII, XIII e os finais do século XV, Armando Castro afirma que "uma das principais expressões desse progresso assenta sem dúvida num avanço da divisão do trabalho, tanto através da formação e multiplicação de novas atividades produtivas exercidas por profissionais autônomos como, embora com uma dinâmica menos expressiva, através da subdivisão duma mesma atividade em tarefas autônomas".*[206]

Marques afirma que tanto a separação das artes de curar em farmácia e medicina quanto os primeiros documentos que registram o ofício de boticário em Portugal surgiram com uma defasagem de pelo menos 200 anos em relação ao restante do ocidente cristão.[207]

Assim, segundo a bibliografia, o ofício de boticário apareceu como efeito da separação das artes de curar e surgiu como uma profissão mecânica, portanto com menos

---

[205]Vera Regina Beltrão MARQUES. Op. Cit.p. 156.
[206]José Pedro Sous DIAS. "Problemas e perspectivas na história das origens da farmacia em Portugal". Comunicação apresentada no I Congresso das Ciências Farmacêuticas. Lisboa, nov. 1982, p. 6. Apud. Vera Regina Beltrão MARQUES. Op. cit. p. 156.
[207]Ibidem, p. 157.

prestígio e distinção em comparação com os médicos. Na figura abaixo podemos ver como foram classificados, por Brás de Abreu segundo citação de Dias os ofícios:

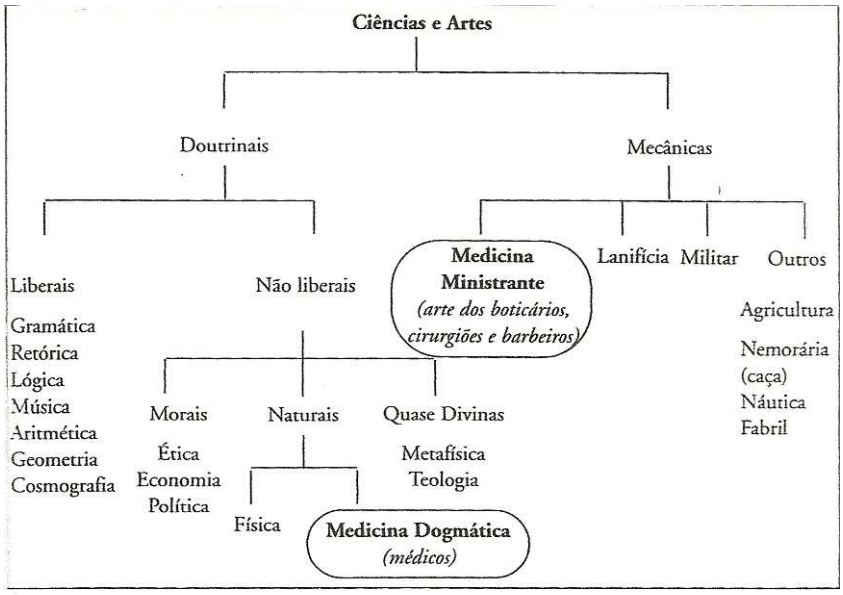


Figura 12 Classificação das artes, segundo o *Portugal Médico* de Brás de Abreu. Fonte: José Pedro Sousa DIAS. *Droguistas, Boticários e Segredistas*, p.179.

Na obra de Rafael Bluteau, editada no século XVIII podemos notar o desprestígio que o ofício carregava:

> *Boticário o que tem botica, vende drogas medicinais e faz mezinhas. Os boticários são cozinheiros dos médicos; cozem e temperam quando lhes ordenam. Nicolau Longio tem grande volume contra boticários, que não conhecem perfeitamente as qualidades dos simples, vendem uma droga por outra, um medicamento velho e sem virtude por um fresco e que novamente veio do Levante. Por isso proibiu o Imperador Nero todos os medicamentos que vinham de remotos climas. Que necessários seria vista nas boticas. O agárico se é macho, é mortífero; a coloquintina se está madura é*

> *perigosa; o maná que passa de um ano não presta; a canafístula velha não tem substância; a casca do ruibarbo carcomida não purga. O boticário quando faz mezinhas que o médico ordena se houvera de chamar propriamente medicantarius.*[208]

A arte de curar dividiu-se em muitos ofícios, como vimos na figura acima, nessa separação com exceção da Medicina todos os outros ofícios tornaram-se artes menores. Apenas aos médicos dogmáticos foi atribuída a nobreza da profissão de poder curar. Sendo assim, segundo Marques, Bluteau "não tinha mesmo outra saída se não definir os boticários como cozinheiros dos médicos".[209] Ou seja, executavam aquilo que era determinado pelo médico.

Na figura acima vemos que Brás de Abreu dividiu o mundo das ciências e das artes colocando os médicos na categoria de Medicina Dogmática, as demais artes de curar foram alocadas na Medicina Ministrante, um braço das ciências mecânicas.

Sobre estas enfatizou seu caráter subalterno:

> *"Entra a Medicina Ministrante, e como inimiga doméstica pretende fazer-nos guerra mais porfiada, intentando que não se distinga o mecânico do nobre, o servil do doutrinal, e o ministrante do dogmático. O cirurgião aspira ao caráter de Doutor, o sangrador reveste-se de licenciado, o boticário presume de cidadão, o cristaleiro mete-se a condiscípulo, e ultimamente a arteira é o oráculo das gestantes, e mezinheira Circe de todo gênero feminino, e até o alveitar*

---

[208] Raphael BLUTEAU. *Vocabulário português e latino*. P. 169-170.
[209] Vera Regina Beltrão MARQUES. Op. cit. p. 163.

> *pretende ser camarada de Apolo, ou sócio de Esculápio".*[210]

O ofício do boticário permaneceu como mecânico, portanto um ofício de segunda categoria, até o século XIX, em Portugal.

Podemos acompanhar, também, as mudanças nos ofícios pela análise de sua regulamentação nas várias fases do império colonial português.

Quanto à regulamentação das atividades ligadas à saúde, é preciso explicitar que desde 1430 o rei de Portugal exigia que todos os que praticassem a arte de curar no seu Império fossem examinados e aprovados pelo seu médico particular. O regimento do cirurgião-mor, sancionado em lei no reino, em 1448, apontava dentre os encargos da função a inspeção de farmácias e a regulamentação do exercício da medicina e da cirurgia. [211]

Em 1561, saiu um alvará proibindo os médicos de comercializarem medicamentos para seus pacientes ou de prescreverem com boticario seu parente até segundo grau ou com quem tivessem sociedade comercial. [212] Com esse alvará buscava-se evitar que o médico receitasse remédios para obter lucro. Havia a preocupação de que os medicamentos prescritos a um doente não fossem realmente necessários para que ele obtivesse a cura ou diminuir os incomodos.

Durante o período da União das Coroas Ibéricas foram produzidas as Ordenações Filipinas, em 1595, nas quais foram regulamentadas todas as questões de interesse para o reino e suas conquistas. Dentre os assuntos abordados podemos encontrar as normas para os pesos e medidas. Os boticarios foram tratados nas Odernações Filipinas tal como qualquer comerciante devendo obedecer às mesmas regras que o peixeiro, o ourives, o fabricante de velas e outros. Segundo esse conjunto de normas, os comerciantes deveriam pelo menos uma vez ao ano afilar seus pesos e medidas verificando se estes estavam de acordo com o padrão determinado. Estes foram definidos e distribuídos entre os vários ofícios. Para ao boticarios ficou estipulado *"dois arráteis, e meio arrátel, duas quartas de*

---

[210]Brás de ABREU. *Portugal médico ou monarquia édico-lusitana histórica, prática, simbólica, ética e política*. Coimbra: Oficina João Antunes, 1726, p. 116. Apud. Vera Regina Beltrão MARQUES. Op. cit. p. 163.

[211] Flavio Coelho EDLER. *Boticas e Pharmacias*: uma História ilustrada da farmácia no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006. P. 20.

[212] José Pedro DIAS. *Droguistas, Boticários e Segredistas*: ciência e sociedade na produção de medicamentos na Lisboa de Setecentos. p. 183.

arrátel e 16 onças pelo miúdo, que são arrátel e oito oitavas pelo miúdo, que são uma onça para passarem as mezinhas".[213]

Segundo informações dadas por José Pedro Sousa Dias,[214] em 1623 saiu um alvará proibindo a acumulação das profissões de boticário e de cirurgião, ratificando o alvará de 1561. Conforme o mesmo autor em 1627 foi promulgado uma lei que mandava o físico-mor elaborar a cada três anos o regimento dos preços dos medicamentos e que os médicos escrevessem nas suas receitas o preço do medicamento. Ainda segundo o mesmo autor em 1656 saiu uma lei proibindo que nos receituários médicos fosse utilizada outra língua que não o português. José Pedro Sousa Dias ainda nos informa que em 1782 foram extintos os cargos de físico-mor e cirurgião-mor e criada a Junta do Protomedicato que assumiu as atribuições dos cargos extintos, mas que estes foram novamente criados em 1799. Em 1794 foi aprovada a *Farmacopeia Geral do Reino*. Com a vinda da corte para o Rio de Janeiro a Junta do Protomedicato deixou de existir, apenas os cargos de físico-mor e cirurgião-mor foram mantidos.

Segundo Dias, dentre as obrigações do físico mor nestes anos finais do século XVIII:

> *"contavam-se a de controlar o acesso à profissão farmacêutica, a emissão de licenças para a instalação de boticários e para o fabrico de remédios secretos, a realização de visitas de inspeção às boticas e afixação de preços dos medicamentos. Cabia-lhe igualmente a jurisdição do exame e da execução das penas aplicadas aos que infringissem as normas estabalecidas no regimento. Para efeito, despacharia com um escrivão e diante de um corregedor da Corte. Em última instânccia, da qul não poderia haver apelo nem agravo, ele despacharia juntamente com o corregedor do crime da Corte. Para o apoiar na*

[213]*Ordenações Filipinas*: ordenações e leis do Reino de Portugal recopiladas por mandato d´el Rei D. Felipe, o primeiro. Apud Flavio Coelho EDLER. Op. cit. p. 20.
[214] José Pedro DIAS. *Droguistas, Boticários e Segredistas*: ciência e sociedade na produção de medicamentos na Lisboa de Setecentos. p. 183-184

> *ação, o físico-mor tinha escrivão e meirinho próprios".*[215]

Como vimos não faltaramleis no reino português para regulamentar o ofício de boticário. Contudo este ofício viu-se como uma área de disputa entre as administrações municipais, responsáveis pela regulamentação das atividades comerciais e ofícios mecânicos e o físico-mor responsável pela fiscalização das atividades ligadas à assistencia à saúde como vimos acima.

Segundo Edler, desde o século XVI, a partir do momento que Portugal estabelecia sua administração nas áreas coloniais, as capitais destas deveriam receber a designação de um licenciado para o cargo de físico. [216] Todavia tal prática não ocorria de fato.

Em parte porque havia falta de profissionais habilitados para realizarem o atendimento à saúde nos domínios portugueses, fato citado por vários autores. Dentre eles Maria Beatriz Nizza da Silva apresentou dados comparativos entre a Metrópole e a colônia americana. Segundo ela, em 1551, a cidade de Lisboa contava com 57 médicos, 70 cirurgiões, 46 boticários, além de parteiras, enfermeiras, saca-molas, enquanto que, somente em abril de 1553, foi nomeado pela Coroa um físico para a América portuguesa, Jorge Fernandes. Segundo a mesma autora tem-se notícia da nomeação de apenas três cirurgiões para essa região na mesma década. A autora não apontou quantos boticários havia na colonia. [217] Serafim Leite informou que havia boticas no Brasil quando foi publicado o *Regimento dos Boticários e de Arte Pharmaceutica*, de 1744, e que se os boticários não chegaram com os Capitães Donatários, estes desembarcaram na Bahia junto com Tomé de Sousa em 1549, que trouxe alvará régio mandando pagar a Diogo de Castro, boticário, que vinha na frota do 1º Governador-Geral, 15$000 réis de ordenado por ano. [218]

Pela biblografia, sabemos que na China a situação não era diferente. Em 1557 Portugal recebeu autorização do império chinês para se estabelecer definitivamente em Macau e governar a região, em troca deveria pagar um aluguel ao governo imperial chinês. Em 1583 criou-se o Leal Senado e em 1623, instalou-se em Macau o primeiro governador

---

[215] Ibidem p. 185-186.
[216] Flávio Coelho EDLER. Op. cit. p. 20
[217] Maria Beatriz Nizza da SILVA. Médicos e cirurgiões no Brasil Colonial. In: A*nais da III reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. São Paulo, 1984.
[218] Serafim LEITE. *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil* (1549-1760), p.94.

português. Segundo Ana Maria Amaro [219], em 1625 um irmão boticário do Colégio de São Paulo escreveu que até então Macau nunca tinha tido um físico diplomado. A mesma autora diz que só em 1676, no caderno de contas do tesoureiro do Senado, se pode ver as primeiras verbas de pagamento a um cirurgião. Este cirurgião era Lucas Gonçalves e serviu nessa cidade até 1680.[220]

Com a falta de médicos formados por escolas de medicina, bem como de cirurgiões e boticários nas colônias portuguesas, pelo menos até o século XVIII, os jesuítas assumiram destacado papel no atendimento à saúde. Ao longo do tempo, foram aperfeiçoando seus conhecimentos por meio de contato com profissionais leigos residentes nas colônias, e por meio da leitura de reconhecidas obras de medicina, encontradas em muitas das bibliotecas de seus colégios. O colégio do Maranhão, por exemplo, entre seus cerca de cinco mil volumes de livros, possuía vários exemplares dedicados às artes médicas. [221] Segundo Ana Maria Amaro o colégio de São Paulo de Macau foi um importante centro cultural. Já em princípios do século XVII funcionaram ai três cursos superiores (Matemática, Astronomia e Geometria) e dois de menor grau (Medicina e História Natural). Havia também o curso de primeiras letras. [222] Ainda segundo a mesma autora, a biblioteca do colégio de Macau também tinha um acervo considerável. Em 1616 foram enviados para essa biblioteca 7.000 livros, dos quais 500 ofertados pelo Papa.[223]

Conhecer um pouco mais a respeito das boticas jesuiticas é o que faremos a seguir. Veremos como se apresentavam organizadas e quais utensílos possuiam.

4.2. – As boticas jesuíticas no Império colonial português

Assim como a metrópole portuguesa regulamentava a assistência à saúde em seus domínios o mesmo era feito pela Companhia de Jesus para as regiões onde possuía missão. Todos os principais colégios dos jesuítas tinham boticas, algumas destas alcançaram maior destaque do que outras. Normalmente a botica funcionava no próprio edifício do colégio.

---

[219] Ana Maria AMARO. Influencia da farmacopeia chinesa no receituário das Boticas da Companhia de Jesus. *Revista de Cultura*, Macau, v. 30, 1997. p.53.
[220] Ibidem, p. 67.
[221] Serafim LEITE. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, op. cit. tomo 4, p. 288.
[222] Ana Maria AMARO. Influencia da farmacopeia chinesa no receituário das Boticas da Companhia de Jesus. *Revista de Cultura*, Macau, v. 30, 1997. p.54.
[223] Ibidem, p. 67.

Era aberta para a rua, sua entrada era independente da do colégio. Ana Maria Amaro contou que em 1675 o médico inglês John Freyer esteve em Goa e escreveu que os jesuítas tinham um grande convento, nele havia *"uma livraria, um hospital, e uma botica bem provida de mezinhas"*. [224] Vejamos, como exemplo, as plantas do colégio de Salvador na Bahia.

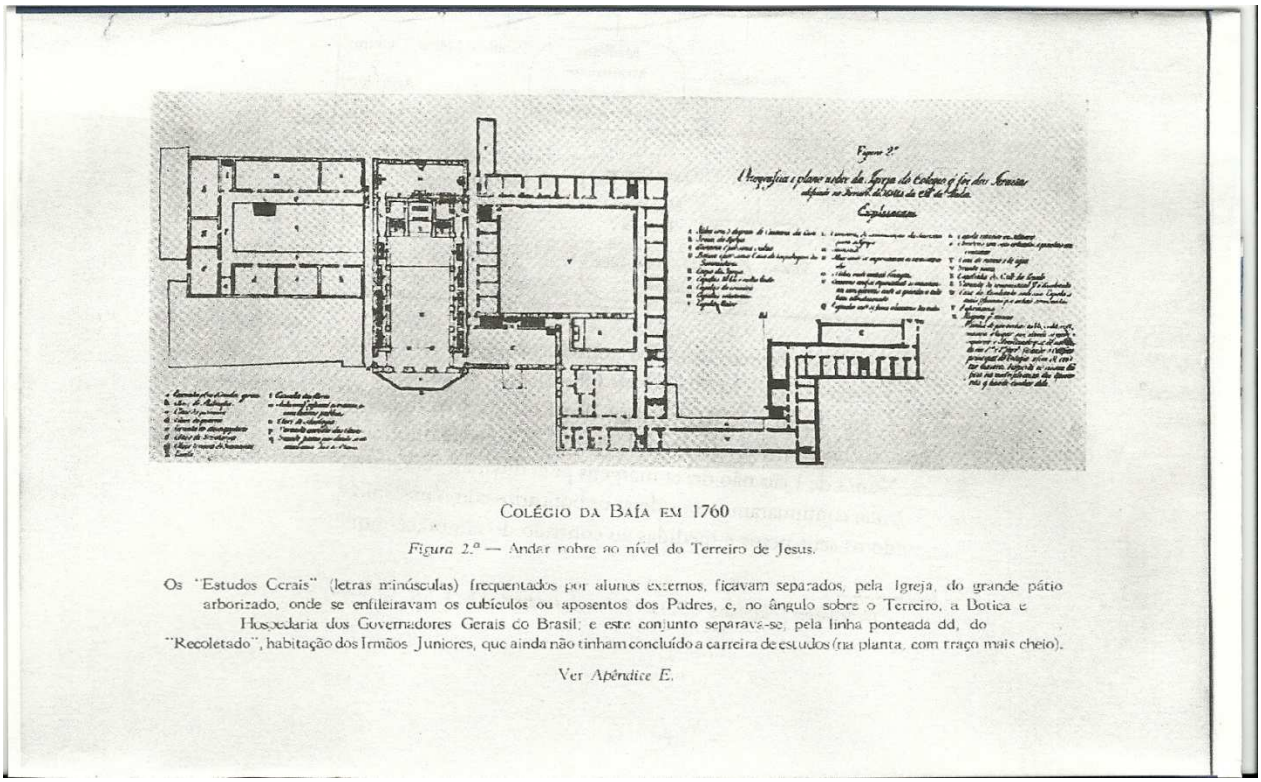


Figura 13 Planta do Colégio da Bahia em 1760. Fonte: Serafim Leite, História da Companhia de Jesus, v. VII. CD com imagens da 1ª edição. in: história da Companhia de Jesus. São Paulo: Loyola, 2004.

No Apêndice E, página 156 do volume VII da edição de 2004 podemos ler o que consta na planta.

A. Adro com 3 degraus de Cantaria da Corte.
B. Frente da Igreja.
C. Portaria, e por sima (sic) salaõ (sic)
D. Botica e por sima (sic) Caza (sic) de hospedagem dos Governadores.
E. Corpo da Igreja.
F. Capelas de hum (sic) e outro lado.

[224] Ana Maria AMARO. A famosa Pedra Cordial de Goa ou de Gaspar António. *Revista ce Cultura*, Macau, 19/22, 1988/89. P.88

G. Capelas do Cruzeiro.

H. Capelas colateraes (sic)

I. Capela Maior.

L. Corredores de comunicação (sic) da Sacristia para a Igreja.

M. Sacristia.

N. Altar onde se depositavaõ (sic) os vazos (sic) sagrados.

O. Nichos onde tinhaõ (sic) imagens.

P. Caixoens (sic) em q. se depositavaõ (sic) os ornamentos com gavetas onde se guardava tudo bem acondicionado.

Q. Esguicho onde se fazia o lavatório das maõs.

R. Capela interior ou Santuario.

S. Corredores com seus cubículos e janelas conventuais (sic).

T. Caza (sic) de recreio e de agoa (sic).

V. Grande pateo (sic).

X. Capelinha de N. Snrª do Populo (sic).

W. Caza (sic) do Recoletado (sic) com sua Capela, e mais oficinas que se achaõ (sic) arruinadas. [Na gravura, com traço grosso, debaixo da legenda maior].

Y. Enfermaria.

Z. Alegrete p.ª recreio.

[Legenda no ângulo oposto da mesma figura 2]

a. Entrada p.ª os Estudos Geraes (sic)

b. Clace (sic) de Philosofia (sic)

c. Clace (sic) de primeira

d. Clace (sic) de quarta.

e. Cazinha (sic) de Mastigophoro [Correcção (sic) escolar].

f. Clace (sic) de Gramatica.

g. Clace (sic) terceira de Gramatica.

h. Escola.

Segundo Serafim Leite, a botica era formada por uma sala e um laboratório ou oficina. A primeira tinha a função de loja, era aí que os medicamentos ficavam à disposição do público. Nesse espaço havia, geralmente, uma imagem de Nossa Senhora da Saúde. Na oficina não podiam faltar: a fornalha, a estufa, o alambique de cobre, os

almofarizes com suas mãos de ferro e de pedra, além de espátulas, vasos de porcelana, vidro, barro vidrado, e grandes potes. Havia ainda tachos de metal, geralmente latão e uma biblioteca especializada.

Ainda, tratando do inventário de 1760, quando da expulsão dos jesuítas do Império português, afirma que havia na botica do colégio do Maranhão: 4 estantes onde se dispunham os recipientes constituídos por vasos de barro e redomas de vidro. Cita a seguinte relação de bens da botica do Colégio do Maranhão:

> "*Tinha mais [de] 400, todos com remedios (sic) necessarios (sic) para aquela terra, os quais importariam 400$000 reis. Perto da Botica situava-se o deposito e a oficina ou laboratório. E aqui havia: Tres (sic) fornalhas, uma estufa com os trates seguintes: hum alambique de cobre estanhado, dois alambiques de barro vidrado, 5 tachos de arame, um almofariz de 2 arrobas com sua mão de ferro, e outro de 12 libras com sua mão, mais 2 pequenos; tinha mais 4 almofarizes de mármore (sic) com mão de pau, mais 2 de marfim pequenos, 6tamizes (sic) com suas tampas de couro, 4sedaços (sic).*
>
> *Tinha mais dois almarios (sic) grandes e hum (sic) bufete grande com 4 gavetas, 2 pares de balanças pequenas; mais duas que eram ordinárias, uma de arame, outra de folha. Havia mais na Botica huma (sic) imagem da senhora com uma Coroa de prata e com seu Menino que tinha resplandor (sic) de prata. Tinha mais 30 tomos de Medicina e Botica, um candeeiro (sic) de arame, 6 espátulas de arame, huma (sic) imprensa, 2 bacias de arame,2 escumadeiras de arame. Ficou mais em casa do cirurgião Manuel de Sousa 30$000 reis em remedios (sic), 5 tomos de Medicina, um alambique de cobre estanhado, 2 alambiques de barro vidrado*". [225]

Leite ressalta que apesar de modesta a botica do colégio do Maranhão possuía como podemos notar um bom jogo de 10 grais e almofarizes (de ferro, mármore e marfim); um bom jogo de 6 alambiques, além de diversas peças de metal; uma biblioteca especializada com 30 volumes, apartada da biblioteca geral do colégio. Esse autor sugeriu que como esta deveriam ser as demais boticas, provavelmente com diferença no número de utensílios, ressalvou, portanto que todas deveriam possuir pelo menos o que havia na do

[225]Archivum romanum SocietatisIesu, Bras. 28, 27. Apud Serafim LEITE, *Artes e Ofícios dos jesuítas no Brasil*. Lisboa/Rio de Janeiro: Brotéria/Livros de Portugal, 1953. p. 92. Não estamos analisando aqui as especificidades de cada região, mas sim tratando da existência de boticas no vários colégios jesuítas.

Maranhão, pois está era de menor importância se comparada às boticas dos colégios da Bahia, Recife e Rio de Janeiro. [226] A respeito da botica do colégio do Pará, Serafim Leite afirma que a segunda diferia nos almofarizes (2 almofarizes e um grande, tudo de bronze) dos grais (5 grais de pedra e um de marfim). [227] Ainda sobre esta botica disse que segundo o inventário datado de 1760, além de 20 tomos de livros de medicina, continha recipientes diversos, estantes com mais de 400 remédios, fornalhas, alambiques, almofarizes de mármore, ferro e marfim, armários, frascos e potes de várias cores e tamanhos, balanças, pesos, medidas, tachos de cobre, de barro, bacias, prensas, tenazes, enfim todo um aparato técnico para a confecção dos medicamentos. E com tudo isto era tida como uma botica modesta, comparativamente às existentes nos colégios da Bahia e Rio de Janeiro. [228]

Vejamos agora que medicamentos eram produzidos nestas boticas.

No capítulo anterior apresentamos alguns dos medicamentos aviados nas boticas jesuíticas no século XVIII. Como sabemos na *Collecção de várias receitas…* o organizador selecionou alguns dos medicamentos que eram produzidos nessas boticas. Nesse manuscrito temos a apresentação de 249 medicamentos.

Sabemos que dentre as receitas escolhidas para compor a *Collecção de várias receitas…* havia medicamentos galênicos e químicos. Os medicamentos químicos demoraram a entrar em Portugal, e quando entraram a maioria das vezes eram importados. A maior parte das boticas de Lisboa no século XVIII, por exemplo, não tinha nem as instalações nem os utensílios necessários para a produção dos remédios químicos e quando possuía normalmente não os utilizava de modo constante. [229]

No entanto, há registros de que os medicamentos químicos aviados pelos jesuítas, assim como os galênicos, gozavam de prestígio junto aos profissionais de saúde. Assim, Curvo em sua obra *Atalaia da* Vida afirmou que o óleo de canela bom para palpitações do coração, só era verdadeiro se manipulado na botica dos jesuítas em Goa. [230] Na *Collecção de várias receitas*, aparece a receita de óleo de canela, mas o nome do colégio aí citado foi o da Bahia.[231]

---

[226] Serafim LEITE. *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil.* Lisboa/Rio de Janeiro: Brotéria/ Livros de Portugal, 1953, p. 92.
[227] Ibidem, p.93.
[228] Serafim LEITE. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2004., tomo 4, p. 73.
[229] Ibidem, p. 124.
[230] João Curvo SEMEDO. *Atalaia da vida contra as hostilizadas da morte*. Lisboa Oficina Ferreiriana, 1720. Apud. José Pedro Sousa DIAS. *Droguistas, Boticários e Segredistas*: ciência e sociedade na Produção de Medicamentos na Lisboa de Setecentos, p. 123.
[231]Cf, no anexo 1, medicamento número 129.

Vimos acima os utensílios que existiam nas boticas do Maranhão e Pará, vejamos a seguir os equipamentos e instalações que Manuel Rodrigues Coelho, autor da Farmacopeia Tubalense, dizia serem necessários para a manipulação de remédios químicos:

> *"Uma fornalha de revérbero ou policresta, com cinzeiro, grelha e chaminé regulável, funcionando a carvão e utilizável para todas as operações químicas (…) fazer várias fornalhas com diferentes capacidades. O tamanho das fornalhas tinha a ver com a dimensão dos recipientes e o número de operações que se pretendessem realizar em simultâneo, de forma a aproveitar melhor o carvão ou a lenha. Não fazia sentido ter apenas um forno muito grande, que gastava grandes quantidades de combustível até aquecer, para operar uma pequena retorta, da mesma forma se tornava dispendioso fazer apenas uma operação de cada vez num forno pequeno. (…) Era necessário um forno que operasse com temperaturas menores este deveria ser sem grelha nem cinzeiro. Para fundir metais era necessário um tipo específico de fornalha. Além das fornalhas, o laboratório químico implicava um grande número de material de vidro e cobre (os recipientes utilizados deveriam ser de vidro ou vidrado. Para manipular grandes quantidades de substâncias, como acontece frequentemente na destilação, aceitam-se recipientes de cobre e mesmo neste caso deveria ser estanhados por dentro), como alambiques de cobre, com cabeça de refrigério ou com cabeça de turco, cucúrbitas e cabeças de vidro, normais ou com formatos especiais como gemelos e o pelicano, banhos de vapor, maria e de areia em*

> *cobre, serpentinas, cabeças cegas de estanho, retortas normais tubuladas, cuinas, matráses (sic) incluindo alguns com colos encaixáveis para formar vasos de reencontro, copelas, aludeles e conufusórios, além de material comum à oficina galênica, como funis de vidro, redomas, panelas de barro e de vidro, cadinhos, almofarizes de vidro, de pedra e de metal".* [232]

Segundo Souza Dias a maior parte das boticas no século XVIII em Lisboa não tinham nem as instalações nem o equipamento necessário para a manipulação química, mesmo as que possuíam não os utilizavam de forma constante. Se isto ocorria na capital da metrópole, acreditamos que o mesmo ocorria em suas colônias. Como vimos acima, o óleo de canela produzido na botica do colégio dos jesuítas de Goa gozava de prestígio. Se nesse colégio aviavam esse medicamento, podemos supor que sua botica possuía equipamento para manipulação dos remédios químicos. Acreditamos que o mesmo pode ser inferido para as demais boticas de Colégio que manipulassem medicamentos químicos, o que mostra que os jesuítas estavam a par das novidades produzidas na área de farmácia em países tais como Itália, Holanda, Inglaterra e outros.

Apesar de poucas farmácias terem condições para produzir medicamentos químicos em Portugal, sabemos que estes eram consumidos no reino e seus domínios via importação. Segundo Ribeiro Sanches, se não se criasse em Portugal um laboratório químico os boticários jamais conseguiriam romper a dependência que tinham dos medicamentos que vinham do estrangeiro. [233] Mesmo boticas importantes, que abasteciam de medicamentos outras boticas de Lisboa como foi o caso da botica do colégio dos jesuítas de Santo Antão, importavam remédios, como podemos verificar pelo quadro abaixo elaborado por José Pedro Souza Dias [234]

---

[232]José Pedro Sousa DIAS. *Droguista, Boticários e segredistas*: ciência e sociedade na produção de medicamentos na Lisboa de Setecentos. P.124-126.
[233]Ribeiro SANCHES. *Obras*, Coimbra: Uiversidade, 1956-1966, p. 92-94. Apud José Pedro Sousa DIAS. *Droguista, Boticários e segredistas*: ciência e sociedade na produção de medicamentos na Lisboa de Setecentos. P124.
[234] Ibidem, p. 139.

Pós de Joannes	Espírito volátil oleoso de Sylvius	Caparrosa queimada
Salitre	Pedra-lipis	Vitríolo, sal de
Sublimado corrosivo	Sal volátil febrífugo de Sylvius	Espírito de nitro corrosivo
Azougue vivo (mercúrio)	Antimónio, vidro de	Mercúrio vitae
Pedra infernal	Sal comum, espírito de	Crocus martis aper. (aço
Verdete	Tincal	preparado)
Mercúrio doce	Água-forte	Tártaro solúvel
Alvaiade	Ferrugem, espírito de	Cinábrio artis (?)
Sal catártico	Pedra medicamentosa	Sal-gema
Sal policresto	Enxofre, bálsamo de	Tintura martis ou de aço
Calomelanos	Antimónio cru	Nitro diaforético
Vitríolo, espírito de	Antiético de Potério	Espírito de nitro doce
Cremor tártaro	Mínio (Zarcão)	Fezes de prata
Cinábrio nativo	Tintura de lua (ou de prata)	Sarro de vinho branco
Tártaro emético	Tintura martis aperiente	Vitríolo branco
Antimónio diaforético	Sal martis de Riverio	Extracto de Marte
Quintílio	Chumbo queimado	Antimónio, nitro de
Fezes de ouro	Vitrílo doce, terra de	Arcano duplicado
Chumbo, sal de (ou sal de	Magnés arsenicali	Tártaro por delíquio, óleo de
saturno)	Bezoártico mineral	Tártaro, tintura de
Tártaro vitriolado	Antimónio diaforético marcial	Arsénico amarelo
Água-forte dobrada	Bezoártico juvial	Arsénico branco
Sal tártaro	Cristalo montano	Vitríolo, óleo de
Panaceia mercurial	Água-forte, resíduos de	Antimónio, manteiga de
Cinábrio de antimónio	Pedra-calaminar	Antimónio, tintura de
Bálsamo de enxofre terebintinado	Enxofre, espírito de	Rosalgar branco

Figura 14 Medicamentos químicos e drogas metálicas adquiridas pela botica de Santo Antão (1749-1750). Fonte: José Pedro Sousa Dias. *Droguista, Boticários e Segredistas*: ciência e sociedade na produção de medicamentos na Lisboa de Setecentos p. 139.

Acreditamos que se isso ocorria com a botica de Santo Antão, também se passava com outras boticas jesuíticas. Em 1627, por meio de uma Carta Ânua expedida de Macau pode-se notar que a botica do colégio de São Paulo de Macau importava medicamentos de Lisboa e de Cantão. [235]

Assim nos séculos XVII e XVIII havia necessidade de importação de medicamentos, simples, compostos e químicos porque como grande parte das receitas utilizadas no império português eram europeias ou árabes os ingredientes também eram.

Talvez a grande contribuição dos jesuítas que estavam fora da Europa para a farmacopeia do século XVIII, tenha sido a circulação de receitas que eles promoveram, ao informarem por carta seus superiores a respeito dos progressos que tinham no tratamento de doentes ao utilizarem medicamentos e práticas de cura das regiões onde estavam

[235] Ana Maria AMARO. Influencia da farmacopeia chinesa no receituário das Boticas da Companhia de Jesus. *Revista de Cultura*, Macau, v. 30, 1997. p.54

estabelecidos. Medicamentos feitos com a quina americana e com copaíba que tiveram muito prestígio na Europa são bons exemplos dessa aquisição e circulação de conhecimento que os jesuítas promoveram.

Segundo Serafim Leite os medicamentos da botica do Colégio do Pará eram renovados com frequência tanto com produtos que vinham do reino quanto pelos que ai eram manipulados. Em 1732, a botica do colégio de Santo Antão mandou para a botica do colégio do Pará: alcaçuz, jalapa, ruibarbo, pós, triagas, unguentos, óleos, bálsamos, 12 frascos de águas medicinais com 6 qualidades distintas. No total foram gastos 38$810 reis.[236] Em seu livro José Pedro Sousa Dias apresentou uma serie de dados que demonstram que a botica do colégio de Santo Antão abastecia várias boticas tanto no reino quanto nas colônias. Tanto boticas da própria companhia de Jesus quanto boticas de outras ordens e boticas laicas[237]

As boticas dos colégios jesuítas disponibilizavam seus produtos gratuitamente ao público, salvo para os que tinham melhores condições financeiras e os podiam comprar: esta parece ter sido a norma. Os recursos oriundos destas vendas só poderiam se aplicados na própria botica, na aquisição de medicamentos, matéria-prima, equipamentos e livros. [238]

Em muitas cidades e vilas do império português, as boticas jesuíticas foram as únicas disponíveis, como é o caso da botica dos colégios de Macau em 1625 e do Pará em 1757. Nas regiões onde existiam outras farmácias, as jesuíticas proviam-nas caso da botica do colégio de Santo Antão em Lisboa e da botica do colégio do Rio de Janeiro que, em 1706, era dirigida por um irmão com grandes conhecimentos e estudos, e autor de várias receitas. [239] Não só no Rio de Janeiro, as boticas jesuíticas tinham como seus responsáveis homens que possuíam um bom conhecimento da arte de aviar medicamentos, seja porque fossem boticários de oficio, seja porque aprenderam junto com outro irmão que possuíam um notório conhecimento sobre essa arte. Como foi o caso do irmão José de Passos que aprendeu com o irmão Francisco da Silva, primeiro em São Paulo de Piratininga, depois em Olinda.[240] Na *Collecção de várias receitas…* encontramos 13 receitas criadas pelo

---

[236] Ibidem p. 73.
[237] José Pedro Sousa DIAS. *Droguistas, boticários e segredistas*: ciência e sociedade na produção de medicamentos na Lisboa de setecentos. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia. 2007. p. 153,.156, 169 e 283
[238] Serafim LEITE. *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil*, op. cit. p. 13-14.
[239] Licurgo SANTOS FILHO. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo: Edusp/Hucitec, 1977, p.128
[240] Serafim LEITE. *História da Companhia de Jesus no Brasil.* São Paulo: Loyola, p. 400-401.Os jesuítas foram homens muito estudiosos. Muitos além dos estudos dedicados a religião também possuíam cursos universitários como direito e medicina. Era negado aos jesuítas o direito de exercer a medicina, mas não

irmão Francisco da Silva. A botica do colégio de São Paulo de Goa tinha como boticário em 1675, o célebre irmão Gáspar António, autor da famosa Pedra Cordial. [241] O colégio de Santo Antão em Lisboa teve como boticário o padre Alexandre Botelho, de 1734 até 1759, autor de várias receitas. [242]

Além das boticas dos colégios que atendiam a população das vilas e cidades onde estavam localizadas, os loyolanos possuíam também embarcações que transportavam remédios ao longo da costa brasileira, como foi, por exemplo, o caso do colégio do Maranhão, que, através de sua Botica do Mar, abastecia o litoral em direção ao norte, até o Pará. [243]

Os medicamentos que supriram as boticas dos colégios coloniais vinham do Reino, mas a pouca frequência de chegada dos navios, as eventuais perdas por deterioração nas embarcações e nos portos, e os altos preços, obrigaram os boticários a se voltarem para os recursos naturais oferecidos pelas colônias. Assim, da Ásia até a América, ajudados pelas populações locais, aprenderam a decifrar a estranha natureza que lhes aparecia. Tornaram-se exímios observadores da fauna e da flora coloniais, identificando variadas espécies, aclimatando às regiões plantas que tivessem algum tipo de exploração econômica, inclusive as que possuíssem algum efeito curativo. Estudavam seu modo de ação para os inúmeros males que acometiam as populações coloniais, elaborando fórmulas, como as que vimos na *Collecção de varias receitas...* .

Assim como as boticas dos colégios de Santo Antão, em Lisboa, a do Rio de Janeiro e a do colégio da Bahia também merecem destaque as boticas dos colégios jesuítas do Oriente, especialmente em Goa e Macau. Segundo Amaro os missionários que serviram em Macau foram hábeis nas artes médicas e, ao longo do tempo, grandes conhecedores das drogas medicinais da região. [244]

---

havia impedimento de fazer atendimento ao doente, rezando e ou administrando medicamentos, pois estas práticas eram vistas como atitudes esperadas de um cristão.

[241] Ana Maria AMARO. A famosa Pedra Cordial de Goa ou de Gaspar António. *Revista de Cultura*, Macau,v.19/22, 1988/89. p.88

[242] José Pedro Sousa DIAS. *Droguistas, Boticários e Segredistas:* ciência e sociedade na produção de medicamentos na Lisboa de setecentos. p. 281.

[243] Serafim LEITE. *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil*, op. cit.p. 14.

[244] Ana Maria AMARO. Influência da farmacopéia chinesa no receituário das boticas da Companhia de Jesus p.54.

Ainda segundo a mesma autora, em 1603, a botica do colégio de Macau estava provida com simples e medicamentos da farmacopeia ocidental que vinham anualmente a partir da botica do colégio de Goa.[245]

Segundo informa Amaro, a botica de Macau era administrada por um irmão especializado na elaboração de medicamentos, o qual, em caso de necessidade, era chamado a tratar de doentes. [246] Esta autora nos relata que, em documento, escrito por um irmão boticário, datado de 1625, mas não assinado, "*consta que até o século XVII, Macau nunca tinha tido físico diplomado, sendo de crer que, portanto, que fossem apenas cirurgiões os que, anteriormente, foram citados como médicos*" [247] Ainda segundo nos informa Amaro nesse mesmo ano , não existia em Macau mezinhas ao modo português, senão as do colégio jesuíta. Segundo esta autora, o atendimento à saúde feito pelos jesuítas rapidamente conquistou a confiança da população local.[248]

Na América portuguesa, segundo Serafim Leite, além das boticas presentes nos colégios, havia também as localizadas nas aldeias e fazendas, mas estas normalmente eram apenas um espaço onde se guardavam os medicamentos, não se produzindo remédios. As fazendas jesuíticas foram fonte de renda para os colégios, por meio da exploração econômica destas, os colégios conseguiam se. Segundo Heloisa Meireles Gesteira e Alessandra dos Santos Teixeira, a botica da fazenda de Campos dos Goitacazes era composta por medicamentos, biblioteca e um caderno manuscrito de receitas. [249] A descoberta, pelas autoras, desse caderno manuscrito de receitas, contradiz informação anteriormente veiculada por Serafim Leite, indicando que os medicamentos não foram produzidos apenas nas boticas dos colégios.

No inventário dos bens da Fazenda denominada Campos Novos, no momento da expulsão da Ordem do Brasil, Gesteira e Teixeira encontraram a seguinte lista de medicamentos:

---

[245]Ibidem, p. 53.
[246] Ibidem, p. 53
[247] Ana Maria AMARO. Influência da farmacopeia chinesa no receituário das boticas da Companhia de Jesus, op. cit. p. 53.
[248] Ana Maria AMARO. Influência da farmacopeia chinesa no receituário das boticas da Companhia de Jesus, op. cit.. ., p 54.
[249] Heloisa Meireles GESTEIRA e Alessandra dos Santos TEIXEIRA. As fazendas jesuíticas em Campos dos Goitacazes: práticas médicas e circulação de ideias no império português (século XVI ao XVIII). *Clio – Série de Pesquisa Histórica.* Rio de Janeiro, n. 27-2, 2009. p. 130-131.

> *"hum (sic) papel com cinquenta e dois vomitórios de quintilio (sic), 17 purgas de jalapa, 18 vomitórios de tártaro, 7 purgas de rezina, 5 purgas de batata, um estojo com duas lancetas, 12 papelinhos de pírolas (sic) Angélicas, 7 purgas de rum, huma (sic) libra e quatorze oitavas de basilicão, hum dito de óleo rozado (sic), 1vidrinhode óleo de copaíba, 1 lata de triaga brasílica, 1 lata de trementina (sic), escarrador, 2 vidros de óleo de amêndoas, lancetas, libra e meia de salsaparrilha, unguento de chumbo".*[250]

Finalizando registramos outros dados sobre a atuação das boticas jesuíticas. A Botica do colégio do Rio de Janeiro, por exemplo, além de abastecer as demais boticas laicas da cidade, enviava medicamentos para as boticas jesuíticas das aldeias, fazendas, e de outros colégios.[251]

Também, durante as epidemias as boticas jesuíticas no Império português forneciam medicamento de graça para toda a população. Por exemplo, no Maranhão em 1627-1628, no Pará em1662 e 1695, e São Paulo em 1732 [252] O mesmo se dava durante as guerras, em Macau durante a guerra entre portugueses e holandeses em 1622, além de dar medicamentos a quem precisasse, os feridos foram enviados para a enfermaria do colégio de São Paulo que tratou a todos com suas mezinhas e todo o resto que fosse necessário.[253]

As boticas constituíam-se assim como complemento natural das enfermarias dos colégios. Porém, interagiram de forma mais intensa com as populações locais, nelas sendo atendido quem adentrasse em seu espaço físico, seja para comprar medicamento, seja para recebê-lo de graça. Desse modo, a botica contribuía para a construção da aceitação dos jesuítas pelas populações locais. Nos séculos em que aturaram nas colônias, os jesuítas

---

[250] Ibidem, p. 131.
[251] Serafim LEITE. *História da Companhia de Jesus no Brasil.* Op.cit, v.VI p.422
[252] Ibidem, v.IV p. 73, v. VI, p.561
[253] Ana Maria AMARO. Influencia da farmacopéia chinesa no receituário das boticas da Companhia de Jesus, op. cit, p.53.

perceberam que se praticassem em conjunto a cura do corpo e da alma conseguiam resultados de catequização mais eficientes.

Neste item quisemos mostrar que as boticas dos colégios constituíram-se em espaços de produção e consumo de conhecimento. Paula Findlen afirma que, no decorrer da época moderna, os espaços de produção e consumo de conhecimento foram se especializando.[254] Pelos dados até aqui apresentados acreditamos que as boticas jesuíticas encaixam-se nessa afirmação de Findlen, porque elas nasceram das necessidades das enfermarias dos colégios, mas aos poucos foram ganhando vida própria, desenvolvendo conhecimento e medicamentos, por meio dos boticários, conforme estes aprendiam mais sobre natureza na qual estavam inseridos. Pelos inventários de 1759, que citamos acima, podemos notar que dentro do espaço físico das boticas criaram-se bibliotecas específicas de medicina, distintas das bibliotecas gerais dos colégios. Esse aspecto do surgimento de espaços especializados em produção de conhecimento é o que será discutido no próximo item.

4.3- Boticas: espaços de sistematização e circulação de conhecimento

A botica foi, até o século XVIII, o espaço onde se praticou a ciência e a arte do medicamento, elaborava-se remédios para curar qualquer perturbação na saúde, ou fazia-se produtos para equilibrar os humores, como queriam os hipocráticos.

Segundo Janeira [255] diferente de outros espaços que também cultivavam o conhecimento, como as bibliotecas e os gabinetes de curiosidade, as boticas juntavam em um mesmo espaço conhecimento e pesquisa, e nós juntamos a esses dois também o comércio que entendemos como circulação tanto de produto quanto de conhecimento. Como os médicos, os boticários tinham os seus clientes, os seus pacientes, apesar da legislação do reino proibi-los de prescrever remédios, como vimos no item 5.1.

Semelhante às oficinas de ourives, na botica também se sujava a mão. Fato este discriminatório na sociedade lusa, e que alimentou dois desequilíbrios, um da elite versus o popular e outro da universidade versus os ofícios mecânicos. Analisamos anteriormente

---

[254] Paula FINDLEN. *Possessing nature*: museums, collecting, and scientific culture in early modern Italy. Berkeley: University of California, 1996.
[255] Ana Luísa JANEIRA. Gabinetes, Boticas e Bibliotecas. *Episteme*, Porto Alegre, n. 20, suplemento especial, jan/jun. 2005. P.

que as regulamentações para o atendimento à saúde trataram o boticário como comerciante acabando por desqualifica-lo socialmente frente ao médico, porque o primeiro era visto como um artesão, enquanto o segundo exercia uma ocupação mais intelectual. Reproduzindo o mesmo preconceito artes e ofícios versus conhecimento universitário. Aos que exerciam ofícios mecânicos estava vedada a participação aos melhores cargos públicos e eclesiásticos. Os boticários não podiam, por exemplo, ser Familiares do Santo Ofício.

O modelo de conhecimento dos boticários baseado no saber-fazer, se diferenciava do modelo seguido pelos médicos caracterizado pelo saber-poder [256], o que acarretou fortes consequências sociais aos seus praticantes. O mesmo se deu na relação entre cirurgiões e médicos, e segundo Serafim Leite entre os missionários jesuítas que cuidavam dos doentes fazendo e criando medicamentos e o missionário que fazia sermões para converter os infiéis ao Catolicismo. [257]

Consideramos que as coleções de receitas que analisamos testemunha bem como as boticas jesuíticas foram espações de produção de conhecimento.

As boticas jesuíticas, de onde saíram as receitas copiadas na *Árvore da vida* e na *Collecção de varias receitas,* foram responsáveis pela sistematização de um conhecimento médico-terapêutico adquirido pelos Irmãos farmacêuticos nas várias regiões do Império colonial português. Foi por meio de receitas, e praticas terapêuticas, que os jesuítas conquistaram fama de serem eficientes no tratamento de doentes. Sendo assim, acreditamos que os organizadores da *Árvore da vida* e da *Collecção de varias receitas…* buscaram sistematizar o saber farmacológico dos jesuítas nas possessões ultramarinas. Foram os irmãos boticários que organizando e experimentando as receitas produzidas nas boticas dos colégios propiciaram a divulgação dos saberes adquiridos nas possessões coloniais. Foram os receituários das boticas dos colégios jesuíticos que forneceram as matérias-primas para as duas coleções compostas não apenas por medicamentos, mas também por outras práticas de cura como a flebotomia tão comum na Europa Ocidental até o século XIX. Como vimos Na *Collecção de varias receitas…* há uma ilustração como o sistema venoso humana ensinando como realizar a flebotomia. Estas coleções só puderam ser feitas porque o conhecimento farmacológico foi organizado anteriormente na botica, o espaço saber-fazer do de que nos falou Janeira.

---

[256] Este saber-poder remete-nos à ideia de poder simbólico de Piere Bourdieu.
[257] Serafim LEITE. *História da Companhia de Jesus no Brasil*.

Se as regulamentações de atendimento à saúde fossem aplicadas nas áreas colônias, elas não permitiriam que obras como *A Árvore da vida* e *A Collecção de varias receitas…* fossem criadas, pois seus organizadores não eram homens habilitados para praticarem o atendimento à saúde. Porém, como nas áreas colônias as regulamentações não foram seguidas à risca, seja por falta de pessoas habilitadas para exercer o atendimento à saúde, seja por falta de fiscalização, obras como elas preocupadas em ensinar receitas médicas e a ensinar práticas terapêuticas distintas das utilizadas na Europa, acabaram surgindo. Os ensinamentos nelas dispostos foram fruto do trabalho de jesuítas boticários que: 1) incorporaram das populações locais saberes medico-farmacológicos 2) elaboraram receitas produzidas com simples locais, mas que possuíam concepções farmacêuticas europeias.

Por fim, é importante lembrarmos que os medicamentos usados pelos jesuítas nas colônias acabaram se difundindo na Europa.

Os escritos jesuíticos, cartas ou livros, e a exportação de alguns produtos com fins medicinais, levaram das regiões coloniais para a Europa o conhecimento das virtudes terapêuticas de raízes, caules, folhas, cascas, sumos, polens, minerais e óleos a exemplo da quina, planta da região amazônica, que curava a malária e era conhecida como "mezinhas dos padres da Companhia de Jesus." [258] A quina chegou a Roma em 1649, levada por um jesuíta, depois se difundiu rapidamente pelo continente; também foi chamada de *agoa febrífuga*, cuja fórmula foi desenvolvida no colégio de Santo Antão, em Lisboa.[259] Na *Collecção de varias receitas…* existe uma receitas de água *febrífuga para terçans e quartans* que utilizava a quina como um se seus ingredientes. [260] Do mesmo modo a ipecacuanha, erva excelente para problemas respiratórios, teve suas virtudes divulgadas na Europa em 1625, por meio de um manuscrito de autoria do padre Fernão Cardim, onde estavam arroladas varias receitas do irmão Manuel Tristão, enfermeiro do colégio da Bahia. [261] O padre Manoel da Nóbrega, por exemplo, remeteu a Portugal algumas conservas de efeito terapêutico, como o suco de ananás verde, para "pedras e areias na urina", recomendando que viessem ao Brasil os que desse mal sofressem. E, sobre o tabaco, escreveu que "nesta terra do Brasil todas as comidas são difíceis de desgastar, mas

---

[258] "Ocorre, portanto, desde a descoberta dos novos mundos, uma fusão do saber botânico-médico, que será composto tanto pela tradição clássica árabe como das novas plantas e saberes, junto à manutenção de superstições cristãs". Henrique CARNEIRO. *Filtros mezinhas triacas*. Op. cit. p. 66

[259] Lourival RIBEIRO. *Medicina no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Sul americana, 1971, p. 156.

[260] *Collecção de várias receitas…* p.20.

[261] Licurgo SANTOS FILHO. *História geral da medicina no Brasil.*Op. cit, p. 125.

Deus remediou isto com uma erva cujo fumo muito ajuda a digestão e outros males corporais e a purgar a fleuma do estômago.” [262] Esses escritos que buscavam difundir as qualidades terapêuticas da flora medicinal colonial, e as coleções de receitas que estamos estudando, buscavam sistematizar o conhecimento sobre a natureza no que tange o seu lado medicinal. Estes escritos visavam organizar o conhecimento que os jesuítas haviam adquirido com as populações locais e também organizar as criações que desenvolveram mesclando os conhecimentos da medicina clássica europeia com os saberes coloniais. Podemos concluir assim afirmando que as boticas jesuíticas foram os espaços privilegiados para a produção, organização, difusão e sistematização do conhecimento médico-terapêutico nas regiões coloniais portuguesas.

4.4 – Boticas: espaços geradores de lucro

Uma de nossas hipóteses neste trabalho é sobre o lucro obtido pelas boticas dos colégios jesuíticos com a venda de medicamentos tanto para a população que viveu no entorno delas quanto pela exportação que praticaram. Isto é o que tentaremos demonstrar a seguir.

Na *Collecção de varias receita*... encontramos algumas receitas que apresentam o seu preço de custo

[262] Serafim LEITE. Os jesuítas no Brasil e a medicina. *Separata da Revista PetrusNonius*, v. 1,Lisboa, 1936, p. 13

Medicamento	Nome do colégio	Custo do preparo	Página na Collecção de varias receitas
Ambar concentrado	Botica do Colégio da Bahia	16$000 (da receita)	3
Balsamo Estomacal	Botica do Colégio de Macau	800 réis (1 onça)	53
Pillulas Capitais	Botica do Colégio Bahia	240 réis (1 oitava ou 8 pírulas)	276
Pillulas Douradas	Botica do Colégio de Macau	100 réis (cada pírula)	279
Tintura Estomacal	Botica do Colégio de Macau	800 réis (1 onça)	394
Tizana Laxativa Mompliacensis	Botica do Colégio de Recife	1$280 réis (custo da receita)	399
Unguento Sigilado	Botica do Colégio de Santo Antão	150 réis (1 onça)	478

Figura 15 – Custo de alguns medicamentos que estão na Collecção de várias receitas.

Dos 249 medicamentos transcritos na *Collecção de várias receitas…* apenas em 7 temos a informação a respeito do custo do seu preparo. Temos também o caso da Triaga Brasílica reformada em que o organizador explica que o elevado custo de determinados ingredientes diminui o lucro de produção do medicamento, sendo por isso pouco manipulado. A Triaga Brasílica reformada nada mais era do que a receita da Triaga Brasílica acrescida de óleos e sais químicos. Afirmava o organizador da coleção que quando o irmão boticário queria que a triaga fosse mais eficaz acrescentava esses elementos, mas *"... não lhos ajuntava ordinariamente porque lhe tirava pouco lucro..."*. [263]

O alto valor deste medicamento também aparece registrado em alguns documentos assim, quando os jesuítas foram expulsos do Império português, um dos desembargadores do sequestro da Bahia, que conhecia a fama da Triaga Brasílica, escreveu a um ministro do rei no dia 30 de junho de 1760:

> *"Agora sou obrigado a dizer a V. Ex.ª, para ser presente ao mesmo senhor, que tendo eu notícia que havia na Botica do mesmo Collegio (sic) algumas receitas particulares, e entre elas a do antídoto ou Triaga brasílica, fiz a necessária diligencia para que me viesse à mão antes que fosse de outrem vista, pelo justo receio de que se trasladasse ou desencaminhasse por industria de quem com eficácia(sic) a buscava;*

[263] *Collecção de varias receitas* ...p. 405.

> *o que se não evitaria, faltando a predita cautela, que se ignora, na inteligência de que poderiam os mesmos Padres ocultar(sic) a dita receita, como fizeram (sic) aos principais remédios, que em lugar incompetente foram achados. Por esta receita me dizem haverá nesta Cidade quem dê três ou quatro mil cruzados; e he (sic) certo que o fundo principal da dita Botica era este remédio, pelo grande gasto que tinha, por ser prompto (sic) o seu efeito (sic). Também achei outros manuscritos de outras receitas, que poderão não ser vulgares, porquanto delas (sic) se vê mandarem os Prelados com pena de desobediência se não mostrassem a pessoa alguma".*[264]

Podemos notar no trecho do documento citado que a Triaga Brasílica era um remédio que rendia um lucro considerável para a Botica do Colégio da Bahia, sendo tal fato de conhecimento não só da Ordem com também de pelo menos uma parcela laica da população soteropolitana. Provavelmente por causa do lucro que a botica do colégio obtinha com a venda deste medicamento, o irmão responsável pela botica mantinha esta receita em segredo para não perder o lucro caso a receita passasse a ser de conhecimento de outros boticários.

Segundo Carlos Alberto Zeron, na época da expulsão dos jesuítas, a botica da cidade de Salvador era responsável por algo em torno de 3% e 10% dos rendimentos anuais da Província.[265] De posse deste dado, da informação do autor da *Collecção* de que o boticário não colocava alguns ingredientes na confecção da Triaga Brasílica reformada porque não lhe dava muito lucro, e da preocupação do autor da *Collecção* em manter sob sigilo os remédios particulares, não nos resta dúvida de que as boticas geravam lucro para os colégios e que os jesuítas envolvidos com as manipulações de receitas médicas estavam preocupados em manterem seus lucros. Não podemos esquecer que essa preocupação com os lucros estava presente nos dois organizadores das coleções de receitas estudadas.

Quando tratamos da obra da *Árvore da Vida* Affonso de Costa informamos que havia uma família que produzia uma excelente triaga, que não contava a receita a ninguém

---

[264] Arquivo Histórico Ultramarino, caixa 26, doc. 5018. Apud . Serafim LEITE .*Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil.* Lisboa/Rio de Janeiro: Brotéria/Livros de Portugal, 1953, p.88.

[265] Carlos Alberto de Moura Ribeiro ZERON. "três documentos relacionados à extinção da Companhia de Jesus." In: Leandro KARNAL; José Alves FREITAS NETO (orgs.). *A escrita da memória*: interpretações e análises documentais. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004, p. 224 – 253 p. 235.

para não perder o lucro que tinha em fazê-lo e comercializar[266]. Os jesuítas receitavam esse medicamento.

Um dos remédios mais famosos, de que se importavam para Lisboa, todos os anos, muitas arrobas, era a pedra cordial do colégio de São Paulo de Goa. A pedra tinha tal fama, e por isso valor econômico, que passou a ser falsificada por boticários de Goa que dali a exportavam para o reino. Este fato prejudicava os inacianos que possuíam a fórmula da receita autêntica.[267] Os inacianos fizeram várias reclamações ao Rei dizendo que estavam sendo prejudicados por essas falsificações. Segundo Amaro por esse motivo o Rei enviou ao Governador da Índia, em 1675, uma Carta Régia que determinava que não fossem mandadas para Portugal Pedras de Gaspar António que não fossem as autenticas produzidas pelos jesuítas, uma vez que os demais boticários as faziam *sem ciência e sem os ingredientes necessarios de que se compunham.* [268]

Ana Maria Amaro conta-nos que as Pedras Cordiais de Goa rendiam para Gaspar António 50 mil xerafins. Com a morte do irmão Gaspar António a receita da pedra cordial de Goa passou para as mãos do padre Jorge Ungarte, que a transmitiu a outros boticários que lhe sucederam no colégio. Quando, em 1759, a Companhia de Jesus foi expulsa do território português, o segredo da receita foi cedido aos padres capuchos do convento da Madre de Deus de Goa, em cuja botica se continuou a preparar a fórmula até 1835, quando os conventos foram, por sua vez, também extintos. A receita passou para as mãos de um leigo que continuou produzindo as pedras até 1868 exportando-as para Macau. [269] Essa passagem da posse da receita por diversas mãos sempre a mantendo em segredo só pode ser entendida porque o lucro gerado pela receita seria significativo.

Ainda sobre as "Pedras Cordeais" Peregrino da Costa informa:

> *"O colégio de s. Paulo de Goa tinha também, a sua botica, onde eram preparadas as célebres 'Pedras de Goa', composição secreta do químico florentino, Irmão leigo Gaspar António, que tiveram tanta voga e que levadas pelos jesuítas chegaram aos confins do Extremo-Oriente, até Pequim, usadas até pelo Imperador da China, e mesmo à Rússia,*

[266] Affonso da COSTA. *Árvore da Vida*…tronco1, parte 1, ramo1, folha 13
[267] Serafim LEITE. *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil*.. Lisboa, 1952p. 11. Ana Maria AMARO. A famosa Pedra Cordial de Goa ou de Gaspar António. *Revista de Cultura*. Macau,1988/89. P.88
[268]Ana Maria AMARO. A famosa Pedra Cordial de Goa ou de Gaspar António. *Revista de Cultura*. Macau,1988/89. P.88
[269] Ana Maria AMARO. A famosa Pedra Cordial de Goa ou de Gaspar António. *Revista de Cultura*. Macau,1988/89, p. 89.

> *para onde foram remetidas de Pequim ao célebre médico Ribeiro-sanches. E essas pedras eram exportadas para a Europa e para o Extremo-Oriente em tão larga escala e davam* ***tão considerável rendimento*** *ao Colégio (...).”* [270]

A Pedra Cordial de Gaspar António, assim como a Triaga Brasilica eram medicamentos que serviam para vários fins, o que segundo Vera Regina Beltrão Marques seria uma das características dos mais famosos medicamentos de segredo produzidos pelas boticas jesuíticas. Ainda para essa autora, é essa característica polivalente dos medicamentos que fez com que gerassem tanto lucro para suas boticas. Sendo o medicamento utilizado para combater várias doenças, ele poderia ser produzido em larga escala, estocado e vendido conforme fosse solicitado na botica.

Como já dissemos, Serafim Leite afirmou que a botica do colégio do Maranhão produzia menos medicamentos do que as dos colégios da Bahia e Rio de Janeiro. Pelo quadro por ele citado, que mostra o rendimento das boticas da província do Brasil em 1757, em escudos romanos: “(...) *Baía, 1200; Rio de Janeiro, 600; Recife, 600; São Paulo, 400; Santos, 150; Olinda, 150,*” [271] pode-se inferir que a informação dada por Serafim Leite está correta. Apesar dos descontos que eram dados aos pobres, a ordem destes números é também a da sua produção e importância na província do Brasil.

A Seguir, vamos tentar levantar como as boticas jesuíticas obtinham seus lucros.

Primeiro, pela venda de medicamentos a particulares. Assim, segundo Taunay em vários inventários de paulistas encontram-se arroladas dívidas que o inventariante possuía com a botica do colégio de São Paulo de Piratininga, desde o século XVI até meados do século XVIII. Em alguns casos está descrito porque a dívida foi contraída, por exemplo, tratamento de um escravo, ou de algum membro da família do inventariante. [272]

Também, pela venda a farmácias. Serafim Leite[273] cita que em 1706, a Botica do Colégio do Rio de Janeiro abastecia de medicamentos as demais farmácias da cidade, fato que leva a crer na sua importância para geração de renda, já que com este fornecimento a

---

[270] J. P. Peregrino da COSTA. Medicina Portuguesa no extremo-Oriente –Sião, Molucas, Japão, conchinchina, Pequim e Macau – (século XVI a XX). *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, Bastorá, p. 63-64, 1948. Apud. Serafim LEITE. serviço de saúde da Companhia de Jesus no Brasil, op. cit. p. 11. (grifo nossos)

[271] Archivum romanum societatis Iesu, Bras. 6, 436-439 v. Apud Serafim LEITE. *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil.*. Lisboa, 1952,p. 16

[272] Affonso d’Escrangnole TAUNAY. *São Paulo no século XVI*. São Paulo: Tours E. Arrault e Companhia, 1921, p. 37.

[273] Serafim LEITE. *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil.*. Lisboa, 1952.p. 9

botica do colégio poderia aumentar seus lucros. Vimos acima que a Botica de Santo Antão também abastecia outras boticas e que no momento da expulsão da Ordem do reino de Portugal esta botica tinha a receber uma boa soma devido à venda de medicamentos para outros boticários.

Segundo Serafim Leite as Ordenações jesuíticas do Maranhão[274] instituíram que se devia dar medicamento de graça para os pobres, mas permitia a venda para os ricos, com a condição que os lucros obtidos com a venda de medicamentos só poderiam ser utilizados para a compra de novos medicamentos e que se houvesse sobra que se comprassem livros para a biblioteca do colégio, estando impedido o reitor de lhe dar outro destino.

Apesar dessas determinações, esta pesquisa chega a conclusão de que isso não ocorria, pois como justificar a manutenção de medicamentos em segredo se estes não rendessem um bom lucro para a botica que o preparava? Que vantagem o colégio e a sua botica teriam em gerar um grande cabedal que não pudesse ser aplicado da maneira que melhor lhe aprouvesse?

De encontro a esta conclusão, Serafim Leite, na pequena biografia que apresenta do irmão boticário Francisco da Silva, um dos autores de medicamentos, citado na *Collecção de varia receitas...*, conta que Francisco da Silva foi mandado, em 1738, a Pernambuco para organizar os serviços da botica do colégio de Olinda. Segundo Leite, a carta ânua de 1739-1740 fala da extrema penúria de medicamentos por que passava essa botica, porém com a presença do irmão Francisco da Silva houve abundância não só para o colégio, que deixou de comprá-los, mas também para a gente de fora, vendendo-se aos ricos, aos pobres davam-se de graça, como era costume. Esta fabricação de remédios ajudou o colégio economicamente e aliviou as dívidas que tinha. [275] Se a renda da botica ajudou o colégio a pagar suas dívidas é porque o lucro gerado por ela não foi usado apenas na própria botica, como determinava as Ordenações jesuíticas do Maranhão. Acreditamos que esta determinação deva ter sido a regra para a utilização do lucro pelos colégios e não a exceção, mostrando que as determinações superiores nem sempre foram seguidas nos colégios coloniais.

---

[274] Ordenações, Biblioteca Pública de Évora, cód. CXVI/2-2,151 *Apud*. Serafim LEITE. *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil.*. Lisboa, 1952. p. 15.
[275] Serafim LEITE. *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil*. Lisboa/Rio de Janeiro: Brotéria/Livros de Portugal, 1953, p. 261.

Também, pela afirmação que Zeron fez, referida acima, podemos concluir que a renda gerada pela botica do colégio da Bahia não foi apenas aplicada na própria botica, uma vez que o lucro desta foi muito grande.

Consideramos assim que, nas boticas dos jesuítas diversos medicamentos novos foram criados sendo que suas fórmulas foram mantidas em segredo, porque, na medida em que obravam curas, proporcionavam boa receita para a Ordem.

Segundo nos informa Beltrão os medicamentos de segredo não foram uma exclusividade das boticas jesuíticas, alguns boticários leigos também tinham seus segredos. Mas parece-me que os jesuítas tinham muito apreço pelos seus medicamentos de segredo e queriam conservá-los em seu poder como podemos ver no Prólogo da *Collecção de varias receitas*… de 1766:

> *"Amigo e caritativo Leitor, não fiz esta collecção de Receitas particulares das nossas Boticas, senão p^{a}. q. se não perdessem tão bons segredos, e estes não andassem espalhados por todas as mãos; pois bem sabes q. revelados estes, ainda q. seja de tua Botica p^{a}. outra, perdem toda a sua estimação: o que pelo contrario o mesmo he estar em segredo qualquer Receita experimentada, que fazerem della todos tam grande apreço, e estima com fama, e lucro considerável da Botica a q. pertence. Pelo q. peçose q sejas m^{to}. acautellado, e escrupuloso em não revelar algo destes segredos (...)."*[276]

Como se pode notar havia uma preocupação do autor da *Collecção de varias receitas*… no sentido de que os medicamentos que eram secretos permanecessem assim, para que a botica que os produzisse não tivesse nenhum prejuízo pelo fato de seu segredo ter sido revelado para outros irmãos boticários da mesma Ordem. Se outros boticários começassem a produzir uma quantidade muito grande de um medicamento sigiloso de uma determinada botica, o valor deste cairia provocando perda de renda para a botica criadora. Segundo o autor deste documento, sua intenção ao escrever a *Collecção* foi evitar que estes segredos se perdessem. A data de publicação da obra é 1766, posterior à expulsão dos jesuítas dos domínios portugueses. Talvez o autor estivesse preocupado em que não se perdessem as receitas de remédios secretos, uma vez que a partir de 1759 já não havia, pelo

[276] *Collecção de varias receitas*..p. 1.

menos nos domínios portugueses, a organização e estrutura da Ordem que garantia a preservação do segredo. Desse modo corria-se o risco de ver todo o conhecimento produzido pelas boticas jesuíticas desaparecer, ou ser tomado por mãos erradas.

Como já dissemos antes, Vera Regina Marques [277] mostra que era comum no século XVIII a existência de remédios secretos. A autora afirma que quem descobria uma fórmula secreta a mantinha trancada a sete chaves, por medo de ver seus lucros desaparecerem. Cita exemplos de Curvo Semedo, famoso médico português produtor de remédios secretos, e dá exemplos de anúncios de medicamentos secretos que circularam em Paris no setecentos. Como se pôde ver no prólogo da *Collecção*, citado acima, o mesmo ocorria com os segredos criados pelos jesuítas. O autor deixa claro que o leitor não deveria revelar as fórmulas secretas, pois estas perderiam o lucro que geravam para a botica a que pertenciam, uma vez que a receita passaria a ser compartilhada e produzida por outros boticários, fazendo com que o preço do remédio caísse porque havia aumentado a oferta deste no mercado.

A fama dos remédios de segredo corria o mundo. O colégio da Bahia da província do Brasil produzia trinta e oito segredos, segundo inventário realizado na *Collecção,* e entre eles encontra-se a famosa fórmula da Triaga Brasílica, medicamento que se aplicava em várias doenças, principalmente como antídoto e conhecido em sua época pela rapidez com que agia. Sobre isso, o autor da *Collecção* afirmava:

> *"a confessar a verdade, pela experiencia que tenho de todas as quatro partes do mundo e exercitando em todas ellas a charidade de applicar alguns remédios, digo que he das triagas a que entre todas as outras tem primazia; pois he a que, entre todas ellas, obra mais promptamente e com mais efficacia."*[278]

A Triaga Brasilica, ainda hoje, continua a despertar interesse a respeito de seus efeitos terapêuticos, tanto que pesquisadores da área de saúde buscam identificar nos

---

[277] Vera Regina B. MARQUES. *Natureza em boiões*: medicinas e boticários no Brasil setecentista. p 235-279.
[278] *Collecção de várias receitas ...p.*406

elementos que a compoem suas atividades.[279]

Para finalizar podemos afirmar, pelos exemplos que vimos que as Boticas geravam sem sombra de dúvida lucro para os colégios aos quais pertenciam. *As constituições da Companhia de Jesus* permitiam que os colégios buscassem formas de se sustentar, permitindo que estes explorassem fazendas e outras formas de ganho. O custo de manutenção de um colégio era elevado e muitas vezes a dotação real não era suficiente. Sendo assim, a exploração econômica feita por meio das boticas era bem vinda, muitas delas adquiriram um papel importante na manutenção destes, como é o caso da botica da Bahia e de Olinda, como já vimos.

Ser uma botica produtora de medicamentos e bem abastecida, não só ajudava a gerar lucro, mas também auxiliava no processo de cristianização das populações locais, proporciando a este colégio mais poder uma vez que tinha sob seu controle uma parcela maior da população.

[279] Cf. Nuno Álvares PEREIRA, Renato J. S. JACCOUD e Walter B. MORS. Triaga brasílica: renewed interest in a seventeenth-century panacea. *Toxicon*, v. 30, n. 5, p. 511-516, 1996. E Fernando Santiago dos SANTOS, op. cit,

Considerações finais

Na Introdução desta Tese enunciamos que esta se vinculava à vertente dos chamados "novos estudos culturais". Entendemos que a História da Ciência deva ser entendida como história cultural. Pois a produção do trabalho científico está inserida na sociedade e não fora desta, sendo assim a ciência é um conhecimento que faz parte do conhecimento de uma sociedade. Propositalmente deixamos sem desenvolver essa questão, embora assumíssemos essa vinculação como um pressuposto. Acreditamos que uma reflexão *post festum* a esse respeito poderia ser mais proveitosa, uma vez que seria levada a cabo a partir dos resultados da pesquisa.

Os historiadores não estão muito acostumados a criar conceitos e talvez por isso mesmo utilizem em seus trabalhos conceitos conflitantes. Segundo Francisco Falcon:

> *"Os historiadores, embora se utilizem implicitamente de algum conceito de cultura toda vez que aludem, em seus textos, aos chamados aspectos ou manifestações culturais, nem sempre se dão ao trabalho de refletir sobre tal conceito".*[280]

Acreditamos que o mesmo vale para o conceito de ciência, que normalmente é aplicado sem se explicitar o que se entende por ciência. Utiliza-se o termo como se todos entendessem como um mesmo é único significado. Sabemos que isso não ocorre.

Não gostaríamos de incorrer nesse equívoco em nossa pesquisa, mas, por outro lado, achamos que esses conceitos de cultura e ciência podem ser enriquecido pelos resultados da própria pesquisa historiográfica. Por essa razão nos propusemos a refletir, embora brevemente, sobre a nova história cultural e os usos que os historiadores podem fazer desta na construção de seu discurso.

Influenciada pelo desenvolvimento das filosofias relativistas de inspiração neokantiana, a partir do final do século XIX, alguns intelectuais negam que a história possua competência explicativa ou qualquer capacidade para criar um discurso verdadeiro

[280] Francisco FALCON. *História Cultural:* uma nova visão sobre a sociedade e a cultura.. Rio de Janeiro: Campus, 2002 , p. 59.

sobre o real. Expressão desse ceticismo pode ser encontrada no chamado *linguistic turn*, dos que se inspiram em modelos como o de Hayden White, para quem a história não é nada mais que um gênero de narrativa, mas diferente da ficção. [281]

A história das mentalidades principalmente, mas não apenas ela pregou que a pesquisa histórica deveria ser interdisciplinar. Não se pode negar que a interdisciplinaridade foi um dos elementos que mais ajudou para o aperfeiçoamento do fazer historiográfico, mas na maioria das vezes foi mal aplicada, ao invés de ser compreendida como diálogo entre as disciplinas no que diz respeito aos métodos e objetos, ela foi entendida como a utilização pura e simples de métodos de outras ciências sociais aplicados ao fazer do historiador.

A utilização por parte dos historiadores dos métodos da antropologia e da sociologia, a partir da segunda metade do século XX, levou muitas vezes a quase abandonar o seu fazer historiográfico para produzir discursos baseados em estruturas simbólicas fechadas, tanto estruturas textuais quanto auto-significantes. Os historiadores, principalmente, os das mentalidades ficaram enfeitiçados com o estruturalismo de Lèvi-Strauss e/ou com o pós – estruturalismo que gerou a anti-história de Michel Foucault.

Pressionados por críticas, os historiadores das mentalidades abandonaram este tipo de produção historiográfica e ingressaram na chamada História cultural ou nova história cultural,

> *"um campo em geral mais consistente, posto que, em suas principais versões procurou defender a legitimidade do mental sem abrir mão da própria história como disciplina específica, buscando corrigir as imperfeições teóricas que marcaram a corrente das mentalidades na década de 1970".* [282]

Os historiadores da cultura não rejeitam a interdisciplinaridade, mas parece que agora realizam o diálogo entre os métodos e objetos das ciências sociais e não abrem mão

---

[281] Hayden WHITE. *Meta-hustória*: a imaginação histórica do século XX. São Paulo: Edusp, 1995, p. 432-441.

[282] Ronaldo VAINFAS. *Micro-história:* os protagonistas anônimos da história...Rio de Janeiro: Campus, 2002, p. 56.

da especificidade do fazer do historiador. A História cultural é uma história plural, apresentando caminhos alternativos para a pesquisa histórica, isso gera, em uma parte grande dos trabalhos, uma série de desacertos e incongruências.[283]

Das grandes matrizes que constituem a história cultural duas estiveram presentes de modo mais marcante em nossa pesquisa: a história cultural proposta por Carlo Ginzburg, que trabalha com a circularidade cultural e a história cultural praticada por Roger Chartier que trabalha principalmente com os conceitos de representação e apropriação.

Na sua obra *O queijo e os vermes*, Ginzburg narra a história de um moleiro friulano condenado pela inquisição. É nesta obra que o autor começa a adotar o conceito de cultura popular definindo-a como: *"o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprios das classes subalternas em um certo período histórico"*. [284] Ginzburg apresenta um ponto de vista original da cultura popular, formulado a partir do conceito proposto pela antropologia interpretativa.[285]

A cultura popular para Ginzburg é definida pela oposição à cultura letrada ou das classes dominantes, o que mostra o seu interesse em resgatar o conflito de classes em sua amplitude sociocultural. Todavia, Ginzburg demonstra que a cultura popular também pode ser vista a partir da relação que estabelece com a cultura dominante, filtrada pela classe subalterna segundo seus próprios valores. É a partir dessa dinâmica entre os níveis culturais popular e erudito, pois a cultura letrada também filtra à sua moda os elementos da cultura popular, que o autor propõe o conceito de circularidade cultural.

Deve-se notar que quando Ginzburg propõe que há uma oposição entre a cultura popular e a erudita ele faz essa análise dentro da teoria interpretativa, que considera a cultura dentro de um sistema fechado, ou seja, dentro de um mesmo universo cultural, que tem que ser explicado em si mesmo. Ginzburg vê essa oposição cultural dentro de uma mesma sociedade. Ele não está comparando épocas diferentes, nem sociedades distintas. Ele compara culturas de camadas sociais distintas num mesmo recorte cronológico, ou seja, ele faz um estudo sincrônico. O mesmo se dá quando ele afirma que as culturas

---

[283] Para mais críticas a respeito da história cultural ver: Ronaldo VAINFAS. op. cit. p.53-59.

[284] Carlo GINZBURG. *O queijo e os vermes*: o cotidiano de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras. 1987, p. 16.

[285] Geertz, um dos principais estudiosos desta antropologia interpretativa define o seu conceito de cultura: "Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamava símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ele é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos com densidade". (Clifford Geertz. *A interpretação das culturas.* p. 10.)

popular e erudita filtram elementos uma da outra. Aqui novamente permanece-se dentro do um mesmo sistema fechado.

Tanto nos trabalhos de Carlo Ginzburg, principalmente os mais antigos, quanto nos de Robert Darnton[286] e Natalie Davis[287] pode-se perceber a preocupação desses autores em interpretar as culturas. Eles trazem para dentro do discurso histórico o objeto de estudo da antropologia.

A Antropologia interpretativa foi descoberta pelos historiadores culturais, tornando-se para muitos pesquisadores em uma "verdadeira ortodoxia metodológica".[288] Nesta apropriação metodológica Clifford Geertz virou presença obrigatória nos trabalhos de história cultural. Mas, para alguns historiadores, entre eles Peter Burke, a tendência de se utilizar o método de Geertz nas pesquisas históricas não passa de um modismo. Estes mesmos historiadores reconhecem que a utilização de métodos e conceitos antropológicos trouxeram para a história uma nova visão das sociedades, uma vez que a preocupação cultural não se fazia presente nas histórias política e econômica.

Como visto acima, Ginzburg articula as oposições culturais no interior de um mesmo contexto social, concebendo essa cultura no interior de um sistema fechado. A questão torna-se mais complexa exige ir além de Ginzburg quando, como na presente pesquisa, trata-se de universos culturais distintos que tem suas sedes em diferentes espaços geográficos e culturais que são expressões de temporalidades diferenciadas. Para dar conta desse desafio, no âmbito deste trabalho, foi necessário encontrar um elemento que pode ser interpretado como um intermediário entre as culturas que é o jesuíta.

Para tal, juntamente com o conceito de circularidade trabalhamos, também, com a ideia de que determinados agentes históricos possuem um pensamento mestiço.[289] Estes servem como mediadores entre duas ou mais culturas ou matrizes culturais.

Entendendo a época moderna como um momento marcado pelo fenômeno de mundialização, as culturas que se encontraram nessa época foram marcadas pela mistura cultural ou pela rejeição a esta. Para nós essa mistura cultural apontada dentro do universo missionário jesuítico não pode ser entendida como resultante de um movimento linear de

---

[286] Robert DARNTON. *O Grande massacre dos gatos*: e outros episódios da História Cutural francesa. Rio de Janeiro: Graal,1986. E o*O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

[287] Natalie Zemon DAVIS. *Lê culture del popolo*: sapere, rituali e resistenze nella Francia del cinquecento. Torino: einaldi, 1980. E *Histórias de perdão*: e seus narradores na França do século XVI. São Paulo: Companhia das Letras2001.

[288] Francisco FALCON. op. cit. p. 91.

[289] Serge GRUZINSKI. *O pensamento mestiço*. São Paulo Companhia das Letras, 2001.

progressão em que cada nova etapa desenvolve formas embrionárias das etapas anteriores. A mestiçagem quebra essa linearidade e introduz um componente de instabilidade que coloca em xeque as tradicionais categorias de análise das concepções de ordem de cada grupo.

Do nosso ponto de vista foi este religioso quem fez a ligação entre o universo cultural europeu e o do colonizado. Transferido de seu local de origem para uma nova região que lhe era totalmente estranha este agente da colonização teve que sobreviver neste novo espaço geográfico e cultural. Para tal assimilou práticas culturais da população local. Sendo assim este religioso apropriou-se de elementos culturais das sociedades por onde passou, tornando-o por excelência um intermediário entre estas culturas.

Segundo Chartier, as práticas culturais são apropriadas por culturas distintas adquirindo novos significados. O historiador deveria, assim, dirigir-se às práticas "que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo".[290] As práticas de apropriação são, desse modo, formas diferenciadas de interpretação. Não se trata, pois, apenas de um confisco do saber, como dispositivo de controle social, como, por exemplo, em Foucault. Trata-se de uma incorporação de elementos provenientes de cultura diversa a novos quadros conceituais que, por sua vez, permitem reinterpretar os elementos incorporados atribuindo-lhes novo significado.

Foi isso que procuramos demonstrar quando tratamos das trocas ocorridas entre os jesuítas e as populações locais. No ato de apropriação de práticas de cura oriundas dos povos que queria converter, os jesuítas as reinterpretaram a partir de seus quadros conceituais. Organizaram, desse modo, um saber farmacológico que poderia concorrer com os saberes locais, realizando, assim, seus objetivos.

A partir desse enfoque, procuramos inserir a assistência à saúde realizada pelos jesuítas para além da caridade cristã, relacionando-a não só ao esforço de conversão do gentio, mas também a uma estratégia de ocupação territorial que lhe garantiria prestígio tanto perante a monarquia portuguesa quanto frente ao Papa. Para os primeiros estava aumentando seus domínios, e para o segundo estava aumentado o número de fieis. Nos dois casos os jesuítas sairiam mais poderosos frente ao seu interlocutor. Poder esse que como dissemos seria simbólico.

---

[290] Roger CHARTIER. *A história* cultural: entre práticas e representações. Lisboa, Difel, 1988, p. 27

Os jesuítas foram, desse modo, responsáveis pela circulação de espécies naturais e de práticas terapêuticas no âmbito do império colonial português. A troca dava-se em vários sentidos simultaneamente. Os irmãos boticários, aqueles que eram encarregados da manipulação e criação de novos medicamentos, procuravam utilizar produtos locais para a composição de suas fórmulas, uma vez que a aquisição de medicamentos da Europa era cara, lenta e irregular. Para descobrir as qualidades de determinadas ervas, um dos procedimentos utilizados era observar o uso que os habitantes locais faziam delas. O que nos importa salientar aqui é que no império ultramarino ao coletar os dados medicinais, os unguentos, as ervas e as partes de animais utilizadas nas mezinhas, os jesuítas não só anotaram, mas também sistematizaram esse conhecimento.

O movimento de coleta, incorporação e controle de terapêuticas locais por parte dos missionários jesuítas pode ser muito bem representado na *Árvore da vida*…. e na *Collecção de varias receitas*... . Como tentamos mostrar os manuscritos formam um conjunto rico em informações sobre as potencialidades dos produtos da natureza em várias partes por onde os jesuítas se estabeleceram para realizar suas atividades missionárias.

Apesar das duas coleções de receitas usarem um método empírico para classificar um medicamento como eficaz ainda encontramos nelas traços de um pensamento médico baseado na analogia. Portanto a sistematização, principalmente dos fármacos que promoveram, foi elaborada a partir de uma prática e de referenciais teóricos presentes na arte médica de então.

Nessas coleções ainda podemos encontrar traços da tradição hipocrática, como por exemplo, a prática de sangrias para se restabelecer o equilíbrio do corpo e medicamentos que eram usados para restabelecer o balanceamento entre os humores. Porém temos também casos de praticas de cura que buscam eliminar o mal combatendo a ele próprio, como por exemplo, o uso da Pedra infernal para combater doenças de pele. O conhecimento médico foi elaborado pelos jesuítas de forma sistemática e influenciado pela medicina europeia de então, com a interpenetração de elementos do racionalismo e outros de irracionalismo que caracteriza um momento de transição nas práticas culturais.

Buscamos mostrar também como estes dois manuscritos foram elaborados a partir de uma concepção moderna do colecionismo que começava a se especializar formando acervos temáticos. A organização alfabética deles rompia com a tradicional forma de se pensar o conhecimento como se fosse uma árvore, oferecendo uma nova maneira de se

sistematizar os saberes que obedecia a arbitrariedade da ordem alfabética ao invés de organizá-los por temas semelhantes.

Para finalizar gostaríamos de lembrar que as terapêuticas registradas nas duas coleções de receitas dialogavam com as principais ideias médicas da época moderna. Buscamos mostrar que na *Collecção de varias receitas…* havia medicamentos hipocrático-galênicos e medicamentos químicos. Para nós isso pode ser um indicativo de que os jesuítas não eram refratários aos novos conhecimentos médicos da época. Acreditamos que a contribuição deste trabalho para a história da ciência, entendida aqui como história cultural, seja a apresentação das duas coleções e sistematização dos medicamentos da *Collecção de varias receitas…*

Fontes e Bibliografia

Fontes Manuscritas

Archivum Romanum Societatis Iesu, Roma

Cod. Opp. N.N. 17 - *Collecção de várias receitas e segredos particulares da nossa companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil. Compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais celebres que tem havido nestas Partes. Aumentada com alguns índices e notícias muito curiosas as e necessárias para a boa direção e acerto contra as enfermidades*". Roma, . MDCCLXVI.

Wellcome Institute for the History of Medicine, Londres

COSTA, Affonso da. *Árvore da vida dilatada em vistosos e salutíferos ramos ornados de muitas, aprasíveis e saudaáveis folhas em que se deixam ver muitos e singulares remédios.* Província de Goa (c.de 1720)

Regimento e virtudes das pedras cordeais compostas e primeiro inventadas na Índia pelo irmão Gaspar António da Companhia de Jesus. Do Colégio dos Jesuítas de Goa, ano de 1750.

Biblioteca da Ajuda

Cód.: 44-IV-61; 44-V-2; 49-V $^{26/26}$; 49-V-3; 49-IV-66$^{1-66}$; 49-V-7; 49-V-6. *Jesuítas na Ásia.*

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

MS II, 33,14,39 - *Livro de receitas e despesas do engenho Ceregipe, de 21 de junho de 1662 a 21 de maio de 1663.*

Fontes Impressas

ANCHIETA, José de. Cartas - *Correspondência Ativa e Passiva*. São Paulo: Loyola, 1984.

------ . *Carta Jesuíticas III* - Cartas fragmentos históricos, sermões. (1554-1594). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933..

BARROS, João de. *Ásia de João de Barros*: dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista nos mares e terras do oriente. 4.ed. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1974.

BRÁSIO, António. *Monumenta Missionária Africana*: África Ocidental. I série, 15 vols. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, Academia Portuguesa de História, 1952-1988.

CARDIM, Fernão. *Tratado da Terra e Gente do Brasil*. Belo Horizonte e São Paulo: Itatiaia e Edusp, 1980.

CARDOSO, Armando, S. J. *Cartas Jesuíticas I* (1549 – 1560). Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1988.

------. *Cartas Jesuíticas II* (1550 –1568). Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1988.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Formulário e Guia Médico*. Paris: Livraria R. Roger e F. Chernoviz, 1920.

COELHO, Manuel Rodrigues. .*Pharmacopea Tubalense, chimico galenica*. Lisboa: Officina de António da Silva. 1735.

FERREIRA, Luís Gomes. *Erário mineral: dividido em doze tratados*. Organização de Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002

GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil – História da Província Santa Cruz* . Belo Horizonte e São Paulo: Itatiaia e Edusp, 1980.

GUERREIRO, Fernão. *Relação Anual das Coisas que fizeram os padres da Companhia de Jesus nas suas missões nos anos de 1600-1609.* Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930.

ISTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA TROPICAL (org.). *Portugaliae Monumenta Africana*. Lisboa: Comissão Nacional Para as comemorações dos descobrimentos portugueses, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2000. 3 vols.

LEITE, Serafim, S.J. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Belo Horizonte e São Paulo: Itatiaia e Edusp, 1980.

LIVRO de Tombos das escrituras das cousas que pertencem ao Collegio de São Sebastião da Companhia de Jesus do Rio de Janeiro. *Anais da biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 82, 1962.

LOYOLA, Inácio de. *Exercícios espirituais*. São Paulo: Loyola, 2000.

------. *Autobiografia*. São Paulo: Loyola, 1994.

------. *Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares*. São Paulo: Loyola, 1997.

ORDENAÇÕES Filipinas: ordenações e leis do Reino de Portugal recopilados por mandato d'el Rei d. Felipe, o primeiro. São Paulo: Saraiva, 1957, 5 v.

ORTA, Garcia da. *Colóquio dos simples e drogas da Índia*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987. 2 vols.

PECKOLT, T. & PECKOLT, G. *História das plantas medicinais e úteis do Brasil*. Rio de Janeiro: 1888.

PHARMACOPEA Baetana .... tradução. do latim para o português por D. Caetano de S. António.Lisboa: Officina Real Deslandesiana, 1713.

PISO, Guilherme. *História natural e médica da Índia Ocidental*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do Livro, 1957.

SEMEDO, Curvo. *Memorial de vários símpleces que da Índia Oriental, da América e outras partes vem ao nosso reyno* ... Lisboa ocidental: Oficia de António Pedroso Galran, 1727.

------. *Polyanthea medicinal* ... Lisboa: Officina de António Pedrozo Galran, 1727

SEPP, Antônio. *Viagem às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos.* Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia: EDUSP, 1980

SEQUEIRA, Ângelo. *Botica preciosa e o tesouro precioso da Lapa* .... Lisboa: Oficina de Miguel Rogrigues, 1754.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo de Brasil em 1587*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional,1987.

VASCONCELOS, Simão de. *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*. Rio de Janeiro: A. J. Fernando Lopes, 1865.

WICKI, José. *Documenta Indica*. Roma: Momumenta Histórica Societatis Iesu .1948-1988.

Obras de Referência

BOSCHI, Caio C. *Roteiro sumário de arquivos portugueses de interesse para o pesquisador da história do Brasil.* Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 1995

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português e latino.* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1724.

CORREA, M P. *Dicionário de plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, IBDF.

THOMSON, William. A. R. *Guía Práctica Ilustrada de las Plantas Medicinales*. Barcelona: Blume, 1980

Livros e Artigos

ABREU, Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu/tipografia Leuzinger. 1928.

ABREU, Jean Luiz Neves. *O corp, a doença e a saúde*: saber médico luso-brasileiro no século XVIII. Tese de doutorado apresentada ao departamento de História da UFMG, 2006.

ALDEN, Dauril. *The making of an entreprise*: the society of Jesus in Portugual, its empire, ande beyond, 1540-1750. Stanford: Stanforf University Press, 1996.

------; DEAN, Warren. *Essays concerning the socioeconomic history of Brasil and portuguese India.* Gainesville: University Press of Florida, 1977.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes*: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria e MAIA, Carlos A. (orgs.). *História da ciência:* o mapa do conhecimento. São Paulo/Rio de Janeiro: Edusp/Expressão e Cultura, 1995.

ALMEIDA, Danielle Sanches de. *Entre lojas e boticas*: O comércio de remédios entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais – 1750-1808. Dissertação de Mestrado. 2008. São Paulo. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

ALMEIDA, Luis Ferrand de. Aclimatação de plantas do oriente no Brasil durante os séculos XVII e XVIII. *Páginas dispersas* – estudos de história moderna de Portugal. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra, 1995.

AMARO, Ana Maria. Influência da farmacopéia chinesa no receituário das boticas da Companhia de Jesus. In: *Revista de cultura*, Macau, v.30, 1997. p. 53-68.

------. Contribuições para o estudo da flora médica macaense. *Boletim do Instituto Luís de Camões*, separata do n. 1, Macau, 1965.

ARAÚJO, Maria Benedita. *O conhecimento empírico dos fármacos nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa, Cosmos, 1992.

ASSUNÇÃO, Paulo de. *A terra dos brasis: a natureza da América Portuguesa vista pelos primeiros jesuítas (1549-1596)*. São Paulo: Annablume, 2001.

------. *Negócios Jesuíticos*: o cotidiano da administração dos bens divinos. São Paulo: Edusp, 2004

AZEVEDO, João Lúcio de. *Os jesuítas e o Grão-Pará*: suas missões e a colonização. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1901.

BACON, Francis. *Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (col. Os Pensadores, v. XIII).

BALDINI, Ugo. As Assistências ibéricas da Companhia de Jesus e a atividade cientifica nas missões asiáticas (1578-1640): Alguns aspectos culturais e institucionais. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 54(2),1998, p. 195-246.

------. *Saggi sulla cultura della compagnia di Gesù* (secoli XVI-XVIII). Padova: CLEUP, 2000.

BARATIN, Marc, JACOB (dir.). *O poder das bibliotecas*: a memória dos livros ocidentais. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008

BARBUY, Heloisa. *A Exposição Universal de 1889 em Paris*: visão e representação na sociedade industrial. São Paulo: História Social USP/Loyola, 1999. (Série "Teses"). Originalmente Dissertação de Mestrado - FFLCH/Depto. de HistórialUSP.

BARBUY, Heloisa. *A Cidade-Exposição*: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 18601914. São Paulo: EDUSP, no prelo. Originalmente Tese de Doutorado - FAUUSP.

BASSO, Paula. *A farmácia e o Medicamento*: uma história Concisa. Lisboa: Correios de Portugal, 2004.

BETHENCOURT, Francisco. *O imaginário da magia*: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BIAGIOLI, Mario. Jesuit Science Between Texts and Contexts. *Studies in History and Philosophy of Science*, v. 25(4), 1994, p. 637-646.

BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos* – o caráter sobrenatural do poder régio: França e Inglaterra, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BOURDIEU, Piere. *O poder simbólico*. São Paulo: Pespectiva.

BOXER, Charles. *O Império colonial português* (trad.). Lisboa: Edições 70, 1981.

------. .*A igreja e a expansão ibérica* (trad.). Lisboa: Edições 70, 1989.

------. *A Índia portuguesa em meados do século XVII* (trad.). Lisboa: Edições 70, 1982.

BRIGOLA, José Carlos. *Coleções, Gabinetes e Museus em Portugal no século XVIII*. Lisboa : fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia. 2003

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

-----. Qualque riflessione sull'antropologia storica del colezionismo. In: AIKEMA, Bernard; LAUBER, Rosella & SEIDEL, Max. *Il collezionismo a Venezia e nel Veneto ai tempi della Serenissima*. Veneza: Marsilio, 2005, p. 51-54.

BURKE, Peter. *Renascimento Italiano*: cultura e sociedade na Itália. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

----- . *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CALAINHO, Daniela Buono. Jesuítas e medicina no Brasil colonial. *Tempo*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 61-75, 2005.

CARNEIRO, Henrique. *Filtros, mezinhas e triagas* – as drogas no mundo moderno. São Paulo: Xamã: 1994.

------. *Amores e sonhos da flora* – afrodisíacos e alucinógenos na botânica e na farmácia. São Paulo: Xamã, 2002.

CARVALHO, Augusto da Silva. *Mezinhas e remédios de segredo*. Lisboa: Oficina da associação nacional de Tipografia, 1928.

CASSIRER, Ernest. *A filosofia do iluminismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

CHARTIER, Roger. *A história cultural* – entre práticas e representações (trad.). Lisboa: Difel, 1988.

-----, L´Ancien Rgime Typographique: reflexions sur quelques travaux recentes. *Annales*. ESC, 36 (1981), p. 191 – 209.

CROSBY, Alfred. *Imperialismo ecológico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. *Sobre a medicina de Paracelso*. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo,1973.

DARNTON, Robert. *Os dentes falsos de George Washinton*: um guia não convencional para o século XVI.

DARTON, Roberto. *O Iluminismo como negócio*: história da publicação da enciclopédia 1775 – 1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIAS, José Pedro Sousa. *A Farmácia em Portugal*. Lisboa: Associação Nacional das Farmácias, 1994.

----- .. *Droguistas, Boticários e Segredistas*: Ciência e Sociedade na Produção de Medicamentos na Lisboa Setecentista. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia. 2007.

----- . *A farmácia e a história*: uma introdução à história da farmácia, da farmacologia e da terapêutica, 2005. Disponível em: http://www.ff.ul.pt/paginas/jpsdias/histsocfarm/Farmacia-e-historia.pdf.

DIAS, J. S. da Silva. Cultura e obstáculo epistemológico do Renascimento e Iluminismo em Portugal. In: BARRETO, Luís Felipe (org.).*A abertura do mundo*. Lisboa: Presença, 1986. vol. 1.

DINIS, Alfredo. Os Jesuítas e o intercambio cientifico entre a Europa e o Oriente (Sécs. XVI-XVIII). *Revista Portuguesa de Filosofia,* v. 55(1-2), 1999, p.163-183.

------. Para uma compreensão das mudanças de paradigma cultural. *Revista Portuguesa de Filosofia,* v. 54(2), 1998, p. 161-162.

DUTRA, Francis A. The pratice of medicine in early modern Portugal. In: KATZ, Israel J. (ed.). *Libraries, history, diplomacy, and the performing arts*. Nova York: Pendragon Press, 1991, p. 135-139.

EDLER, Flavio Coelho. *Boticas e Pharmacias*: uma historia ilustrada da pharmacia no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno*: encontros culturais, aventura teóricas. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

ELIADE, Mircea. *Images et symboles*: essais sur lê symbolisme magico-religieux. Paris: Gallimard, 1952.

FINDLEN, Paula. *Possessing nature*: museums, collecting, and scientific culture in early modern Italy. Berkeley: University of California, 1996.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. *Sentir, adoecer e morre* – sensibilidade e devoção no discurso missionário jesuítico do século XVIII. Porto Alegre. Tese de douturado

apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.

---------- . Sobre martírios e curas: medicina e edificação nas reduções jesuítico-guaranis (século XVII).*Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUCRS, v. XXXI, n. 1, p. 35-50, jun. 2005.

---------- . Nas fronteiras do sensível: experiências de convívio intercultural (séculos 16 e 17). *História Unisinos*, v.4, n.2, p. 109-132, 2000.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs.). *Museus*: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Belo Horizonte/Brasília: Argvmentvm/Cnpq, 2005.

FOUCAULT. Michel. *O nascimento da clínica.* 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

------. *Microfísica do poder*. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

GESTEIRA, Heloísa Meireles. A cura do corpo e a conversão da alma – conhecimento da natureza e conquista da América, séculos XVI e XVII. *Topoi*, v. 5, n. 8, p. 71-95, jan. – jun. 2004.

-----; TEIXEIRA, Alessandra dos Santos. As fazendas jesuíticas em Campos dos Goitacazes: práticas médicas e circulação de ideias no império português (século XVI ao XVIII). *Clio – Série de Pesquisa Histórica.* Rio de Janeiro, n. 27-2, 2009.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

------. *Mitos emblemas sinais*: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

------.*Olhos de madeira*: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GONÇALVES, Leonardo. *A Farmacopeia Tubalense de 1735 e a construção de um modelo para a farmácia portuguesa* setencentista. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

GUERRA, Francisco. "Medicamentos pré-colombianos". In: PÖTZCH, Regine. *A Farmácia -Uma Janela Para a História*. Basiléia: Roche, 1996.

HARRIS, Steven. Jesuit scientific activity in the overseas missions, 1540-1773. *Isis*, v. 96, 2005, p. 71-79

HENRIQUES, Isabel Castro e MARGARIDO, Alfredo. *Plantas e Conhecimento do Mundo nos Séculos XV e XVI*. Lisboa: Publicações Alfa, 1989.

HERSON, Bella. *Cristãos novos e seus descendentes na medicina brasileira* (1500-1850). São Paulo: Edusp, 1996.

HESPANHA, António Manuel (org.). *Os construtores do oriente português*. Porto: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

IMPEY, Oliver; MACGREGOR, Arthur (ed.). *The origins of museums*: the cabinet of curiosities in sixteenh aond seventeenth century Europe. Oxford: Clarendon, 1986.

JANEIRA, Ana Luisa. A configuração epistemológica do colecionismo moderno (séculos XV-XVIII). *Episteme*, Porto Alegre, n.20, p. 25-36, jan.-jun. 2005.

---------- . Gabinetes, Boticas e Bibliotecas. *Episteme*, Porto Alegre, n. 20, sulemento especial, p. 11-17, jan-jun. 2005

KARNAL, Leandro; FREITAS NETO, José Alves (orgs.). *A escrita da memória*: interpretações e análises documentais. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004.

KURY, Lorelay Brilhante; CAMENIZKI, Carlos Ziller. Ordem e natureza: coleções e cultura científica na Europa Moderna. *Anais do Museu histórico nacional*, Rio de Janeiro, v. 29, p. 57 – 85, 1997

LACOUTURE, Jean. *Os jesuítas* –1 A conquista (trad.). Lisboa: Referência e Estampa, 1993.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação:* como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 2000.

LAPA, José Roberto do Amaral. O problema das drogas orientais. *Economia colonial*. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 111- 140.

LEAKEY, R. & LEWIN, R. *Origins reconsidere in search of what make us human.* New York: dobleicidy, 1992.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na idade média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

------ (org.). (org.). *As doenças têm história*. 2. ed. Lisboa: Terrama, 1997.

LEITE, Serafim, S.J. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. São .Paulo: Loyola, 2006.

------. Serviços de Saúde da Companhia de Jesus no Brasil (1549 – 1760). In: *Brotéria*, separata do v. IV, fasc.4, Lisboa: abr.1952

------. *Artes e Ofícios dos jesuítas no Brasil (1549- 1760)*. Lisboa e Rio de Janeiro: Livros de Portugal e Brotéria, 1953.

------. *Suma histórica da Companhia de Jesus no Brasil (1549- 1760)*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965.

------. Os jesuítas no Brasil e a medicina. *Revista Petrus Nonius*, Lisboa, separata n. 1, 1956.

LEMOS, Maximiniano.*História da medicina em Portugal*: doutrina e instituições. Lisboa: Dom Quixote, 1991.

LENOBLE, Robert. *A história da ideia de natureza*. Lisboa: Edições 70, 2002.

LEVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. 3. ed. Caminas: Papirus, 2002.

LINDEMANN, Mary. *Medicina e Sociedade no Início da Europa Moderna* – Novas abordagens da história europeia. Lisboa: Replicação, Lda. 2002.

LUGLI, Adalgisa. *Naturalia et Mirabilia*: les cabinets de curiosités en Europe. Paris: Adam Biro, 1998.

MALHERBE, M. Bancon, Diderot et l'ordre encyclopédique. *Reveu de sinthèse*, v. 115, p. 13-38, 1994.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Natureza em boiões* - medicinas e boticários no Brasil setecentista. Campinas: Unicamp, 1999.

MARTINS, Maria Cristina Bohn. *A festa guarani nas reduções*: perdas, permanências e recriação. Porto Alegre. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.

MASSIMI, Marina. "A Medicina da Alma no pensamento jesuítico e sua influência na cultura luso-brasileira dos séculos XVI e XVII" *in* GOLDFARB, José Luís & M. H. M. Ferraz, orgs. *VII Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*. *Anais.* São Paulo, Sociedade Brasileira de História da Ciência, 2000.

MAXWELL, Kenneth. *Marques de Pombal*: paradoxo do iluminismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MEIHY, José Carlos Bom. *A presença no Brasil da Companhia de Jesus* – 1549-1649. São Paulo.Tese de doutorado apresentada ao departamento de história da Universidade de São Paulo, 1975.

MORÁN, J. Miguel; e CHECA, Fernando. *El coleccionismo em España*: de la cámera de maravillas a la galería de pinturas. Madri: Catedra, 2001

O' MALLEY, John W. Renaissance Humanism and the Religious Culture of the First Jesuits. In*: Heythrop Journal*. 1990; 471-487.

------. *Os primeiros jesuítas.* São Leopoldo: Unisinos; Bauru: Edusc, 2004.

------ .*The jesuits: culture, sciences and the arts*: 1540-1773. Toronto: University of Toronto Press, 1999.

PAIVA, José Maria de. *Colonização e catequese*. São Paulo: Cortez, 1982.

PAIVA, José Pedro. *Práticas e crenças mágicas.* Coimbra: Livraria Minerva, 1992.

PEREIRA, Nuno Álvares; JACCOUD, Renato J. S.; MORS, Walter B. Triaga Brasílica: renewed interest in seventeenth-centuy panacea.

PINA, Luis de. História da História de Medicina em Portugal.*Separata da Revista Imprensa Médica*, fev. 1956, v. XX.

-----, *Medicina e Médicos na História da Filosofia em Portugal*. Atas do I Congresso Nacional de Filosofia: Revista Portuguesa de Filosofia. Braga. 1956. Tomo XI-II.

PITA, João Rui. *História da farmácia.*Coimbra: Minerva, 1998.

POMIAN, Krzystoff. Coleção. In: *Encicloédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. v. 1.

------. *Collectioneurs, amateurs et curieux*: Paris-Venise – XVIe – XVIIIe siècle. Paris: Gallimard, 1987.

POMPA, Cristina . *Religião como Tradução*. Missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial. Bauru: EDUSC, 2003.

POTTER, Roy. *Das tripas coração*: uma breve história da medicina. Rio de Janeiro: Record, 2004.

----- . *Cambrigde História da Medicina*. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

RESENDE, Maria Leônia Chaves de. “Entre a cura e a cruz: jesuítas e pajés nas missões do novo mundo”. In: CHALHOUB, Sidney et. al. .*Artes e ofícios de curar no Brasil*: capítulos de história social. Campinas: UNICAMP, 2003. p.231-272.

RIBEIRO, Lorival. *Medicina no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Suamericana, 1971.

RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência os trópicos* - A arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: Hucitec, 1997.

------. *Exorcistas e demônios*: demonologia e exorcismo no mundo luso-brasileiro. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

RODRIGUES, Francisco. *A Companhia de Jesus em Portugal e nas missões*. Esboço histórico – Superiores – Colégios (1540 – 1934). Porto, 1935

RODRIGUES, Lopes. *Anchieta e a Medicina*. Belo Horizonte: Apollo, s.d.

RODRIGUES, Maria. Luiza Ledesma. *Guilherme Piso e o conhecimento da flora medicinal brasileira no século XVII (1638-1644).* São Paulo. Dissertação de mestrado apresentada ao departamento de história da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

RONANO, Ruggiero. *Mecanismos da conquista colonial*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

RUSSELL-WOOD, A.J.R. *Um mundo em movimento*: Os Portugueses na África, Ásia e Américas (1415 –1808). Lisboa: Difel, 1998.

SANTOS FILHO, Lycurgo. *História Geral da Medicina Brasileira*. São Paulo: Edusp, 1977.

SCHAER, R (org.). *Tous les savoir du monde*: encyclopédie et bibliothèques, de Sumer au XXIe siècle. Paris: Bibliothéque nationale de France/Flammarion, 1996.

-----. *L´invention des musées*. Paris : Gallimard, 1993.

SCHNAPPER, Antoine. *Le géant, lalicorne et la tulipe* : collections et collectionneurs dans la France du XVIIe siècle. Paris : Flammarion, 1988.

SILVA, Paulo José Carvalho da. Medicina do corpo e da alma: os males corporais e o exercício da palavra em escritos da antiga Companhia de Jesus. *Memorandum*, v. 5, p. 55-68. Retirado de. www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigo05/silva01.htm

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia as Letras, 1987.

------. *Inferno Atlântico*: demonologia e colonização (séculos XVI – XVIII). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. *O Império asiático português*: uma história política e econômica (1500- 1700). Lisboa: Difel, 1996.

SYMONS,H. J. M. *The Wellcome Institute*: a short history. Londre: The Wellcome Trust, 1993.

TAVARES, Célia Cristina da Silva. *Jesuítas e Inquisidores em Goa*: a cristandade insular (1540-1682).Lisboa: Roma, 2004.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural* (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

----- . *Religião e o declínio da magia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

TORRES-LONDOÑO, Fernando. Escrevendo cartas. Jesuítas, escrita e missão no século XVII. *Revista brasileira de história*. São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, v. 22, n. 43, p. 11 – 32, 2002.

TREVOR_HOPER, Hugh. *Religião ,reforma e transformação social*. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1972.

WALLERSTEIN, Emmanuel. *O sistema mundial moderno*. Porto: Afonetamento, s/d. v. 2.T

WRIGHT, Jonathan. *Os jesuítas*: missões, mitos e histórias. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2006.

ZERON, Carlos Alberto de Moura Ribeiro. "Três documentos relacionados à extinção da Companhia de Jesus." In: Leandro KARNAL; José Alves FREITAS NETO (orgs.). a escrita da memória: interpretações e análises documentais. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004, p. 224 – 253,.p. 235.

----- . *Linha de Fé*. A Companhia de Jesus e a escravidão no processo de formação sa sociedade colonial (Brasil, séculos XVI e XVII). São Paulo: Edusp, 2011.

ZUPANOV, Inês. Curing the body, healing the soul; the jesuit medical mission in sixteenth century India. *Jesuits as intemediaries in the early modern word*. 2001.

ANEXOS

Anexo 1

O anexo 1 foi por nós eleborado a partir de informações retiradas do documento *Collecção de varias receitas.* Trata-se de uma tabela que foi construída com o objetivo de apresentar aos leitores deste trabalho os medicamentos, presentes no documento do século XVIII, os ingredientes que os compõem e outras informações que julgamos importantes para o conhecimento do conteúdo do manuscrito aqui estudado. Elegemos para colocar com item da tabela informações que ajudassem na compreensão do documento. Acreditamos que por meio desta tabela o leitor possa visualizar os medicamentos que o organizador da *Collecção de varias receitas…* escolheu para serem divulgados. Ao analisarmos esta tabela neste trabalhos escolhemos apenas alguns aspectos, contudo acreditamos que ela possa servir para que outros pesquisadores analisem outros dados dos medicamentos como por exemplo ingrediente vegetal mais utilizado. Na confecção da tabela mantivemos a grafia do nome dos medicamentos, nome do Colégio, dos ingredientes e das advertências, nos demais itens fizemos a modernização da grafia dos vocábulos.

Anexo 1

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
1	AGOA CORDIAL	Curvo		Poliantea p. 844	Simples	Vegetal	Cozimento /expremer	panela de barro vidrado - novo	febres malignas, febre vermelha, doenças venenosas, ancias de coração - Purgativo, Humor melancóico	raiz de escorcioneira,pivide de cidra azeda, conseva pérsica (rosas de alexandria e açúcar), bosoartico do Curvo, senne	Poção ou bebida	1.	s.i.	s.i.
2	AMBAR concertado	s. i.	Botica Collegio da Bahia	s. i.	simples	animal	cozimento	almofariz. Guardar em caixa de chumbo	fotificar o cérebro, coração e estomago- causa alegria, desfaz a melancoia, contra veneno	Algalia - Almyscar Ambar griz	pílula	3	16.000	não dar para mulheres excita os vapores estericos
3	AGOA ANTI-VENEREA	madame focquet	s.i.	s.i	simples	vegetal	cozimento	panela de barro vidrada	contra sífilis	pau santo (e cascas), salsaparrilha, sene, erva-doce, água	Poção ou bebida	5	s.i.	
4	AGOA ANTI-VENEREA	D. Lourenza	Botica do Colégi	s.i.	simples	vegetal	infusão, cozimento	panela de barro vidrada	contra sífilis	salsaparrilha, cevada sem casca, açúcar, água	Poção ou bebida	6	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
	chamada da Salsa		o de Recife											
5	AGOA ANTI-VENEREA	cirurgião Mel. Dos Santos	Botica do Colégio de Recife	s.i.	simples	vegetal	cozimento	panela de barro vidrada	contra sífilis	salsaparrilha, pau-santo, raiz da china, sândalo branco, sene, erva-doce, água	Poção ou bebida	7	s.i.	não comer doce nem azedo por 15 dias depois do tratamento
6	AGOA ANTI-PLEURITICA	boticário Mel. De Carvalho	s.i.	s.i.	composto	vegetal animal	mistura	s.i.		água de cardo santo, água de tanchagem, talhadura de ovos	Poção ou bebida	8	s.i.	2 doses, manhã e tarde; age por transpiração
7	AGOA ANTI-PLEURITICA	Curvo	s.i.	Poliantthea	composto	vegetal animal	cozimento	panela de barro	s.i. pleurizes	bezoartico de Curvo, coral vermelho, flor de papoulas vermelhas, xarope de papoulas vermelhas, água	Poção ou bebida	9	s.i.	morno, de seis em seis horas
8	AGOA BENEDITA		Botica do Colégio de Recife	s.i.	químico	vegetal	infusão, calor	frasco	vomitório	cremor tártaro, quintilio, água de chuva ou de cisterna	Poção ou bebida	10	s.i.	proporcionar a dose às forças

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
9	AGOA ARTERIAL	boticario Mel. De Carvalho	s.i.	s.i	composto	vegetal, animal, mineral	moagem, mistura	gral de pedra		água de tanchagem, água rosada, urina de menino, açucar cande, caparroza vermelha, pedra hume queimada	Poção ou bebida	11	s.i.	aplica-se à parte ofendida
10	AGOA ANTI-HIDROPICA	Curvo	s.i.	Poliant hea	s.i.	s.i.	mistura	frasco	hidropisia	pastilhas (?), vinho	Poção ou bebida	11	s.i.	9 manhãs sucessivas
11	AGOA ANTI-ASMATICA Curvo	Curvo	s.i.	Poliant hea p. 294	composto	animal	destilação	alambique de vidro ou vidrado	asma	Água ati-asmática, castóreo em pó sutil, esterco de vaca apanhado em maio e destilado	Poção ou bebida	12	s.i.	pela manhã em jejum, por...
12	AGOA CONTRA-VERMES	Curvo	s.i.	Poliant hea	composto	mineral, vegetal	cozimento	panela de barro vidrada, gral de pedra	vermes	azougue vivo, semente de Alexandria em pó sutil, água	Poção ou bebida	13	s.i.	6 e, 6 horas

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
13	AGOA DE CANELA	s.i.	botica do Colégio da Bania	s.i.	simples	vegetal	destilação	alambique	fortificar o estômago, cabeça, coração, ajuda digestão,, expulsa flatos, excita mênstruo, provoca parto, expulsa pareas (bolsa, placenta)	folhas de canela, vinho branco, água	Poção ou bebida	13	s.i.	
14	AGOA DE CORDOVA optima	boticário M. Carvalho	s.i.	s.i.	composto	vegetal, animal	destilação	alambique de barro vidrado, gral de marfim	o mesmo que a antecedente	algalia, almíscar, canela, cravo da Índia, cravo do Maranhão, noz-moscada, cardamomo, trifólio cheiroso, água rosada, água de flor, água	Poção ou bebida	14	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
15	AGOA DE INGLATERRA	s.i.	botica de S. Antão	s.i.	simples	vegetal	infusão/calor, cozimento	talha de louça da índia ou de barro vidrado, panela nova de barro vidrado, coadores	contra sezões, conforta o estômago, contra cursos	cardamomo, aristoloquia redonda, flor de cantaura menor, quina quina, vinho verde + cozimento de raiz de tanchagem, cevada pilada, raiz de aspargo, raiz de língua de vaca	Poção ou bebida	16	s.i.	
16	AGOA DE MILICIA COMPOSTA	s.i.	botica do Colégio de S. Antão	s.i.	simples	vegetal	infusão/destilação	alambique de barro vidrado	achaques, os mesmos	cravo-da-Índia, flor de noz moscada, canela, coentro, cascas de cidra seca, cimas de erva cidreira, espírito de vinho	Poção ou bebida	18	s.i.	é a mesma receita da água de milícia da It[alia

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
17	AGOA FEBREFUGA	s.i.	botica do Colégio de Macau	s.i.	composto	vegetal, mineral	mistura	gral de pedra ou marfim	febres, que entram com o frio	água de chicória, água de almeirão, triaga, alquermes (confeição), sal de losna, sal prunel e amoníaco, contraerva (pó fino), quina quina (pó fino)	Poção ou bebida	19	s.i.	se reparta em 5 bebidas
18	AGOA FEBREFUGA p.ª terçãs e quartãs	s.i.	s..i.		sismples	vegetal	moagem, mistura	gral de pedra ou marfim	terças e quartãs	sal de centaurea menor, quina quina em pó sutil, xarope de losna, água de cardo santo destilada	Poção ou bebida	20	s.i.	3 ou 4 bebidas, por um ou dois dias
19	AGOA OTALMICA	boticário Mel. de Carvalho	s.i.	s.i.	composto	vegetal, mineral	dissolução	almofariz de pe dra ou marfim	olhos	verdete, açúcar cande, água de funcho	Poção ou bebida	21	s.i.	alguma pingas no olho, repetidas vezes no dia

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
20	AGOA OTALMICA romana	Doutor Soze	Botica do Colégio de Recife	s.i.	químico	mineral, vegetal	dissolução	almofariz	inflamações dos olhos	cânfora, cristal mineral, quintilio (em pó sustilíssimo), água rosada, água de funcho, água de eufrasia, água de celidonia	Poção ou bebida	22	s.i.	algumas pingas várias vezes ao dia
21	AGOA p.ª OBSTRUÇOES TERICIA	boticário Mel. De Carvalho	s.i.	s.i.	composto	vegetal, mineral	cozimento	panela de barro vidrada	obstrução, icterícia	sal amoníaco (em pó sutil), baga de junípero, sassafraa, cascas de tramagueira, água	Poção ou bebida	23	s.i.	todos os dias que for necessário, pela manhã e a tarde
22	AGOA contra fígado	s.i.	s.i.	s.i.	simples	vegetal	moagem	almofariz	fígado; adoça o sangue, corrige a acrimônia dos humores; infecção cutânea	caparroza calcinada, água	Poção ou bebida	24	s.i.	de manhã em jejum, à tarde 3 horas depois do jantar
23	AGOA p. ª CANCROS	s.i.	s.i.	s.i.	composto	vegetal, mineral	moagem	almofariz	cancro, fígado, impingens	pedra hume queimada, água de tanchagem, ou comum	Poção ou bebida	24	s.i.	lava-se duas vezes a parte lesada

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
24	AGOA FEBREFUGA	s.i.	s.i.	s.i.	composto	vegetal, mineral	moagem, mistura	gral de pedra ou marfim	toda casta de febres	água de chicória, vinho branco, sal de losna, sal de tramagueira, sal policresto, trociscos de fioravanto, xarope rosado, xarope pérsico, quina (em pó sutil)	Poção ou bebida	25	s.i.	seis doses, manhã e tarde?
25	AGOA CORDIAL BOZOARTICA contra bexigas e sarampo	Curvo	s.i.	Poliantthea p. 741	composto	vegetal,animal	cozimento, mistura	panela nova de barro vidrado, gral de pedra ou marfim	bexigas, sarampo	flor de papoulas vermelhas, esquibas de cavalo bem recentes, besoartico do Curvo, arrobe de bagas de sabugo, água	Poção ou bebida	26	s.i.	seis em seis horas, morno, vascolejar
26	AGOA PERLARUM	Carlos Muflitano e Aminzk	s.i.	s.i.	composto	mineral, vegetal	mistura dos secos, águas	gral de pedra	fortifica os ácidos, serve p. esputo do sangue, suspende cursos do ventre, é um cordial	aljofar, alambre branco, manus christi perlati, água langii, das quatro águas cordeais	Poção ou bebida	33	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
27	AGOA PERLARUM UZUAL	officina Joannis Soborderio	s.i.	s.i.	simples	vegetal	moagem, mistura	gral de pedra ou marfim	fortifica o coração, dulcifica a acrimonia dos humores, qualquer febre ardente	água rosada, água de borragens, água de língua-de-vaca, manus christi perlati, açucar cande	Poção ou bebida	33	s.i.	
28	AGOA THERIACAL	João Cardozo de Miranda	s.i.	s.i.	composto	vegetal, mineral	mistura	almofariz	erisipelas e inflamações cutâneas	água de flor de sabugo, aguardente, triaga, cânfora, sal de chumbo	Poção ou bebida	34	s.i.	em panos, molhados várias vezes ao dia
29	AGOA SALGADA	s.i.	s.i.	s.i.	simples	mineral	cozimento	tigela de barro	s.i.	sal branco, água	Poção ou bebida	35	s.i.	fogo brando
30	AGOA OTALMICA	s.i.	botica do Colégio de Macau	s.i.	composto	animal, vegetal, mineral	destilação, infusão	alambique de vidro ou vidrado	olhos, carnosidades, unhas, inflamação e	vitríolo branco em pó, urina de menino, sumo de celidônia	Poção ou bebida	36	s.i.	dentro dos olhos
31	AGOA PRODIGIOSA	s.i.	botica do Colégio de Macau	s.i.	simples	mineral,	cozimento	palangana ou alguidar vidrado	tinha, sarna, lepra, impinjas, bostelhas , erisipelas, chagas	vitríolo branco em pó, verdete em pó, água	Poção ou bebida	37	s.i.	aplica-se a água em panos ou fios

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
32	AMENDOADA REFRIGERANTE	s.i.	s.i.	s.i.	simples	vegetal	moagem, mistura, cozimento, peneirar	gral de pedra, peneiras	modera as febres	pévides de: melancia, melão, abóbora, pepinos; açúcar	talhada	38	s.i.	desfazer uma ou meia colher em água de Almeirão, de chicória ou comum, toma-se a qualquer hora
33	BALSAMO CATHOLICO	Carlos Muzitano	s.i.	s.i.	composto	animal, vegetal	infusão, mistura	garrafa de vidro	feridas, contusões	almíscar, ambar griz, azebre socotorino, bálsamo de Peru, benjoim, incenso, mirra, estoraque calamita, sementes e flores de Ipirição, espírito de vinho retificado retificado	bálsamo	49	s.i.	aplica-se sobre a parte ofendida, também bebe-se

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
34	BALSAMO CATHOLICO p.ªs molheres	s.i.	s.i.	s.i.	simples	vegetal	infusão mistura	garrafa de vidro	feridas, contusões	bálsamo do Peru, benjoim, fioraque calamita, incenso, mirra, sementes e flores de Ipirição, espírito de vinho retificado	bálsamo	50	s.i.	para mulheres
35	BALSAMO ESTOMACAL	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i.	simples,	vegetal	infusão	frasco de vidro	indigestão, vomitos, fraquezas do estômago, mau hálito, feridas	azebre, almecega da India, bálsamo do Brasil, incenso, raiz de Calumba, rais de Sapuz (sapaçane), espírito de vinho, ou aguardente	bálsamo	53	800 (3j)	uso interior ou exterior

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
36	BALSAMO contra PARLEZIA	boticário Mel. de Carvalho	s.i.	s.i.	composto	animal, vegetal	cozimento	tacho, vaso de vidro ou vidrado	para curar chagas, contusões, fraturas, queimaduras; paralisias, gotas, membros secos, nervos contraídos e ciáticas; alporcas, carbúnculos, panarícios, puntura de nervos; dores da madre (sobre umbigo e ventre)	folhas de sabugo, malvas com raiz, urtigas, minhocas, um cão, um gato (sãos), vinho branco bom, água + manteiga de porco, óleo comum, sebo de vaca, óleo de lacraus, óleo de ipirição, óleo de macela, óleo de raposa, cera amarela	bálsamo	54	s..i.	aplica-se sobre a parte
37	BESUARTICO de Curvo	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i.	simples	vegetal	moagem, cozimento	almofariz ou gral de pedra	folha 72	contraerva da china, quina boa, cozimento da raiz de Escorcioneira	trociscos	57	s..i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
38	BALSAMO DE FEZES DE OURO	irmão boticário Manoel de Carvalho	s.i.	s.i.	composto	vegetal, mineral	cozimento	vaso de barro vidrado, tigela de barro vidrada, funil	manchas da cara, costuras, covas de bexigas; chagas de fígado, e queimaduras	fezes de ouro em pó, vinagre forte	bálsamo/ linimento	58	s.i.	aplica-se sobre a parte
39	BALSAMO pª Empigens	boticário Mel. Diniz	s.i.	s.i.	composto	vegetal, mineral	incorporação	tigela de barro vidrada	impigens	bálsamo do Brasil, flor de enxofre, vinagre	bálsamo	59	s.i.	2 x ao dia, pelo tempo que for necessário
40	BALSAMO APOPLETICO optimo	s.i.	boticas dos Colégios de Macao e da Bahia	s.i.	composto	animal, vegetal	moagem, mistura	gral de marfim	apoplexias, vertigens, conforta o cérebro, preserva da peste	almíscar, algalia, ambar griz, oleo de canela, oleo de cravo, óleo de mangerona, óleo de pau de rhodes, óleo de alfazema, oleo de salvia, óleo de noz moscada expresso, pós de sapatos	bálsamo	65	s.i.	também se pode dar pela boca

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
41	BALSAMO APOPLETICO	s.i.	boticas do Colégio de Macao e da Bahia	s.i.	composto	animal,vegetal	moagem, mistura	gral de marfim	mesmos uso, mulheres, homens que tiverem cabeça fraca	almiscar, algalia, ambar griz, balsamo do Brasil, óleo de cravo, óleo de canela, óleo de arruda, óleo de almbre, óleo de alfazema, óleo de mangerona, óleo de cascas de laranja, óleo de cascas de cidra, óleo de sálvia, óleo expresso de noz moscada	bálsamo	67	s.i.	também interno

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
42	BALSAMO APOPLETICO	s.i	botica do colégio de São Roque	s.i.	composto	animal, vegetal	moagem, mistura	gral de marfim	para os mesmos achaques	algalia, almiscar, ambar griz, ambar concentrado, óleo de alfazema, óleo de alambre, óleo de arruda, óleo de canela, óleo de cravo, óleo de mangerona, óleo de pau de Thodes, óleo expresso de noz moscada, bálsamo do Brasil	bálsamo	68	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
43	BEZOARTICO DO CURVO singular contra febres malignas	s.i.	botica do Colégio deo Recife		composto	animal, vegetal, mineral	moagem, mistura, secagem	gral, ou almofariz	singular contra febres malignas, adminrável contraveneno para todas as enfermidades em que há suspeita de malignidade, peste, febres malignas, bexigas e sarampos, diaforético, conforta o coração, a cabeça, o estômago	raiz de contra erva, raiz de carlina, raiz de tormentila, dictamo branco que é o real, folha de cardo santo, scordio, flor de papoulas, aljofar, olhos de caranguejos, ponta de viado pp sem fogo, antimonio diaforético, pedra de cananor pp, pedra basar da Índia, pedra cordeal verdadeira de Gaspar, Ant.º, angala, unicórnio, quina, folhas de ouro fino	trociscos	71	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
44	CANDEIAS, VELAS ou MECHAS	s.i.	s.i.	s.i.	composto	animal, vegetal	derretimento	pedra		esguião ou pano mais sutil, cera derretida	Candeias.	77	s.i.	por o cáustico ou unguento na ponta da vela, untar com óleo de amêncoas doces, introduzir pela via
45	CAUSTICO, ou massa optima contra cancros	s.i.	s.i.	s.i.	composto	animal, vegetal, mineral	moagem, mistura	tamiz, gral de pedra	cancros	esvilhaca, trigo, tremoços, solimão em pó, leite de peito	massa	78	s.i.	
46	complemento do anterior	s.i.	s.i.	s.i.	simples	vegetal	cataplasma			farinha de cevada peneirada sutil, sumo de erva moura limpo de impuridades	cataplasma		s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
47	CAÇOULA Admirável	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	composto	vegetal, mineral, animal	moagem, cozimento	almofariz, caçoula ou tacho	peste, ar corrupto	estoraque líquido, estoraque calamita, benjoim, pastilhas de cheiro, cálamo aromático, bálsamo do Brasil, cravo da ìndia, semente de trevo, raiz de junsa cheirosa, ambar gris, algalia, almíscar, um limão azedo, água de flor, água de cordova, vinagre rosado	s.i.	81	s.i.	
48	CALCINAÇÃO de Cobre	s.i.	s.i.	s.i.	simples	mineral	cozimento	martelo, tesoura, cadinho, fornalha		laminas de cobre, enxôfre	se faça pó, e se prepare na pedra com água e vinagre	83	s.i.	fornalha, fogo forte (mesmo modo p/ chumbo queimado)

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
49	CATAPLASMA CONTRA ESQUINENCIA	Curvo	s.i.	Poliantthea p. 277	composto	animal, vegetal	cozimento	panela de barro vidrada, gral de pedra, peneira,	amigdalas	alba canis, miolo de gato, raiz de malvaisco, ninho de andorinha, olio violado, farinha de trigo, de linhaça, de alforvas, macela em pó, miolo de gato, açafrão, uma gema de ovo	cataplasma	84	s.i.	aplicar exteriormente sobre a garganta
50	CONSERVA DE AMEIXAS purgativas	s.i.	s.i.	s.i.	simples	vegetal	cozimento	panela de barro vidrado	purgativas, prisão de ventre	canela, gengibre, sene, cremor tartari, xarope rosado solutivo, água de canela, água de almeirão, vinho branco, açúcar fino, ameixas	xarope	86	s.i.	2 colheres, pela manhã

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
51	CONSERVA DE CAROBAS	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	simples	vegetal	moagem/ cozimento	tigela de barro vidrado	morbo gálico	caroba merin, sene, salapa, ou batata, salsa parrilha, sementes frias maiores, canela, erva doce, clarificado de açúcar	xarope	87	s.i.	2 colheres pela manhã em jejum, mesmo tanto à tarde
52	COZIMENTO CORDEAL de Curvo simples	Curvo	s.i.	s.i.	simples	vegetal	cozimento	panela de barrro	purga leve, fresca	raiz de escorcioneira, pevides de cidra, água da fonte	cozimento	89	s.i.	com sene e conserva persica, purgativo mais forte, sem bezuartico mais leve
53	CONFEIÇÃO ANTI-SCORBUTICA	João Cardoso de Miranda	s.i.	s.i	composto	mineral, vegetal	moagem, mistura	gral de pedra, vaso de barro vidrado	toda casta de escorbuto	diatátaro reformado, sal catartico, antimonio diaforético marcial, sal tártaro, xarope de chicória de Nicolau com ruibarbo	s.i.	89	s.i.	dissolver em água de chicória ou almeirão

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
54	COZIMENTO P.ª TODA CASTA DE REFIUXÕES	Curvo	s.i.	p. 268	simples	vegetal	cozimento	panela nova de barro vidrado, pano para coar	defluxos, na cabeça, no peito, zunidos nos ouvidos, cataratas, gota serena, icterícia	mangerona, euforbio, cravo da Ìndia, água comum	cozimento	91	s.i.	ferva-se pelo espaço de doze Ave Marias; sorver desta água pelos narizes
55	COZIMENTO ANTI SCORBUTICO	João Cardoso de Miranda	s.i.	s.i.	composto	vegetal, mineral	cozimento	panela de barro, almofariz ?	escorbuto	raiz de chicória, grama de fragaria, mastruços, coclearia confeição de diatártaro reformado, sal catártico, xarope de chicória de Nicolas com ruibarbo, antimônio diaforético marcial, sal tártaro, espírito de coclearia, água comum	cozimento	92	s.i.	ferva-se pelo espaço de doze Ave Marias; sorver desta água pelos narizes

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
56	Outro... p.ª quem tem febre	João Cardoso de Miranda	s.i.	s.i.	composto	vegetal, mineral	cozimento	panela de barro	febre, escorbuto	raiz de chicória, grama de fragaria, cevada limpa, mastruços, coclearia, sementes frias maiores, flores cordeais, confeição de diatártaro reformado, sal catártico, xarope de chicória de Nicolas com Reubarbaro, antimônio diaforético marcial, sal tártaro, cristal mineral, espírito de coclearia, água comum	cozimento	93	s.i.	6 onças por cada bebida 2x/dia
57	COZIMENTO para adoçar gonorreas	boticário Mel. De Carvalho	s.i.	s.i.	?	vegetal	cozimento, mistura	panela de barro vidrada	gonorréia	cevada limpa, sandalos citrinos, alcaçuz, sene, xarope de Altea, sal prunel, tamarindos, água comum	cozimento	94	s.i.	5 onças

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
58	COZIMENTO p.ª virgindade perdida	boticário Mel. De Carvalho	s.i.	s.i.	composto	vegetal, mineral	cozimento, moagem dos residuos, mistura, cozimento	vaso		folhas de alecrim, murta, cascas de romãs, maças de cipreste, solda, vidro, solimão, água forte com pingas, vinho branco	em ponto de mel	95	s.i.	aplica-se à parte
59	Outro p.ª o mesmo	s.i.	botica do Colégio da Banhia	s.i.	composto	vegetal, mineral	cozimento	panela de barro		rosas de Toledo, pedra lipis, vidro em pó	cozimento	96	s.i.	a mulher deve estar deitada de costas
60	CONSERVA ANGELICA	s.i.	s.i.	s.i.	simples	vegetal	moagem, cozimento	s.i.	purgante	andá, açucar clarificado, erva-doce em pó	conserva	97	s.i.	benigno e suave
61	CACBUNDÊ do JAPÃO	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i.	composto	animal	moagem, cozimento	alguidar, tigela de barro vidrada	flatos, melancolias, tosses, defluxos	almíscar, cânfora de Berneu, sumo de alcaçuz, Cato em pó,	pastilhas ou globos	99	s.i.	conforta o estômago
62	CACBUNDÊ optimo	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i.	composto	vegetal, animal	moagem, cozimento, coar	alguidar, tigela de barro vidrada	as mesmas	cato índico em pó, extrato de alcaçuz, canela em pó, aquila em pó, almiscar, cânfora de Bornéu	s.i.	100	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
63	CEBO CONFEITO	s.i.	s.i.	s.i.	composto	animal, vegetal	derretimento, coar	tigela de barro vidrado, panos para coar, formas	as mesmas dounguento regadiof. 482	sebo de cabrito, água rosada, água comum	s.i.	101	s.i.	
64	DIGESTIVO OPTIMO	boticário Mel. de Carvalho	s.i.	s.i.	?	vegetal		tigela	chagas	bálsamo arcei, terebintina, unguento de estoraque		103	s.i.	
65	DIATARTARO REFORMADO	s.i.	s.i.	s.i.	simples	mineral, vegetal	cozimento, moagem	tijela de barro vidrado	purgar humores, tirar obstruções, cachexias, enfermidades hipocondríacas	canela, erva doce, sene, tártaro branco, manrã escolhido, xarope rosado solutivo	xarope	104	s.i.	
66	EMPLASTRO	Athanasio Lourenço	s.i.	s.i.	composto	animal, vegetal		almofariz de bronze	dores de cabeça	castoreo, ópio thebaico, almecega da Índia, incenso, terebentina fina, sândalos vermelhos	massa sólida	113	s.i.	aplicar em parches sobre a artéria
67	EMPLASTRO ATRAHENTE	boticário Mel. De Carvalho	s.i.	s.i.	composto	animal, vegetal	derretimento, coar	tacho de cobre	p/ atrair o humor para a cútis, atrai o espinho	sebo de bode, rezina de pinho, cera amarela	emplastro	114	s.i.	aplicar em parche sobre o local

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
68	EMPLASTRO p/ dores de cabeça	s.i.	botica do colégio da Bahia	s.i.	simples	vegetal	mistura	almofariz	dores de cabeça	bálsamo de Brasil, benjoim, estoraque calamita, taca maca, canela da ìndia	emplastro	115	s.i.	aplicar em parche nas fontes sobre a artéria
69	EMPLASTRO DISSOLVENTE	boticário Mel. De Carvalho	s.i.	s..i.	composto	mineral, vegetal	cozimento, mistura	tacho	dissolver alporcas e lupias	pirreto, euforbis, sal nitro, goma amoníaca, terebentina, cera amarela	emplastro	116	s.i.	
70	EMPLASTRO de Enxofar	boticário Mel. De Carvalho	s.i.	s.i.	composto	vegetal, mineral	derretimento, mistura	tacho	s.i.	Bálsamo de enxofre, mirra, pez louro, cera	medalhões	117	s.i.	
71	EMPLASTRO DE SPERMACETE sem goma	s.i.	s.i.	s.i.	composto	vegetal, mineral	derretimento, mistura	tacho	s.i.	espermacete, óleo de amendoas doces,cera branca	medalhões	118	s.i.	
72	EMPLASTRO ADMIRÁVEL PARA ESPINHELLA	s.i.	Botica do Colégio da Bahia	s.i.	simples	vegetal	derretimento, mistura	tacho	fraqueza da boca do estômago, espinhela	emplastro de aquillão menor, almecega do Brasil, cera branca	medalhões	119	s.i.	aplicar no local por 15 dias

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
73	outro admiravel	s.i.	botica de São Roque	s.i.	simples	vegetal	derretimento, mistura	tacho	o mesmo que o antecedente	emplastro de aquilão menor, almecega do Brasil, estoraque líquido, terebentina grossa, óleo de losna, óleo de marmelos	medalhões	120	s.i.	
74	EMPLASTRO GEMINIS	s.i.	s.i.	s.i.	composto	vegetal, mineral	, mistura, cozimento	tacho	chagas, queimaduras, úlceras	alvaiade em pó sutil, azeite, cera branca, água comum	medalhões	121	s.i.	
75	EMPLASTRO PARA HERNIA CARNOZA	s.i.	s.i.	s.i.	composto	animal, mineral	derretimento, mistura	tacho	hérnia carnosa	emplastro de aquilão gomado, emplastro de aquilão menor, unto de porco sem sal, óleo rosado offancino, alvaiade em pó, enxofre em pó, fezes de ouro em pó	emplastro	123	s.i.	aplica-se à parte

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
76	EMPLASTRO MAGISTRAL PARDO	D. João	s.i.	s.i.	composto	mineral, vegetal	mistura, cozimento	tacho	s.i.	azeite, terebentina grossa, resina de pinho, almecega da India, incenso, fezes de ouro, alvaiade em pó, antimônio cru em pó, resíduos de água forte em pó, cera branca, água da fonte	medalhões	124	s.i.	
77	EMPLASTRO contra roturas	s.i.	botica do Colégio ?	s.i.	simples	vegetal	moagem, cozimento	s.i.	quebraduras	incenso, taca maca, terebentina, goma catanha	emplastro	125	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
78	EMPLASTRO SIGILLADO	boticário Mel. De CArvalho	s.i.	s.i.	composto	vegetal, animal, mineral	cozimento	tacho de cobre	ciática, contusões de cabeça	raiz de malvaisco verde, caracóis grandes, azeite, terra sigillada branca em pó, fezes de ouro em pó, emplastro paracelso, emplastro diaforético de Amennzick, emplastro carminativo de Silvio, emplastro de apalma, bálsamo peruviano negro	medalhões	126	s..i.	renovar de 5 em 5 dias
79	EMPLASTRO DE TABACO	Sr. André da Costa	botica do Colégio da Bahia	s.i.	composto	vegetal, animal	cozimento	tacho	tumores internos e externos do baço e fígado	sumo de tabaco verde, sebo de carneiro, cera amarela, pez louro, resina de pinho, goma amoniaca, depurada, terebentina fina	emplastro	128	s.i.	aplica-se à parte

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
80	EMPLASTRO p.ª dor de dentes	s.i.	s.i.	s.i.	simples	vegetal	mistura	almofariz aquecido	dor de dente	extrato de ópio, Almecega da Índia em pó, taca maca em pó, gumi elemi em pó	emplastro	129	s.i.	apllica-se às fontes da cabeça, foazer quando for aplicar
81	EMPLASTRO p.ª MADRE	s.i.	s.i.	s.i.	composto	animal, vegetal	moagem, derrretimento	tacho	contra a debilidade do útero, limpa os maus humores, reprime os fluxos imoderados	raiz de tormentila, pau de áquila, sândalos citrinos, noz moscada, berberis, antera, canela, cravo da Índia, esquinanto, flor de macela, incenso, almecega, estoraque calamita, galla moscata, terebentina, pez naval, láudano depurado, almíscar, cera	emplastro	130	s..i.	aplica-se no umbigo
82	EMPLASTRO p.ª para matar lombrigas	boticário Francisco da Silva	s.i.	s.i.		vegetal	mistura	s.i.	lombrigas	pós de coloquintidas, mirra em pó, azebar em pó, farinha de tremoços,sumo de hortelã, vinagre	emplastro brando	131	s.i.	aplica-se 3 ou 4 dias sobre o umbigo

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
83	EMULSÂO de ESCORCIONEIRA	boticário Mel de Carvalho	s.i.	s.i.	simples	vegetal	cozimento, moagem, coar	panela de barro vidrado, gral de pedra	modera as febres ardentes	raiz de escorcioneira, cevada, sementes frias maiores, açucar cande em pó, água comum	emulsão	135	s.i.	aplica-se à noite, ao recolher
84	EMULSÂO REGIA	s.i.	botica do dolégio da Bahia	s.i.	composto	vegetal, animal	moagem, mistura	gral de pedra	purgar humores tartaraeos, biliosos e pituitosos	resina de salapa, resina de batata, sementes frias maiores sem casca, xarope de cinco raízes, água de escorcioneiera, gema de ovo, calamolanos	emulsão	136	s.i.	
85	ENCERADOS para SECAR LEITE	s.i.	botica do colégio da Bahia	s.i.	composto	vegetal, animal	cozimento	tachinho	secar o leite materno	cera branca, óleo de Golfos, óleo de azeitonas verdes	s.i.	137	s.i.	estender em panos da grandeza dos peitor e por sobre eles
86	ETHIOPE MINERAL com fogo	s.i.	s.i.	s.i.	simples,	mineral	mistura, cozimento, moagem	gral de pedra, tigela nova de barro vidrado	matar lombrigas	mercúrio vivo, flores de enxofre	pó ou pílula	138	s.i.	em jejum, 2 x ao dia, beber em cima água de hortelã

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
87	EMPLASTRO VULNERARIO MAGISTRAL (unguento do Pe. Costa)	Pe. Costa	botica do Colégio de Macao	s.i.	composto	mineral, vegetal, animal	cozimento, coar	tacho,	p/ chagas, limpa a carne e cicatriza	arruda, absinto, nicosiana, mangerona, hortelã,salsa,rosmarinho, tanchagem, tormentina, colofonio, minio, fezes de ouro, alvaiade, vinagre forte, urina recente, cera branca, azeite comum ou de gergelim	medalhões	140	s.i.	
88	EMPLASTRO p/ gota	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i.	composto	vegetal, animal	mistura, moagem	almofariz	gota	ópio, leite de peito, folhas de arruda, miolo de pão	emplastro	141	s.i.	
89	EMPLASTRO NEGRO composto	s..i.	botica do Colégio de Macau	s.i.	composto	mineral, vegetal		tacho	chagas, mesmo velhas	alvaiade, fezes de ouro em pó, incenso em pó, mirra, terebentina, pez naval, pez grego, resíduos de água forte em pó, cera amarela, vinho, vinagre, azeite	medalhões	142	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
90	ESPIRITO DE MINDERERI	s.i.	s.i..	s.i.	composto	mineral, vegetal	mistura	tigela ou sopeira da india vidrada	inflamação interna de febre	espírito de vinagre, sal volátil de amoníaco		143	s.i.	
91	EMULSAO OPTIMA	s.i.	s.i.	s.i.	composto	mineral, animal, vegetal	incorporação	almofariz, tamil	contra poluções involuntárias	aljofar, coral, olhos de caranguejo, bolo armenio oriental, corno de cervo queimado, semente de malvas, semente de agnus casto, semente de algodão, semente de salgueiro, alcatira, sal de chumbo	pó	144	s.i.	
92	EMPLASTRO AMARELO hespanhol optimo	s.i.	Casa Bonit		simples	vegetal	cozimento	tigela de barro vidrada, alguidar	postema, carbúnculos, fístulas, feridas, calos	terebentina, pez grego, rosa pina, cera amarela	medalhão	145	s..i.	aplica-se à parte, sem ir ao fogo
93	GRAONS P. FONTES	boticário Francisco da Silva	s.i.	s.i.	composto	vegetal, mineral	derretimento, mistura	tachinho	?	cera branca, terebentina, talapa em pó fino, verdete em pó	grãos	165	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
94	HERCULES INFANS	boticário Francisco da Silva	s.i.	s..i.	composto	mineral, animal	mistura	gral de pedra	limpar a região superior e inferior	tartaro hemético, sal policresto, pedra bazar	pó	173	s.i.	
95	JALEA OPTIMA de ponta de veado	boticário Francisco da Silva	s.i.	s..i.	composto	animal, vegetal	cozimento	panela nova de barro vidrado	corrige a acritude dos humores, suspende os cursos do ventre, o vômito e o esputo do sangue, restaura forças, fortifica o estômago, boa pª a malignidade dos ares	rasuras de ponta de veado, açucar cande, sumo de limão, vinho branco, canela, água	poção	183	s.i.	não usar utensílio de latão
96	LAUDANO LIQUIDO sedenhão	s.i.	s.i.	s.i.	simples	vegetal	infusão, calor, coar	garrafa	ver o seguinte	ópio tebaico, açafrão, canela, cravo da Índia, vinho branco	poção	193	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
97	LAUDANO OPIADO sinabarrino	s.i.	s.i.	s.i.	composto	mineral, vegetal	moagem	almofariz	tirar dores, suspender hemorragias, fluxo do ventre e outras partes; frenesi, mania, melancolias, epilepsia; cólica, gota, queixas nefríiticas; tira os vomitos	extrato de ópio, sinabrio (azinhavre?) em pó	grão, pílula, ou desfeito em licor	194	s.i.	
98	LEITE VIRGINAL	boticário Francisco da Silva	s.i.	s.i.	composto	mineral, vegetal	infusão	frasco	tirar manchas ou sinais da cara ou outras partes	fezes de ouro branco em pó sutil, vinagre branco ou destilado, água de pedra hume, ou salgada	licor	195	s.i.	
99	LICOR ESTERICO	s.i.	s.i.	s.i.	composto	animal, vegetal	moagem, infusão	vidro	vapor histérico, acidentes uterinos, sufocações do coração	castoreo, cânfora, açafrão, aguardente	licor	196	s.i.	
100	LINIMENTO p.ª ALMORREIMAS	s.i.	s.i.	s.i.	composto	animal, mineral, vegetal?		gral de pedra	almorreimas(varizes) inchadas, doloridas e chagadas	óleo rosado, óleo de gemas de ovo, flores de enxofre	linimento	197	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
101	LINIMENTO p.ª EMPIGENS E SARNA	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i.	composto	mineral, vegetal	mistura	gral de pedra	impigens e sarnas	zarcão, flores de enxôfre, azeite	linimento	198	s.i.	pela manhã e a noite por 3 dias
102	LINIMENTO p.ª EMPIGES	s.i.	s.i.	s..i.	composto	mineral, vegetal	mistura	tigela vidrada	impiges	bálsamo do Brasil fino, enxofre em pó sutil, vinagre bom	linimento	199	s.i.	pela manhã e a noite por alguns dias
103	LINIMENTO admirável p.ª estancar vômitos	s.i.	s.i.	s.i.	simples	vegetal	mistura	almofariz de pedra	estancar vômitos	óleo expresso de noz moscada, água da Rainha de Hungria, óleo de losna, almecega da Índia em pó	emplastro	199	s.i.	aplicar sobre a boca do estômago
104	LIMONEA Purgativa	Jacob de Castro Sarmento	s.i	s.i.	simples	vegetal	mistura	garrafa	purgante	maná escolhido, polpa de tamarindo, casca exterior de limão, água da fonte	Poção ou bebida	200	s.i.	nunca se leve ao fogo
105	LIMONEA SOLUTIVA romana	s.i.	s.i.	s.i.	simples	vegetal	cozimento	tigela de barro vidrada	humores viscosos e sorosos	sumo de limão, maná escolhido, água de flor, água comum	Poção ou bebida	201	s.i.	fogo brando

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
106	MANTEIGA DE CHUMBO	boticário Francisco da Silva	s.i.	s.i.	composto	mineral, vegetal	mistura	almofariz de chumbo	sarna, comichão cutânea, chagas, inflamação procedida do fígado, manchas da pele	fezes de ouro em pó, vinagre destilado, óleo violado	manteiga	211	s.i.	
107	MASSA para tornar o fluxo do sangue das hemorragias	boticário Mel. De Carvalho	s.i.	s.i.	composto	mineral, vegetal	moagem, mistura	gral de pedra	hemorragias	sangue de drago, solda, hematita, caparroza vermelha, vitríolo, espírito de vitriolo	linimento	212	s.i.	só fazer quando for utilizar (mais receita complementar: crânio humano, madrepérola, coral, cânfora,aguardente)
108	complemento do anterior	s.i.	s.i.	s.i.	composto	mineral, vegetal	dissolução, mistura, infusão	gral de pedra	secar a parte	cranio humano, madrepérola, coral, aguardente				

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
109	MASSA P.ª CEZÕES	s.i.	botica do Colégio do Res. De San.º	s..i.	composto	mineral, vegetal	moagem, mistura, cozimento	tigela de barro vidrado	febres	quinaquina, aristoloquia redonda, lírio florentino, cimas de centaurea menor, sal de losna, xarope de romãs azedas	linimento	214	s.i.	pela manhã e à tarde, em massa ou desfeita em água de chicória ou almeirão
110	MASSA p.ª SEZÕES	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i	composto	vegetal, mineral	moagem, mistura	gral de pedra ou marfim	febres	sal de losna, sal prunel e amoníaco, triaga, confeição de alquermes, contraerva, quina	massa, pilúlas	215	s.i.	
111	MASSA P.ª SEZÔES	s.i.	botica do Colégio de S. Antão	s.i.	composto	vegetal, mineral	moagem, mistura	gral de pedra ou marfin	febres terças e quartãs	quina quina, sal de losna, sal de tarmagueira, sal de tártaro, sal de amoníaco, xarope de losna	massa, pílulas	216	s.i.	pela manhã em jejum, mas no dia da sezão tomar também depois dela

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
112	MASSA PURQUESCA	s.i.	s.i.	s.i.	simples	vegetal	cozimento	tigela de barro vidrado	gálico, infecção cutânea	sândalos vermelhos, semente de funcho, sene, polipodio nascido em carvalho, salsaparillha, clarificado de açucar branco	massa	217	s.i.	
113	MERCURIO SUBLIMADO DOCE	s.i.	s.i.	s.i.	simples	mineral	mistura, banho de areia em fornalha	gral de pedra, garrafa,	obstruções, depurar o sangue, matar lombrigas, curar bobas; humores serosos	solimão, azougue vivo	pó	218	s.i.	
114	MERCURIO DOCE LAVADO	s.i.	s.i.	s.i.	simples	mineral	calor do sol	frasco grosso de boca larga	sarna, tinha, impigens, herpes e demais corrupções da cútis	azougue vivo, água régia ou forte, água salgada	pílulas	221	s.i.	interior e exterior (misturado em pomada)
115	MERCURIO ALKALISSATUS	s.i.	s.i.	s.i.	composto	mineral, animal	moagem	pedra de preparar	alterante	azougue, olhos de caranguejo ou coral preparado	s.i.	223	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
116	MASSA OPTIMA para mordeduras de cães danados	s.i.	botica do Colégio de Èvora	s.i.	composto	vegetal, mineral	moagem	gral de pedra	também para outro venenos	arruda verde, salsa verde, cabeças de alhos, flor de margaritas bravas, raiz de roseira brava, raiz de escorcioneira bem tenra, sal moido, vinho branco	massa	223	s.i.	pela manhã em jejum, desfeito em vinho (antes que o paciente comece a ter medo de água); externo, sobre a mordedura
117	MANTEIGA DE CHUMBO	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i.	composto	vegetal, mineral	moagem	almofariz de chumbo ou pedra	infecções cutâneas	sal de chumbo, pedra hume crua, óleo rosado, vinagre saturno	manteiga	225	s.i.	fazer-se antes do uso
118	OLIO DE BICUIBAS expresso	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	simples	vegetal	moagem, pressão	pano novo forte, tacho	as mesmas que unguento nervino ou peitoral, dores da madre	bicuibas	óleo	239	s.i.	
119	unguento de bicuibas	s.i.	s.i.	s.i.	simples	vegetal	moagem, pressão cozimento	tacho, pano ralo	ver unguento peitoral; também para dores da madre	bicuibas	unguento	240	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
120	OLIO DE ERVA DALOSTA	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	simples	vegetal	moagem, cozimento	gral de pedra, tigela de barro vidrada	ver óleo rosado	sumo depurado de erva dalosta, azeite	óleo	242	s.i.	
121	OLIO REAL de EUPHORBIO	boticário Manoel de Carv.º	s.i.	s.i.	simples	vegetal	cozimento	panela nova de barro vidrado	estomago indigesto, dores de cabeça, obstruções dos nervos ópticos, do baço e da madre, ciática, ventosidades, esquinências, dores de ouvido, surdez não nativa, pulmões	azeite velho, cebolas brancas, eufórbio, folha de arruda verde, açafrão em pó	óleo	242	s.i.	não usar a panela e a colher p/ outros preparos
122	OLIO DA MATTA	boticário Manoel de Carvalho	s.i.	s.i.	simples	vegetal	moagem, infusão, calor	vaso de vidro	s.i.	bagas de aroeira, azeite	óleo	244	s.i.	
123	OLIO EXPRESSO DE BOLOTAS	Curvo	s.i.	Poliantheа p. 377	simples	vegetal	moagem, cozimento, pressão	prensa	camaras, umbigo, ventre estômago	bolotas bravas	óleo	244	s.i.	interno e externo

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
124	OLIO DE OURO	Curvo	s..i.	Atalaia da vida p. 690	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	óleo	245	s.i.	
125	OLIO ou BALSAMO DE BALSAMINA	s.i.	s.i.	s.i.	simples	vegetal	infusão, calor	frasco	chagas, feridas, rachaduras, hemorroidas	cabacinhas de balsamina, azeite sem sal	óleo	246	s.i.	
126	unguento do mesmo óleo		s.i.	s..i.	simples	vegetal	cozimento		mesmo uso	óleo acima + mais vinho e cera amarela	unguento	247	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
127	OLIO p.ª espasmos e convulsoens	Grão Duque da Toscana	s.i.	s.i.	simples	vegetal	moagem, mistura, banho maria, cozimento, calor	vaso de arame, pano de lã para coar, vidro	espasmos, convulsões, feridas dos nervos, dores frias	abrotano, artemisa, alecrim, losna, erva crina, betonica, salva hortense, salva de monte, ruipontico, espiricão, rosmarinho, centaura menor, macela,erva de santa maria, espicanarde, raiz de noiva, ditamo branco, tromentila, bistorta, hermodatilos, triaga, mitidrato, azebre, euforbio, mirra, açafrão, ruibarbo, casto amargo, azeite velho	óleo	247	s.i.	usar o azeite tépido
128	OLIO de Apparicio	s.i.	botica do Colégio de Macau	s.i.	simples	vegetal	cozimento	tigela de barro vidrado,	feridas, queimaduras, chagas e dores nas juntas	goma mirra, goma memi, incenso, terebentina, óleo de iripicão	óleo	249	s.i.	no inverno aplicar tépido

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
129	OLIO de CANELLA	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	simples	vegetal	destilação	alambique	corroborante, estomático, cefálico e uterino	cremor tartaro, folhas ou cascas de canela, água comum	óleo	250	s.i.	se pode dar em todas as enfermidadades em que necessitar aumentar os espíritos e dissolver os humores crassos
130	OLIO DE OURO	s.i.	s.i.	s.i.	simples	mineral	dissolução, banho maria	redoma de vidro, porcelana da Índia, panela	feridas no peito, tumor escrofuloso	água forte, sal comum, ouro fino em gotículas	óleo	252	s.i.	aplicar em dias alternados
131	PANACEA MERCURIAL	S.I.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	composto	mineral, vegetal	infusão, destilação	gral de pedra, alambique de vidro	interno: gálico, obstruções, escorbuto, lombrigas; externo: escrófulas, herpes, escoriações	calomelanos, espírito de vinho	s.i.	257	s.i.	3 dias, à noite

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
132	PASTILHAS ANTI-HIDROPICAS	s.i.	s.i.	s.i.		vegetal	mistura	almofariz	hidropisia	trociscos alandal, losna em pó tirada em água rosada+mucilagem de alcatira	pastilhas	259	s.i.	fazer a massa e secar à sombra; tomar com vinho branco pela manã, por alguns dias
133	PEDRAS DE COBRA de PIO	s.i.	s..i.	s..i.	simples	animal	queima		p/atrair venenos do corpo, mordedura de cobra; bexigas, sarampo	osso de elefante, ou de veado, ou de boi	s.i.	260	s.i.	da canela do animal para o interno, usar em cozimento
134	PEDRAS CORDIAIS	chamadas de Gaspar Antonio	botica do Colégio de São Paulo de Goa	s.i.	composto	animal, mineral	moagem	pedra de preparar, gral de marfim	cordial	aljôfar, almíscar, ambar gris, coral branco, coral vermelho, esmeraldas, línguas de São Paulo, topázios, terra branca de São Paulo, rubis, pedra de cananor, jacintos, ponta de veado queimada, safiras, pedra bazar oriental	pedras ovaladas, envoltas em massa e secas	262	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
135	PEDRAS DE GASPAR ANTONIO reformadas	s.i.	botica do Colégio de Goa	s.i.	composto	animal, mineral	moagem	pedra, gral de marfim	cordial,	almíscar, âmbar, aljofar, jacintos, topazios, safiras, esmeraldas, rubis, coral vermelho, coral branco, pedra bazar oriental	como a antecedente	265	s.i.	
136	PEDRA BAZAR artificial	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i.	composto	animal, mineral	moagem	pedra, gral de marfim	febres malignas, ânsias; faz suar	ambar, almíscar, cânfora, spodio, jacinto, topazio, safira, rubi, esmeraldas, granadas, bolo armenio, terra sigilada, corno de ceravo, raspas de unicornio, raspas de marfim, olhos de caranguejo, coral vermelho, coral branco, aljôfar, pedra bazar oriental	globos	266	s.i.	em águas, ou vinho brando ou aguado
137	PEDRA INFERNAL optima	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	simples	mineral	banho de areia, fogo	vaso de vidro grosso	verrugas, úlceras	prata pura, água régia, ou forte	pedras	269	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
138	PEDRAS DE PORCO ESPINHO artificiais	s.i.	Goa	s.i.	composto		moagem, cozimento	tigela de barro vidrada, almofariz	indigestão, dor de cabeça, febres malignas, bexigas, sarampo	bucho de porco-espinho, raiz de sapuz, raiz de calumba	globos	270	s.i.	infusão no licor apropriado ou água tépida
139	PEDRAS DE PORCO ESPINHO melhores que as antecedentes	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i.	composto	animal, vegetal	moagem	tamiz, gral de pedra	vômitos, fraquezas do estômago, enxaqueca, rins, vertigens, febres diuturnas	bucho de porco-espinho, raiz de sapuz, raiz de calumba, entrecasca de moela de galinha, fel de urso, âmbar griz	globos	272	s.i.	; tomar em águas ou vinho ou caldo de galinha, conforme o mal
140	PILULAS ANGELICAS	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	composto	mineral, vegetal	moagem, mistura	almofariz, gral de pedra	cólera, ver folha 292	resina de batata, resina de salapa, mercúrio sublimado, trociscos alandal, espírito de enxofre ou vitríolo, óleo de erva doce ou funcho	pílulas	275	32	
141	PiLLULAS anti-asmáticas	s.i.	s.i.	s.i.	?	mineral	moagem, mistura	almofariz	asma	massa de pílulas fétidas, diagrídio, sal volátil de alambre	pílulas	276	s.i.	25 pílulas, 5 cada vez. Durante 5 dias, à noite

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
142	PILLULAS CAPITAIS	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.		vegetal	moagem, mistura	almofariz	purgar humores, dores cólicas e nefríticas	massa de pílulas cóqueas, sine quibus, agregativas, lucidas menores, resina + xarope rei	pílulas	276	240	
143	PILLULAS de CLERICATO, ou familiares	s.i.	botica do Colégio de S. Antão	s.i.	composto	mineral, vegetal	cozimento	tigela de barro vidrado, almofariz	melancolia e hipocondria, dores de cabeça	goma amoníaco, azebar em pó, extrato de ruibarbo, arrodao abade, triasandalos, coral, aljofar, tártaro vitriolado	pílulas	278	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
144	PILLULAS DOURADAS	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i.	composto	minera, vegetal, animal	moagem, mistura	almofariz	cursos de sangue, de hemorróidas, fraqueza de estômago; p/ tísicos, éticos	sangue de abada, calambá, alambra, terra de São Paulo, pedra bazar, coral rubro, casto ou pucho, sinabrio nativo, sinabre de antimonio, carne de víboras, cânfora, mirra, âmbar, almíscar, extrato de ópio, leite de peito de mulher, maças de vacas	pílulas	279	100 reais cada	com leite de peito, ou em água de canela
145	PILLULAS p/ ENXAQUECA	boticário Manuel de Carvalho	s.i.	s.i.	composto	mineral, vegetal, animal	moagem, cozimento, mistura	tachinho	enxaquecas	goma amoníaco, azebar em pó, sumo de rosas pérsicas	pílulas	282	s.i.	em dias alternados, à noite

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
146	PILLULAS de FAMILIA	s.i.	botica do Colégio de Santo Antão	s.i.	composto	mineral, vegetal, animal	moagem, cozimento, mistura	tachinho	gota, escorbuto, gálico, hidropisia, obstrução	extrato de azebar socotorino, resina de salapa, extrato de colocontidas, escamonça, extrato benedito, gutagamba, tártaro vitriolado, extrato de açafrão, castóreo, cravo de Índia, flor de noz moscada, calomelanos turquescos, xarope de pepinos de São Gregório	pílulas	282		3 horas antes ou depois de comer
147	PILLULAS contra FLATOS HIPOCONDRIACOS	s.i.	s.i.	s.i.	composto	mineral,vegetal	moagem, mistura	almofariz	flatos	bezuartico jovial, zinabre nativo, cânfora, laudano goiado	pílulas, douradas	283	s.i.	8 pílulas: 2 no dia de lua cheia, 2 no de minguante, 2 no de nova, 2 no de crescente

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
148	PILLULAS contra GALLICO	s.i.	s.i.	s.i.		vegetal	moagem, mistura	gral de pedra	gálico	sene em pó, açafrão em pó, elebro negro, precipitado branco, calomelanos (+ mucilagem de alcatira)	pílulas	284	s.i.	
149	PILLULAS para dessecar GONORREAS	boticário Manoel de Carvalho	s.i.	s.i.	simples	vegetal	moagem, mistura	almofariz de pedra	gonorréia	calofonia em pó, goma de pau-santo, calomelanos, bálsmo peruviano, xarope de altea	pílulas	285	s.i.	pela manhã em jejum, por 15 dias
150	Outra p/ o mesmo	s.i.	s.i.	s.i.	composto	mineral, vegetal	o mesmo	o mesmo	gonorréia	mercúrio doce, cânfora, sal saturno, terebentina cozida, xarope de altea	pílulas	286	s.i.	a mesma
151	PILLULAS p.ª Gonorréas ou esquentamentos	s.i.	s.i..	s.i.	composto	vegetal, animal,	cozimento, moagem, mistura	tigela de barro vidrada	gonorréia	terebentina, ponta de veado, alcaçuz, ruibarbo em pó	medalhões	286	s.i.	tomar em jejum por 15 ou 20 dias

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
152	PILLULAS p.ª Gotta	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i.	composto	vegetal, mineral	moagem, mistura	almofariz	gota, descarregar humores	trociscos alendal, tártaro solúvel, mechoacão, hermodatilos, xarope de sene	pílulas	287	s.i.	1 x ao dia; oito dias de regime de frango ou vitela
153	PILLULAS HEMETICAS	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	composto	vegetal, mineral	cozimento	tigela de barro vidrada	vomitorio	açafrão em pó, cremor tártaro, açúcar cande, farinha de trigo, vidro de antimônio em pó, água rosada	pílulas	288	s.i.	
154	PILLULAS HISTERICAS	s.i.	s.i.	s.i.	composto	animal, vegetal, mineral	mistura, incorporação	almofariz	p/ purgar cólera ; são cefálicas e porisso rebatem vapores histéricos, limpam a madre e tiram suas obstruções, são boas p/ hidropisia e melancolia	massas de pílulas angélicas, de pílulas de azebar e de pílulas amoníacas, extrato de açafrão,extrato de castório, mirra em pó, resina de batata em pó, bálsamo do Brasil, óleo de canela, xarope de ruibarbo	pílulas	289	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
155	PILLULAS MERCURIAIS	s.i.	s.i.	s.i.	composto	mineral, vegetal	mistura	almofariz	enfermidades venéreas, obstruções, melancolia	mercúrio doce, resina de batata em pó, água comum	pílulas	291	s.i.	4 pílulas(total de de meia oitava)
156	PILLULAS contra OBSTRUÇOENS GALLICAS e males de cabeça	s.i.	s.i.	s.i.	composto	mineral, vegetal, animal	moagem, mistura	almofariz	gálico, males de cabeça	azebar, calomelanos, diagrídio, ruibarbo, resina de talapa, tártaro vitriolado, trociscos alendal, mel	pílulas	291	s.i.	4 pílulas; pela manhã em jejum
157	PILLULAS p.ª facilitar o parto	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i.	composto	mineral, vegetal	incorporação	almofariz	também faz baixar o sangue menstrual	trociscos de mirra em pó, bórax em pó, extrato de açafrão, xarope de artemisa	pílulas	293	s.i.	
158	PILLULAS p.ª os mesmos da conjunção	s.i.	s.i.	s.i.	composto	vegetal, mineral, mineral	moagem, incorporação	almofariz	achaques de madre; provocam as conjunções	castório, galanga, zedoaria, noz moscada, semente de aipo, semente de endro, aljôfar, xarope de artemisa	pílulas	293	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
159	PILLULAS p.ª RETENÇÃO DOS MESES	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i.	composto	vegetal, mineral	moagem, incorporação	almofariz	baixar o sangue menstrual	trociscos de mirra, extrato de açafrão, extrato de sabina, resina de batata, trincal, sal de artemisa, escória de ferro, xarope de artemisa	pílulas	294	s.i.	pela manhã, em jejum, por 4 dias
160	PILLULAS p.ª o mesmo	boticário Mel. De Carvalho	s.i.	s.i.		vegetal	moagem, incorporação	almofariz	mesmo que o antecedente	sabina, mirra, asafetida, sagapero, prinçal, fécula de brionia, dictamo branco + suco de artemisa	pílulas	295	s.i.	4 dias sucessivos, antes do dia da menstruação
161	PILLULAS de REZINA DE BATATA	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	simples	vegetal	moagem	almofariz, tamiz	ver o seguinte	resina de batata, cremor tártaro em pó	pílulas	296	160	meia oitava, , dividida em 5 pílulas
162	PILLULAS DE REZINA DE SALAPA	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	simples	vegetal	moagem	almofariz, tamiz	humores sorosos e melancólicos, hidropisia, gota, reumatismos e obstruções	resina de salapa, cremor tártaro em pó	pílulas	297	200	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
163	PILOLAS SILVIANAS	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i.		vegetal	moagem, incorporação	almofariz	humores sorosos, limpa o estômago, gota, hidropisia, obstruções	salapa em pó, ruibarbo em pó, escamonea, gomarron em pó, mechoação em pó, almecega da Índia em pó, xarope de sene ou Reis	pílulas	298	s.i.	
164	PIROLAS p.ª ter o corpo sempre obediente	s.i.	s.i.	s..i.	simples	vegetal	s.i.	s.i.		aloe soccotrino, sândalo rosso, ruibarbo, mastici ou almecega, açafrão, mirra metta	pílulas	299	s.i.	fazer pílula com água de lazuca
165	PILOLAS CONTRA CURSOS	s.i.	botica do Colégio de Évora	s.i.	composto	animal, vegetal	moagem,	almofariz	cursos, defluxão do peito	ópio, castorio, acacia, açafrão, sumagre, verber, rosas vermelhas, sementes de papoulas brancas, sumo de marmelos ou de tanchagem	pílulas	303	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
166	PILOLAS DE SINOGLOSA	s.i.	s.i.	s.i.	composto	animal, vegetal	moagem	almofariz	dulcificar humores acres, mitigar dores, causar sono; desinteria , esputo do sangue	açafrão, castório, incenso, mirra, ópio, raiz de sinoglosa, semente de meimendro branco, xarope violado	pílulas	304	s.i.	
167	PILOLAS DESOBSTRUENTES	Jacob de Castro	s.i.	s.i.		vegetal	mistura	almofariz	defluxões de peito	goma amoníaca em pó, ruibarbo em pó, cebola albarrã em pó, sabão duro de Castela, xarope de açafrão ou de cascas de laranja	pílulas	305	s.i.	fazer pílllllulas com peso de 4 grãos cada uma
168	POZES contra ASMA	s.i.	s.i.	s.i.	composto	animal, vegetal	moagem, mistura	almofariz	asma	espermacete, cinzas de coruja, olhos de caranguejo, flor de enxofre	pó	306	s.i.	dividir em 9 porções, tomar em jejum, em gema de ovo

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
169	POMADA CHEIROSA	boticário Mel. De Carvalho	s.i.	s.i.	composto	animal, vegetal	cozimento	panela de barro vidrado nova, espátula de pau, pano de linho p/coar	p/ aspereza da cútis, p/ fomentar o cabelo	cera branca, óleo de amendoas doces, sebo de cabrito, unto de porco macho, noz moscada, cravo de Índia, lírio florentino, água rosada, água de flor	pomada	315	s.i.	
170	POMADA CONTRA DORES DE MADRE	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i.	composto	animal, vegetal	cozimento	tachinho	dores da madre	espermacete, óleo de açucena, banha de flor, casca de laranja da China	pomada	316	s.i.	
171	POMADA de SPERMACETE	boticário Mel. de Carvalho	s.i.	s.i.	composto	animal, vegetal	derretimento sobre cinza quente	tigela de barro vidrada	dores da madre, p/ dessecar o leite	óleo rosado, água rosada, água de flor, água de tanchagem, cera em grumo, espermacete	pomada	318	s.i.	
172	POZ contra Lombrigas	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i.	composto	vegetal, mineral,	mistura	gral de pedra	p/ matar lombrigas	semente de Alexandria em pó, mercúrio diaforético com fogo, coralina em pó, azebar em pó, salapa em pó	pó	319	s.i.	dividir em 6 doses, p/ 3 dias

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
173	POZ p/ o mesmo, admiráveis	s.i.	s.i.	s.i.	composto	animal, vegetal	mistura	almofariz ou gral	o mesmo	sene em pó, ruibarbo em pó, coralina em pó, ponta de veado em pó, dente de angola em pó, semente de Alexandria em pó	pó	320	s.i.	6 doses, 3 dias
174	POZ p/ o mesmo	boticário Mel. De Carvalho	s.i.	s.i.	composto	mineral, vegetal	mistura	gral de pedra ou marfim	o mesmo	mercúrio doce, ruibarbo em pó, briônia em pó, semente de cidra limpa, em pó, coralina em pó, semente de ipericão em pó, semente de Alexandria em pó	pó	320	s.i.	
175	POZ MAGISTRAES solutivos	s.i.	s.i.	s.i.		mineral	mistura	almofariz	purgar humores, serosidade, hidropisia, gota, reumatismos, obstruções	diagridio, cremor tártaro em pó, salapa em pó fino	pó	322	s.i.	
176	POS do Marquez p.ª quedas	s.i.	s.i.	s.i.		vegetal	mistura	almofariz, tamiz	para descoagular o sangue; fortificar a parte ofendida	pez de cozas em pó, colofonia em pó	pó	322	s.i.	em água ou vinho

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
177	POZ ANTINEOFRITICOS	s..i.	botica do Colégio de Evora	s.i.	composto	mineral, vegetal	mistura	almofariz, tamiz	contra pedras, facilita a urina	borax, pedra judaica, conchas do rio, sangue de bode, semente de urtigas, de salsa, de bisnaga, de millium soli, de aipo silvestre, caroços de tâmaras, pau neofrítico, raiz de resta bovis, noz moscada, sinos bastos, asseli, açucar	pó	323	s.i.	15 dias, em qualquer licor diorético
178	POZ ANTI-PLEURITICOS	s.i.	botica do Colégio de Evora	s.i.	composto	animal, mineral, vegetal	moagem,	gral	pleurises, defluxões catarrais	espermacete, incenso em pó, ferrugem de chaminé em pó, sangue de bode, olhos de caranguejo, antimonio diaforético, dente de javali, semente de cardo santo, flor de papoulas vermelhas	pó	323	s.i.	tomar em cozimento peitoral

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
179	POZ p.ª quem não logra o que come	s.i.	s.i.	s.i.	composto	vegetal, animal	incorporação	gral de pedra ou marfim		sal de losna, canela em pó, coral vermelho, cozimento de hortelã	pó	324	s.i.	2x/dia, por 8 dias,
180	POZ contra febres malignas e outras...	s.i.	s.i.	s..i.	composto	animal, mineral	moagem, incorporação	gral de pedra ou marfim	febres	aljofar, coral vermelho, coral branco, antimônio diaforético, olhos de caranguejo, pedra de Gaspar Antonio, pedra basar oriental, sal de centáurea	pó	326	s.i.	em água de escorcioneira ou outra cordial
181	POZ CORNACHINOS	s.i.	s.i.	s.i.	composto	vegetal, mineral	moagem, mistura	almofariz	purgar humores	diagrídio, cremor tártaro, resina de batata, antimônio diaforético	pó	327		
182	POZ DOBRADOS simples	s.i.	s.i.	s.i.		mineral	moagem, mistura	gral de pedra	carnes enponjosas ou calosas; cancros, fístulas, chagas, úlceras	pós de joannes, pedra hume	pó	328	s.i.	externo

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
183	QUINTILIO optimo	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	simples	mineral,	moagem, mistura	tamiz, almofariz de ferro ou bronze, alguidar vidrado, pedra de preparar	apoplexia, paralisia, terçãs; enfermidades em que é preciso vomitar	antimômio cru, salitre + água de chuva, água rosada ou de flor	castelinhos	345	s.i.	
184	REZINA DE BATATA	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	simples	vegetal	moagem, infusão, coar, pressão, destilação	talha vidrada, alambique	humores sorosos e melancólicos, hidropisia, gota, reumatismo	raiz de batata boa, aguardente	resina lavada e seca	357	s.i.	dissolver e misturar e, licores
185	ROSA SOLIS optima	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	composto	animal, vegetal	moagem, infusão/ maceração, pressão	vidro, almofariz	conforta o estômago, indigestão	canela da Índia, erva doce, cravo da Índia, noz moscada, sândalos vermelhos,âmbar, almìscar, espírito de vinho ou aguardente, clarificado de açúcar fino, aguardente boa	licor	360	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
186	SOLIMÃO optimo	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	simples	mineral,	calor, banho de areia, evaporação,	tijela de barro vidrada, gral de pedra, cucurbita	úlceras venéreas; sarna, herpes	azougue vivo, água régia, vitríolo calcinado em pó, sal decrepitado em pó	massa	373	s.i.	externo, com água de cal ou de tanchagem; tomado interior é veneno
187	TALHADAS p.ª sangue pella boca	Curvo	s.i.	p. 186	simples	vegetal	moagem, cozimento	gral de pedra limpo, tigela de barro vidrada	também p/ tosses, defluxo	rosas de Jericó, açúcar finíssimo	talhada	383	s.i.	pastilhas
188	TARTARO EMETICO optimo	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.		mineral	moagem, cozimento, filtragem, secagem	gral de pedra, panela de barro vidrada nova, tamiz, coador de lã	apoplexia, paralisia	fígado de antimônio ou quintilio, cremor tártaro, água comum	?	384	s.i.	
189	TINTURA ADSTRINGENTE	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i.	composto	mineral, vegetal	cozimento, filtragem	panela de barro vidrada nova, tamiz, coador de estopa	cursos	barbatimão em pó, pedra hume crua, sal de chumbo, água de tanchagem ou comum	tintura	387	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
190	TINTURA DE ALAMBRE	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	composto	mineral, vegetal	infusão, banho de areia, filtragem, destilação	garrafa de vidro, alambique	apoplexia, paralisia, epilepsia	alambre em pó sutil, espírito de vinho	tintura	388	s.i.	em licor apropriado
191	TINTURA CORAL optima	s.i.	s.i.	s.i.	composto	animal, vegetal	banho de areia, calor	garrafa	sangue pela boca, cursos, vômitos	coral em rama, cera branca em grumo, espírito de vinho, água	tintura	390	s.i.	em licor apropriado ou puro
192	TINTURA de CORAL	boticário Manoel de Carvalho	s.i.	s.i.	composto	animal, vegetal	derretimento, cozimento, coar, filtrar	panela de barro vidrada	sangue pela boca, cursos, vômitos	coral bem vermelho, cera amarela, açúcar cande em pó, aguardente	tintura	391	s.i.	em licor apropriado; ou puro
193	TINTURA de CORAL	João Cardoso de Miranda	s.i.	s.i.	composto	animal, vegetal	derretimento, cozimento, coar, filtrar	tachinho de arame	o mesmo que as antecedenetes	coral vermelho em pó, cera em grume,açúcar fino em pó, espírito de vitríolo, sumo de beldroegas depurado ou o seu cozimento	tintura	392	s.i.	dura de 24 a trinta horas

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
194	TINTURA ESTOMACAL	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i.	composto	vegetal, mineral	infusão, em cinzas quentes (48 hs.), ou ao sol por 30/40 dias	frasco,	indigestão, conforta o estômago, p/ quem vomita; chagas, feridas	raiz de calumba em pó, raiz de sapus, almecega da Índia, incenso em pó, azebar em pó, bálsamo do Brasil, espírito de vinho ou aguardente boa	tintura	394	800	mexer diariamente, 6 dias. Interior e exterior
195	TINTURA p.ª sangue pela boca	s.i.	botica de São Roque	s.i.	composto	vegetal, mineral	calcinação, moagem, dissolução, filtragem, banho de areia	tigela de barro vidrada	sangue pela boca	vitríolo de Hungária calcinado, sandalos citrinos, espírito de vinho, água	tintura	396	s.i.	dar em cozimento de tormentilha, rosas secas ou tanchagem

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
196	TIZANA LAXATIVA MONAPLIA CENSIS	s.i.	botica do Colégio do Recife	s.i.	composto	vegetal, mineral	moagem, cozimento, coar, expremer	panela de barro vidrada, pano dobrado, coador de lã	infecção gálica	salsaparilha, pau santo, polipodio de Carvalho, sassafrás, antimonio cru, pedra pomes, azougue vivo, contraerva, raiz de almeirão, aveia, cevadapilada, ou sem casca, açúcar branco, água	licor	397	1280 réis	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
197	TRIAGA BRASILICA celebérrima em todo	sr. André da Costa	botica do Colégio da Bahia	s.i.	simples	vegetal	moagem, mistura, cozimento, calor do sol	tamiz, tigela de barro vidrada, espátula de pau, talha	antídoto para venenos, expele os vômitos; estômago, lombrigas, flatos, cursos, achaque de cabeça, paralisia, epilepsia, apoplexia, melancolia, peste e doenças epidêmicas, febres malignas, bexigas, sarampão, achaques da madre	raiz de abutua, mil-homens, capeba, aipo, jurubeba, jarro, jarrilho, angericó, limão, junça, acoro, gengibre, malvaisco, jaborandi, pagimirioba, orelha de onça, aristoloquia redonda, batata do campo, ipecoacanha negra e ipecoacanha branca, contraerva; cipó-de-cobra, canela da Índia, cravo do Maranhão, cascas de angélicas do Brasil, cascas de ipê, flor de noz moscada, açafrão em pó, erva coácia; semente de cidra, de erva-doce, de comunhoz, de salsa da horta, de pindaíba, de nhambus, de urucum seco; extratos de ópio, de alcaçuz, de angélica, de		400	s.i.	por ao sol por 6 meses, recollher à noite

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
		s.i.	botica do Colégio Romano	s.i.	composto	vegetal, animal	moagem, mistura, cozimento, derretimento, fermentação	peneira fina	cólica ventosa, paralisia, epilepsia, apoplexia, letargo, enfermidades histéricas, enfermidades contagiosas, peste, febres malignas, bexigas, mordeduras, venenos	trociscos de cebola albarrã, trociscos de víbora, trociscos edicroi, ópio, extrato de alcaçuz, opobálsamo, ou bálsamo do Brasil, terebentina, estoraque calamita, goma mirra, incenso, goma arábica, suco de hipocistides, ou balaustrias, alcatira, goma sagapeno, castóreo, betume judaico, goma opoporaco, goma galbano, goma de trigo, rosas vermelhas, açafrão, spica nardo, spica céltico, fólio malabarico, ou flor de noz moscada, sumidades de hispiricão, sumidades de centaura menor, bisnaga, pimenta negra, pimenta branca, pimenta longa, corpo bálsamo, ou	pílulas ou bolos	413	s.i.	em vinho ou licor, também em pílulas
198	TRIAGA optima													

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
199	TRIAGA contra lombrigas	boticário Francisco da Silva	s.i.	s.i.	composto	vegetal, animal, mineral	moagem, cozimento,	almofariz, tamiz, tigela de barro vidrada	lombrigas	sementes de Alexandria, de cidra, de azedas, de baldroega; cascas de laranja azeda; folhas de arruda, de losna, de hortelã, de artemisia; minhocas torradas no fogo, dictamo branco, dictamo de Creta, coralina, ponta de viado com fogo, tremoços, dente de angalha trociscado, mel de limões, trociscos alandal, ruibarbo, agarico	electuário	420	s.i.	deixar descaansar por seis meses; tomar por 8 manhãs em água de hortelã

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
200	TINTURA ANTECOLICA ou carminativa	s.i.	s.i.	s.i.	simples	vegetal	moagem, infusão, banho de areia ou calor do sol, coar, expremer	almofariz,	dores de cólica	ópio exsecado, raizes de lodoaria, de gatanga, de gatanga verdadeira, cascas de laranja, de cidra, semente de erva doce, de alcarovia, flores de Marselha, massis, cravos da Índia, bagas de louro, de zimbro, vinho branco	tintura	422	s.i.	também externo, misturado com óleo, sobre a parte com dor
201	TROCISCOS de ESTANCAR SANGUE	Curvo	s.i.	s.i.	composto	vegetal, mineral, animal	moagem, coar, amassar, secar	almofariz, tamiz	hemorragias de boca, nariz, peito, intestinos, ou de madre	pedra hematite, terra sigilada, bolo armenio, coral vermelho, catto, pelo de lebre, sangue de drago em pó, raiz de tormentilla, láudano opiado ou líquido	trociscos	424	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
202	TROCISCOS de ESTANCAR SANGUE em pó	Curvo	s.i.	s.i.	simples	vegetal	moagem	almofariz	mesmos achaques	trociscos, de Carabe em pó, goma arabica em pó, goma alcatira em pó? torrefata, sumo de beldroegas	trociscos	425	s.i.	misturar com água de tanchagem ou comum, secar à sombra, tomar 2x/dia com água de tanchagem ou xarope de rosas ou murtinho
203	TROCISCOS de FIORABANTO	Curvo	s.i.	s.i.	composto	vegetal, mineral	mistura	almofariz	purgar humores tártaros, viscosos e melancólicos	sene em pó, cremor tártaro em pó, jalapa em pó, mechoagão em pó, diagridio sulfurado, canela	pastilhas	426	s.i.	misturar com mucilagem de alcatira tirada em água rosada
204	TROCISCOS de JARARACAS	s.i.	s.i.	s.i.	composto	animal, vegetal	secagem, moagem, mistura	almofariz	mesmas que trociscos de víbora	jararacas secas (das entranhas só os fígados)	trociscos triangulares do Brasil	427	s.i.	secar à sombra

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
205	TROCISCOS de FIORABANTO	s.i.	Botica do Colégio de Macao	s.i.	composto	mineral, vegetal	mistura	almofariz	dores e achaques do estômago, azedumes, flatos, vômitos, dão apetite; aliviam dores de cabeça e febres	jalapa em pó, sene em pó, cremor tártaro em pó, mechoaão em pó,diagridio sulforado, hermodátilos em pó, canela em pó, sândalo cetrino em pó	trociscos	428	s.i.	c/ mucilagem de alcatira em água rosada
206	TINTURA ODONTALGICA	s.i.	s.i	s.i.	composto	mineral, vegetal	moagem, mistura, infusão , coar	vidro	dor de dente	benjoim de amendoa, storaque em grãos, espírito de enxogre, espírito de vinho retificado	tintura	430	s.i.	por em cinzas quentes por 3 ou 4 dias
207	VINHO DIORETICO	Curvo p.552	s.i.	s.i.	simples	vegetal	moagem, infusão, coar/exprimer		dor nefrítica	caroços de nesperas em pó, cascas de rabão, vinho branco	licor	443	s.i.	3 doses em 1 dia, morno
208	VINHO contra TIRIZIA	s.i.	botica do Colégio de Évora	s.i.	simples	vegetal	assar, moer	almofariz	icterícia	pano azul (em tiras),vinho branco	vinho	444	s.i.	pela manhã e a noite, 9 dias (não comer alho nem verdura)

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
209	VINHO contra sangue pela boca	s.i.	botica do Colégio de Évora	s.i.	composto	animal, vegetal	queimar, peneirar, aquecer em cinzas quentes	panela de barro vidrada nova	sangue pela boca	cinzas de ouriços de castanhas, película de ovos em pó, vinagre, sumo de aipo, mel, açícar fino, vinho branco	vinho	445	s.i.	pela manhã e a noite
210	VINHO FEBREFUGO	boticário Manoel de Carvalho	s.i.	s.i.		vegetal	mistura, infusão em cinzas quentes	gral de pedra ou marfim, vaso de vidro, ou vidrado	terças ?	quina boa em pó, xarope rosado solutivo, xarope aureo, vinho branco ótimo	vinho	448	s.i.	3 doses, manãs sucessivas
211	VINHO FEBREFUGO	s.i.	botica do Colégio do Rio de Janeiro	s.i.	composto	mineral, vegetal	moagem, mistura	gral de pedra ou marfim	qualquer sorte de febre que vem com o frio	quina boa em pó, aristoloquia redonda em pó, losna em pó, tártaro	vinho	449	s.i.	pela manhã e à noite
212	VINHO EMETICO SOLUTIVO	s.i.	s.i.	s.i.	composto	mineral, vegetal	moagem, cozimento, moagem, infusão	cadinho	mesmas que o seguinte	vidro de antimônio, bórax veneziano, vinho branco bom	vinho	451	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
213	VINHO EMETICO	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	composto	mineral, vegetal	mistura, infusão à sombra	frasco	para provocar o curso e o vômito; paralisia, apoplexia, terças e outras enfermidades em que é necessário vomitar e purgar	vidro de antimônio, vinho branco bom	vinho	452	s.i.	
214	UNGUENTO chamado do S. Borja	s.i.	s.i.	s.i.	composto	mineral, animal	cozimento	panela vidrada nova,espátula ou colher de pau	para chagas antigas, incuráveis	o. (óleo?) comune, cera flava, pul. litargiri, coruja, pizes grecis, sapone ótimo, terra sigilata, bálsamo perua	unguento	454	s.i.	
215	UNGUENTO AMARELLO	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	simples	vegetal	derretimento, cozimento, coar	tacho	feridas de nervos e músculos; úlceras	azeite, açafrão, pez louro, cera amarela, resina de pinho amarela	unguento	455	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
216	UNGUENTO DE AZOUGUE	boticário Francisco da Silva	botica do Colégio da Bahia	s.i.	composto	vegetal, mineral, animal	derretimento, cozimento	tacho, gral de pedra	p/ excitar o fluxo da boco, gallico, bobas antigas, sarna, impigens	cera branca, terebentina fina, unguento de bicuiba, bálsamo do Brasil, azougue vivo e puro, banha de porco macho	unguento	456	s.i.	preparo: 9 horas; intam-se as articulaçôes
217	UNGUENTO DE CANTARIDAS potente	boticário Francisco da Silva	botica do Colégio da Bahia	s.i.	composto	vegetal, animal	derretimento	almofariz	s.i.	cantáridas em pó, vinagre bom, formento de trigo	unguento	457	s.i.	prepara só antes de aplicar
218	UNGUENTO CAUSTICO	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	composto	animal, mineral, vegetal	mastigação do papel, mistura	vidro forte	p/ tirar lobinhos, cancros, verrugas	pós joannes, solimão em pó, cânfora em pó, água régia boa, gema de ovo (1/3), papel branco	unguento	458	s.i.	usar 12 horas após o preparo, deixar 6 horas sobre a parte afetada
219	UNGUENTO CAUSTICO	boticário Francisco da Silva	s.i.	s.i.	simples	vegetal	mastigação do papel, mistura	vidro grosso	o mesmo	água régia , ou forte, boa, papel branco	unguento	460	s.i.	usar depois de 3 dias; não tocar com os dedos;não olhar para o vidro destapado

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
220	UNGUENTO CELESTE	boticário Manoel de Carvalho	s.i.	s.i.	composto	mineral, animal	mistura	almofariz de chumbo	s.i.	solimão em pó, pós de joannes, mercúrio doce em pó, manteiga fresca, unguento branco, unguento de fezes de ouro, claras de ovos	unguento	462	s.i.	guardar em vaso de barro vidrado
221	UNGUENTO p.ª COMECHO ENS	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	composto	mineral	mistura	almofariz de chumbo	comichões do corpo, inflamação da cútis; p/ o fígado	sal de chumbo em pó, tutia, pedra hume crua em pó, alvaiade, fezes de ouro em pó, óleo rosado, água comum	unguento	463	s.i.	
222	UNGUENTO DESOBSTRUENTE	irmão boticário Manoel de Carvalho	s.i.	s.i.		vegetal	cozimento, fogo brando	tachinho		óleo de almecega destilado, unguento peitoral, unguento de altea	unguento	464	s.i.	se aplique à parte por 9 noites

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
223	DESOBSTRUENTE	s.i.	Botica do Colégio de Macao	s.i.	composto	vegetal, animal	cozimento, coar	tigela de barro vidrada	obstruções	agriões, hortelã, cebolas brancas, mateiga de porco macho	unguento	465	s.i.	aplicar quente
224	UNGUENTO p.ª EMPIJAS	irmão boticário Manoel Diniz	s.i.	s.i	composto	vegetal, mineral	mistura	gral de pedra	impigens	bálsamo fino do Brasil, enxofre em pó, vinagre bom	unguento	467	s..i.	2 x ao dia, pelo tempo necessário
225	UNGUENTO P.ª EMPIJAS	irmão boticário Francisco da Silva	s.i.	s.i.	simples	vegetal	moagem, mistura, coar	gral de pedra	impigens	semente verde de fedegoso ou matapasto	unguento	467	s.i.	aplica-se à parte
226	UNGUENTO PRESERVATIVO dos Erpes	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	composto	vegetal, mineral	infusão, cozimento, coar	tigela de barro vidrada ou tacho	proteje do herpes e o seca	verdete em pó, resíduos de água forte em pó, sal cozido bem seco, cera amarela, óleo rosado, vinagre bom	unguento	468	s.i.	
227	UNGUENTO DE FEZES DE OURO	irmão boticário Francisco da Silva	s.i.	s.i.	composto	vegetal, mineral	mistura	gral de pedra ou almofariz	f. 221	fezes de ouro em pó sutil, azeite, vinagre	unguento	470	s.i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
228	UNGUENTO NARCOTICO	irmão boticário Francisco da Silva	s.i.	s.i.	composto	vegetal, animal	mistura	tijela, espátula	reconcilia o sono; dor de cabeça	ópio em pó, açafrão em pó, sumo de coentro, óleo de golfo, óleo violado, unguento papolião	unguento	471	s.i.	untar a testa, intervalo de 12 horas
229	UNGUENTO NERVINO	s.i.	s.i.	s.i.		animal	derretimento, coar, cozimento	tacho	s.i.	óleo de formigas, unto de porco macho,enxundias de galinha, tutanos de vaca, sebo de carneiro, cera amarela, óleo de minhocas	unguento	472	s.i.	aplica-se à parte enferma, ontervalo 12 horas
230	UNGUENTO DE PAPEL	irmão boticário Manoel de Carvalho	s.i.	s.i.	composto	animal	mistura	gral de pedra	s.i.	claras de ovos (em espuma), pós de joannes fino, cânfora, unguento branco	unguento	473	s.i.	guardar em vaso de barro vidrado
231	UNGUENTO PARA TUDO	s.i.	botica do Colégio do Recife	s.i.	simples	vegetal	cozimento/ derretimento (fogo brando), mistura	tigelade barro vidrada	cicatrizar chagas, feridas, postema (abcesso)	sândalos vermelhos em pó, terebentina fina, azeite, vinho, cera amarela	unguento	474	s..i.	

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
232	UNGUENTO ROMANO para tudo	s.i.	s.i.	s.i.	composto	vegetal, animal	cozimento, coar	tigela de barro vidrada ou tacho	cicatrizar chagas, feridas, queimaduras, erisipela, infecção cutânea	esterco branco de galinha seco, alhos e folhas de silvas verdes, manteiga de porco macho derretida	unguento	475	s.i.	guardar em vaso de barro vidrado
233	UNGUENTO P.ª QUEIMADURAS E FOGAGEM	irmão boticário Manoel de Carvalho	s.i.	s.i.	composto	vegetal, animal	cozimento, derretimento	tigela de barro vidrada	queimaduras e fogagens, inflamação cutânea, chagas	sebo de carneiro derretido, óleo de tutano de vaca, óleo de enxundia de galinha, unto de porco sem sal, cera virgem amarela, água comum, azeite	unguento	476	s.i.	
234	UNGUENTO CONTRA SARNAS	s.i.	botica do Colégio da Bahia	s.i.	composto	mineral, vegetal	cozimento, derretimento, mistura	tigela de barro vidrada	sarnas	sal torrado em pó, estoraque líquido, flor de enxofre, cera amarela, azeite, sumo de laranjas azedas	unguento	477	s.i.	pela manhã e à noite por 2 ou 3 dias

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
235	UNGUENTO SIGILLADO	s.i.	botica do Colégio de S. Antão	s.i.	composto	mineral, vegetal	derretimento	tigelade barro vidrada	s.i.	terra de São Paulo em pó, terra sigillada em pó, fezes de ouro em pó, escória de ferro em pó, alvaiade em pó, sabão de pedra, pez grego, cera, azeite	unguento	478	150/onça	
236	UNGUENTO P. ALMORHOIDES	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i.		mineral	moagem, mistura	gral de pedra	hemorróidas	bolo armênio, antimônio cru, chumbo queimado, mercúrio vivo, unguento rosado	unguento	480	s.i.	aplica-se à parte
237	UNGUENTO PARA FERIDAS, CHAGAS, QUEIMADURAS E QUEBRADURAS	s.i.	botica do Colégio de Macao	s.i.	composto	mineral, vegetal	derretimento, cozimento, coar	tacho, tigela de barro vidrada	feridas, chagas, quebraduras, queimaduras	cravo em pó, aniz da China em pó, azougue, resina de pinho, cera amarela, óleo de gergelim	unguento	481		

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
238	UNGUENTO REGADIO MAGISTRAL	s.i.	s.i.	s,i.	composto	mineral, vegetal	derretimento, mistura	tacho limpo, ou tigela de barro vidrada	rachaduras, na boca, mãos, bico dos seios e outras, inflamação; fígado, hemorróidas	azeite, alvaiade, sebo confeito, cera, fezes de ouro, mirra	unguento	482	s.i.	
239	UNGUENTO PARA TINHA	s.i.	s.i.	s.i.	composto	mineral, vegetal	cozimento, mistura	tacho,	tinha	verdete em pó, enxofre em pó, sumo de celidônia, cera, óleo comum antigo	unguento	483	s.i.	aplica-se sobre a cabeça raspada, untada e lavada , 1 x/dia até estar são
240	UNGUENTO PARA TINHA de outra sorte	s.i.	s.i.	s.i.	composto	mineral, vegetal		tacho	tinha	verdete em pó, enxofre em pó, esterco de pombos em pó, óleo rosado, óleo de pau de ginepro, cera	unguento	484	s.i.	
241	UNGUENTO PARA SARNA ainda que seja GALLICA	s.i.	s.i.	s.i.	composto	mineral, vegetal	derretimento, mistura	tigela de barro vidrada, gral de pedra	sarna,	mercúrio vivo, mercúrio sublimado corrosivo, alvaiade lavado, terebentina, azeite, cera, manteiga de porco	unguento	485	s.i.	3 dias, manhã e noite (nas mãos, pulso, sovacos e curvas das pernas

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
242	Unguento contra piolhos	s.i.	s.i.	s.i.		mineral	incorporação	gral de pedra	piolhos	unguento rosado, mercúrio vivo	unguento	486		aplica-se a um cordão, que se ata à cintura ou cabeça
243	Unguento contra Lombrigas	s.i	s.i.	s.i.	composto	mineral, vegetal	cozimento, incorporação	tacho	lombrigas	azebar em pó, mirra em pó, raiz de genciana, coloquintidas, extrato de losna, espírito de vinho aromático, fel de boi, óleo de losna, cera amarela	unguento	486		usa-se morno, fomentar o ventre e o umbigo
244	Unguento optimo para as carnosidades do membro	s.i.	s.i.	s.i.	composto	mineral, vegetal	cozimento, mistura	tacho	carnosidades da via da urina,	óleo rosado, alvaiade de Veneza em pó, tutia em água rosada, fezes de ouro em pó sutil, ópio em pó, incenso macho em pó, almecega em pó, azebar em pó	uguento	487		guardar em vaso de chumbo

	MEDICAMENTO	AUTOR DA RECEITA	NOME DO COLÉGIO	OBRA	SIMPLES OU COMPOSTO	REINO	TIPO DE PREPARO	UTENSÍLIO	VIRTUDES	INGREDIENTES PARTES	FORMA FARMACEUTICA	PÁGINA	CUSTO DO PREPARO	ADVERTENCIA
245	Unguento rosado e fresco lavado com agoa rosada	s.i.	s.i.	s.i.		vegetal	mistura	gral de pedra	o mesmo	ungento branco de raiz canforado, pomada simples	unguento	488		2x/dia
246	Xarope de Coral	Botica do Col. Da Bahia	s.i.	s.i.	composto	mineral, vegetal	banho de areia	frasco, tigela de barro vidrada	adoçar o sangue e os humores, contra cursos e vomitos	coral vermelho, sumo de limão azedo depurado, açúcar fino	xarope	489		
247	Xarope de dormideiras brancas	Botica do Col. De Macao	s.i.	s.i.	simples	vegetal	cozimento	almofariz, tigela de barro vidrada	dar sono, suaviza o catarro	ópio hebraico, clarificado de açúcar, água de chuva	xarope	490		dar simples ou em água cardeal
248	Xarope Emertico	Botica do Col. Da Bahia	s.i.	s.i.	composto	mineral	cozimento, mistura	tacho, tigela de barro vidrada	vomitos e cursos, dores, hemorragias, inspira os humores e adoça sua virtude	vidro de antimônio, vinho emético, clarificado de açúcar	xarope	491		
249	XAROPE DE ESPINHEIRO alvar	Curvo p. 433	s.i.	s.i.	simples	vegetal	cozimento, coar	tigela de barro vidrada	fígado; adoça o sangue, corrige a acrimônia dos humores; infecção cutânea	açúcar fino, sumo de folhas de espinheiro alvar	xarope	493	s.i.	40 dias, pela manhã

Anexos 2, 3, 4 e 5

Os anexos 2, 3, 4 e 5 são transcrições que fizemos do documento *Collecção de varias receitas.* Mantivemos a grafia das palavras tal como elas estão no documento. Na medida do possível buscamos manter a mesma apresentação do original. Há algumas páginas em que aparece escrita apenas uma linha. Indicamos as páginas do documento que estamos transcrevendo quando ocorrer um salto na numeração das páginas é porque estas estão em branco.

O objetivo de ter colocado estas transcrições em anexo foi facilitar para o leitor deste a compreensão e visualização dos manuscritos que descrevemos no decorrer deste trabalho.

Anexo 2- Pesos e medidas na *Collecção de Varias receitas*[291]

Pág. 551

Descrição dos Pezos e Medidas.

Os pezos de q. comummente estamos uzando, he a libra, a meia libra, a onça, a meia onça, a oitava, o escropolo, o grão, e o meio grão.
A libra comua ou civil, por outro nome arratel, q. he o q. vulgarmente se uza em todo este Reino, e suas Conquistas, consta de 16 onças, pela qual comprão e vendem não só em todos os tratos mercantis, mas taobem os pharmaceuticos, aos simplices, e ainda os mesmos compostos, mas quando he para a manipulação de algum composto sempre, e sem nenhuma duvida a libra há de ser de doze onças, a quem chamaremos libra medicinal: e porque às libras com que se dispensavão os simplices solidos para a factura dos compostos, chamavão alguns Ponderal, por ser libra de Medida; aqui diremos que a differença q. ha de humas a outras libras, sendo estas sempre de doze onças he porque as Ponderais sempre se pezarão com a balança e as Mensurais com a medida,

Pág. 552

por ser couza impottuna e pezaremse as couzas liquidas, se determinou de se fazer a medida em pezo; e como o pezo nas couzas liquidas não seja em todas igualmente o mesmo, por esta rezão, p.ª cada licor se fez sua diversa medida, a qual encerrasse no seu vazio, o pezo de hua onça, ou libra daquella couza, que por ella se houvesse de medir, para que desta sorte pudessemos dizer q. era o pezo em medida, ou a medida em pezo; e por esta cauza nas Boticas se achão tres medidas de onça, ou libras Ponderais com diversas capacidades, hua p.ª se medirem os xaropes, outra para as agoas, e outra para os oleos, por se differente o pezo do xarope do da agoa, e esta do azeite.
Os Antigos sinalavão a libra medicinal por As,.
A meia libra tem seis onças .
A onça q. he duodecima parte de húa libra, tem oito oitavas,
A meia onça tem quatro oitavas
A oitava tãobem chamada Dracma, he a oitava parte de huma onça, tem tres escropulos,
A meia oitava tem1,5 escropulos

Pág. 553

O escropulo que he a terça parte de huma oitava, tem vinte e quatro graons,
O meio escropulo tem douze graons
O grão que he o mais pequeno pezo, que ha.
O meio grão .
Estes graons sempre se hão de ter feitos de latão por quem os costuma fazer ex professo, e de nenhuma sorte hão de ser de trigo, ou cevada, pela desigualdade, que entre eles pode haver.

[291] *Collecção de varias receitas p.551-554.*

Fasciculo: he aquella quantidade que se pode recolher de qualquer planta, debaixo de hum braço pondo p.ª isso as pontas dos dedos na cintura junta à parte superior do quadril, cuja quantidade se escreve assim; Fasc.
Manipulos: contem tudo o que

Pág. 554

o que com a mão se pode apanhar virada para baixo, e he ao que comummente chamão mão chea, a qual se assina assim Manip. ou M.
Pugillo: he huma medida q. comummente se uza nas sementes, flores, , he aquella quantidade, que se pode apanhar com as pontas dos tres dedos, cuja quantidade se assina assim, Pug. ou P.

Anexo 3 Memoria muito útil de varias noticias e advertências. [292]

Pág. 507

Memoria muito util de varias noticias, e advertencias

Absorventes potentes são aljofar, coral, olhos de caranguejo.
Açafetida, se chama Ingo
A fervencia do assucar se rebate deitandolhe dentro hum, ou dous bolinhos de cera, ou cebo.
Agoa forte, não penetra a cera, manteiga, ou rezina.
Aquila branca, he o mercurio doce sublimado.
Aquila volante, he o sal amoniaco.
Alcatira, não se dissolve no azeite.
Alcanfor, se dar athè. 24 graons.
Aljofar, he contra elle o oleo de vitriolo, de enxofar, e o sumo de limão.
Almiscar, se pode dar athê . 25 graons
Almiscar, he grande sudorifico.
Anfião, he o Opio.
Antimonios calcinados, humedecendo os tornão a adquirir alguma parte de emeticos.
Agua lactis, he o soro do leite destillado.
Arcano duplicado, he o caput mortuum, que se tira

Pág. 508

se tira, quando se destillão juntos a caparroza, e o salitre.
Aseli se chamão os bichos contas, ou millipedes.
Azougue se pode dar pella boca athê [?] p.ª fazer parir, e p.ª o volvo.
Azougue, se desfaz bem com cal viva, e com saliva.
Azougue, se senão desfaz na agoa forte em tempo de 8 horas, se tire, lave, e goarde p.ª o uzo.

Botiro manjares, he a manteiga de porco.

Pág. 510

Escamonêa, perde quasi a sua efficacia, moendo-a com oleo de enxofar, ou de vitriolo.
Espirito de CC de sal amoniaco, de ferrugem, de sal de alambre, sal volatil de viboras, e tintura, ou infuzão do esterco de cavallos são grandes diaforeticos.
Espodio, nos purgantes, são rozas.
Espodio nos cordiais he marfim.
Espodio nos emplastros he tutîa.

Pág. 511

[292] *Collecção de varias receitas* p. 507- 519.

Gila de vitriolo, he o sal de caparrosa.

Pág. 512

Idolo dos Quimicos, he o Antimonio crû.
Ingo, he a Açafetida.

Pág. 513

Leite, se coalha mto. com sumo de limão, vinagre, [?] .

Manteiga de chumbo p.ª sahir bem branca se faz com oleo violado.
Meconio, he opio
Mercurio Kalizatus, he hua composição. Vide fol. 223
Mordedura de viboras, o seo remedio he o sal volatil das mesmas,

Pág. 514

Oleo de canella, como tambem qualquer outro, p.ª se poderem dissolver bem nos licores a que os se hade misturar primeiro com os pòs de assucar Candi, e resultará hum oleo-saccharo apto p.ª a dita dissolução.
Oleo de canella, quando se faz, e destilla, sempre hade correr em fia a destillação, e sempre hade estar na cabeça do alambique agoa bem bria.
Oleo de erva da Costa, serve em lugar do oleo rozado.
Oleo de vitriolo, e de enxofar fazer emgrossar o sangue, e misturados com sal tartaro fazem grande efervescencia.
Opio, tomado continuamte. não faz o seo effeito
Opio tomado em maior quantidade, o seo remedio he hum vomitorio de pozes de algarote , tomando-o logo, e vinagre bebido, e sorvido pellos narizes.
Opio, he anfião.

Pág. 515

Pedra de cevar dos Quimicos, he o Antimonio crû.
Pedra infernal, p.ª não se humedecer, e sahir boa; no tempo em q. se faz, e em que está com o oleo ja para seccar, se lhe tire mto. bem alguma escuma, que tiver por cima.
Pedra de Saturno, he o Antimonio crû.
Pozes de Carango, ou querango, he a Quina.
Pozes Jesuiticos, he alquina.
Pozes de Quintilio, he o Antimonio pp.
Pozes sympaticos se devem fazer desde 20 de Julho athê 20 de Agosto.

Pág. 516

Quina, se apaga bem com agoa morna.
Quina, se chama poz de Carango, ou querango.

Quintilio, para ser bom, e com boa côr se deve difundir, preparar, pizar, e lavar tudo em hum dia, e q. este seja de sol, e hade ser desde 16 de Novembro athê 25 de Dezembro.
Quintilio, se com 20 graons misturarem 3j de oleo de vitriolo, ou de enxofar, e estiver de infuzão 3, ou 4 dias, perde quazi o ser emetico.

Pág. 517

Raiz de Batata, e Jalapa p.ª purgar bem se dê em pô fino; e para se conservar sem que lhe dê o bicho, se tenha em pô grosso, ou fino.
Rezina de Batata, e Jalapa se desfaz, e [?] bem em gral com hum bocadinho de gêma de ovo.
Reobarbaro, para se conservar se ponha dependurado na chaminé embrulhado em alguma couza, e de modo q. lhe não dê o fumo.

Pág. 518

Sal de Angola, se ponha embrulhado, e dependurado na cheminé para se conservar, e serve para os olhos.
Sal tartaro, he contra os oleos de vitriolo, e de enxofar, e quando se ajuntão fervem com excesso.
Sarna, se cura bem no mingoante da Lua.
Saturno, dos Philosofos, he o Antimonio crû.
Solimão, o seo contra he o oleo de Sarro, ou Tartaro dado logo.

Pág. 519

Terra santa, são os pozes de Quintilio.
Tintura de sene, nunca se tira bem com vinho.

Vitulum ovorum, he a gema do ovo.
Vomitorio, q. não querer parar, para por modo de milagre dado ao doente [?] de pedra pomes em pô fino.

Anexo 4 – Regras geraes mais uzuaes. [293]

Para se fazerem os linimentos, devemos por a huma libra de oleo duas onças de cera, p.ª q. depois de feitos, fiquem com a consistencia mais dura q. o oleo e mais branda q. o unguento.

Para os unguentos Immodus, q. são os q. não levão pós, assim com o Peitoral, Agrippa [?] , devemos por a huma libra de oleo tres onças de cera, para adquirir a consistencia mais solida que os linimentos e mais branda que os unguentos Chirurgicos.

Para os unguentos Chirurgicos, assim como o branco de Rhasis, de Tutia de chumbo [?] , poremos a huma libra de oleo, quatro onças de cera, p.ª resultar com a consistencia mais solida que os unguentos Immodus, e mais brandas que os Cerotos.

Para os Cerotos poremos a huma libra de oleo meia de cera, p.ª se constituir com a consistencia mais dura que os unguentos Chirurgicos, e mais branda que os emplastros.

Para

Pág. 556

Para os emplastros poremos huma libra de oleo, outra de cera para se ficar estabelecendo com a consistencia mais dura, que os Cerotos, e mais branda, que a materia dos Encerados.

Para Encerados poremos a huma libra de oleo duas de cera.

Para fazermos emplastros e Cerotos, poremos a huma libra de oleo tres onças de pòs leves, e dos pezados, como metalicos, lhe ajuntaremos partes iguaes de oleo e pòs.

Para fazermos unguentos, linimentos, poremos a huma libra de oleo, hua libra de onça e meia de pòs leves; e dos metalicos hade ser a que se deita no unguento branco de Rhasis, que he a huma libra de oleo, meia de pòs.

Para fazermos o Diachistão menor, de sorte q. não fique denegrido, cozendose em menos tempo, pois o largo cozimento lhe faz perder a cor, se porá de Lythargirio huma libra, e de oleo huma e meia, porque desta sorte manipolado ficará com boa cor, e consistencia; e depois que o emplastro já estiver cozido lhe ajuntaremos duas onças e meia de cera branca.

E para que o emplastro Geminis fique branco, se lhe hade por partes iguaes de oleo e al-

Pág. 557

[293] *Collecção de varias receitas* p. 555- 560.

e Alvaiade, ajuntandolhe no fim do cozimentos, de cera branca a quarta parte q. for do oleo, que alli se deitou, q. he a huma libra de oleo, tres onças de cera.

Quando fizermos alguns emplastros, nos quaes se não terminarem os ingredientes com pezos sinalados; e nestes, alem de cera que levar, houverem de entrar Resina, ou Pez, estes se devem descontar da proporcionada quantidade de cera, e as Enxudias se as levarem da quantidade do azeite.

Quando tãobem fizermos alguns emplastros, em os quaes se pedirem gomas, como no Contra rotura de pelle de Carneiro, em o qual se pede a glutinosidade da pelle, estas materias se hãode por extravagantes não fazendo dellas conta para o computo dos pòs, por não serem trituraveis nem tão pouco poderem entrar em lugar de cera ou resina, pois não são aptas para per si sós serem fundamento de algum emplastro.

E no emplastro de Bagas de Louro, como o seu fundamento he mel, e deste se não termina quantidade mais que o que bastar, se tomará o mel estando quente, e com a quantidade delle bastar, se formará massa com as de Pillulas, para

Pág. 558

para se fazerem madalioens.

Para fazermos Electuarios purgantes, e Escamoniados se porá por cada huma libra de Assucar, ou mel, tres onças de pòs.

Para fazermos Electuarios opiatos, q. são os q. levão opio, poremos por cada huma libra de Assucar, ou mel, quatro onças de pòs.

Para fazermos talhadas peitoraes, assim com as de Diatragacantho, poremos por cada huma libra de assucar, duas onças de pòs: esta he a mesma quantidade, que se hade deitar nas confeiçoens cordeaes, com a de Jacinthos, Alchermes [?] .

Para fazermos talhadas cordeaes poremos a hua libra de assucar huma onça de pòs de Dia-margaritão frio, ou de Diarrhodão Abbade, [?] .

Para fazermos xaropes feitos com çumos, e Assucar, não se terminando as quantidades se poem a húa libra de assucar outra de çumo.

Para fazermos xaropes, em q. entrar çumo, assucar, e mel, poremos a huma libra de mel outra de assucar, e duas de çumos.

Para fazermos xaropes

Pág. 559

Xaropes, em q. entrar assucar, infuzão e çumo, poremos a duas libra de assucar huma de çumo, e outra de infuzão.

Para fazermos xaropes, em q. entrar çumos, infuzão e cozimento, com assucar, poremos tres libras de assucar, huma de çumo, outra de infuzão, e outra de cozimento.

Para fazermos xaropes, em q. entrar infuzão e cozimento, ou qualquer delles somente com assucar, poremos a hua libra e meia de infuzão, ou de cozimento, hua libra de Assucar.

Para fazermos Mucilagens, exceptuando a de Alcatira, poremos a huma libra do simples, de quem se hãode extrahir, quatro de agoa bem quente.

Para fazermos Mucilagens de Alcatira, poremos a hua oitava delle, duas onças de agua rozada.

Para fazermos conservas, tanto de polpas, como de flores, ou folhas, poremos a huma libra de qualquer dellas, duas de bom Assucar: as conservas das flores se fazem em gral de pedra, pizando-as brandamente, e não ao lume; e depois se metem em vazo vidrado, estreito da boca e bem tapado se expoem por alguns dias ao sol antes de se guardarem.

Para

Pág. 560

Para se aromatizarem xaropes ou qualquer bebida, lhe poremos a huma libra delles, huma oitava do aromatizante.

Para vigorarmos, ou corregir a qualquer medicamento, poremos a huma oitava do medicamento, que queremos vigorar, hum escropolo do correctivo, que sempre hade ser a sua terça parte.

Anexo 5 – Remedios que podem ser substituídos por similares. [294]

Remedios alterantes ou

Arrobe de amoras
De morangos
De sabugo
De serejas
Çumo de limão azedo
Espirito de vinagre
De vinho branco
De vitriolo
De enxofar
De pedra hume
De nitro doce
E todos os de mais espiritos minerais.
Nitro purificado
Raiz de Azedas
De barbana
Raiz de borrag=

Pág. 523

Raiz de borrages
De Chicorea
De escorcioneira
De grama

Pág. 524

[294] *Collecção de varias receitas* p. 522 -541.

Alexipharmacos, ou
Contravenenos comuns, e
simpleces para o interno.

Arruda
Acetosa
Bolo Armenio
Cardo Santo
Cidra, pevides, e carne
Corno de viado
Erva chamada Angelica
Escordio
Escorcioneira
Genciana
Losna
Ossos de coração de Veado
Pedra Bezoar
Pimpinella
Terra sigillada
Tormen=

Pág. 525

Tormentila
Unicornio

Anti=

Pág. 526

Anti-Septicos,
ou
Contra a podridão

Açafrão

Alambre

Alcamfor

Aristolaquia redonda

Assucar

Canella

Casca de laranja

Centaurea menor

Contraerva

Escabiosa

Espiritos acidos fermentados, como agoa ardente [?] .

Flor de cravos

Genciana

Limoens, casca, e çumo

Losna

Olhos de caranguejo

Quina

Rosas

Pág. 527

Rosas

Saes volateis tirados dos animais

Salva

Serpentaria virginiana

Vinho

Tanxagem

Conforta=

Pág. 528

Confortativos
optimos p.ª membros particulares.

Douradinha p.ª confortar o baço.
Hepatica p.ª o figado
Lingoa de vaca p.ª o coração
Losna p.ª o estomago
Salva p.ª o cerebro

Pág. 529

Contravenenos
para casos particulares.

Pimpinella p.ª mordeduras de cão raivoso.
Poz de caranguejo queimado p.ª o mesmo

Purg=

Pág. 530

Purgantes.

Cremor de Tartaro
Cristal de Tartaro
Çumo de laranjas da China, e azedas.
de ameixas maduras
de maçam
de peras
Polpa de tamarindos
Sol policresto

Tartaro de vinho branco

Pág. 531

Opiados mais fortes

Extracto de Opio Rebaico
Laudano liquido Sydenham .
Pilulas de Stirace
Pilulas de Cynoglossa
Pilulas de Mathoei
Feriaca Andromael
Mithridatic.
Philonium Romanum
Trochisch Alkekeng .
Trochisch de Karabe .
Trochisch de Terra lemr.

Mediocres

Semente de dormideiras brancas.....
Species diatracanto frias.....
Diacodio.....
Confeição fracastorio.....

Pág. 532

Brandos.

Agoa de cabeças de dormideiras.....
Xarope de dormideiras.....

Pág. 533

Em branco

Pág. 534

Em branco

Pág. 535

Agoas quentes.

Agoa de abrotea
de alecrim
de artemisia
de cardo santo
de celidonia
de eufrazia
de endro
de engos
de erva cidreira
de funcho
de flor de laranja
de Lyssopo
de losna
de magerona
de manjeiricão
de marroios
de macella gallega
de matricaria
de neveda
de ouregão
de poejos
de arruda
de Salva

de trevo

Pág. 276

Agoas Temperadas

Agoa de Agrimonia
de Alfavaca
de avenca
de bolsa de pastor
de cerefolho
de consolda real
de erva ferro
de mallarinha
de lirio convalle
de malva
de malvaisco
de maravilhas
de mercurial
de flor de murta
de escabriola
de escorcioneira
de barbasco
de urtiga

Pág. 537

Agoas frias.

Agoa de azedas
de almeirão
de Baldroegas
de Borragem

de enceão
de erva moura
de Ginjas
de golfão
de papoulas
rozada
de tanchagem
de violas
Pág. 538

Medicamentos, que
se costumão pedir de baixo de hum
só nome.

As sinco raizes aperientes maiores são as de salsa hortente, de Funcho, de Aipo, de Espargo, e de Gil Barbeira: estas sinco raizes são as que havemos de administrar todas as vezes q nos forem pedidas, sem determinação de serem maiores, ou menores.

As sinco raizes aperientes menores, são as de grama, ruiva dos tinteiros, cardo corredor, Alcaparras, e de unha gata.

As duas raizes aperientes comuas são as de Funcho, e de Salsa hortense.

As ervas emolientes, são Malvas, Violas, Malvaisco, Gigante, Aselcas bravas, ortigas mornas, e Alfavaca de Cobra, [?] .

As sinco ervas Capillares, são Avenca, Avencão, Douradinha, Lingua Cervina, e Rutamuraria.

As quatro ervas Carminativas são

Pág. 539

são Marcela, Coroa de Rei, Endros e Arruda.

As quatro ervas capitais quentes são Calamita, Salva, Poejos, e Rosmaninho.

As quatro capitais frias são golfaons, Erva Moura, Tanchagem, e Meimendro.

As quatro Epaticas são Eupatoreo, Epatica, Lupulos, e Chicoria.

As quatro Espleneticas são Escordeo, Ruiva dos tintureiros, Marroios, e Tamargueira.

As ervas vulnerarias são Agrimonia, Sanicula, Pé de Leão, Veronica, Pulmonaria [?]

As quatro flores cordiais são as de violas, de Borragens, de Lingua de Vaca, e de rozas.

As quatro flores carminativas são de Macela, Coroa de Rei, Matricaria, e de Endros.

As quatro sementes frias maiores são as de Melão, Melancia, Pepino, e de Abobora.

As quatro sementes frias menores são as de Almeirão, chicoria, Alface, e de Beldroegas.

As quatro sementes quentes

Pág. 540

quentes maiores são as de Alcarovia, Caminhos, Erva doce, e de Funcho.

As quatro sementes quentes menores são as de Salsa hortense, Bisnaga, Aipo, e de Ameos.

Os cinco generos de Mirabolanos são os Cetrinos, Chebulos, Belericos, Indios e Emblicos.

Os tres generos de Sandalos são os Cetrinos, Brancos, e Vermelhos.

Os tres generos de Pimenta he a Branca, Negra, e Longa.

As tres conservas cardeais são as de flores violas, de Borragens, e de Lingua de Vaca: tãobem podem entrar neste numero as de rozas aveludadas, e de Clavelinas.

As sinco Pedras Preciozas são as Safiras, granadas, Esmeraldas, Jacinthos, e a Pedra Sardonia.

As sinco agoas cordiais são as de Almeirão, Lingua de Vaca, Borragens, Azedas, e de Chicorea.

As tres agoa anti-pleuriticas são as de papoulas, Cardo Santo, e de Escabioza.

Os tres oleos estomaticos são os de Almecega, Marmelos, e de Losna.

Os quatro

Pág. 541

Os quatro unguentos frios são Branco, Alcanforado, Rozado, Populeão, e Refrigerante de Galeno.

Os quatro unguentos quentes são de Althea, Agrippa, Marceatão, e de Aragão.

As quatro farinhas comuas ou rezolutivas são as de Favas, Tremoços, Cevada, e de Ervilhas.

As quatro gomas sem determinação pedidas são as Galbano, Ammoniaco, Opoponaco, e Sagapeno.